

Robson Tadeu Cesila

Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise

Instituto de Estudos da Linguagem
Unicamp
2004

Robson Tadeu Cesila

Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Instituto de Estudos da Linguagem
Unicamp
2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C337m	<p>Cesila, Robson Tadeu.</p> <p>Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise / Robson Tadeu Cesila. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.</p> <p>Orientador : Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Poesia Latina. 2. Epigramas. 3. Marcial - Humor, sátira, etc. 4. Metalinguagem. 5. Literatura clássica. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

Resumo

Dos cerca de 1550 epigramas de Marco Valério Marcial (ca.38-41d.C. – ca.101-102), poeta epigramatista latino nascido em BÍlbilis, na Hispânia Tarraconense, muitos têm como tema a própria arte de fazer epigramas, assim como outros aspectos poético-literários: os traços principais do gênero epigramático, o caráter “menor” do gênero em relação à poesia tradicional greco-latina, a crítica a produções literárias de outros autores, as condições de produção e de transmissão da poesia epigramática na Roma imperial, o problema do plágio, a parca gratificação do trabalho do poeta, etc. Nesta pesquisa, pretendemos identificar, traduzir e analisar, nos quinze livros que compõem a obra de Marcial, todos os epigramas que tratam dos temas acima, descrevendo a maneira como o autor aborda, dentro de sua poesia, os aspectos que dizem respeito a ela própria (metapoesia).

Abstract

Many of approximately 1550 epigrams written by Marcus Valerius Martialis (A.D. c.38-41d - A.D. c.101-102), Latin epigrammatist poet born in Bilbilis, in Hispania Tarraconensis, have as its subject matter the very art of making epigrams, along with other poetic-literary features, such as all of the principal characteristics of the epigrammatic genre, as well as the "minor" aspects of the genre in terms of the traditional Greek-Latin poetry, such as the censure to the literary works of other authors, the conditions of production and transmission of the epigrammatic poetry in Imperial Rome, the problem of plagiarism, the low financial compensation of the poet's activity, etc. Here, we intend to identify, translate and analyze, in the fifteen books that compose the work of Martial, all the epigrams that deal with the topics above, describing the way the author treats in his poetry the very features of his own art (metapoetry).

Componentes da banca de defesa

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos – orientador

Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira

Prof. Dr. José Dejalma Dezotti

Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira (suplente)

Agradecimentos

Aos meus pais, Antonio (Tite) e Glória, que em tudo me incentivam e apóiam há duas décadas e meia, co-responsáveis indiscutíveis por todo e qualquer sucesso por mim alcançado ou a alcançar;

À Ju, pela compreensão e companheirismo que contribuem para tornar qualquer trabalho menos árduo;

Ao Prof. Paulo, meu orientador, que desde a Graduação vem me guiando pelas sendas cativantes e surpreendentes da língua e da cultura latina. A ele agradeço a dedicação, a amizade, o profissionalismo e, sobretudo, a paciência, qualidades sem dúvida indispensáveis na convivência orientador-orientando:

“Gratus sic tibi, Paule, sit December
nec uani triplices breuesque mappae
nec turis ueniant leues selibrae,
sed lances ferat et scyphos aurum
aut grandis reus aut potens amicus,
seu quod te potius iuuat capitque”

“Que grato para você seja Dezembro, Paulo,
e nem inúteis tabuinhas de três folhas e guardanapos pequenos,
nem insignificantes meias libras de incenso te sejam trazidas,
mas te conceda pratos e copos dos antepassados
um ilustre réu ou um poderoso amigo,
ou, antes, o que quer que te dê prazer e te cative.”

(Marcial, *Epigramas*, VII, 72, 1-6)

Aos Professores Doutores Marcos Aurelio Pereira (IEL/UNICAMP), Pedro Paulo Abreu Funari (IFCH/UNICAMP), José Dejalma Dezotti (UNESP – Araraquara) e Flávio Ribeiro de Oliveira (IEL/UNICAMP), pela participação nas bancas de qualificação e/ou

defesa desta dissertação e pelas numerosas e importantes observações e sugestões que enriqueceram e aprimoraram este trabalho:

“Si uis auribus Atticis probari,
exhortor moneoque te, libelle,
ut docto placeas Apollinari:
nil exactius eruditiusque est,
sed nec candidius benigniusque.”

“Se você quer por ouvidos áticos ser aprovado,
te exorto e te aconselho, livrinho,
a agradar ao douto Apolinar:
ninguém é mais minucioso e erudito,
mas nem mais franco e compassivo.”

(*Epigramas*, IV, 86, 1-5)

À Profa. Dra. Isabella Tardim Cardoso, pelos textos cedidos e pela constante disposição em ajudar;

E à FAPESP, cujos recursos materiais me proporcionaram o *otium* necessário à realização desta pesquisa:

“Sint Maecenates, non derunt, Flacce, Marones,
Vergiliumque tibi uel tua rura dabunt.

“Existam Mecenas, não faltarão, Flaco, Marões,
e um Virgílio até teus campos te darão.”

(*Epigramas*, VIII, 55, 5-6)

*Si nimius uideor seraque coronide longus
esse liber, legito pauca: libellus ero.*
(Epigramas, X, 1, 1-2)

“Se um livro demasiado grande, de longínquo final e extenso
pareço ser, leia apenas alguns poemas: um livrinho serei.”

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Metalinguagem e metapoesia	13
1.2. Metapoesia na obra de Marcial: o objetivo de nossa investigação	19
2. O GÊNERO E O POETA	23
2.1. O gênero epigramático: da inscrição à consagração	25
2.2. Marcial: vida e obra	29
3. TRADUÇÃO DOS METAPOEMAS DE MARCIAL	35
3.1. Da tradução	37
3.2. Nota importante sobre os pronomes de 2ª pessoa	38
3.3. Abreviaturas e outras formas de citação utilizadas nas notas de rodapé	41
3.4. Tradução dos epigramas selecionados	43
4. CONCLUSÕES: SEIS PRINCIPAIS ASPECTOS METAPOÉTICOS NA OBRA DE MARCIAL	325
4.1. A extensão dos epigramas	327
4.2. A extensão dos livros	331
4.3. O retrato da vida cotidiana nos epigramas e o contraste com os gêneros “maiores” ...	334
4.4. A associação dos epigramas com as Saturnais	340
4.5. A licenciosidade de temas e de linguagem nos epigramas	344
4.6. A recusa da difamação pessoal	353
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	359
6. ANEXO I: MAPA DA ROMA DE MARCIAL	367
7. ANEXO II: ARTIGO “MARCIAL E AS ORIGENS DO TERMO <i>PLÁGIO</i>”	371

1. Introdução

1.1. Metalinguagem e metapoesia

A *metalinguagem* – a linguagem refletindo sobre a linguagem – é um fenômeno extremamente amplo que ocorre nos mais variados campos da cultura humana e que se manifesta das mais diversas formas. Segundo Chalhub (1988: 8-9), a filosofia, como “forma de pensar o pensamento”, é um tipo de metalinguagem, assim como a história, que “historia os fatos acontecidos”, ou a ciência, que é uma forma de refletir sobre a “realidade do universo”. Na comunicação oral ou escrita, quando se usam expressões do tipo *isto é* e *ou seja*, está-se produzindo uma relação metalingüística. No cinema, um filme que, de alguma forma, faz alusão ao próprio filme, e, na literatura, um texto que tece considerações acerca do próprio texto, acerca de seu fazer literário, são igualmente formas de manifestação do fenômeno metalingüístico. Uma resenha de livro, um texto crítico sobre uma obra de arte, uma canção que faz referências ao próprio fato de ser uma canção, uma notícia de jornal que informa que um dado fato ainda não tivera uma definição quando do fechamento da edição: em todos esses casos a metalinguagem está presente. O mesmo se pode constatar em um romance em que o autor ou narrador trava um diálogo com o leitor, ou numa peça de teatro em que o público é convidado a participar. Tal diversidade de exemplos, que poderiam se multiplicar infinitamente, mostra como o fenômeno de que estamos tratando é rico em manifestações, podendo ser considerado, segundo Chalhub (1988: 8), próprio do ser humano, enquanto ser falante:

“(…) enquanto extensão conceitual, *linguagem* acerca de *linguagem* refere-se a tudo desde que o homem é um animal simbólico, o ser da fala. Sobre as coisas, o homem fala – assim se faz uma relação dialógica com o universo, em si já um sistema de sinais.” (grifos da autora).

Quando se trata dos fenômenos ligados à metalinguagem, não há como não nos referirmos ao ensaio de Roman Jakobson, “Lingüística e Poética”, de 1960. Nesse estudo, o lingüista russo classifica a metalinguagem como uma das funções da linguagem: a *função metalingüística*, aquela que se baseia no código comum entre o remetente (codificador) e o

destinatário (decodificador) de uma mensagem.¹ Segundo o autor (p. 127), há, na Lógica moderna, “dois níveis de linguagem, a ‘linguagem-objeto’, que fala de objetos, e a ‘metalinguagem’, que fala da linguagem”.

No entanto, não é nossa intenção, neste trabalho, nos aprofundar nas questões mais gerais relacionadas ao fenômeno da metalinguagem, nem discutir as teorias e modelos – tais como os de Jakobson – construídos para dar conta dessas e de outras questões de linguagem. Os fenômenos metalingüísticos são amplos demais, como se pôde notar a partir dos exemplos que elencamos acima, e nosso interesse está voltado para a sua manifestação no campo da literatura, mais especificamente no campo da poesia, e na obra de um poeta específico, como será exposto mais abaixo.

Muitos foram os poetas ou prosadores, desde a Antigüidade até nossos dias, que incluíram, em suas obras, reflexões acerca do fazer literário. Não nos referimos, porém, àqueles escritores que teorizaram e teorizam, em tratados específicos e “artes poéticas”, sobre as questões ligadas à criação literária, nem aos que têm a função de fazer a análise, interpretação e avaliação das obras literárias, tarefas essas que constituem o objetivo da crítica. Referimo-nos àqueles que, no interior mesmo de suas obras – poemas, contos, romances, etc., não destinados especificamente às reflexões metalingüísticas –, teceram as mais diversas considerações a respeito da literatura e do fazer literário, seja de maneira sutil ou de forma explícita, seja obedecendo a convenções literárias ou denotando um trabalho e uma reflexão mais conscientes. Assim, quando, na antiga poesia greco-latina, há uma invocação a Apolo, a Palas/Minerva ou às Musas, pode-se considerar que está em atuação um mecanismo metalingüístico – ou, nesse caso, metapoético –, uma vez que todas essas divindades são protetoras da poesia e das outras artes (cf. Sullivan, 1991: 57). Antes de iniciar o catálogo das naus e dos chefes gregos e troianos na *Ilíada* (II, 484ss.), Homero pede o auxílio das Musas, para que o ajudem a se lembrar e a enumerar a extensa lista de guerreiros:

“Ó Musas, me dizei, moradoras do Olimpo,
divinas, todo-presentes, todo-sapientes

¹ As outras funções da comunicação verbal, segundo o modelo de Jakobson, seriam, como se sabe, a *função emotiva*, centrada no *remetente* da mensagem; a *conativa*, centrada no *destinatário* da mesma; a *referencial*, baseada no *referente*, no *contexto* da mensagem; a *fática*, relacionada ao *contacto*, ao canal físico que permite a comunicação entre remetente e destinatário; e a *poética*, centrada na própria *mensagem*.

(nós, nada mais sabendo, só a fama ouvimos),
quais eram, hegemônicos, guiando os Dânaos,
os príncipes e os chefes. O total de nomes
da multidão, nem tendo dez bocas, dez línguas,
voz inquebrantável, peito brônzeo, eu saberia
dizer, se as Musas, filhas de Zeus porta-escudo,
olímpicas, não derem à memória ajuda,
renomeando-me os nomes. Só direi o número
das naves e os novarcas que assediaram Tróia.”
(II, 484-494. Tradução de Haroldo de Campos)

Catulo, no I século a.C., assim responde a Cícero, em alusão a um título negativo que o orador lhe aplicara:

Ó tu mais loquaz dos filhos de Rômulo,
de quantos são e quantos foram, Cícero,
e de quantos hão de ser no futuro;
um muito obrigado te diz Catulo –
o pior dentre todos os poetas –
tanto pior de todos os poetas
quanto tu o melhor dos defensores.²
(poema 49. Trad. de João Ângelo Oliva Neto)

Chrétien de Troyes, escritor que escreveu em francês, no século XII, sobre as lendas relativas ao rei Artur e à Távola Redonda, inicia uma de suas novelas da seguinte maneira:

“Minha senhora de Champagne quer que eu empreenda um romance. Por isso, de bom grado o farei, como homem que é seu todo inteiro em tudo o que possa fazer no mundo. Não ponho no que digo nem uma pitada de incenso; mas conheço muitos outros que pretenderiam celebrar dela grande honra e louvor, e certamente diriam que essa dama sobrepuja as outras todas, como o zéfiro que venta em abril ou maio ganha de todos os outros ventos.

² Veja-se também, como exemplo do fenômeno metalingüístico na poesia de Catulo, o poema 1, em que o poeta veronês dedica seu livro ao historiador Cornélio Nepos, fazendo alusão ao fato de este último ter escrito uma cronologia universal em apenas três volumes. A dedicatória do poeta não é aleatória: o historiador, por sua capacidade de síntese, é capaz de compreender a estética de Catulo, cuja poesia tem como uma de suas principais características a brevidade (cf. tradução e notas de J. A. Oliva Neto, 1996, pp. 67 e 183).

Não, por minha fé, não sou dos que tentam dessa forma fazer louvamento de sua senhora! Então pergunto: ‘Vale a rainha tantas condessas quanto vale um diamante em cabochões e sardônicas?’ Não, realmente não direi tal cousa, embora a contragosto, pois é verdade. Direi contudo que nesta obra trabalham bem melhor suas ordens do que meu talento e meu empenho.” (“Lancelot, o cavaleiro da charrete”, In: *Romances da Távola Redonda*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio.)

No início do século XVII, Cervantes se dirige ao “desocupado leitor” no prólogo do *D. Quixote de la Mancha*:

“Desocupado leitor, não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo e discreto que se pudesse imaginar: porém não estive na minha mão contrair à ordem da natureza, na qual cada coisa gera outra que lhe seja semelhante; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa?” (Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo)

No último ano do século XIX, em um de seus mais famosos livros, Machado de Assis colocava na boca do narrador Bentinho as seguintes palavras, que explicavam o apelido do narrador-protagonista e o título do livro:

“Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores, alguns nem tanto.”

(*Dom Casmurro*, cap. I, “Do título”)

Na literatura do século XX, não poderíamos deixar de citar o conhecido poema de Fernando Pessoa:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.
(“Autopsicografia”, In: *Cancioneiro*)

E, mantendo-nos ainda no campo da literatura em língua portuguesa, temos, nas obras de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira, estes conhecidos metapoemas, em que a reflexão metalingüística constitui o cerne do processo criativo:

Procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.

Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.
(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.
(...)
(Carlos Drummond de Andrade, In: *A Rosa do Povo*)

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço
[ao sr. Diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário ao amante exemplar com cem modelos de cartas e
[as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc..

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(Manuel Bandeira, In: *Libertinagem*)

Nosso objetivo, nesta dissertação, é estudar as diversas manifestações do fenômeno metalingüístico, tal como exposto e exemplificado acima, na obra do poeta Marco Valério Marcial, autor que viveu em Roma no século I de nossa era, onde escreveu, em latim, sobretudo poesia de temática satírico-jocosa.

Assim, como nosso objeto de estudo é o texto poético, utilizaremos o conceito mais específico de *metapoesia* – que é, pode-se dizer, uma das modalidades ou formas de manifestação do fenômeno mais amplo da *metalinguagem* – e o entenderemos simplesmente como a presença, em um poema, de reflexões acerca da própria poesia ou da própria literatura, ou a respeito do próprio fazer poético.

1.2. Metapoesia na obra de Marcial: o objetivo de nossa investigação

Na vasta obra de Marcial que chegou até nós, formada por quinze livros que, juntos, compreendem 1555³ poemas, há um considerável número de peças em que se fazem presentes, ora mais explicitamente, ora de forma mais sutil, reflexões ou considerações acerca da poesia e do processo de criação poética. Esses metapoemas fazem referência aos mais diversos aspectos poético-literários, traduzindo-se ora em autodefesas do poeta por não ter seguido rigorosamente o modelo canônico do gênero epigrama (caracterizado sobretudo pela brevidade), ora em manifestos em que lamenta a ausência, em sua época, de mecenas verdadeiramente preocupados com os escritores que deles dependem. Comuns são

³ De acordo com a edição dos epigramas de Marcial da Société d'Édition "Les Belles Lettres": *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres. É a edição que utilizamos nesta dissertação. Para o volume I (*De Spectaculis* e livros I a VII) e para o volume II/2ª parte (*Xenia* e *Apophoreta*), utilizamos a 1ª edição, de 1930 e 1933, respectivamente; para o volume II/1ª parte (livros VIII a XII), fizemos uso da 2ª edição, de 1961.

também, na obra de Marcial, as questões ligadas aos gêneros da literatura antiga: como poeta que quer elevar a um grau de maior importância a literatura epigramática, até então vista como mero passatempo e praticada como atividade secundária por poetas em geral, que se dedicavam a gêneros mais prestigiados – como a tragédia e a epopéia –, Marcial consagra muitas de suas composições à apologia do gênero “menor” que pratica. A produção poética do epigramatista latino consolidará as principais características do gênero epigrama, e é a partir de sua obra que o próprio termo *epigrama* adquire o significado restrito que possui hoje de poema curto e de teor satírico-jocoso. Tais questões esperamos tornar mais claras nos capítulos subsequentes deste trabalho.

Um outro grupo de epigramas metapoéticos trazem questões interessantes que também merecem ser contempladas em nossas análises. São eles os epigramas que atacam plagiários e maus poetas, bem como os poemas que fazem referência a aspectos materiais de escritura e publicação dos livros de Marcial. Além desses, há também, na obra do epigramatista, poemas que fazem alusão a outros poemas do mesmo livro ou de outros livros do autor, numa espécie de diálogo intra e autotextual. Por considerarmos também esse fenômeno dialógico como uma manifestação do fenômeno metapoético, os poemas envolvidos nesse processo serão também objeto de estudo desta dissertação. O mesmo vale para os epigramas em que o poeta “conversa” com seu leitor ou com o próprio livro, técnica essa que se reveste também, a nosso ver, de um caráter metapoético.

É óbvio que esta divisão que leva em conta os temas dos epigramas não se pretende estanque, e serve apenas para os fins didáticos desta nossa introdução. Os poemas podem ser, evidentemente, heterogêneos quanto ao aspecto metapoético que contêm: um epigrama em que há diálogo do autor com o livro, por exemplo, pode igualmente conter considerações metapoéticas sobre as características do gênero, assim como um epigrama que ataca poetas medíocres pode conter reflexões acerca da avareza dos mecenas da época de Marcial, e assim por diante.

A principal tarefa desta dissertação é, portanto, a tradução e a anotação de um conjunto de poemas por nós selecionado, e que é formado por todos os epigramas, colhidos nos quinze livros de Marcial, em que o poeta trata de poesia no interior de sua poesia, ou seja, em que há reflexões e considerações metapoéticas. No terceiro capítulo deste trabalho serão apresentados, então, os 218 epigramas que, de uma forma ou de outra, contêm essas

reflexões. Poderíamos também chamá-los *metaepigramas*, uma vez que estamos tratando de metapoemas que se inserem no gênero poético epigrama, o qual será mais bem definido no capítulo 2, mais adiante.

Além dos metaepigramas, serão também traduzidos os cinco prefácios em prosa dos livros I, II, VIII, IX e XII, textos esses que fornecem também, como era de esperar, interessantes elementos para nossa investigação. Os poemas e prefácios traduzidos serão apresentados na ordem em que ocorrem nos livros de Marcial.

Nas conclusões deste trabalho, no quarto capítulo, será apresentado um estudo mais detalhado, que abará apenas as questões metapoéticas mais importantes e mais recorrentes dentre os poemas que foram selecionados e traduzidos. As outras questões metapoéticas – tais como o diálogo do autor com o leitor e o livro, os ataques a maus poetas e a plagiários, o diálogo intra e autotextual dos epigramas, as queixas quanto à falta de incentivo material aos poetas e artistas, os aspectos ligados à confecção material e à publicação dos livros, etc. – serão comentadas apenas durante a apresentação de nosso *corpus*, no capítulo terceiro, sob a forma de notas de rodapé.

Como se vê, nosso trabalho se pretende descritivo, tendo dois objetivos bastante pontuais: trazer para a língua portuguesa, com notas e comentários, uma parcela significativa da obra de Marcial (cerca de 14%, se levarmos em conta o número absoluto de epigramas), parcela essa que é representada pelos metapoemas, e apresentar um quadro-resumo dos aspectos metapoéticos mais importantes encontrados no *corpus* selecionado e traduzido.

Antes, porém, de apresentarmos a tradução, façamos uma breve digressão sobre a história do gênero epigrama e, a seguir, tratemos, também brevemente, da vida e da obra do poeta a cujo nome o epigrama para sempre ficaria ligado.

2. O gênero e o poeta

2.1. O gênero epigramático: da inscrição à consagração

A palavra *epigrama* significa, etimologicamente, “inscrição”, e vem do substantivo grego ἐπίγραμμα (*epígramma*; latim *epigramma*), formado a partir do verbo ἐπιγράφειν (*epigráphein*), que significa “inscrever”, “gravar uma inscrição” (ἐπί / *epí*, prefixo = em cima de, sobre; γράμμα / *grámma* = letra, escrito: *epígramma* = o que é escrito, inscrito sobre algo, inscrição)⁴. Os estudiosos da história literária grega e latina são unânimes em afirmar que o termo *epigrama* designava, no período arcaico da Grécia, inscrições em verso gravadas em monumentos, túmulos, estátuas, objetos ofertados, etc. Tais inscrições serviam, portanto, de homenagem às pessoas falecidas, como dedicatórias aos destinatários de uma oferta ou como simples descrições ou legendas de obras de arte e monumentos. Segundo López Férez (1988: 842), as mais antigas inscrições desse tipo datam do século VIII a.C. e são compostas por versos em hexâmetros, mas o dístico elegíaco, segundo o autor, acabou por se tornar, com o tempo, o metro típico desses epitáfios e ex-votos. Com as guerras Médicas, já no período clássico grego, essas inscrições tornaram-se mais numerosas em razão das homenagens prestadas nos túmulos dos soldados mortos nos combates e nos troféus ofertados aos guerreiros vencedores. O autor do primeiro epigrama conhecido viveu provavelmente nessa época: Íon de Samos, que compôs os versos inscritos na estátua consagrada por Lisandro quando da tomada de Atenas (cf. López Férez, *ibid.*).

Foi no período helenístico, porém, que o epigrama, embora mantendo a brevidade como a sua principal característica, se libertou de sua finalidade prática e de sua estreita vinculação a um suporte material (Conte, 1994: 506). Passou, então, a abarcar uma gama maior de temas, tornando-se poesia de ocasião, ou seja, poesia que retrata o momento, os pequenos acontecimentos do dia-a-dia, de forma que se tornaram infinitamente mais comuns que os epigramas sepulcrais aqueles de temática satírico-jocosa e erótica, ou os destinados à felicitação de amigos e patronos por um aniversário, casamento, restabelecimento da saúde, retorno de uma viagem, etc. (cf. Conte, *ibid.*). Datam do período helenístico da literatura grega muitos dos epigramas reunidos na chamada *Antologia Grega* ou *Antologia Palatina*, uma coleção de epigramas gregos, de diversas épocas e autores –

⁴ Bailly, A. *Dictionnaire Grec-Français*. 26. ed. Revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1963 (p. 744, B-I).

abrangendo peças compostas do século VII a.C. ao VI d.C. –, transmitidos à posteridade por um manuscrito do século X.

Na literatura latina, o epigrama não havia tido, segundo Conte (1994: 506-507), uma grande tradição. Além disso, dos poetas epigramáticos latinos, citados por Marcial e por outros autores, quase nada foi preservado. Apenas de Catulo, que, influenciado pela poesia grega helenística, cultivara o gênero, sobreviveu uma produção considerável, embora sua obra não seja composta apenas de epigramas. Outros poetas e prosadores chegaram a escrevê-los, mas sempre como uma atividade poética secundária, sem maiores preocupações estéticas e ambições literárias: uma forma, enfim, de preencher seu tempo livre, seu *otium*⁵. Foi apenas com a obra de Marcial, no século I d.C., que o epigrama adquiriu maior importância e abandonou definitivamente sua dimensão “menor” para ascender verdadeiramente ao posto de gênero poético. Muito contribuiu para isso não só a extensão de sua produção poética e a exclusividade que concedeu, em sua obra, ao gênero epigramático, mas também – e principalmente – o talento e a arte que empregou na composição de seus poemas.

As características predominantes nos epigramas de Marcial acabaram se tornando, para sempre, as características do próprio gênero, a tal ponto que as definições que se encontram, nos dicionários modernos, para a palavra *epigrama*, contemplam sobretudo a brevidade e o teor satírico-jocoso, exatamente os traços marcantes da poesia de Marcial. É importante, porém, ressaltar dois pontos: primeiro, que esses traços não são inovações de Marcial e decorrem de toda uma tradição, sobretudo grega, anterior ao poeta; segundo, que, embora a maior parte dos epigramas de Marcial seja formada por peças curtas e satíricas, não se pode esquecer que ele escreveu também peças longas e de temática não-satírica, as quais chamou igualmente *epigramas*. Comentemos um pouco cada um desses dois pontos.

A brevidade do gênero epigramático está ligada, segundo os teóricos da literatura greco-latina, à sua função original de inscrição tumular ou votiva. Martin & Gaillard (1990: 404), por exemplo, afirmam que, embora tenham sobrevivido epigramas longos gravados em túmulos e monumentos, o espaço físico de que se dispunha para a inscrição dos mesmos fez com que eles nascessem já como um gênero marcado pela concisão. E evocam como

⁵ Os antigos romanos e gregos chamavam *otium* ou *skholē* (σχολή) ao tempo disponível para o lazer, a política, o estudo, a educação, a cultura. Privilégio das elites, o *otium* se opunha ao trabalho físico, que era visto como degradante e reservado, geralmente, aos escravos (OCD: 809).

testemunho o sentido figurado do adjetivo francês *lapidaire*, que se refere à concisão e brevidade próprias das inscrições tumulares (note-se que essas considerações valem igualmente para o adjetivo português *lapidar*). Quanto à temática satírica que predomina nos epigramas de Marcial, deve-se lembrar que ela já fora, um século antes, uma das vertentes da poesia catuliana, e que Marcial reconhece a influência desta em sua obra.⁶

A outra questão exposta acima, relativa à presença, ainda que em menor quantidade, de epigramas longos e não-satíricos na obra de Marcial, levanta interessantes e complexas questões quanto à concepção de *epigrama* que permeia a sua produção poética. Segundo estatísticas apresentadas por Dezotti em sua dissertação de Mestrado (1990: 76-77), cerca de 88% dos epigramas de Marcial são curtos (têm até doze versos, número-limite, no levantamento feito pelo pesquisador, para se considerar breve um epigrama).⁷ Quanto ao conteúdo da obra do epigramatista, os poemas satíricos representam cerca de 67% (787 epigramas) do total (cf. Dezotti, p. 84). Embora esses dois traços – brevidade e temática satírico-jocosa – predominem, não se pode ignorar a existência das 140 peças longas e 384 peças não-satíricas (números de Dezotti) na obra de Marcial. Há, por exemplo, 20 epigramas que possuem entre 20 e 51 versos. Tal fato foi também tratado pelo epigramatista em alguns de seus metapoemas, que constituem sua defesa diante daqueles que poderiam acusá-lo – e provavelmente o acusavam – de não estar seguindo aquela que era certamente a principal “regra” do gênero: a brevidade. Quanto aos poemas não-satíricos de sua obra, Marcial não precisava se preocupar em se defender de possíveis críticos, uma vez que a tradição epigramática já consolidara, desde que o epigrama se libertou de sua função sepulcral e votiva, uma grande liberdade de temas. Não há, até onde pudemos apurar, nenhum poema em que Marcial se desculpe ou se defenda por ter escrito epigramas não-satíricos: ao compor poemas sepulcrais, erótico-pederásticos, adulatórios, amorosos, etc., o poeta estava simplesmente adotando temas consagrados pela tradição. Não vamos nos alongar nessas questões neste momento, pois os epigramas que ilustram os fatos acima apresentados serão traduzidos no terceiro capítulo desta dissertação e mais bem analisados em nossas conclusões, no capítulo final.

⁶ Veja-se, a título de exemplo, o prefácio do autor ao Livro I.

⁷ É importante lembrar, no entanto, que Dezotti não incluiu em seus cálculos os 350 dísticos dos livros *Xenia* e *Apophoreta*.

Resta, por fim, mostrar em quê o poeta se destacou de todos os seus antecessores – já que a brevidade e o teor satírico-jocoso não foram inovações suas – a ponto de ter se tornado o maior epigramatista latino e o principal modelo de todos os poetas posteriores que se dedicaram ao gênero. A maior contribuição de Marcial, segundo diversos autores (Conte, 1994: 508; Gentili, 1987: 437-438; Citroni et al., 1991: 187; Martin & Gaillard: 1981: 409), está no aperfeiçoamento e na primazia com que usou a técnica de produção do humor e da graça no epigrama. Tal técnica, que já está presente na poesia helenística e sobretudo nos epigramas de Lucílio – poeta que escreveu em grego e viveu em Roma na época de Nero –, consiste em estruturar o epigrama em duas partes: a primeira, mais extensa, expõe, explica, desenvolve o tema, criando uma tensão e uma expectativa no leitor, e deixa para a segunda parte, correspondente em geral ao último verso ou às últimas palavras do poema, a frase picante, o dito mordaz, o comentário inteligente e espirituoso, os elementos, enfim, responsáveis pelo humor e pela graça do epigrama. O efeito da parte final é tanto maior quanto mais surpreendente e inesperado for o elemento cômico nela presente. Vejamos o epigrama 26 do Livro III, em que Marcial se dirige a um certo Cândido (note-se a significativa escolha do nome):

“Você tem imóveis só teus⁸, e dinheiro, Cândido, só teu,
você tem taças de ouro só tuas, tem vasos de mirra só teus,
você tem vinhos do Mássico só teus, e vinhos de Cécuba, do tempo de Opímio, só teus,
e tem uma inteligência só tua, e um talento só teu.
Tudo você tem só teu – e nem pense que isso eu quero negar –,
mas você tem uma esposa, Cândido, em comum com todo mundo.”⁹

Note-se que o efeito cômico-satírico do epigrama está no último verso, mais especificamente nas duas últimas palavras (*cum populo*). É opinião unânime dentre os estudiosos da poesia latina que jamais essa técnica do fecho cômico e espirituoso fora trabalhada, por outro poeta epigramático, com tanta perfeição como na poesia de Marcial.

⁸ Sobre a mescla, em nossa tradução, de formas pronominais de segunda e terceira pessoas, veja-se, mais adiante, o item 3.2 desta dissertação.

⁹ “Praedia solus habes et solus, Candide, nummos,/ aurea solus habes, murrina solus habes,/ Massica solus habes et Opimi Caecuba solus,/ et cor solus habes, solus et ingenium./ Omnia solus habes – nec me puta uelle negare – / Vxorem sed habes, Candide, cum populo.” Note-se a significativa escolha do nome: *candidus*, a exemplo do adjetivo português dele derivado, pode significar “ingênuo”, “inocente”, possível alusão à ignorância do personagem em relação à infidelidade de sua esposa.

São esta e outras qualidades, baseadas mais no tratamento dado ao gênero do que em inovações propriamente ditas, que imortalizaram o nome de Marcial e o ligaram para sempre ao gênero epigramático que praticou, permitindo que outros traços de sua poesia – a brevidade e a temática satírico-jocosa, predominantes em sua obra – pudessem consolidar-se como as características principais do gênero e do conceito de *epigrama* a partir de então.

2.2. Marcial: vida e obra

Com exceção de uma carta de Plínio, o Jovem (III, 21), ao seu amigo Cornélio Prisco, a única fonte que pode fornecer dados biográficos sobre Marcial é sua própria obra.¹⁰ A data de seu nascimento nos é fornecida pelos epigramas X, 24 e X, 29: as calendas de Marte, o dia primeiro de Março. O ano, porém, deixa algumas dúvidas, devido à dificuldade de datação do primeiro dos epigramas acima, em que o poeta informa ter, no momento em que o escreve, 57 anos. O Livro X teve, segundo os pesquisadores que se dedicaram a estudar a cronologia da obra de Marcial¹¹, duas edições, uma em 95 (perdida) e outra em 98 d.C. (a que chegou até nós); portanto, o ano de nascimento do poeta se situaria entre 38 e 41 d.C. Um dado sobre o qual não resta dúvidas é o seu local de nascimento, tantas vezes mencionado e celebrado pelo poeta: a pequenina Bílbilis, na província romana da Hispânia Tarraconense (vejam-se, por exemplo, I, 49; I, 61; IV, 55; X, 13; X, 65, etc.).

No ano de 64 – o ano do grande incêndio ocorrido no governo de Nero –, Marcial vai para Roma, onde recebe o apoio da família dos Sênecas, oriunda, como ele, das Hispânicas (cf. Conte, 1994: 505). A data da chegada do poeta a Roma é fornecida pelo epigrama X, 103, em que ele diz estar na cidade há 34 anos. Como a segunda edição do Livro X é de 98 d.C. – e, ao que tudo indica, os epigramas X, 103 e X, 104 só fizeram parte da segunda edição do livro, já que Marcial anuncia neles sua iminente partida de Roma, que se daria pouco depois da publicação do Livro X –, pode-se concluir que a data de chegada do poeta à cidade se deu no ano de 64 (cf. Bickel, 1982: 600).

¹⁰ Tanto quanto se podem inferir dados históricos de obras ficcionais. Na falta de fontes mais isentas e objetivas a respeito da vida de Marcial, adotaremos os dados biográficos que podem ser obtidos a partir de sua obra, a exemplo do que fazem todos aqueles que estudaram a vida e a obra desse e de outros poetas. Estamos cientes, porém, da confiabilidade apenas relativa dessas informações, já que provêm de obra ficcional.

¹¹ Vejam-se, por exemplo, Sullivan (1991) e Citroni (1988).

Na capital do Império, Marcial se radicaria, então, como poeta, profissão que nunca lhe garantiu grandes retornos financeiros, obrigando-o, para sobreviver, a se tornar cliente (*cliens*) de diversas personalidades importantes.¹² Sua posição e as pesadas obrigações inerentes à clientela foram tema de vários epigramas seus, repletos de amargura e, por vezes, de revolta, em que reclama de patronos ingratos ou do pouco valor conferido aos poetas pela sociedade de seu tempo¹³. Apesar disso, mais numerosas são as composições em que traça o elogio ou louva seus amigos ou patronos, sempre buscando, por meio dessa literatura encomiástica, a proteção e o patrocínio necessários à sua sobrevivência e à continuação de sua atividade poética¹⁴. Os próprios imperadores foram homenageados por Marcial, como demonstra sua primeira obra, o *Liber de Spectaculis*, publicado sob o governo de Tito, em 80 d.C., em que se exalta a maior obra arquitetônica dos imperadores flavianos, o Anfiteatro Flávio (mais tarde, na Idade Média, denominado Coliseu). Ao irmão e sucessor ao trono de Tito, Domiciano, são dedicadas dezenas de outros epigramas, espalhados pelos livros I a X; Nerva e Trajano são contemplados também, embora com número bem menor de poemas, nos livros X, XI e XII. Muito contribuíram os epigramas adulatórios para que Marcial obtivesse do imperador Tito o *ius trium liberorum*, o “direito dos três filhos”: uma série de direitos e privilégios criados pelo imperador Augusto, em 9 d.C., através da lei Pápia Popéia, os quais eram concedidos aos pais romanos que eram casados e possuíam três filhos. A medida, que pretendia incentivar o casamento e a procriação em Roma, passou mais tarde a ser concedida a quaisquer cidadãos, independentemente de ser casado ou possuir filhos: foi o caso de Marcial, conforme ele próprio nos informa em II, 91 e II, 92.

Sabe-se também, por meio de seus epigramas, que o poeta morava num pequeno “apartamento” no terceiro andar de uma *insula* – nome que se dava aos prédios de vários andares, comuns em Roma, em que moravam muitas famílias (vejam-se I, 11; I, 86; I, 108;

¹² Sobre a clientela, veja-se a nota a I, 39, 8, no terceiro capítulo desta dissertação.

¹³ Vejam-se, sobre os patronos ingratos ou sovinas, os epigramas I, 43; III, 12 e III, 60; sobre a desqualificação dos poetas diante de outras profissões, vejam-se III, 4; V, 56 e X, 74; sobre as incômodas obrigações e práticas que, segundo o poeta, pesavam sobre os clientes, confirmam-se III, 46; X, 58 e X, 70. Tais temas serão, porém, retomados nas notas à nossa tradução, no capítulo 3.

¹⁴ Vale lembrar que pouco lucro advinha ao poeta da venda de seus livros. Como bem ressalta Oliveira (1993: 237ss.), o escritor vendia ao livreiro ou editor (*librarius*, *bibliopola*), por preço geralmente módico, seus originais, que este último podia copiar e vender da maneira que quisesse, auferindo para si todo o lucro desse comércio.

IX, 18, etc.) – e que possuía uma pequena quinta em Nomento (atual Mentana), a 23km a nordeste de Roma (ver VI, 43; VII, 49; VII, 91; IX, 18; IX, 60, etc.).

Por volta de 98 d.C., cansado da turbulência e das dificuldades da vida na Urbe e talvez obrigado pela mudança na conjuntura política – com o assassinato do imperador ao qual dedicara, por cerca de dez anos, grande parte de seus poemas adulatorios –, Marcial retorna à sua terra natal, onde reencontra a tranquilidade de que tanto era saudoso, mas também uma atmosfera excessivamente pacata e tediosa (veja-se o prefácio ao livro XII) que o desapontou. Segundo Bickel (1982: 600), o poeta faleceria nos primeiros anos do II século d.C., já que a carta em que Plínio comunica a Cornélio Prisco a morte de Marcial também só pode ser datada, aproximadamente, dos primeiros anos desse século. O autor da epístola, que fora talvez amigo ou patrono do epigramatista – embora encontremos na obra deste apenas um epigrama (X, 20) de que se pode dizer com certeza que é uma homenagem a Plínio, o Jovem –, diz na carta que fornecera a Marcial os recursos necessários à viagem de retorno deste à sua terra natal, na Hispânia Tarraconense. Tal auxílio fora uma recompensa pelo epigrama X, 20, que Plínio reproduz na epístola. O poema faz parte de nosso *corpus* e será traduzido e comentado mais adiante, razão pela qual não precisamos nos alongar mais sobre ele neste momento.

A obra de estréia de Marcial, como já dito anteriormente, foi o *Epigrammaton Liber* (*O Livro dos Epigramas*), conhecida hoje como *Liber de Spectaculis* ou *Liber Spectaculorum*. Foi publicada em 80 d.C., por ocasião dos jogos promovidos pelo imperador Tito para comemorar a inauguração do Anfiteatro Flávio ou Coliseu (cf. Sullivan, 1991: 6). Nessa coletânea de 33 poemas¹⁵, o epigramatista louva a empresa dos Flávios, descrevendo e comentando os números e espetáculos apresentados durante os cem dias de jogos, aos quais ele próprio, provavelmente, estivera presente. Depois de alguns anos, Marcial lança, em dezembro de 85 d.C., duas recolhas intituladas *Xenia* e *Apophoreta*, compostas quase que totalmente por epigramas de um só dístico elegíaco, os quais eram destinados a acompanhar os presentes trocados especialmente durante as Saturnais, as festas em honra a Saturno que se realizavam em Roma entre os dias 17 e 23 de

¹⁵ De acordo com a edição “Les Belles Lettres”, já que as diversas edições divergem quanto ao número de epigramas desse livro.

dezembro. Os epigramas dos *Xenia* (palavra grega que pode ser traduzida por “presentes de hospitalidade”) descreviam e acompanhavam, em sua grande maioria, alimentos em geral, presentes trocados pelas pessoas durante essas festas; os poemas dos *Apophoreta* acompanhavam objetos dos mais diversos tipos, sorteados pelos anfitriões aos seus convidados durante os banquetes que ocorriam nessa época do ano (cf. Sullivan, 1991: 12-13).

A atual ordenação da obra completa de Marcial – derivada, segundo Conte (1994: 506), de uma edição feita após a morte do poeta – numera as coleções dos *Xenia* e dos *Apophoreta* como os livros XIII e XIV, ficando à parte, sem numeração, o *Liber de Spectaculis*. Os outros doze livros – que não são monotemáticos, isto é, não são compostos, como os três anteriormente citados, por epigramas escritos e reunidos com base em uma função única e específica, mas por poemas de temas e funções diversas – foram publicados nas seguintes datas¹⁶: I e II, em torno de 86 d.C.; III, no final de 87; IV, em 89; V, em dezembro de 90; VI, em dezembro de 91; VII, em dezembro de 92; VIII, em dezembro de 94; IX, na primavera de 95; X, em dezembro de 95 (primeira edição) e em meados de 98 (segunda edição); XI, em dezembro de 96; XII, em outubro de 101 ou outubro de 102. São esses doze livros de Marcial que contêm a parte mais interessante de sua produção, aquela em que o poeta demonstrou todo o seu gênio e criatividade, e que o fariam famoso já em sua época e por todos os tempos: os poemas satíricos¹⁷. Criticando não as pessoas, mas seus vícios, como ele próprio se defende¹⁸, o poeta retrata com ironia, humor e mordacidade a sociedade romana do primeiro século de nossa era. Por seus versos passam prostitutas, alcoviteiros, bebedores, efeminados, charlatões, caçadores de herança, maus poetas, sovins, novos-ricos, bajuladores, glutões, gladiadores, maus professores, falsos sábios, invejosos, falsos moralistas e todos os demais tipos humanos e sociais imagináveis. É também nos doze livros de epigramas diversos que o poeta fará uso da técnica de produção do humor de que falamos acima, a qual aperfeiçoou e à qual imprimiu sua marca pessoal.

Outras características da obra de Marcial, além da diversidade temática – com predomínio dos temas cômico-satíricos – e da diversidade métrica – em que predominam o

¹⁶ Seguimos aqui a cronologia adotada por Sullivan (1991).

¹⁷ Embora a temática satírico-jocosa já se faça presente, ainda que timidamente, nas obras monotemáticas.

¹⁸ *Hunc seruare modum nostri nouere libelli, / parcere personis, dicere de uitiiis*: “Respeitar este limite souberam os meus livrinhos: / poupar as pessoas, criticar os vícios” (X, 33, 9-10).

dístico elegíaco, o hendecassílabo falécio e o coliambo (ou trímetro jâmbico escazonte)¹⁹ –, seriam a variação da linguagem e dos tons – isto é, dos modos de expressão –, a depender do tema do epigrama. Tal característica, que nos é apontada por Conte (1994: 509), pode ser ilustrada com o caso dos poemas adulatórios, em que o tom é mais solene e a linguagem mais elevada²⁰. Na maioria dos epigramas, no entanto, a linguagem empregada é mais próxima da do dia-a-dia, em consonância com o aspecto fortemente realista da poesia de Marcial.

As características de seu estilo – os temas, a linguagem, os metros e técnicas utilizados, etc. – encontram-se presentes, como já afirmamos repetidas vezes nas páginas anteriores, nos metaepigramas que compõem nosso *corpus*. Assim, resta agora, sem mais tardança, apresentarmos esses poemas de que vimos falando.

¹⁹ Veja-se levantamento de Dezotti (1990: 81), que detecta 857, 228 e 74 epigramas compostos, respectivamente, nesses três metros, além de outras doze peças escritas em outros quatro esquemas métricos: dísticos epódicos, hexâmetros, senários jâmbicos e tetrâmetros jônicos.

²⁰ Embora nem mesmo esses epigramas estejam totalmente isentos de termos coloquiais e mesmo obscenos.

3.Tradução dos metapoemas de Marcial

*Difficile est alienas lineas insequentem non
alicubi excidere; arduum ut, quae in alia
lingua bene dicta sunt, eundem decorem in
translatione conseruent.*

(São Jerônimo, Epistulae, 57, 5)

“É difícil àquele que segue linhas alheias
não se desviar em algum ponto; é árduo
conseguir que aquilo que foi bem dito em
outra língua conserve a mesma elegância
na tradução.”

3.1. Da tradução

Nossa tradução tentou reproduzir em português, na medida do possível, os efeitos poéticos do texto de Marcial. No entanto, dados os objetivos específicos deste trabalho – detectar os principais aspectos metapoéticos abordados pelo autor em sua obra – e devido ao volume de material que tivemos de traduzir – 218 poemas, num total de 1690 versos – em um período de tempo reduzido, optamos por realizar uma tradução em versos brancos e livres (isto é, sem rima e sem métrica fixa), adicionando abundantes notas de rodapé que não só fornecem informações necessárias à compreensão dos poemas como também tecem comentários, já durante a apresentação dos poemas traduzidos, sobre questões ligadas ao tema desta dissertação. Essas nossas opções não significam que tenhamos nos descuidado da tradução: apenas acreditamos que uma versão mais poética necessitaria de maior tempo e – talvez – de maior talento. Esperamos que nossas escolhas quanto ao processo de tradução não tenham representado uma perda substancial da poeticidade do texto de Marcial, embora reconheçamos a superioridade artística de traduções como as de José Dejalma Dezotti, que verte de maneira criativa e original os dísticos elegíacos do epigramatista, utilizando como esquema métrico-estrófico as quadras heptassilábicas e adotando rimas ABCB – esquema esse que lhe é sugerido pela própria tradição do gênero epigramático em língua portuguesa (cf. Dezotti, 1990).

Na tradução dos topônimos e antropônimos, seguimos, na quase totalidade dos casos, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa, mas tomamos a liberdade de não fazê-lo quando outra forma pareceu-nos preferível – seja por sua sonoridade, seja por ser mais corrente nas traduções de obras antigas – àquela apresentada pelo glossário português (*Cástor*, por exemplo, que preferimos à forma *Castor*, indicada pelo *Vocabulário*; e *Cibele*, ao invés de *Cíbele*). Faz-se necessário informar ainda, com relação à tradução dos topônimos, que procuramos utilizar, no corpo do poema, um termo com grafia mais próxima, tanto quanto possível, do termo latino original. Acreditamos que a opção por esses nomes próprios antigos (quase todos registrados pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*), pode ser uma forma a mais de se manter a fidelidade ao original. Informaremos, em nota de rodapé, a localidade moderna correspondente ao topônimo mencionado por Marcial, e forneceremos, então, a grafia

moderna – em português – do nome dessas localidades. Assim, por exemplo, traduziremos, no corpo do poema, o nome latino *Bononia* por *Bonônia*, e informaremos, em nota, que a localidade corresponde à atual *Bolonha*, na Itália. Verteremos *Patauium* por *Patávio*, informando em nota a correspondente atual *Pádua*; *Massilia* por *Massília*, informando em nota a sua correspondente *Marselha*, na França, e assim sucessivamente.

Acrescentamos, ao lado dos poemas traduzidos, os textos originais, que colhemos na edição dos epigramas de Marcial que utilizamos e seguimos nesta dissertação: a da Société d'Édition “Les Belles Lettres”, cujo texto foi estabelecido por H. J. Izaac. É essa edição que tomamos por base quando fazemos remissões a epigramas que não fazem parte de nosso *corpus* e que não foram, portanto, aqui reproduzidos.

Para as notas de tradução e de compreensão, utilizamos obras especializadas que se encontram listadas abaixo, em 3.3, bem como na bibliografia ao final da dissertação.

3.2. Nota importante sobre os pronomes de 2ª pessoa

A obra de Marcial, como bem destacou Conte (1994: 509), possui uma riqueza de “tons”, de modos de expressão, “que corresponde à multiplicidade dos assuntos tratados e reproduz a flexibilidade e variedade do mundo real que o epigrama se põe a interpretar”.²¹ Em outras palavras, o vocabulário, as construções sintáticas, a maior ou menor recorrência de figuras de linguagem, o maior ou menor número de referências eruditas, enfim, o tom mais ou menos elevado de cada epigrama está relacionado ao assunto tratado ou ao indivíduo a quem o poema é dirigido. Assim, em Marcial, convivem, por exemplo, epigramas satíricos recheados dos termos mais baixos e vulgares com peças adulatórias de tons elevados e solenidade de linguagem. Ou sinceros e sentidos epigramas fúnebres, de tom meigo e de extrema candura, com divertidos poemas dirigidos ao leitor ou ao próprio livro.

Essa vinculação da diversidade de tons e linguagens ao indivíduo a quem o poema é dirigido – note-se que mesmo o assunto tratado está relacionado, de alguma forma, ao

²¹ “... that corresponds to the multiplicity of subjects and reproduces the flexibility and the variety of the real world that the epigram sets out to interpret.”

destinatário dos epigramas – cria uma certa dificuldade na tradução para o português dos pronomes pessoais latinos de segunda pessoa (ou dos verbos com desinência de segunda pessoa, já que os pronomes propriamente ditos geralmente ficam ocultos). Acreditamos não ser a melhor solução traduzir *sempre* os pronomes *tu* e *uos* pelas formas portuguesas delas derivadas, *tu* e *vós*: esse esquema funciona perfeitamente nos epigramas dirigidos ao imperador, a patronos importantes do poeta ou a outros indivíduos que mereceriam deste um tratamento mais respeitoso e solene, mas como lidar com os poemas dirigidos a pessoas comuns – alvos, muitas vezes, das sátiras divertidas e maldosas do epigramatista –, em que Marcial trata, em linguagem simples e coloquial, de assuntos corriqueiros e vulgares? A solução, nesse caso, é o emprego das formas “você” e “vocês”, predominantes, na linguagem familiar e coloquial da maior parte do Brasil, como formas pronominais de segunda pessoa.²² Ainda que tal diferenciação não tenha existido no latim clássico – em que os pronomes *tu* e *uos* eram usados tanto em contextos formais como informais de discurso –, faz-se necessária, a nosso ver, a utilização, para se traduzir Marcial, de um esquema pronominal misto, dependendo do tom mais ou menos coloquial dos epigramas.

Assim, reservaremos os pronomes pessoais “tu” e “vós” (e seus correspondentes oblíquos e possessivos, bem como suas devidas desinências número-pessoais) apenas para os poemas em que Marcial se dirige a divindades, imperadores, patronos, ocupantes de cargos da magistratura romana, matronas e a outras pessoas que, por sua posição social ou cargo administrativo, mereceriam um tratamento diferenciado por parte do poeta. Quando este, em seus epigramas, se dirigir a indivíduos representados por nomes fictícios – e, nesses casos, tais indivíduos são sempre o alvo de críticas e ofensas da parte do epigramatista –, a amigos (que não são patronos ou autoridades de alto escalão), aos leitores ou ao próprio livro, utilizar-se-á um esquema que acreditamos ser mais próximo da fala coloquial, da língua portuguesa do dia-a-dia. Assim, quanto aos pronomes pessoais retos, serão empregadas as formas – ditas “de tratamento” – “você” e “vocês”, com os verbos

²² Cf. Cunha, C. & Cintra, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985), p. 284: “No português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade.” Cf. também Bechara, E. *Moderna Gramática Portuguesa* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975), p. 96, n. 2: “Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.”

conjugados, obviamente, na terceira pessoa.²³ Quanto aos seus correspondentes oblíquos e possessivos, não será seguido rigorosamente, em nossa tradução, o que recomenda a gramática normativa, mas sim o que se verifica na língua falada. Os possessivos “teu(s)” e “tua(s)”, por exemplo, que, a rigor, correspondem ao pronome pessoal “tu”, serão utilizados com o pronome “você”, em consonância com o que se verifica na linguagem cotidiana, em que eles são usados paralelamente a “seu(s)” e “sua(s)” para se referir à posse em segunda pessoa.²⁴ Os possessivos “seu(s)”/“sua(s)” serão, por outro lado, reservados apenas às terceiras pessoas, o que nos permite evitar, em nossa tradução, ambigüidades que seriam facilmente contornadas numa situação real de comunicação, mas que constituiriam uma fonte de incompreensões num texto escrito. Quanto aos pronomes oblíquos, será adotado um esquema um pouco mais complexo, misturando formas próprias de “tu” e de “você”. Será usado, com este último, o pronome oblíquo átono “te” – forma própria do pronome reto “tu”, segundo as gramáticas normativas –, mas empregaremos, como pronomes oblíquos tônicos, as formas “a você”, “para você”, “com você”, e manteremos, como pronomes reflexivos e recíprocos, as formas “se”, “si” e “consigo” próprias da terceira pessoa e da forma “você”.²⁵ No que tange aos pronomes de segunda pessoa do plural, empregar-se-ão as formas preposicionadas “de vocês” (como forma possessiva) e “a vocês”, “para vocês”, e “com vocês” (como formas oblíquas tônicas), bem como “se”, “si”, “consigo” (como formas reflexivas/recíprocas). O quadro a seguir resume todas essas escolhas:

²³ Cf. Bechara, (op. cit.), p. 96: “Existem ainda formas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São os chamados pronomes de tratamento: você, vocês (no tratamento familiar)...”

²⁴ Cf. Neves, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*, p. 458 (grifos da autora): “O emprego de **VOCÊ** é muito mais difundido do que o emprego de **TU**, para referência ao **interlocutor**. Além disso, ocorre freqüentemente (embora mais especialmente na língua falada), que se usem formas de segunda pessoa em enunciados em que se emprega o tratamento **VOCÊ**, de tal modo que se misturam formas de referência pessoal de **segunda** e de **terceira** pessoa: *E se meu carro TE incomoda, lembre-SE que o transporte é grátis.* (ACM), *A única coisa que TE peço é que não vá magoá-la: VOCÊ é seu primeiro entusiasmo, o seu primeiro flerte!* (S)”. Cf. também Ilari, R., Franchi, C., Neves, M. H. M. “Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise”. In: Castilho, A., Basilio, M. (orgs). *Gramática do Português Falado* (Campinas: Unicamp, 1996. vol. 4), p. 91: “Na maioria das variedades do português brasileiro, essa correspondência [segunda pessoa: *tu, te, ti, (con)ti(go)*] foi quebrada pela adoção, em lugar de *tu*, do pronome *você*, que, embora faça referência à pessoa a quem se fala, e seja, portanto, do ponto de vista nocional, um pronome de segunda pessoa, leva o verbo para a terceira, e co-ocorre com possessivos e pronomes átonos de terceira pessoa.”

²⁵ Ver nota anterior.

2ª PESSOA DO SINGULAR	2ª PESSOA DO PLURAL
-----------------------	---------------------

	Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	Pronomes reflexivos e recíprocos	Pronomes possessivos	Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	Pronomes reflexivos e recíprocos	Pronomes possessivos
Epigramas dirigidos a divindades, imperadores, matronas, ocupantes de magistraturas, patronos, etc.	TU	TE A TI, PARA TI, CONTIGO, ETC.	TE	TEU TUA TEUS TUAS	VÓS	VOS A VÓS, PARA VÓS, CONVOSCO, ETC.	VOS	VOSSO VOSSA VOSSOS VOSSAS
Epigramas dirigidos a amigos íntimos (não ocupantes de altas magistraturas), aos leitores, aos próprios livros do poeta ou a pessoas difamadas sob nomes fictícios	VOCÊ	TE, COM VOCÊ, PARA VOCÊ, A VOCÊ, ETC.	SE, SI, CONSIGO	TEU TUA TEUS TUAS	VOCÊS	PARA VOCÊS, COM VOCÊS, A VOCÊS, ETC.	SE, SI, CONSIGO	DE VOCÊS

3.3. Abreviaturas e outras formas de citação utilizadas nas notas de rodapé²⁶

Aug. – Suetônio. *De Vita Caesarum. Diius Augustus.*

Apoph. Marcial. *Apophoreta* ou *Liber XIV.*

Boldrini – Boldrini, Sandro. *La prosodia e la metrica dei Romani.*

CLS – Sandys, John Edwin (ed.). *A Companion to Latin Studies.*

CIL – *Corpus Inscriptionum Latinarum.*

Cuatrecasas – Cuatrecasas, Alfonso. *Erotismo no Império Romano.*

Dezotti – Dezotti, José Dejalma. *O Epigrama Latino e sua expressão vernácula.*

DLS – Lewis, C. T. & Short, C. *A Latin Dictionary.*

²⁶ Para a indicação da edição utilizada nas citações de obras antigas e para outros dados bibliográficos sobre as obras aqui listadas, ver a bibliografia ao final da dissertação.

- Dom.** – Suetônio. *De Vita Caesarum. Domitianus*.
- DMG** – Guimarães, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- En.** – Virgílio. *Eneida*. (Virgílio Brasileiro. Rio de Janeiro: Garnier, 1858).
- Ep-BL¹** – Marcial. *Épigrammes*. Paris: Les Belles Lettres, 1930, 1. ed. (Vol. I).
- Ep-BL²** – Marcial. *Épigrammes*. Paris: Les Belles Lettres, 1961, 2. ed. (Vol. II, 1^a parte) e 1933, 1. ed., (Vol. II, 2^a parte).
- Ep-E70¹** – Marcial. *Epigramas*. Lisboa: Edições 70, 2000 (Vol. I).
- Ep-E70²** – Marcial. *Epigramas*. Lisboa: Edições 70, 2000 (Vol. II).
- Ep-E70³** – Marcial. *Epigramas*. Lisboa: Edições 70, 2001 (Vol. III).
- Ep-G¹** – Marcial. *Les Épigrammes de Martial*. Paris: Garnier, 1931 (Vol. I);
- Ep-G²** – Marcial. *Les Épigrammes de Martial*. Paris: Garnier, 1931 (Vol. II);
- Epist.** – Plínio, o Jovem. *Epistulae*.
- GAW** – Grant, Michael. *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*.
- Gram.** – Suetônio. *De Grammaticis et Rhetoribus*.
- Il.** – Homero. *Ilíada*.
- LTL¹** – Forcellini, A. *Lexicon Totius Latinitatis* (Vol. I).
- LTL²** – Forcellini, A. *Lexicon Totius Latinitatis* (Vol. II).
- LTL³** – Forcellini, A. *Lexicon Totius Latinitatis* (Vol. III).
- LTL⁴** – Forcellini, A. *Lexicon Totius Latinitatis* (Vol. IV).
- Met.** – Ovídio. *Metamorphoses*.
- NH** – Plínio, o Antigo. *Naturalis Historia*.
- OCD** – Hornblower, Simon & Spawforth, Antony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford.
- Od.** – Homero. *Odisséia*.
- OLD** – Glare, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*.
- Oliveira** – Oliveira, José Teixeira de. *A Fascinante História do Livro*.
- Robert** – Robert, Jean-Noël. *Os Prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- Sat.** – Juvenal. *Saturae*.
- Sullivan** – Sullivan, John Patrick. *Martial: the unexpected classic*.

3.4. Tradução dos epigramas selecionados

A distribuição dos epigramas de nosso *corpus*, de acordo com os livros de Marcial a que pertencem, está representada na tabela a seguir:

LIVRO	Nº de epigramas	Nº de versos	Prefácio em prosa	LIVRO	Nº de epigramas	Nº de versos	Prefácio em prosa
<i>De Spectaculis</i>	0	0		VIII	11	118	SIM
I	27	213	SIM	IX	12	101	SIM
II	16	108	SIM	X	25	249	
III	17	126		XI	18	148	
IV	14	119		XII	13	111	SIM
V	10	102		<i>Xenia</i> (XIII)	3	26	
VI	7	81		<i>Apoph.</i> (XIV)	32	76	
VII	13	112		TOTAL	218	1690	

**M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON
LIBER I**

1. Spero me secutum in libellis meis tale temperamentum ut de illis queri non possit quisquis de se bene senserit, cum salua infimarum quoque personarum reuerentia ludant; quae adeo antiquis auctoribus defuit ut nominibus non tantum ueris abusi sint, sed et magnis. 2. Mihi fama uilius constet et probetur in me nouissimum ingenium. 3. Absit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpretes nec epigrammata mea scribat: inprobe facit qui in alieno libro ingeniosus est. 4. Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excussarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedit, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. 5. Si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina latine loqui fas sit, potest epistola uel potius titulo contentus esse.

PRIMEIRO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL¹

Espero ter buscado, em meus livrinhos², uma moderação tal que ninguém que tenha de si uma boa imagem possa deles se queixar, uma vez que gracejam conservando o respeito até para com as pessoas de ínfima condição. Esse respeito de tal forma faltou aos autores antigos que eles não só fizeram uso de nomes verdadeiros como também de nomes ilustres. Que a fama me custe menor preço e que a última coisa a ser louvada em mim seja a mordacidade³. Que fique longe da inocência de minhas brincadeiras o intérprete maldoso e que ele não escreva meus epigramas: age desonestamente aquele que se mostra talentoso graças ao livro alheio.⁴ Já a franqueza lasciva das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, justificá-la-ia, se fosse eu a ter dado o exemplo; assim, porém, escreve Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico⁵, assim todo aquele que é lido do início ao fim. Se alguém, entretanto, é de tão afetada austeridade que, perto dele, não é permitido, em

¹ Publicado provavelmente no início de 86 d.C. (Sullivan: 15, que sempre seguiremos ao citar as datas de publicação dos livros de Marcial). Segundo outros autores (ver introdução de H. J. Izaac à edição dos epigramas de Marcial da Société d'Édition "Les Belles Lettres", Paris, 1930, vol. I, pp. xxvii-xxviii), teria saído no fim de 84 d.C. ou início de 85 uma edição reunindo os livros I e II de Marcial, que mais tarde teriam sido publicados separadamente.

² É principalmente com o termo *libellus* ("livrinho") que Marcial se refere a suas obras. Além de ser o diminutivo de *liber* ("livro"), o termo designava também, entre outras coisas, os livros de sátiras, de epigramas e de versos difamatórios em geral, acepção que se preservou entre os significados do moderno termo "libelo" (< *libellus*).

³ Sabe-se que o imperador Domiciano promoveu, em seu governo, uma reforma nos costumes e na moral romana, mandando destruir os libelos que atacavam pessoas importantes e conhecidas (cf. Suetônio, *Dom.*, 8) e valorizando os rituais e práticas religiosas. Marcial garante aqui que não só não menciona os nomes reais das pessoas que satiriza – o que de fato cumprirá em seus epigramas difamatórios, como será visto – como também evita atacar personalidades ilustres.

⁴ Isto é, que os leitores maldosos não acabem "reescrivendo" de forma diferente os epigramas do poeta, ao interpretarem-nos de maneira maliciosa e equivocada. Marcial lança também sua primeira farpa contra os ladrões de idéias.

⁵ O poeta se justifica quanto à liberdade de sua linguagem, apoiando-se na autoridade de seus predecessores na poesia epigramática, os quais constituíram seus modelos e que serão citados bastante freqüentemente em seus epigramas: Gaio Valério Catulo, que viveu no tempo de Júlio César e escreveu poemas de vários metros, sendo talvez a maior influência de Marcial; Domício Marso, poeta pouco conhecido que viveu no tempo de Augusto e escreveu uma obra da qual pouco restou (*Cicuta*, uma coleção de epigramas satíricos; *Amazonis*, obra épica; e *De urbanitate*, obra em prosa); Albinovano Pedão, também pouco conhecido, que teria vivido entre o fim do século I a.C. e início do século I d.C. e escrito, além de epigramas, um poema épico; e Gneu Cornélio Lêntulo Getúlico, cônsul e legado da Germânia Superior em 26 d.C., autor de poemas eróticos, de cuja obra restam apenas nove epigramas (*OCD*: 303-304, 493, 50 e 396).

6. Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. 7. Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet. 8. Videor mihi meo iure facturus si epistolam uersibus clusero:

Nosses iocosae dulce cum sacrum Florae
festosque lusus et licentiam uolgi,
cur in theatrum, Cato seuerè, uenisti?
an ideo tantum ueneras, ut exires?

I

Hic est quem legis ille, quem requiris,
toto notus in orbe Martialis
argutis epigrammaton libellis:
cui, lector studiose, quod dedisti

nenhuma página⁶, falar latim⁷, pode se contentar com este prefácio, ou, antes, com o título. Os epigramas são escritos para aqueles que costumam assistir aos Florais⁸. Que não entre Catão em meu teatro, ou, se entrar, que assista⁹. Creio fazê-lo em meu direito se terminar este prefácio com alguns versos:

Se conhecias o ritual caro à alegre Flora,
os divertimentos festivos e a licenciosidade do vulgo,
por que vieste, Catão severo, ao teatro?
Por acaso tinhas vindo só para poderes sair?¹⁰

1

Eis aqui aquele que você lê, que deseja,
Marcial, famoso no mundo todo
por seus picantes livrinhos de epigramas¹¹,
a quem, leitor¹² aplicado, você deu,

⁶ Entre os antigos romanos, o termo *pagina* designava as colunas do rolo de papiro (Oliveira: 46). Como o livro em formato de rolo era como que uma única folha contínua (as folhas de papiro eram coladas uma após a outra), a escrita era dividida em colunas ou *paginae* de cerca de 7,5 cm de largura. O termo podia também designar a folha de papiro individualmente, antes de ser colada às outras (Oliveira: 209-211), ou, ainda, designar, metonimicamente, o livro ou a obra. Os códices em pergaminho, quando comportavam textos em prosa, costumavam ter suas folhas divididas em duas colunas (OCD: 252). Vejam-se abaixo mais detalhes sobre a confecção dos livros dos antigos, nas notas a I, 2, 4; I, 66, 11; III, 2, 7; e III, 2, 11.

⁷ A expressão *latine loqui* (“falar latim”) podia significar “falar um latim franco”, “sem rodeios”, “sem papas na língua”. Veja-se, por exemplo, o que diz Cícero em sua sétima *Filípica* (VII, 6): *Quem gladiatorem non ita appellauit ut interdum etiam M. Antonius gladiator appellari solet, sed ut appellant ii qui plane et Latine loquuntur* (“A quem chamei de gladiador não como também M. Antônio é, por vezes, chamado de gladiador, mas como o chamam os que falam sem rodeios em latim”).

⁸ Os *ludi Florales* (o texto latino subentende o substantivo *ludi*) ou *Floralia*, os Jogos Florais, eram as festas realizadas entre 28 de abril e 3 de maio em homenagem à deusa Flora, protetora das flores e das plantas e também associada à fertilidade. Os jogos incluíam representações teatrais – os mimos – em que imperavam a obscenidade e a nudez (OCD: 601).

⁹ Segundo nos conta Valério Máximo (II, 10, 8), autor que viveu sob o governo de Tibério, o censor Marco Pórcio Catão – o Catão de Útica (95-46 a.C.), que era, entre os romanos, exemplo de austeridade e de devoção aos antigos princípios – teria entrado certa vez em um teatro em que se representavam mimos. Devido à sua presença, o mimo não se realizou, e ele, percebendo isso, se retirou, sendo aplaudido pelos espectadores.

¹⁰ Ou seja, viera ele com o objetivo mesmo de se retirar, para que pudesse demonstrar que não aprovava tais divertimentos? Marcial parece acusar aqueles que desejam sempre exibir seu moralismo restritivo, e, com a anedota sobre Catão, questiona indiretamente o próprio leitor: se este sabe bem o que vai encontrar, por que iniciar a leitura de algo que previamente já se dispõe a rejeitar?

¹¹ Notar o qualificativo que o autor dá a seus livrinhos de epigramas: *arguti*, ou seja, “engenhosos, espirituosos”, mas também “acres, picantes”.

¹² A invocação do leitor é um procedimento metalingüístico freqüente na obra de Marcial, conforme será visto no epigrama seguinte e em outros.

uiuenti decus atque sentienti,
rari post cineres habent poetae.

5

II

Qui tecum cupis esse meos ubicumque libellos
et comites longae quaeris habere uiae,
hos eme, quos artat breuibus membrana tabellis:
scrinia da magnis, me manus una capit.
Ne tamen ignores ubi sim uenalis et erres
urbe uagus tota, me duce certus eris:
libertum docti Lucensis quaere Secundum
limina post Pacis Palladiumque forum.

5

em vida e em plena consciência, uma glória
que raros poetas obtêm depois das cinzas.¹³

5

2

Você que deseja estar junto de meus livrinhos por onde quer que vá,
e por companheiros quer tê-los em uma longa viagem,
compre estes, que o pergaminho limita em breves páginas:
reserve os escrínios aos grandes, a mim¹⁴ uma só mão me comporta.¹⁵

Mas para que você não ignore onde estou à venda e erre
indeciso por toda a Urbe¹⁶, estará seguro se eu for teu guia:
o liberto do douto Lucense, Segundo¹⁷, procure
depois dos limites do Templo da Paz e do Fórum de Palas.¹⁸

5

¹³ Marcial não se cansa de exaltar sua popularidade e sucesso por todo o mundo conhecido (*toto orbe*, v. 2), o que faz em inúmeros epigramas seus, no decorrer de todos os quinze livros. Difícil é saber se este fato correspondia à realidade e se não havia uma certa dose de exagero nesses auto-elogios. Para a anotadora da tradução dos *Epigramas* de Marcial das Edições 70 (p. 50, n. 6), os poemas anteriores ao Livro I aos quais o poeta se refere como responsáveis por seu sucesso tanto podem ser aqueles contidos nas recolhas *Liber de Spectaculis* (publicado em 80 d.C.), *Xenia* e *Apophoreta* (que saíram entre 83 e 85), quanto outros epigramas que não foram publicados ou não chegaram até nós. Podem ser ainda os mesmos epigramas deste Livro I, publicados numa possível primeira edição de 84 ou 85.

¹⁴ Marcial se coloca metonimicamente no lugar de sua obra.

¹⁵ Ao contrário da maior parte dos livros da época, que eram confeccionados em formato de rolo (*uolumen*), este livro de Marcial fora produzido em formato de códice (*codex*), uma inovação que os próprios romanos haviam produzido, mas que só iria prevalecer sobre o *uolumen* a partir do século IV d.C. (*OCD*: 252; *CLS*: 238). Mais parecido com os livros de hoje, o códice era formado, em geral, com a encadernação de quatro ou cinco folhas de pergaminho (é o caso do de Marcial, cf. *membrana*, v. 3, um dos nomes que os romanos davam ao couro preparado para receber a escrita) ou, mais raramente, de papiro (*OCD*: 252). O poeta exalta as vantagens do códice em pergaminho: é mais fácil de carregar (vv. 1-2) – pois, podendo o pergaminho ser escrito dos dois lados (Oliveira: 220), o livro comportava maior quantidade de escrita em menos folhas, sendo, portanto, menor que o *uolumen* em papiro (vv. 3-4) – e dispensa o *scrinium* (v. 4), espécie de caixa ou cofre cilíndrico (*scrinium curuum*) em que se guardavam os escritos em formato de *uolumen* (*CLS*: 239; Oliveira: 215). Há ainda um dístico na recolha *Apophoreta* que se refere aos escrínios: *Apoph.*, 37). Vejam-se mais abaixo, nas notas a I, 66, 11; III, 2, 7 e III, 2, 11, mais informações sobre a confecção dos livros na época de Marcial.

¹⁶ Isto é, Roma.

¹⁷ É difícil saber ao certo quem era esse Lucense, que o poeta qualifica de *doctus*, “sábio”, “erudito”. Quanto a Segundo, seria um dos editores ou livreiros (*librarius*, *bibliopola*) de Marcial. Como se sabe, o autor não tinha, na Roma antiga, direitos autorais sobre suas obras: ele as vendia ao livreiro, que se encarregava de copiá-las e vendê-las, obtendo para si o lucro desse comércio (*CLS*: 240).

¹⁸ O Templo da Paz era uma extensa área (145 X 100m) cercada por pórticos e provida, além do templo propriamente dito, de diversas construções. Construído por Vespasiano em 75 d.C., era também conhecido como fórum da Paz (*forum Pacis*) ou fórum de Vespasiano (*forum Vespasiani*). Já com “fórum de Palas” (*Palladium forum*), Marcial se refere ao *Forum Transitorium* ou *Forum Neruae*, ao fundo do qual havia um templo consagrado a Palas/Minerva, deusa de quem Domiciano, construtor do fórum, era devoto. Atrás desses

III

Argiletanas mauis habitare tabernas,

cum tibi, parue liber, scrinia nostra uacent.

Nescis, heu, nescis dominae fastidia Romae:

crede mihi, nimium Martia turba sapit.

Maiores nusquam rhonchi: iuuenesque senesque

5

et pueri rhinocerotis habent.

Audieris cum grande sophos, dum basia iactas,

ibis ab excusso missus in astra sago.

Sed tu ne totiens domini patiare lituras

neue notet lusus tristis harundo tuos,

10

aetherias, lasciue, cupis uolitare per auras:

i, fuge; sed poteras tutior esse domi.

dois fóruns ficava o Argileto, o tradicional bairro dos livreiros em Roma (*OCD*: 1483 e 607). Veja-se ainda o mapa do Anexo I deste trabalho.

As lojas do Argileto²⁰ você prefere habitar,

embora para você, pequeno livro, vazias se ofereçam minhas prateleiras.²¹

Você não conhece, ah!, não conhece os desdêns da soberana Roma:

Creia em mim, exigente paladar tem a turba de Marte.²²

Em lugar nenhum há mais gozação: jovens, velhos

5

e crianças têm nariz de rinoceronte.²³

Quando você ouvir um grande bravo, enquanto atira beijos,

será manteado aos ares em um saio²⁴ estendido.

Mas você, para que não sofra tantas vezes as rasuras de teu senhor²⁵

nem a severa cana²⁶ censure as tuas gracinhas,

10

deseja, ambicioso, voitar pelos céus etéreos:

vá, fuja; mas poderia estar mais seguro em casa.²⁷

¹⁹ Serão traduzidos todos os epigramas em que Marcial se dirige a seu próprio livro ou a seus próprios poemas, numa espécie de conversa entre autor e obra, entre criador e criatura. É o caso deste epigrama e de muitos outros, como os de número 70 e 96 deste mesmo livro.

²⁰ Ver nota anterior.

²¹ O termo *scrinium*, que definimos mais acima como a caixa ou cofre em que se guardavam as obras escritas em rolos de papiro, também podia designar uma espécie de escrivaninha provida de escaninhos ou mesmo ser sinônimo de “biblioteca”.

²² Ou seja, os romanos, que, por descenderem de Rômulo, filho de Marte, se diziam descendentes desse deus. De acordo com Tito Lívio (*Ab Urbe Condita Libri*, I, 3-7), Réia Sílvia, filha do rei de Alba Longa, Númitor, fora entregue como virgem vestal por seu tio Amúlio, que depusera Númitor e que temia a descendência deste. Violada, porém, pelo deus Marte, ela teria gerado os gêmeos Rômulo e Remo, condenados pelo tio a serem atirados ao Tibre. Os gêmeos teriam sobrevivido e sido amamentados por uma loba, até serem encontrados pelo pastor Fáustulo e por sua esposa Larência, que os criaram. Mais tarde, eles recuperaram o trono, mas Rômulo matou o irmão e reinou soberano por quarenta anos.

²³ A expressão *habere nasum* significava, entre os romanos, “ter espírito crítico”: o nariz era, para eles, o órgão que representava o espírito crítico e o gosto exigente (*OLD*: 1157-1c). “Ter nariz de rinoceronte” significaria, portanto, ser muito exigente, em alusão metafórica ao grande chifre do animal.

²⁴ O saio (*sagum*), de origem céltica, era um manto de formato retangular utilizado pelos soldados nas campanhas militares. Diferentemente da pênula (*paenula*), que possuía capuz e era um manto fechado, o saio era aberto e preso ao corpo de maneira semelhante à da toga (*OCD*: 497).

²⁵ Ou seja, o autor. Marcial compara freqüentemente os autores dos livros a senhores (*domini*) e suas obras a escravos, procedimento que utiliza de maneira magistral em um de seus epigramas contra os plagiários (I, 52), que traduziremos mais abaixo.

²⁶ Isto é, o caniço ou cálamo de escrever (*arundo*) do autor.

²⁷ Marcial reclama da excessiva exigência do público leitor de Roma, o que parece não ter sido problema para ele, que se gaba, em outros epigramas, de fazer muito sucesso com seus livros.

IV

Contigeris nostros, Caesar, si forte libellos,
 terrarum dominum pone supercilium.
Consueuere iocos uestri quoque ferre triumphi,
 materiam dictis nec pudet esse ducem.
Qua Thymelen spectas derisoremque Latinum,
 illa fronte precor carmina legas.
Innocuos censura potest permittere lusus:
 lasciua est nobis pagina, uita proba.

5

V

Do tibi naumachiam, tu das epigrammata nobis:
 uis, puto, cum libro, Marce, natare tuo.

4

Se porventura os meus livrinhos, César²⁸, chegares a tocar,
a fronte severa de senhor do mundo deixa de lado.
Até mesmo teus²⁹ triunfos costumavam tolerar os gracejos,
e de ser tema de piadinhas não se envergonha o comandante.³⁰
É com o espírito com que assistes Tímele e o histrião Latino³¹
que peço que leias esses poemas.

5

A censura pode permitir brincadeiras inofensivas:
lasciva é minha página³², minha vida, honesta.³³

5³⁴

Eu te dou uma naumaquia, você, epigramas me dá:
quer, penso eu, Marco, com teu livro nadar.³⁵

²⁸ Domiciano, imperador à época da publicação deste *Liber I* de Marcial. Do conjunto da obra do epigramatista, não foram publicados durante o governo desse imperador (81 a setembro de 96 d.C.) apenas o *Liber de Spectaculis*, que veio à luz em 80 d.C., durante o governo de Tito; o Livro XI, publicado sob o governo de Nerva, em dezembro de 96 d.C.; a reedição do Livro X, publicada em meados de 98 e o Livro XII, em dezembro de 101, ambos sob o principado de Trajano. Embora o poeta não dedique explicitamente o *Liber I* ao imperador, não deixa de fazer a sua *captatio benevolentiae*, incluindo, entre os primeiros epigramas da obra, uma peça destinada a conquistar a simpatia do chefe máximo do Império.

²⁹ Note-se que o poeta usa aqui a forma possessiva da segunda pessoa do plural.

³⁰ Os generais vitoriosos que tinham obtido o direito de celebrar o triunfo – isto é, o cortejo triunfal que se dirigia até o templo de Júpiter, no Capitólio – eram, de acordo com uma antiga tradição, insultados por seus próprios soldados, através de canções ofensivas e muitas vezes obscenas que eles lhes dirigiam. Acreditava-se que tais canções, chamadas *carmina triumphalia*, tinham a função de espantar do triunfador os maus-olhados (*OCD*: 293); na prática, porém, elas eram apenas uma oportunidade para os soldados zombarem de seu comandante, como ocorreu com Júlio César, que ficou ofendido, segundo Suetônio, com as ofensas de caráter pessoal que seus comandados lhe dirigiram durante um de seus triunfos (*César*, 49). Marcial, ao mesmo tempo em que louva as vitórias militares de Domiciano – que celebrara um triunfo em 82-83 d.C., por ocasião de sua vitória sobre os Catos, na região do Reno (*OCD*: 491) –, pede que ele aceite seus gracejos como faz o general frente aos *carmina triumphalia*.

³¹ Tímele era uma dançarina, e Latino um famoso ator de mimos e informante de Domiciano (*OCD*: 982; vejamos ainda IX, 28 e Juvenal, *Sat.*, I, 35-36).

³² Ver nota 6 ao prefácio deste Livro I.

³³ O poeta quer deixar clara a diferença entre vida real do autor e ficção da obra, o que é compreensível se se pensar que Domiciano, embora apreciador de divertimentos licenciosos como os mimos, promovera uma austera reforma nos costumes romanos da época (*OCD*: 491).

³⁴ Este epigrama dialoga com o anterior; por isso, resolvemos traduzi-lo também, a fim de facilitar a percepção desse fenômeno dialógico.

³⁵ O epigrama parece sugerir a resposta do imperador à dedicatória feita a ele por Marcial no poema anterior. Nas entrelinhas repousa o louvor do poeta a Domiciano, a quem são oferecidos presentes – os epigramas – inferiores àqueles oferecidos pelo imperador – uma naumaquia. A resposta de César é jovial, brincando com o sentido de “naumaquia”, “batalha naval”: os epigramas do poeta eram dignos de serem atirados à água, juntamente com seu autor.

XVI

Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura
quae legis hic: aliter non fit, Auite, liber.

XXIX

Fama refert nostros te, Fidentine, libellos
non aliter populo quam recitare tuos.
Si mea uis dici, gratis tibi carmina mittam:
si dici tua uis, hoc eme, ne mea sint.

16

Há bons, há alguns razoáveis, há muitos ruins

dentre os epigramas que você lê aqui: não é de outra forma, Avito³⁶, que se faz um livro.³⁷

29³⁸

Corre o boato de que você, Fidentino³⁹, os meus epigramas⁴⁰

recita⁴¹ ao povo como teus⁴², sem alterações.

Se você quer que sejam ditos meus, te enviarei gratuitamente os poemas;

se quer que sejam ditos teus, compre-os, para que não sejam meus.⁴³

³⁶ Lúcio Estertínio Avito, poeta e amigo de Marcial; mais tarde, em 92 d.C., seria cônsul *suffectus*, isto é, exerceria a magistratura consular em substituição a um cônsul ausente ou falecido (*Ep-BL*²: 348). O poeta se dirige a ele ou o cita em outros epigramas (VI, 84; X, 96; X, 102; XII, 24 e XII, 75) e no prefácio ao Livro IX, através do qual ficamos sabendo que Avito colocara em sua biblioteca o retrato de Marcial, como forma de homenagear o amigo.

³⁷ Marcial parece se defender de possíveis críticos, alegando que é impossível todos os poemas de um livro serem bons. Demonstra, além disso, uma certa modéstia – seja ela verdadeira ou não – ao reconhecer a qualidade oscilante de suas produções (note-se, no primeiro verso, que o poeta diz haver *alguns* bons e *alguns* medianos, mas *muitos* ruins).

³⁸ Traduziu-se este poema por ser um dos treze epigramas em que Marcial ataca os plagiários; os outros são: I, 38; I, 52; I, 53; I, 63; I, 66; I, 72; II, 20; VII, 77; X, 100; X, 102; XI, 94 e XII, 63.

³⁹ Nome fictício, sob o qual Marcial ataca, em alguns de seus epigramas, o plagiador de sua obra (cf. I, 38; I, 53; I, 72). A exemplo do que ocorre com todos os tipos ou categorias sociais satirizados pelo epigramatista, o nome pode tanto ser o pseudônimo de um único plagiário quanto designar todo o conjunto ou classe dos plagiários. Talvez o nome seja irônico: *Fidentinus*, apesar de sua possível relação com o substantivo *fides* – que significa, entre outras coisas, “retidão”, “honestidade”, “probidade” –, nomeia o plagiário, cujas atitudes não são nem um pouco honestas.

⁴⁰ O original traz o substantivo *libellus*, mas achamos por bem traduzir por um objeto direto mais adequado ao verbo “recitar”, como “versos”, “poemas” ou, conforme optamos, “epigramas”.

⁴¹ Além da publicação pelo *librarius* ou *bibliopola*, os autores costumavam divulgar seus escritos através de recitações públicas (as *recitationes*), que podiam ocorrer em ambientes mais restritos, entre amigos e patronos; ou diante do povo (é o caso aqui; cf. *populo*), em edifícios públicos e nos diversos fóruns de Roma (Oliveira: 248ss.)

⁴² Aqui já se vislumbra o ato do plágio, embora não se utilize a palavra *plagium*: Fidentino recita os poemas de Marcial tal como são, sem alterações (*non aliter*), apropriando-se deles e apresentando-os como seus (*quam tuos*).

⁴³ Ou seja, “se você quer dizer que os meus epigramas são teus, então compre-os antes de eu publicá-los, e ninguém saberá que são meus, pois eu não revelarei sua real autoria”. Em outras palavras: “se você quer dizer que os meus epigramas são teus, compre meus poemas inéditos e o meu silêncio”. A interpretação deste poema é um pouco difícil, e, como lembra Izaac (*Ep-BL*¹: 24, n. 1), a apresentada acima só tem sentido se associada àquela do epigrama I, 66, que virá mais abaixo.

XXXV

Versus scribere me parum seueros
nec quos praelegat in schola magister,
Corneli, quereris: sed hi libelli,
tamquam coniugibus suis mariti,
non possunt sine mentula placere.

5

Quid si me iubeas thalassionem
uerbis dicere non thalassionis?
quis Floralia uestit et stolatum
permittit meretricibus pudorem?

Lex haec carminibus data est iocosis,
ne possint, nisi pruriant, iuuare.

10

Quare deposita seueritate
parcas lusibus et iocis rogamus,

De que eu escrevo versos pouco sérios,
os quais o professor não poderia, na escola, ensinar,⁴⁴
você se queixa, Cornélio⁴⁵; mas estes livrinhos,
tais quais os maridos às suas esposas,
não podem, sem um pinto, agradar.

5

Por que, se você me exige um epitalâmio,
não utilizar o vocabulário do tálamo?⁴⁶
Quem é que se veste para os Florais e às meretrizes
permite o pudor da estola?⁴⁷

Foi esta a lei imposta aos poemas jocosos:
não podem, a não ser que excitem, deleitar.⁴⁸

10

Portanto, peço que, abandonando essa severidade,
as minhas brincadeiras e gracejos você perdoe,

⁴⁴ Ao contrário das obras de Lívio Andronico, Nêvio, Ênio, Terêncio e Virgílio, os escritos de Marcial, por sua licenciosidade, jamais fariam parte do currículo das escolas romanas. Embora utilize o termo *magister*, mais adequado para designar o professor das primeiras letras, Marcial se refere provavelmente ao *grammaticus*, espécie de professor de ensino médio, responsável pelo ensino da poesia e de outros conteúdos (OCD: 509-510). De acordo com Quintiliano (*Institutio oratoria*, I, 4, 2), o *grammaticus* se incumbia também da *poetarum enarratio*, a “explicação dos poetas”: os textos eram examinados detidamente e decorados pelos alunos.

⁴⁵ O nome é provavelmente fictício, designando algum crítico específico do poeta, ocultado sob esse nome, ou os seus críticos de uma forma geral.

⁴⁶ Tentamos manter a repetição lexical existente no original, que emprega, no v. 6, o termo *thalassio* em sua acepção de “canto de himeneu”, “canto nupcial”, e, no v. 7, com o sentido de “casamento”, “himeneu”. Para isso, empregamos os vocábulos “epitalâmio” (“canto nupcial”) e “tálamo” (“leito nupcial”, mas, também, “núpcias”, “casamento”), formados com base na mesma raiz etimológica. Estamos cientes, porém, da ligeira diferença de significado que existe (OCD, 548) entre *thalassio* ou *hymenaeus* (as canções entoadas nas procissões que acompanhavam os recém-casados à sua casa) e *epithalamium* (cantos nupciais em sentido mais geral).

⁴⁷ A estola (*stola*), um vestido comprido, era o traje doméstico das matronas romanas (CLS: 195); quanto às prostitutas, eram obrigadas a usar a toga, como sinal de infâmia (Cuatrecasas: 100), razão pela qual o termo *togata* era sinônimo de *meretrix* ou *prostituta*. Sobre os Florais, ver o prefácio a este Livro I, nota 8.

⁴⁸ Marcial reivindica para si o direito de adequar sua linguagem e seu vocabulário ao tipo de poesia ligeira que desenvolve, diferente do gênero poético dos autores que são lidos nas escolas romanas (v. 2). Assim, não pode faltar um pênis (*mentula*) em seus versos (v. 5), da mesma forma que se devem utilizar os termos do campo semântico das núpcias para se produzir uma canção nupcial (vv. 6-7). É inadequado se vestir para os jogos Florais (ou seja, praticar uma poesia jovial e licenciosa) e permitir que as meretrizes (os versos licenciosos) utilizem a vestimenta própria das respeitáveis matronas (isto é, sejam expressos na linguagem dos gêneros poéticos mais graves, vv. 8-9).

nec castrare uelis meos libellos:
Gallo turpius est nihil Priapo.

15

XXXVIII

Quem recitas meus est, o Fidentine, libellus:
sed male cum recitas, incipit esse tuus.

XXXIX

Si quis erit raros inter numerandus amicos,
quales prisca fides famaue nouit anus,
si quis Cecropiae madidus Latiaque Mineruae
artibus et uera simplicitate bonus,
si quis erit recti custos, mirator honesti
et nihil arcano qui roget ore deos,
si quis erit magnae subnixus robore mentis:
dispeream si non hic Decianus erit.

5

e que não queira castrar os meus livrinhos:

nada é mais horrível que um Priapo Galo.⁴⁹

15

38⁵⁰

Os epigramas que você recita, ó Fidentino⁵¹, são meus;

mas quando os recita mal, passam a ser teus.⁵²

39⁵³

Se alguém houver que mereça ser contado entre os raros amigos,

como os que a antiga crença e a velha fama conheceram⁵⁴;

se alguém houver impregnado com as artes da Minerva cecrópia e latina⁵⁵

e bondoso em sua simplicidade verdadeira;

se alguém houver guardião da retidão, admirador da honestidade,

5

e que nada precise pedir em voz secreta aos deuses;

se alguém houver firmado no vigor de uma grande alma:

que eu caia morto, se esse não for Deciano⁵⁶.

⁴⁹ Priapo era um deus representado com enormes órgãos genitais e associado à sexualidade e à fertilidade. Também era tido como protetor dos jardins e hortas, nos quais era colocado para promover a fertilidade do local e espantar os ladrões e invejosos. De acordo com a mitologia, era filho de Dionísio com Afrodite (*DMG*: 264). Quanto aos *Galli*, eram os sacerdotes da deusa Cibele (divindade de origem frígia associada a Réia, a Grande Mãe dos deuses), que se castravam ritualmente (*OCD*: 569). Marcial compara seus livrinhos, se privados do vocabulário que lhes é próprio, a um Priapo eunuco.

⁵⁰ Ver n. a I, 29.

⁵¹ Ver primeira nota a I, 29, 1.

⁵² Marcial não se responsabiliza pelas recitações malfeitas e pelas leituras equivocadas de seus epigramas, capazes de alterá-los negativamente, de estragá-los.

⁵³ Este epigrama foi aqui traduzido em razão da possibilidade de haver entre ele e o próximo alguma relação, estabelecendo-se entre ambos uma espécie de diálogo (cf. n. a I, 5).

⁵⁴ Talvez Marcial esteja se referindo às grandes amizades da mitologia ou da história, que ele próprio lista depois em VII, 24: Orestes e Píades, Teseu e Piríto, Anfinomo e Anápio, Agamêmnon e Menelau, Cástor e Pólux.

⁵⁵ Isto é, repleto de cultura grega e latina (Minerva, associada à deusa grega Palas Atena, era a protetora das artes, além de presidir também a guerra). Marcial usa como sinônimo de “grego” o adjetivo *cecropsius*, que significa “ático”, “ateniense” e é derivado de *Cecrops*, um dos primeiros reis de Atenas (*OCD*: 305).

⁵⁶ Pouco se sabe desse amigo e patrono de Marcial, a quem este dedica o *Liber II*, mas se podem depreender dos próprios poemas de Marcial alguns dados sobre ele: seria filósofo estóico, advogado, erudito nas culturas grega e latina, e natural da cidade lusitana de Emérita Augusta, atualmente Mérida, no oeste da Espanha (ver epigramas I, 8; I, 24; I, 61; II, 5 e o prefácio ao Livro II). Assim como ocorria, na Roma imperial, com a maior parte dos escritores e artistas que não tinham muitas posses, Marcial era obrigado, para poder sobreviver e se dedicar ao seu trabalho intelectual, a buscar o apoio de patronos ou protetores (*OCD*: 1124-1125). Era, portanto, um *cliens* (cliente), termo com que os antigos romanos designavam as pessoas que se ligavam a um cidadão rico ou importante de quem recebiam proteção, presentes e até mesmo a refeição diária,

XL

Qui ducis uultus et non legis ista libenter,
omnibus inuideas, liuide, nemo tibi.

XLIV

Lasciuos leporum cursus lususque leonum
quod maior nobis charta minorque gerit
et bis idem facimus, nimium si, Stella, uidetur
hoc tibi, bis leporem tu quoque pone mihi.

XLV

Edita ne breuibus pereat mihi cura libellis,
dicatur potius Τὸν δ' ἀπαμειβόμενος.

em geral concedida por meio de um valor em dinheiro (a *sportula*). Em troca, os clientes tinham certas obrigações, muitas vezes penosas, a se acreditar nas queixas que se repetem por toda a obra de Marcial: saudar o patrono todas as manhãs, no átrio de sua casa (*salutatio*); acompanhá-lo até o local de suas funções diárias, abrindo passagem para a sua liteira; aplaudi-lo em seus discursos no fórum, vaiando seus adversários, etc. (*OCD*: 348).

40

Você que faz cara feia⁵⁷ e não lê estes versos de bom grado,
deve mesmo, invejoso, a todos invejar: a você, ninguém inveja.⁵⁸

44

Como as correrias alegres das lebres e os jogos dos leões
um papiro meu, maior, e um outro, menor, retratam,
faço, portanto, duas vezes a mesma coisa.⁵⁹ Se isso, Estela⁶⁰,
te parece excessivo, serve-me tu também a lebre duas vezes.⁶¹

45

Para que o meu empenho, editado em breves livrinhos, não se perca,
que se diga, de preferência, “tomando a palavra.”⁶²

⁵⁷ A expressão *ducere uultum/ uultus* significa “contrair o semblante, em sinal de fastídio ou enfado” (*LTL*⁴: 1046-Ia), “fazer cara feia, entediado”.

⁵⁸ O epigrama pode estar se referindo ao poema anterior. Marcial se dirige, assim, a alguém que se mostrou incomodado ou despeitado com os elogios tecidos a Deciano. Pode-se também, interpretando-se o poema de outra forma, considerar que ele se refere a todos os outros poemas do livro, dirigindo-se, portanto, a algum crítico da obra de Marcial.

⁵⁹ Marcial teria enviado ao amigo dois livrinhos de epigrama – um maior e um menor – em que celebrava as caçadas e os espetáculos com animais, no circo. Talvez o poeta se refira a exemplares de seu *Liber de Spectaculis*, publicado em 80 d.C., ou a parte dos epigramas deste, recolhidos em um livro especialmente para o amigo. Talvez se refira ainda a poemas que não chegaram até nós.

⁶⁰ Cônsul *suffectus* (sobre esse cargo, ver primeira nota a I, 16, 2) em 101 ou 102 d.C., foi patrono de Marcial e de Estácio. Era também poeta e escrevia elegias amorosas, além de poemas imitando Catulo (*OCD*: 176-177). Marcial lhe dirige muitos epigramas, além de citá-lo copiosamente em vários outros (cf. I, 7; I, 44; I, 61; IV, 6; V, 11; VI, 21; VII, 36; IX, 42; etc.).

⁶¹ O poeta pede a Estela – a quem ele servira a lebre duas vezes (isto é, lhe enviara dois livros que celebravam as atrações do circo em que se utilizavam lebres) – que lhe sirva também a lebre duas vezes, isto é, que o convide duas vezes para jantar.

⁶² Parece ser uma crítica do poeta aos livros extensos demais, ao contrário dos seus, que são pequenos (*breuibis libellis*, v. 1). Com a expressão *τὸν δ' ἀπαμειβόμενος*, que se repete inúmeras vezes em Homero (por exemplo, na *Iliada*, X, 382, na *Odisséia*, XII, 384, etc.) e significa “Respondendo-lhe”, “Tomando a palavra por sua vez”, Marcial sugere que o leitor ou comprador de seus livros pode, se achar que estes são muito curtos, torná-los mais longos por meio de repetições. Essa é a interpretação de Izaac (*Ep-BL*¹: 29, n. 1); Cristina de Souza Pimentel (*Ep.-E70*: 67) propõe outro sentido, vinculado ao epigrama anterior: Marcial estaria tentando justificar a repetição de seus temas, dizendo-se disposto a repeti-los continuamente para que nenhum de seus trabalhos se perca. Aachamos mais coerente a primeira interpretação.

LII

Commendo tibi, Quintiane, nostros –
nostros dicere si tamen libellos
possum, quos recitat tuus poeta –:
si de seruitio graui queruntur,
adsertor uenias satisque praestes,
et, cum se dominum uocabit ille,
dicas esse meos manuque missos.
Hoc si terque quaterque clamitaris,
inpones plagiaro pudorem.

5

Confio a você, Quinciano⁶⁴, os meus epigramas –
 se é que meus posso chamar os epigramas
 que o teu poeta recita⁶⁵ –:
 se de penosa servidão se queixam,
 seja sua testemunha de liberdade⁶⁶ e os afiance no que precisarem,
 e, quando aquele se intitular seu senhor,
 diga que são meus, e que foram alforriados.
 Se três e quatro vezes você gritar isso repetidamente,
 causará vergonha ao plagiário⁶⁷.

5

⁶³ Ver n. a I, 29.

⁶⁴ Provavelmente um amigo de Marcial, a quem este se dirige também em V, 18.

⁶⁵ Talvez algum poeta amigo de Quinciano.

⁶⁶ O termo *adsertor* ou *assertor* é do vocabulário jurídico: designava o indivíduo que garantia que um escravo tinha sido libertado por seu senhor, ou seja, era uma espécie de testemunha de liberdade (*OLD*: 187-1).

⁶⁷ Em latim, *plagiarius*, o agente do *plagium*, isto é, o que rouba o escravo alheio ou reduz um homem livre à escravidão (*DLS*: 1383). É com a obra de Marcial que o termo vai se revestir de sua acepção de “furto intelectual”. Marcial, neste epigrama, compara seus livros a escravos, brincando com os dois sentidos que o termo *plagiarius* possui (“ladrão de escravos” e “ladrão de idéias/palavras”). O sentido do poema é o seguinte: ao entregar seus epigramas para publicação, é como se Marcial os tivesse alforriado, libertando-os para o mundo (a expressão *manu mittere*, do v. 7, significava, no vocabulário do direito romano antigo, “libertar, dar alforria a um escravo”, cf. *OLD*: 1077-17b e 1075). O plagiário, um poeta amigo de Quinciano, quer se apropriar deles, e, ao se apresentar como seu autor, é como se os estivesse reduzindo novamente à servidão (*gravi servitio*, v. 4. É importante frisar que o *plagium* era não somente o roubo de escravo alheio, mas também o ato de reduzir um cidadão livre à escravidão). Veja-se que, no v. 6, apresenta-se a intenção do plagiário, referido como *ille* (“ele”, “aquele”, pronome que pode se revestir de um caráter pejorativo), de se intitular *dominus* – outro termo jurídico que designa o proprietário, o senhor do escravo – dos poemas/escravos. Para evitar o furto, Marcial pede a seu patrono e amigo Quinciano que seja testemunha quanto à liberdade de seus escravos/poemas, e, comprovada essa liberdade, que seja para eles o fiador ou protetor (*satis praestes*, v. 5, cf. *OLD*: 1443-14a). Assim, o poeta satírico está pedindo ao seu amigo Quinciano – que também é amigo do plagiário e, portanto, tem acesso a ele – que testemunhe que seus poemas foram libertados, atribuindo-os a seu verdadeiro autor (que os libertou, *manu missos*) e evitando que sejam plagiados. Por fim, vale a observação de Cristina S. Pimentel (*Ep-E70*¹: 71, n. 126) relativa a *meos* (“meus”), do v. 7: mesmo tendo libertado seus poemas/escravos, Marcial os chama de seus (*meos*), como se ainda lhe pertencessem. O poeta estaria se referindo aos laços afetivos ou mesmo sociais que continuavam a ligar, na Roma antiga, os escravos libertos aos seus antigos senhores.

LIII

Vna est in nostris tua, Fidentine, libellis
pagina, sed certa domini signata figura,
quae tua traducit manifesto carmina furto.

Sic interpositus uillo contaminat uncto
urbica Lingonicus Tyrianthina bardocucullus,
sic Arrentinae uiolant crystallina testae,
sic niger in ripis errat cum forte Caystri,
inter Ledaeos ridetur coruus olores,
sic ubi multisona feruet sacer Atthide lucus,

5

Uma única coluna⁶⁹ tua, Fidentino⁷⁰, há em meus
 livrinhos, mas selada com a imagem explícita do proprietário⁷¹,
 que mostra os teus poemas em furto evidente⁷².
 Assim, misturado às purpúreas vestes urbanas⁷³,
 o gabão lingônico os contamina com seu pêlo gorduroso⁷⁴;
 assim os vasos de barro arretinos⁷⁵ maculam os de cristal;
 o negro corvo, quando erra, por acaso, nas margens do Caistro⁷⁶,
 é motivo de zombaria entre os cisnes de Leda⁷⁷;
 e, quando se agita o sagrado bosque com a ruidosa Átis,

5

⁶⁸ Ver n. a I, 29.

⁶⁹ Ver nota 6 ao prefácio deste Livro I.

⁷⁰ Ver primeira nota a I, 29, 1.

⁷¹ Ou seja, a coluna de autoria do plagiário destoa de tal forma do restante do conjunto que é como se a mesma estivesse “assinada” com o retrato de seu verdadeiro autor. Na Roma antiga, não havia assinatura tal como a conhecemos hoje: os documentos recebiam uma marca ou selo feitos com um sinete (geralmente engastado num anel ou nas contas de um colar) que trazia uma figura escolhida por cada cidadão e que se tornava sua marca distintiva. Alguns usavam a figura da divindade favorita, de animais, seres mitológicas e, mais tarde, até o próprio retrato. Os sinetes eram feitos de pedra, vidro, metal, marfim ou outros materiais, e as marcas eram impressas em argila, cera ou chumbo (*OCD*: 1376).

⁷² O plagiário apresentou como seu todo o livro de Marcial, mas nele inseriu também uma coluna com poemas próprios. Teve-se, como resultado disso, a falta de homogeneidade do livro, causada pela diferença de qualidade entre os poemas de Marcial e os do plagiário, o que denuncia o furto realizado. Note-se que o poeta utiliza aqui, para qualificar a ação do plagiário, a palavra *furtum* (“furto”, “roubo”), que encontra eco no último verso do epigrama, que traz *fur* (“ladrão”).

⁷³ Marcial designa com o termo *Tyrianthina*, que se deve a Tiro (*Tyros*), na Fenícia (atual Es-Sur, no Líbano), as vestes tingidas ou enfeitadas de púrpura, corante vermelho escuro extraído do molusco múrex e produzido sobretudo naquela cidade fenícia (*OCD*: 1280). De fato, as vestes assim tingidas eram mais comuns nas cidades (cf. *urbica*, v. 5): eram usadas por certos magistrados e pelas crianças nobres que ainda não haviam atingido a maioridade – a *toga praetexta* –, e pelo general triunfador – *trabea triumphalis* ou *toga picta* – (*OCD*: 1533).

⁷⁴ O *bardocucullus* era uma espécie de manto ou capote de pano grosso e provido de capuz, usado pelos língones (*OLD*: 226), povo que habitava o norte da Gália Transalpina, província romana que corresponderia às atuais França e Bélgica, aproximadamente (*GAW*: 262). O pêlo gorduroso (*uillo uncto*) se deve ao fato de esses mantos serem feitos, talvez, com pele animal, ou, ainda, a algum processo de impermeabilização artificial dos mesmos. Marcial inicia uma série de quatro comparações que reforçam e amplificam a diferença qualitativa entre os seus epigramas e os do plagiário. Nesses vv. 4-5, o epigramatista compara seus poemas aos mantos de púrpura da cidade, e associa os do plagiário aos grosseiros gabões gauleses.

⁷⁵ A cidade de Arrécio, na Etrúria (hoje Arezzo, na Toscana) era famosa por sua abundante produção de peças de cerâmica (*GAW*: 68; cf. ainda *Apoph.*, 98).

⁷⁶ Rio famoso por seus cisnes, ficava na Lídia, região do oeste da Ásia Menor (na atual Turquia), na costa do mar Egeu. Hoje é chamado Küçük Menderes (*GAW*: 365).

⁷⁷ De acordo com o mito, Zeus se transformou em um cisne para seduzir Leda, esposa de Tíndaro, rei de Esparta. A rainha pôs, então, dois ovos: de um nasceram Pólux e Clitemnestra; do outro, Cástor e Helena. Somente Pólux e Helena, porém, eram filhos de Zeus; Cástor e Clitemnestra haviam sido gerados por Tíndaro (*DMG*: 200).

inproba Cecropias offendit pica querelas.
Indice non opus est nostris nec iudice libris,
stat contra dicitque tibi tua pagina “Fur es.”

10

LXIII

Vt recitem tibi nostra rogas epigrammata. Nolo:
non audire, Celer, sed recitare cupis.

LXVI

Erras, meorum fur auare librorum,
fieri poetam posse qui putas tanti,
scriptura quanti constet et tomus uilis:
non sex paratur aut decem sophos nummis.
Secreta quaere carmina et rudes curas
quas nouit unus scrinioque signatas

5

a atrevida pega⁷⁸ atrapalha os cecrópios queixumes⁷⁹.

10

Testemunha de acusação não é necessário aos meus livros, nem juiz⁸⁰:
está contra você a tua própria página⁸¹, e te diz: “Você é um ladrão”.

63⁸²

Você pede que eu te recite meus epigramas. Recuso-me:
não quer ouvi-los, Céler, mas recitá-los⁸³.

66⁸⁴

Engana-se, ávido ladrão⁸⁵ dos meus livros,
que pensa poder tornar-se poeta pelo preço
que custa a escrita⁸⁶ e um rolo barato:
não se obtém o aplauso por seis ou dez sestércios⁸⁷.

Procure poemas inéditos e livros inacabados
que só uma pessoa conhece, guardados no escrínio⁸⁸;

5

⁷⁸ Segundo Plínio, o Velho (NH, X, 118), a *pica* era uma espécie de pássaro que conseguia imitar a voz humana.

⁷⁹ A “ruidosa Átis” (*multisona Atthis*) corresponde a Filomela, que fora, de acordo com o mito, transformada em uma ave. O nome “Átis” (*Atthis*), que quer dizer “ateniense”, “ático”, se explica pelo fato de ter sido ela filha de Pandíon, rei de Atenas. “Cecrópios” também se refere aos atenienses (ver n. a I, 39, 3). O rei da Trácia, Tereu, marido de Procne, estuprou a irmã desta, Filomela, e cortou a língua da jovem para que não contasse nada à esposa. Filomela, porém, bordou num tecido uma cena representando o ocorrido, e Procne, enraivecida, matou o filho que tinha com Tereu, Ítis, e serviu-lhe como refeição. Ao saber disso, Tereu perseguiu as duas irmãs para se vingar, mas os deuses salvaram-nas, transformando-as em aves (*Met.*, VI, 412-674).

⁸⁰ Marcial apresenta seu livro como vítima e o plagiário como réu; a este não é necessário nem testemunha de acusação (*index*) nem juiz (*iudex*), já que a própria coluna indevidamente inserida depõe contra ele.

⁸¹ Aqui mais no sentido de “obra”, “livro” (ver nota 6 ao prefácio do Livro I).

⁸² Ver n. a I, 29.

⁸³ Ou seja, Céler (outro nome fictício de plagiário) quer que Marcial lhe recite seus poemas para, possivelmente, decorá-los e recitá-los, mais tarde, como se fossem seus. Note-se o jogo de palavras baseado na oposição entre *audire* (“ouvir”) e *recitare* (“recitar”).

⁸⁴ Ver n. a I, 29.

⁸⁵ Mais uma vez Marcial utiliza o termo *fur* para designar o plagiário, como em I, 53, 12.

⁸⁶ O poeta refere-se ao trabalho dos copistas (*scriptura*), que realizavam as cópias a partir do original do autor. Os copistas podiam ser tanto os próprios editores ou livreiros como pessoas contratadas por eles (Oliveira: 229ss.). O próprio termo *librarius* servia para designar tanto o editor como o copista (*OLD*: 1027-1 e 2).

⁸⁷ Marcial ataca o plagiário dizendo que não bastam os meios materiais para se escrever um livro: é preciso talento.

⁸⁸ A escrivaninha ou as estantes do autor (ver n. a I, 3, 2).

custodit ipse uirginis pater chartae,
quae trita duro non inhorruit mento:
mutare dominum non potest liber notus.
Sed pumicata fronte si quis est nondum
nec umbilicis cultus atque membrana,
mercari: tales habeo; nec sciet quisquam.
Aliena quisquis recitat et petit famam,
non emere librum, sed silentium debet.

10

LXX

Vade salutatum pro me, liber: ire iuberis
ad Proculi nitidos, officiose, lares.
Quaeris iter, dicam. Vicinum Castora canae

guarda-os o próprio pai⁸⁹ do papiro virgem,
que não se enrugou, gasto por um queixo áspero⁹⁰:
o livro conhecido não pode mudar de dono⁹¹.

Mas se há algum de extremidades ainda não polidas com pedra-pomes 10
nem ornado com cilindros e com capa de pergaminho⁹²,
compre-o: desses eu possuo; e ninguém o saberá.
Todo aquele que recita poemas alheios e busca a fama
não deve comprar um livro, mas o silêncio⁹³.

70⁹⁴

Vá, livro, fazer a saudação em meu lugar: ordeno-te que vá,
obediente, ao magnífico lar de Próculo.⁹⁵
Você quer saber o caminho, direi. Pelo Templo de Cástor⁹⁶, vizinho

⁸⁹ Isto é, o autor.

⁹⁰ Para se enrolar novamente o livro, depois de lido, prendia-se sob o queixo a extremidade inicial do rolo de papiro. Dessa forma, os livros que eram muito lidos acabavam por se gastar na extremidade inicial da folha, devido ao contacto com o queixo (*Ep-E70*^l: 76, n. 161).

⁹¹ Nos versos 5-9, o poeta quer dar a entender ao plagiário que a única forma de apresentar como sua a obra de alguém, sem que ninguém perceba o furto, é adquirir livros ou poemas que ainda não foram publicados, que se encontram ainda fechados no escrínio de seu autor, e que, portanto, só este conhece (*nouit unus*). São livros cujo papiro ainda é praticamente virgem, não foi gasto pelo contacto dos queixos de seus leitores. O livro que todos conhecem – é o caso dos de Marcial, que, segundo ele próprio, eram bastante conhecidos em todo o Império Romano – não pode ser plagiado sem que se perceba o furto. Notar que o autor utiliza o termo *dominus* (“senhor de escravos”), comparando, mais uma vez, seus livros a escravos.

⁹² O poeta refere-se aos rascunhos, aos livros que ainda não passaram por nenhum processo de acabamento. Depois que se terminava de escrever ou copiar um livro em formato de rolo (*uolumen*), este passava por alguns processos antes de ser vendido. As duas extremidades do rolo (*frontes*) eram polidas com um pedaço de pedra-pomes (*pumex*, cf. *pumicata*, v. 10), a fim de retirar as rebarbas e as irregularidades da folha de papiro. Além disso, os *uolumina* eram, geralmente, providos de um cilindro (*umbilicus*, cf. *umbilicis*, v. 11) de madeira, marfim ou outro material, no qual eram enroladas as diversas folhas de papiro, coladas umas após as outras. O cilindro era fixado no final do papiro, de modo que, à medida que se lia, ia se desenrolando o papiro a partir do início do rolo. Para se enrolar novamente o livro, prendia-se sob o queixo a ponta inicial do papiro e se enrolava a partir do final do livro, com o auxílio do cilindro. Havia livros, no entanto, com um cilindro também no início do rolo, mas tanto o do início como o do final podiam não ser exatamente colados à folha, permanecendo soltos e podendo ser retirados e colocados à vontade. Os livros mais luxuosos podiam receber ainda uma capa protetora, a *membrana* (cf. v. 11) ou *paenula*, que era feita de pergaminho e pintada de cor púrpura (Oliveira: 46-47 e 221-222; *CLS*: 238-239). Vejam-se abaixo, nas notas a III, 2, 7 e III, 2, 11, mais informações sobre a confecção de livros na época de Marcial.

⁹³ Cf. I, 29. Para não ser descoberto, não basta ao plagiário comprar um livro: precisa também comprar o silêncio de seu verdadeiro autor.

⁹⁴ Ver n. a I, 3.

⁹⁵ Gaio Júlio Próculo, também citado em XI, 36; era amigo ou patrono de Marcial (*Ep-BL*²: 325).

⁹⁶ O templo dos gêmeos Dióscuros (Cástor e Pólux) ficava no *Forum Romanum*, ao lado da fonte de Juturna (veja-se o mapa do Anexo I deste trabalho), e fora construído em 484 a.C. (*OCD*: 301-302). Na mitologia,

transibis Vestae uirgineamque domum;
inde sacro ueneranda petes Palatia cliuo, 5
plurima qua summi fulget imago ducis.
Nec te detineat miri radiata colossi
quae Rhodium moles uincere gaudet opus.
Flecte uias hac qua madidi sunt tecta Lyaei
et Cybeles picto stat Corybante tholus. 10
Protinus a laeua clari tibi fronte Penates
atriaue excelsae sunt adeunda domus.
Hanc pete: ne metuas fastus limenque superbum:

Cástor, por ser filho de pai mortal, não tinha a imortalidade, como seu irmão, filho de Zeus, mas Pólux aceitou dividir com ele sua condição de imortal. Os Dióscuros se caracterizavam por socorrer as pessoas em momentos de crise ou dificuldade (*OCD*: 484). Veja-se ainda a n. a I, 53, 8.

da Vesta antiga, passará, e pela virginal morada;⁹⁷
dali, se dirigirá, pela sagrada encosta, ao venerando Palatino,⁹⁸ 5
onde brilham numerosas estátuas do supremo chefe.⁹⁹
Não te detenha a mole radiante do admirável colosso,
que de superar a obra de Rodes se orgulha.¹⁰⁰
Mude de sentido no ponto em que estão as moradas do embriagado Lieu
e em que se ergue, com um coribante pintado, a abóbada de Cibele.¹⁰¹ 10
Logo à esquerda você terá os penates¹⁰², com sua brilhante fachada,
e dos átrios da excelsa morada deve se aproximar.
Dirija-se a ela; não tema o luxo e um limiar soberbo:

⁹⁷ O Templo de Vesta, irmã de Juno e de Ceres e deusa do fogo, ficava próxima do de Cástor e Pólux e possuía um formato circular (OCD: 1591). O uso do adjetivo *cana* (“antiga”) se deve provavelmente à antigüidade do culto dessa deusa, que teria sido introduzido pelos reis Rômulo ou Numa Pompílio (cf. *En.*, I, 292, em que aparece a expressão *cana Fides et Vesta*). Ao lado do Templo de Vesta ficava o Átrio de Vesta (*Atrium Vestae*), onde moravam as virgens vestais (cf. *virginea domus*, v. 4), sacerdotisas encarregadas de manter aceso o fogo sagrado da deusa; se ele se apagasse, os romanos acreditavam que Roma correria perigo (OCD: 1591 e 210-211). Note-se que, na maior parte das vezes, Marcial dá as indicações topográficas tendo como ponto de partida o *Forum Romanum*, centro político, religioso e econômico de Roma.

⁹⁸ A principal das sete colinas de Roma, onde ficava o palácio do imperador, templos e outras construções públicas, bem como numerosos palacetes de personalidades importantes da República e do Império (OCD: 1099). A “sagrada encosta” (*sacrus cliuus*, v. 5) é provavelmente um braço da Via Sacra (*Ep-BL*¹: 245, n. 4 à p. 37), avenida que ia do *Forum Romanum* até o Coliseu (OCD: 1595). Essa ramificação dava acesso à colina do Palatino.

⁹⁹ A Via Sacra era adornada, em suas margens, com numerosas estátuas de Domiciano (*imago summi ducis*). Suetônio nos conta que esse imperador ergueu tantas estátuas e arcos de triunfo que, num deles, alguém escreveu “Basta!” (*Dom.*, 13).

¹⁰⁰ O colosso a que se refere aqui é a gigantesca estátua representando o imperador Nero, que este mandara erguer na Via Sacra, à entrada da sua *Domus Aurea* (veja mapa do Anexo I). Mais tarde, quando da construção do Anfiteatro Flávio, por Vespasiano, no local onde fora o lago da Casa Dourada de Nero, ao lado do colosso, este tivera sua cabeça substituída por uma do deus Sol. A denominação “Coliseu” (*Colosseum*), com que ficou conhecido o Anfiteatro Flávio, se deve a essa estátua colossal (OCD: 365-366). Segundo Marcial, a estátua supera o Colosso de Rodes (*Rhodium opus*), uma das sete maravilhas do mundo antigo, erigido em 305 a.C. numa colina próxima de um dos portos da cidade de Rodes, na ilha do mesmo nome. À época do poeta, essa estátua, construída em bronze e com 33m de altura, já não existia, pois ruína num terremoto em 228 ou 226 a.C. (OCD: 318, vocábulo “Chares 4”).

¹⁰¹ Havia no monte Palatino um templo dedicado à deusa Cibele (ver mapa), cujos sacerdotes eram também chamados Coribantes (OCD: 416 e 403; e n. a I, 35, 15), daí o fato de haver a figura de um deles pintada na abóbada do templo da deusa. Nas cerimônias em homenagem a Cibele, os coribantes dançavam desvairadamente e soltavam gritos estridentes para representar o sofrimento da deusa pela morte de seu jovem amante Átis (OCD: 416). De acordo com Marcial (v. 9), havia também, perto do templo de Cibele, um outro dedicado a Baco ou Dionísio (também chamado Lieu), deus do vinho, daí o adjetivo “embriagado” (*madidus*). Segundo Izaac, porém, ignora-se onde ficava exatamente o templo do deus (*Ep-BL*¹: 245, n. 6 à p. 37).

¹⁰² Os Penates eram divindades domésticas, protetoras do lar (OCD: 1135). De acordo com Virgílio (*Eneida*), teriam sido trazidos de Tróia por Enéias. Marcial, no entanto, usa o termo em sua acepção de “lar”, “morada”, no caso, a morada de Júlio Próculo, que ficava no Palatino.

nulla magis toto ianua poste patet,
nec propior quam Phoebus amet doctaeque sorores.

15

Si dicet “Quare non tamen ipse uenit?”,
sic licet excuses “Quia qualiacumque leguntur
ista, saluator scribere non potuit.”

LXXII

Nostris uersibus esse te poetam,
Fidentine, putas cupisque credi?
Sic dentata sibi uidetur Aegle
emptis ossibus Indicoque cornu;
sic quae nigrior est cadente moro,
cerussata sibi placet Lycoris.
Hac et tu ratione qua poeta es,
caluus cum fueris, eris comatus.

5

nenhuma porta se mostra mais aberta do que todo esse umbral¹⁰³,
nem é amada com mais intimidade por Febo e suas doutas irmãs.¹⁰⁴ 15

Se disser: “Por que, contudo, ele não vem em pessoa?”,
assim te autorizo a me desculpar: “Porque, seja qual for a qualidade
do que se lê aqui, um cliente não poderia escrevê-lo.”¹⁰⁵

72¹⁰⁶

Que você é, graças a meus versos, um poeta,
julga e quer que acreditem, Fidentino¹⁰⁷?
Assim Egle julga ter dentes,
depois de ter comprado ossos e presas da Índia¹⁰⁸;
assim a que é mais negra que uma amora madura, 5
Licóris, parece bela a si própria, branqueada de alvaiade¹⁰⁹.
Pela mesma razão pela qual você é poeta,
você será cabeludo quando for calvo¹¹⁰.

¹⁰³ “Umbral”: o mesmo que vestíbulo, limiar, alpendre.

¹⁰⁴ Certamente porque Prócuro era patrono de poetas, ou porque ele próprio escrevia poemas. Febo ou Apolo, como se sabe, era filho de Zeus e Leto e protetor da poesia e da música. Eram suas irmãs as Musas, as nove filhas de Zeus e Mnemosine, também elas protetoras da poesia e de outras artes: Calíope (protetora da poesia épica), Clio (história), Euterpe (flauta), Terpsícore (poesia lírica e dança), Érato (também poesia lírica), Melpômene (tragédia), Talia (comédia), Polímnia (hinos e pantomima), Urânia (astronomia); cf. *OCD*: 122 e 1022.

¹⁰⁵ As queixas de Marcial quanto às pesadas obrigações a que estava sujeito como cliente (*salutator*, v. 18; ver n. a I, 39, 8) permeiam toda a sua obra, culminando com a volta do poeta para sua terra natal, desgostoso das agruras da vida na Urbe. Frequentes são também os epigramas que criticam patronos ingratos, aqueles que foram louvados pelo poeta, mas que não o recompensaram por isso. A principal reclamação de Marcial é que, com todos os deveres de cliente, não sobrava tempo para praticar sua poesia.

¹⁰⁶ Ver n. a I, 29.

¹⁰⁷ Ver n. a I, 29, 1.

¹⁰⁸ Os dentes postiços eram feitos de marfim ou de dentes e ossos de outros animais, e serviam, em geral, apenas para fins estéticos, pois tinham de ser retirados antes das refeições (*OCD*: 459). Era sobretudo da Índia (cf. *Indico*) que vinham os elefantes e os produtos dele retirados (*OCD*: 754). Quanto a Egle, é o nome fictício de alguma desdentada.

¹⁰⁹ Na Grécia e em Roma, as mulheres costumavam clarear as faces com um creme à base de alvaiade (*cerussa*, cf. *cerussata*, v. 6), pigmento branco composto de carbonato de chumbo (*OCD*: 404). Quanto a Licóris, é um nome fictício comum nos epigramas de Marcial.

¹¹⁰ Isto é, você é poeta através de expedientes externos, alheios a ti (plágio), assim como será cabeludo (pelo uso de perucas) quando não tiver mais cabelo. Muitos eram os romanos, tanto homens como mulheres, que se serviam de cabeleiras postiças; as morenas, sobretudo, costumavam usar perucas loiras importadas da Germânia, uma vez que os cabelos louros eram, em Roma, tidos como elegantes (*OCD*: 404). Note-se que Marcial faz outras analogias, nos versos anteriores, para desqualificar o plagiário: compara-o ao desdentado que se utiliza de dentes postiços (vv. 3-4) e à mulher negra que quer parecer bela através de maquiagem (vv. 5-6).

XCI

Cum tua non edas, carpis mea carmina, Laeli.

Carpere uel noli nostra uel ede tua.

XCVI

Si non molestum est teque non piget, scazon,

nostro rogamus pauca uerba Materno

dicas in aurem sic ut audiat solus.

Amator ille tristium lacernarum

et baeticatus atque leucophaeatus,

qui coccinatos non putat uiros esse

amethystinasque mulierum uocat uestes,

natiua laudet, habeat et licet semper

fuscis colores, galbinos habet mores.

5

Embora você não publique os teus poemas, critica os meus, Lélío.

Ou pare de criticar os meus ou publique os teus!¹¹²

Se não te é incômodo e se não te custa muito, escazonte,¹¹⁴

peço que algumas palavras ao nosso Materno¹¹⁵

você diga ao ouvido, de maneira que somente ele ouça:¹¹⁶

aquele sujeito ali, amante de mantos¹¹⁷ negros,

vestido de lã da Bética¹¹⁸ e de cinza escuro,

5

que crê não serem homens de verdade os que se vestem de escarlate¹¹⁹

e que chama de roupas de mulher as de cor de ametista¹²⁰,

ainda que louve as cores naturais e use sempre

cores sombrias, tem costumes verde-claros.¹²¹

¹¹¹ Procuramos traduzir todos os epigramas em que Marcial ataca os críticos de sua poesia e os poetas medíocres.

¹¹² Lélío é provavelmente o falso nome de algum poeta que costumava criticar os poemas alheios (os do próprio Marcial, certamente) e que temia publicar os seus, isto é, temia expô-los à crítica.

¹¹³ Ver n. a I, 3.

¹¹⁴ Aqui o poeta se dirige ao seu próprio verso, que representa metonimicamente o livro todo. O colímbio ou trímetro jâmbico escazonte era o verso típico da sátira e do epigrama (Boldrini: 124-125). Fora empregado precedentemente por Catulo (no poema VIII, por exemplo) e foi o terceiro metro mais utilizado por Marcial (Dezotti: 81). Vejam-se ainda VII, 26, 1 e 10, mais adiante.

¹¹⁵ Talvez seja o mesmo Materno de X, 37, jurisconsulto e compatriota de Marcial (ver ainda II, 74).

¹¹⁶ Aqui Marcial revela com clareza uma técnica que é comum em seus epigramas: a de se dirigir a alguém (um amigo, protetor ou outra pessoa qualquer) e dizer algo sobre um terceiro, geralmente um comentário maldoso, como se estivesse cochichando, fazendo uma fofoca. Note-se que o poeta especifica a forma como o livrinho deve falar a Materno: em seu ouvido (*in aurem*), para que apenas ele ouça (*ut audiat solus*), e não declamados, lidos em voz alta, como era costume (ver primeira nota a I, 29, 2).

¹¹⁷ A *lacerna* era um manto aberto, espécie de sobretudo. Usado inicialmente pelos soldados em campanha, tornou-se depois uma veste usada por qualquer um, caracterizada por suas cores berrantes (CLS: 195).

¹¹⁸ Várias regiões da Península Ibérica, como a Bética (*Baetica* ou *Hispania Ulterior*), província romana que compreendia o sul da atual Espanha, eram famosas por sua produção de lã (OCD: 1626).

¹¹⁹ O original traz o adjetivo *coccinatus*, “vestido de escarlate”, derivado do substantivo *coccum*, que designava um inseto (*Dactylopius coccus*) parasita dos carvalhos. A fêmea desse pulgão formava sobre as folhas uma excrescência de que se extraía um corante vermelho vivo (CLS: 85). O processo é usado ainda hoje, e o inseto é conhecido vulgarmente como cochonilha-do-carmim.

¹²⁰ Isto é, roxa.

¹²¹ Era a cor preferida pelas prostitutas e pelos efeminados (*Ep-E70*¹: 87, n. 226). Embora o sujeito use, nas vestes, as cores escuras e austeras (*tristium lacernarum*, v. 4; *baeticatus atque leucophaetatus*, v. 5; *natiua*, v. 8; *fuscos colores*, v. 9) e condene as cores vivas (*coccinatos*, v. 6; *amethystinas*, v. 7), possui costumes verde-claros, isto é, efeminados (*galbinos mores*). Em outras palavras, mantém uma aparência de austeridade, que, na essência, não possui.

Rogabit unde suspicer uirum mollem.

10

Vna lauamur: aspicit nihil sursum,

sed spectat oculis deuorantibus draucos

nec otiosis mentulas uidet labris.

Quaeris quis hic sit? Excidit mihi nomen.

CVII

Saepe mihi dicis, Luci carissime Iuli,

“Scribe aliquid magnum: desidiosus homo es.”

Otia da nobis, sed qualia fecerat olim

Maecenas Flacco Vergilioque suo:

condere uicturas temptem per saecula curas

5

et nomen flammis eripuisse meum.

In steriles nolunt campos iuga ferre iuuenci:

pingue solum lassat, sed iuuat ipse labor.

Perguntará ele¹²² por que suspeitei ser o homem efeminado.

10

Tomamos banho juntos: ele não olha para cima de jeito nenhum,

mas observa com olhos devoradores as bichas

e não olha para os pintos sem mexer os lábios.

Quer saber quem é ele? Fugiu-me o nome.¹²³

107

Você me diz freqüentemente, caríssimo Lúcio Júlio,¹²⁴

“Escreva algo grandioso: você é um homem preguiçoso.”

Então me dê tempo livre, mas tal como o fizera outrora

Mecenas a Flaco e ao seu Virgílio:¹²⁵

tentaria então compor obras que viveriam pelos séculos afora

5

e o meu nome das chamas teria salvado.

Por campos estéreis não querem os bois carregar o jugo:

um solo fértil cansa, mas nele se torna agradável o próprio trabalho.¹²⁶

¹²² Isto é, Materno.

¹²³ Cumprindo o que prometera no prefácio a este Livro I, o poeta não revela o nome da pessoa satirizada, alegando maliciosamente que o esqueceu. P. Richard (*Ep-G^I*: 426, n. 236), no entanto, interpreta *excidit mihi nomen* de maneira diversa, de forma que Marcial estaria dizendo algo como “escapou-me o nome”, isto é, “deixei escapar, sem querer, o nome”. Dessa forma, o poeta teria dito no epigrama o nome do indivíduo satirizado, que poderia ser *Cinna* (*coccinatos*, v. 6), *Fuscus* (*fuscus*, v. 9), ou, talvez, *Galba* (*galbinos*, v. 9).

¹²⁴ Parece ter sido um amigo de Marcial, pelo que se pode concluir deste epigrama (o único em que é citado).

¹²⁵ Gaio Mecenas, cavaleiro que viveu na corte de Augusto, foi um rico protetor dos poetas, emprestando para sempre seu nome aos patronos das letras e das artes. Virgílio dedicou-lhe as suas *Geórgicas*, e Horácio (Quinto Horácio Flaco), várias de suas obras (*OCD*: 907-908).

¹²⁶ Utilizando-se de uma metáfora agrícola, Marcial reclama da falta de apoio e proteção com que sofrem os poetas de sua época. Para ele, Virgílio e Horácio, tidos entre os grandes nomes da literatura latina, só compuseram suas obras imortais porque possuíam um patrono como Mecenas. Os bois (os poetas), em seu incansável trabalho de sulcar a terra (leia-se: a árdua tarefa de escrever poesia), não podem sentir algum prazer se o terreno não é fértil (isto é, se não houver para o poeta a proteção de um mecenas).

CIX

Issa est passere nequior Catulli,
Issa est purior osculo columbae,
Issa est blandior omnibus puellis,
Issa est carior Indicis lapillis,
Issa est deliciae catella Publi. 5
Hanc tu, si queritur, loqui putabis;
sentit tristitiamque gaudiumque.
Collo nixa cubat capitque somnos,
ut suspiria nulla sentiantur;
et desiderio coacta uentris 10
gutta pallia non fefellit ulla,
sed blando pede suscitatur toroque
deponi monet et rogat leuari.
Castae tantus inest pudor catellae,
ignorat Venerem; nec inuenimus 15
dignum tam tenera uirum puella.
Hanc ne lux rapiat suprema totam,
picta Publius exprimit tabella,
in qua tam similem uidebis Issam,
ut sit tam similis sibi nec ipsa. 20

Issa é mais marota que o pardal de Catulo,¹²⁸
 Issa é mais pura que o beijo de uma pomba,
 Issa é mais carinhosa que qualquer menina,
 Issa é mais preciosa que as pérolas da Índia¹²⁹,
 Issa é a cadelinha de estimação de Públio.¹³⁰ 5
 Se ela ganir, você pensará que está falando;
 sente tristeza e alegria.
 Deita-se apoiada no pescoço e pega num sono tal
 que nem sua respiração se pode ouvir;
 coagida pelas necessidades do ventre, 10
 jamais maculou os lençóis com nenhuma só gota,
 mas o desperta com a pata delicada,
 o induz a tirá-la do leito e pede permissão para se aliviar.
 Tamanho pudor há nessa casta cadelinha
 que ela desconhece o Amor; e não encontramos 15
 um marido digno de tão doce menina.
 Ela, para que o derradeiro dia não a leve completamente,
 Públio a representa em um painel pintado,
 no qual você verá figura tão semelhante a Issa
 que tão semelhante a ela nem a própria seria. 20

¹²⁷ Este conhecido epigrama de Marcial não é em si metapoético, mas o incluímos nesta exposição dada a sua relação com o poema que o segue, o de número 110, este sim, metapoético, uma vez que trata do tema da brevidade característica dos epigramas. Logo após o poema 109, que é, para os padrões do gênero epigramático, longo (23 versos), o poeta inclui um dístico (poema 110) em que se defende de possíveis acusações quanto ao tamanho incomum de algumas de suas composições. Tal ordenação (um epigrama longo e, logo a seguir, um curto que o justifica) ocorre outras vezes na obra de Marcial, conforme será visto. Todas as vezes que tal ocorrer, traduziremos tanto o epigrama longo quanto o curto, que mantêm entre si esse diálogo metapoético.

¹²⁸ Referência aos poemas II e III de Catulo (ver n. 5 ao prefácio deste Livro I), sobre o pardal (*passer*) de sua amada Lésbia.

¹²⁹ A Índia, região formada por diversos reinos independentes, exportava grande quantidade de produtos para Roma, entre eles pedras preciosas, marfim e pérolas (*OCD*: 754). Ver também nota a I, 72, 4.

¹³⁰ Depois de fazer suspense por quatro versos, levando-nos a pensar que Issa é uma moça, Marcial quebra as expectativas e a apresenta como a cadelinha de estimação de Públio (*catella deliciae Publi*). Quanto à identidade deste, que aparece em outros epigramas, é difícil afirmar algo com certeza, mas pode ter sido um amigo de Marcial, de acordo com o epigrama II, 57, 3 (pessoas com esse nome são citadas também em VII, 72, 7 e VII, 87, 3).

Issam denique pone cum tabella:
aut utramque putabis esse ueram,
aut utramque putabis esse pictam.

CX

Scribere me quereris, Velox, epigrammata longa.
Ipse nihil scribis: tu breuiora facis.

CXIII

Quaecumque lusi iuuenis et puer quondam
apinasque nostras, quas nec ipse iam noui,
male conlocare si bonas uoles horas
et inuidebis otio tuo, lector,
a Valeriano Pollio petes Quinto,
per quem perire non licet meis nugis.

5

CXVII

Occurris quotiens, Luperce, nobis,
“Vis mittam puerum” subinde dicis,
“cui tradas epigrammaton libellum,

Coloque, então, Issa junto da pintura:
ora você pensará que uma e outra são reais,
ora você pensará que uma e outra são pintadas.

110

Você se queixa, Veloz¹³¹, de que escrevo epigramas longos.

Você mesmo, nada escreve: você mais breves os faz.¹³²

113

Tudo aquilo que escrevi outrora, quando jovem e até quando criança,
essas minhas frivolidades de que nem eu mesmo me lembro,¹³³

se você quer empregar mal tuas horas preciosas

e se fica entediado com teu ócio, leitor,

peça-as a Quinto Pólio Valeriano,¹³⁴

graças a quem não morrem minhas bagatelas.¹³⁵

5

117¹³⁶

Toda vez que você me encontra, Luperco¹³⁷,

“Quer que te envie um escravo”, você me diz a todo instante,

“a quem você possa entregar o teu livrinho de epigramas

¹³¹ O nome é escolhido a propósito: *Velox* significa “veloz”, “ligeiro”.

¹³² Ou seja, Veloz faz de fato epigramas mais breves, já que não escreve nada, provavelmente porque não tem talento para fazê-lo.

¹³³ Marcial renega seus primeiros escritos, provavelmente poemas que não chegaram até nós. Não se pode aceitar que esteja se referindo às suas três obras publicadas antes do *Liber I: De Spectaculis* (80 d.C.) não é propriamente um escrito da juventude, muito menos da infância, já que o poeta, nascido entre 38 e 41 d.C., tinha a essa época entre 39 e 42 anos; de resto, não chamaria de “frivolidades” (*apinae*) os poemas dedicados a um imperador (Tito), irmão do atual César. Quanto ao *Xenia* e ao *Apophoreta* (83-85 d.C.), haviam sido publicados quase à mesma época que o *Liber I*.

¹³⁴ Provavelmente um livreiro ou editor de Marcial (ver n. a I, 2, 7) responsável pela publicação de seus primeiros escritos.

¹³⁵ *Nugae* (cf. *nugis*), “bagatelas”, “coisinhas sem importância”, “futilidades”, era outro termo com que Marcial designava suas composições (ver nota 2 ao prefácio deste Livro I). Catulo já o empregara, referindo-se à sua obra, no poema I, vv. 3-4: *Corneli, tibi; namque tu solebas/ meas esse aliquid putare nugae* (“A ti, Cornélio; pois tu costumavas/ dar algum valor às minhas bagatelas”).

¹³⁶ Este epigrama traz, a exemplo de outros que já traduzimos nesta exposição, informações ligadas à confecção e publicação dos livros de Marcial e dos escritores da Antigüidade de uma forma geral, razão pela qual resolvemos incluí-lo nesta seleção de poemas.

¹³⁷ Nome provavelmente fictício, aparece em vários outros epigramas (cf. III, 75; IV, 28; VI, 6; IX, 87; etc.).

lectum quem tibi protinus remittam?”

Non est quod puerum, Luperce, uexes.

5

Longum est, si uelit ad Pirum uenire,
et scalis habito tribus, sed altis.

Quod quaeris propius petas licebit.

Argi nempe soles subire Letum:

contra Caesaris est forum taberna

10

scriptis postibus hinc et inde totis,

omnis ut cito perlegas poetas:

illinc me pete. Nec roges Atrectum –

hoc nomen dominus gerit tabernae –;

de primo dabit alteroue nido

15

rasum pumice purpuraque cultum

denaris tibi quinque Martialem.

“Tanti non es” ais? Sapis, Luperce.

e ao qual eu, depois de lê-lo, te devolva na mesma hora?”

Não há por que cansar o escravo, Luperco.

5

É longe, se ao Piro¹³⁸ ele quiser vir;

moro no terceiro andar, e é alto.¹³⁹

O que você deseja te será fácil obter mais perto.

Decerto ao Argileto¹⁴⁰ você costuma ir:

em frente ao fórum de César¹⁴¹ fica uma loja

10

com os umbrais dos dois lados repletos de inscrições,

de forma que você pode ler facilmente os nomes de todos os poetas;¹⁴²

busque-me ali. Nem precisa pedir a Atrecto

– esse é o nome do dono da loja –

e da primeira ou da segunda prateleira¹⁴³ ele te dará,

15

polido com pedra-pomes e encapado de púrpura,¹⁴⁴

por cinco denários, um *Marcial*.

“Você não vale tanto”, você diz. É espertinho, Luperco!¹⁴⁵

¹³⁸ O termo em latim é *Pirus*, “Pereira”. É difícil saber ao certo se Piro ou Pereira era o nome de uma rua, um quarteirão, um bairro, etc. Talvez houvesse pereiras por perto ou na beira da estrada. O local devia, porém, ficar no monte Quirinal, uma das sete colinas de Roma, onde Marcial morava (cf. I, 86; I, 108).

¹³⁹ Pode-se inferir por esse verso que Marcial morava numa *insula*, um tipo de construção de vários andares comum em Roma, e em que moravam muitas famílias. As *insulae* eram divididas em “apartamentos”, com o primeiro andar geralmente ocupado pelo proprietário do prédio. Havia tanto as *insulae* miseráveis e perigosas (muitos incêndios e desabamentos ocorriam), assim como as ricas e seguras, ocupadas por membros das classes altas romanas (*OCD*: 731-732).

¹⁴⁰ Ver n. a I, 2, 8.

¹⁴¹ O *Forum Caesaris* ou *Iulium*, inaugurado por César em 46 a.C. (*OCD*: 607), ou, mais provavelmente, como lembra Cristina S. Pimentel (*Ep-E70*^l: 95, n. 258), o *Forum Nervae* (ver n. a I, 2, 8), que dava acesso ao Argileto.

¹⁴² Parece ter sido costume expor, nos umbrais das portas das livrarias, a lista dos autores cujos livros estavam à venda (Oliveira: 242).

¹⁴³ O texto latino traz *nidus* (cf. *nido*, v. 15), “ninho”, “nicho”. Os livros eram guardados, nas bibliotecas ou livrarias da Antiguidade, em nichos ou prateleiras embutidos nas paredes dos recintos (*CLS*: 239). Note-se que os livros de Marcial estão logo nas primeiras prateleiras, de forma que o vendedor possa pegá-los mais facilmente, ou seja, o poeta sugere que seus livros são muito procurados, idéia reforçada pelo v. 13, em que diz não ser necessário nem pedir seus livrinhos a Atrecto: o próprio vendedor adivinha que os clientes desejam um *Marcial*.

¹⁴⁴ Ver n. a I, 66, 11.

¹⁴⁵ Luperco é sovina, não quer ter de gastar para ler os poemas de Marcial. Nos vv. 1-4, deseja que o poeta lhe “empreste” seus livrinhos, os quais lerá e devolverá no mesmo instante. Marcial, no entanto, percebendo a avareza de Luperco, e sob o falso pretexto de não cansar o escravo deste, explica-lhe onde pode adquirir a obra, que aquele considera cara demais.

CXVIII

Cui legisse satis non est epigrammata centum,
nil illi satis est, Caeciliane, mali.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER II

Valerius Martialis Deciano Suo Sal.

1. “Quid nobis” inquis “cum epistola? parum enim tibi praestamus, si legimus epigrammata? quid hic porro dicturus es quod non possis uersibus dicere? 2. Video quare tragoedia aut comoedia epistolam accipiant, quibus pro se loqui non licet: epigrammata curione non egent et contenta sunt sua, id est mala, lingua: in quacumque pagina uisum est, epistolam faciunt. 3. Noli ergo, si tibi uidetur, rem facere ridiculam et in toga saltantis inducere personam. 4. Denique uideris an te delectet contra retiarium ferula.

A quem não é suficiente ter lido cem epigramas,
nada lhe é suficiente, Cediciano, do que é ruim.¹⁴⁶

SEGUNDO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL¹⁴⁷

Valério Marcial ao seu amigo Deciano¹⁴⁸, saudações!

“Por que você vem a nós”, você diz, “com um prefácio? Porque é pouco se lemos apenas os epigramas? Além disso, o que você dirá aqui que não possa dizer em versos? Entendo porque a tragédia e a comédia recebem um prefácio, a elas não é possível falar por si mesmas; quanto aos epigramas, não precisam de pregoeiro e contentam-se com a sua linguagem, que é maliciosa: em qualquer coluna¹⁴⁹, me parece, formam um prefácio.¹⁵⁰ Portanto, não queira, por favor, fazer algo ridículo e meter um personagem dançarino dentro de uma toga.¹⁵¹ E enfim, veja se te agrada enfrentar um reciário com uma varinha.¹⁵²

¹⁴⁶ O poeta encerra o Livro I com uma afetação de modéstia. *Centum* é número simbólico, já que, como se vê, o volume conta 118 epigramas. Quanto a Cediciano, é provavelmente um nome fictício.

¹⁴⁷ Publicado em torno de 86 d.C. (Sullivan: 15). Se se aceitar a outra hipótese exposta na nota 1 do prefácio ao Livro I, teria sido publicado em uma primeira edição no final de 84 ou início de 85, juntamente com o *Liber I*.

¹⁴⁸ Ver nota a I, 39.

¹⁴⁹ Ver nota 6 ao prefácio do Livro I.

¹⁵⁰ De acordo com Marcial, que coloca essa opinião na boca de Deciano, os epigramas não necessitam de alguém que os anuncie (cf. *curio*, “arauto”, “pregoeiro”), não precisam de um texto que, metalingüisticamente, os apresente. Sua própria linguagem e vocabulário bastam para tal; à comédia e à tragédia devem ser reservados os prefácios.

¹⁵¹ Ou seja, adicionar um prefácio, próprio de gêneros literários mais grandiosos, a um gênero jovial e jocoso como o epigrama. A toga era a vestimenta dos cidadãos romanos de nascimento livre, e não ficaria bem, no teatro, num personagem representando um dançarino, pois, como se sabe, a prática da dança não era bem vista num cidadão romano (*OCD*: 429 e *Robert*: 79). Veja-se a seguinte passagem de um discurso de Cícero: “Catão chama bailarino a Lúcio Murena. É uma injúria de um acusador violento, se for uma censura verdadeira, mas, se for falsa, é uma injúria de um caluniador maledicente. (...) Não se dança em estado de sobriedade, a não ser que se esteja louco, nem quando se está só, nem num banquete comedido e honesto. A dança é a última companheira de um festim prolongado, de um local de volúpia, de prazeres múltiplos. Lanças mão desse vício, que é forçosamente o derradeiro, e deixas os outros, sem os quais este não pode, de modo nenhum, existir?” (Cícero, *Defesa de Murena*, VI, 13. Tradução de Ana Paula Q. F. Sottomayor. In: Cícero. *As Catilinárias. Defesa de Murena. Defesa de Árquias. Defesa de Milão*. Lisboa, Verbo, 1974, p. 129).

¹⁵² Ou seja, enfrentar com uma arma inferior e inútil, uma varinha (isto é, um prefácio), um inimigo mais bem armado (os críticos de sua poesia). A varinha (*ferula*) de que nos fala Marcial servia como palmatória (*CLS*:

5. Ego inter illos sedeo qui protinus reclamant.” 6. Puto me hercules, Deciane, uerum dicis.
7. Quid si scias cum qua et quam longa epistola negotium fueris habiturus? 8. Itaque quod
exigis fiat. Debebunt tibi si qui in hunc librum inciderint, quod ad primam paginam non
lassi peruenient.

I

Ter centena quidem poteras epigrammata ferre,

sed quis te ferret perlegeretque, liber?

At nunc succincti quae sint bona disce libelli.

Hoc primum est, breuior quod mihi charta perit;

deinde, quod haec una peragit librarius hora,

5

nec tantum nugis seruiet ille meis;

tertia res haec est, quod si cui forte legeris,

sis licet usque malus, non odiosus eris.

Te conuiua leget mixto quincunce, sed ante

incipiat positus quam tepuisse calix.

10

231). Quanto ao *retiarius*, era um dos quatro tipos principais de gladiadores presentes nos jogos romanos, e lutava com uma rede e um tridente (*OCD*: 638).

Quanto a mim, sento-me entre aqueles que reclamam rapidamente.”¹⁵³ Penso - por Hércules! - que você diz a verdade, Deciano. O que aconteceria se você conhecesse o tipo e o tamanho do prefácio que teria de ler? Portanto, que seja como você pede. Serão teus devedores aqueles que com este livro toparem, pois não chegarão cansados à primeira coluna.¹⁵⁴

1

Três centenas de epigramas você sem dúvida poderia suportar,
mas quem te suportaria e te leria até o fim, livro?¹⁵⁵

As vantagens, porém, dos livrinhos curtos aprenda.

A primeira é que menos papiro¹⁵⁶ estrago;

depois, que o copista¹⁵⁷ os conclui em apenas uma hora,

5

e não terá que se dedicar somente às minhas bagatelas;

a terceira vantagem é que, se você for lido a alguém,

ainda que você seja muito ruim, não será enfadonho.

Vai ler-te o conviva depois de misturadas suas cinco onças¹⁵⁸, mas antes

que possa o cálice servido começar a esfriar.¹⁵⁹

10

¹⁵³ Metáfora, relativa aos espetáculos dos teatros e anfiteatros, que Deciano usa para dizer que tem um gosto exigente: ele afirma que se inclui no número daqueles que, nos espetáculos, reclamam logo que o show começa a desagradar.

¹⁵⁴ Isto é, os leitores devem a Deciano a sorte de não terem de ler um longo prefácio, que não é prazeroso como os epigramas.

¹⁵⁵ Marcial defende os livros curtos, como são os seus, que chama freqüentemente de *libelli* (ver n. 2 ao prefácio do Livro I). Como lembra Cristina S. Pimentel (*Ep-E70^l*: 98, n. 6), o epigrama parece ainda dialogar com o último do Livro I, que foi visto mais acima: os livros por demais grandes acabam por ser ruins. Lembremos aqui o ideal calimaqueano (*apud* J. A. Oliva Neto, 1996: 31): “um grande livro é igual a um grande mal”.

¹⁵⁶ Apesar do Livro I ter sido publicado em códice de pergaminho, Marcial publicava suas obras mais comumente em rolos (*uolumina*) de papiro (*charta, papyrus*), como era costume na época.

¹⁵⁷ Ver n. a I, 66, 3.

¹⁵⁸ A onça (*uncia*), como medida de volume, era sinônimo de cíato (*cyathus*), e equivalia a 45,5ml, ou 1/12 do sextário (*sextarius*), que tinha 546ml. Cinco onças seriam 227,5ml (*OCD*: 943).

¹⁵⁹ Os romanos costumavam misturar (*mixto*, v. 9) ao vinho água quente ou gelada, pois o hábito de ingerir vinho puro era considerado impróprio a um povo civilizado (*OCD*: 1623). Os livrinhos de Marcial são de tal forma curtos e comedidos que podem ser lidos no período de tempo entre a preparação do vinho e o momento em que ele começa a esfriar.

Esse tibi tanta cautus breuitate uideris?

Ei mihi, quam multis sic quoque longus eris!

VI

I nunc, edere me iube libellos.

Lectis uix tibi paginis duabus
spectas eschatocollion, Seuere,
et longas trahis oscitationes.

Haec sunt, quae relegente me solebas 5

rapta exscribere, sed Vitellianis;

haec sunt, singula quae sinu ferebas

per conuiuia cuncta, per theatra;

haec sunt aut meliora si qua nescis.

Quid prodest mihi tam macer libellus, 10

nullo crassior ut sit umbilico,

si totus tibi triduo legatur?

Numquam deliciae supiniore.

Lassus tam cito deficis uiator,

et cum currere debeas Bouillas, 15

Acha que está protegido com tamanha brevidade?

Ai de mim, quão longo ainda assim você será para muitos!¹⁶⁰

6

Vá, mande-me agora publicar meus livrinhos!

Depois de ler a muito custo duas colunas,

você olha a última folha¹⁶¹, Severo¹⁶²,

e dá longos bocejos.

Estes são os poemas que, quando eu os relia, você costumava,

5

tirando-os de mim, copiar, e em tabuinhas vitelianas!¹⁶³

Estes são os que você levava no bolso, um a um,

por todos os banquetes, pelos teatros;

são estes, ou melhores, se alguns você desconhece.¹⁶⁴

De que me serve um livrinho que, de tão magro,

10

não é mais grosso que um cilindro,¹⁶⁵

se, para lê-lo por inteiro, você precisa de três dias?

Nunca houve prazeres mais indolentes.

Cansado, tão rapidamente você desanima, viajante,

e, quando deveria correr até Bovilas,

15

¹⁶⁰ Ou seja, para as pessoas desprovidas de refinamento para ouvir poemas, impacientando-se diante da declamação; ou para os críticos ferrenhos, que insistem em criticar a extensão dos livros do autor, mesmo sendo eles breves. Ou, ainda, para os que não têm nenhuma simpatia pelos poemas de Marcial, não suportando ouvi-los ou lê-los.

¹⁶¹ O original traz *eschatocollion*, termo que designava a última folha colada ao rolo de papiro (*OLD*: 621). Veja-se a nota 6 ao prefácio do Livro I.

¹⁶² Parece ter sido um amigo de Marcial, conforme indicam outros epigramas: V, 80; VII, 38; VII, 49. Há ainda outros poemas dirigidos a um Severo, que pode ser o mesmo: V, 11; VI, 8; VII, 34; VII, 79; VIII, 61. Por fim, há o epigrama XI, 57, em que Marcial se dirige a um poeta de nome Severo.

¹⁶³ Além do pergaminho e do papiro, os antigos romanos utilizavam ainda, como suporte para a escrita, as tabuinhas de cera (*pugillares*, *tabellae ceratae*, *tabulae cerae*, *codicilli*), espécies de painéis emoldurados em que se espalhava uma camada de cera, sobre a qual se escrevia. Eram usadas para rascunhos, anotações, exercícios escolares e para o envio de bilhetes rápidos (Oliveira: 61 e 203). Os *Vitelliani* (subentende-se *pugillares*) eram um tipo de tabuinha de escrever mais delicada, muito usada para recados pessoais e mensagens de amor, a se acreditar nos dísticos 8 e 9 dos *Apophoreta* de Marcial. O nome talvez se deva ao seu fabricante, como supõe Izaac (*Ep-BL*²: 219, n. 1).

¹⁶⁴ Isto é, fazem parte deste Livro II os poemas que Severo admirava, e também outros, melhores ainda, que talvez ele desconhecesse.

¹⁶⁵ Imagem hiperbólica: um livro cuja folha de papiro não chega a dar, no cilindro, mais do que uma volta, é realmente pequeno (ver n. a I, 66, 11).

interiungere quaeris ad Camenas?

I nunc, edere me iube libellos.

VIII

Si qua uidebuntur chartis tibi, lector, in istis

siue obscura nimis siue latina parum,

non meus est error: nocuit librarius illis

dum properat uersus adnumerare tibi.

Quod si non illum sed me peccasse putabis,

tunc ego te credam cordis habere nihil.

“Ista tamen mala sunt.” Quasi nos manifesta negemus!

Haec mala sunt, sed tu non meliora facis.

5

X

Basia dimidio quod das mihi, Postume, labro,

laudo: licet demas hinc quoque dimidium.

Vis dare maius adhuc et inenarrabile munus?

Hoc tibi habe totum, Postume, dimidium.

quer desatrelar os bois junto às Camenas?¹⁶⁶

Vá, mande-me agora publicar meus livrinhos!

8

Se algo nestes papiros te parecer, leitor,¹⁶⁷

ou obscuro demais ou pouco latino,

não é meu o erro: foi o copista¹⁶⁸ que lhes fez mal

ao se apressar em reunir os versos para você.

Pois se pensar que não ele, mas eu é que errei,

5

então até eu acreditarei que você não tem inteligência alguma.

“Estes, no entanto, são ruins.” Como se eu negasse o evidente!

São ruins, mas você não faz melhores.¹⁶⁹

10¹⁷⁰

Como você me dá, Póstumo¹⁷¹, beijos de meio lábio,

te elogio: ainda que você possa até mesmo destes tirar a metade.

Quer me conceder um maior e indescritível favor?

Guarde inteira para você, Póstumo, essa metade.

¹⁶⁶ Bovilas (*Bouillae*) era uma cidade que ficava à beira da Via Ápia, a 17km de Roma (*OCD*: 258). As Camenas eram divindades ligadas à época lendária do segundo rei de Roma, Numa Pompílio, mais tarde associadas às Musas; seu templo ficava ao lado de uma das entradas da cidade, a porta Capena, na Via Ápia, não longe do Circo Máximo. (*OCD*: 283; veja mapa no Anexo I). A metáfora de Marcial sugere que Severo quer parar a leitura logo no início do livro, muito antes do final.

¹⁶⁷ O poeta se dirige ao leitor, como em I, 1 e I, 2.

¹⁶⁸ Ver n. a I, 66, 3.

¹⁶⁹ No diálogo representado por Marcial entre ele e o leitor, este descobre entre os versos do poeta alguns que são ruins. O poeta, modestamente, não o desmente (ver I, 16), mas desafia-o a fazer melhor. O epigrama serve também para lançar uma farpa contra os críticos do poeta.

¹⁷⁰ Este e os epigramas 12, 21 e 22 deste mesmo livro foram selecionados e traduzidos entre os metapoéticos porque completam o sentido do epigrama II, 23, mais abaixo, o qual trata, a nosso ver, do mesmo aspecto metapoético que aparece no prefácio do Livro I e em I, 96: a omissão do nome das pessoas satirizadas (sobre este procedimento, veja-se n. a I, 5).

¹⁷¹ Póstumo era, possivelmente, um jovem escravo. O Póstumo de VI, 58 talvez seja o mesmo.

XII

Esse quid hoc dicam quod olent tua basia murrā
quodque tibi est numquam non alienus odor?
Hoc mihi suspectum est, quod oles bene, Postume, semper:
Postume, non bene olet qui bene semper olet.

XX

Carmina Paulus emit, recitat sua carmina Paulus.
Nam quod emas possis iure uocare tuum.

XXI

Basia das aliis, aliis das, Postume, dextram.
Dicis “Vtrum mauis? elige.” Malo manum.

XXII

Quid mihi uobiscum est, o Phoebe nouemque sorores?
ecce nocet uati Musa iocosa suo.
Dimidio nobis dare Postumus ante solebat
basia, nunc labro coepit utroque dare.

XXIII

Non dicam, licet usque me rogetis,
qui sit Postumus in meo libello,

12

Como explicar o fato de que teus beijos cheiram a mirra¹⁷²
e de que você tem sempre um cheiro exótico?
Isto, para mim, é suspeito: que você cheire bem, Póstumo, sempre:
Póstumo, não cheira bem aquele que sempre cheira bem.¹⁷³

20¹⁷⁴

Paulo compra poemas, recita seus próprios poemas Paulo.
Pois o que você compra pode, por direito, chamá-lo teu.¹⁷⁵

21

Você dá beijos a uns; a outros dá, Póstumo, a mão direita.¹⁷⁶
Você diz: “Qual dos dois você prefere? Escolha.” Prefiro a mão.

22

O que fiz contra vós, ó Febo e suas nove irmãs?¹⁷⁷
Eis que a jocosa Musa prejudica seu próprio vate.¹⁷⁸
Antes, com meio lábio costumava Póstumo me dar
seus beijos, agora começou a dá-los com os dois.¹⁷⁹

23

Não direi, ainda que vocês muito me peçam,
quem é Póstumo em meu livrinho,

¹⁷² A resina aromática extraída do arbusto mirra (*Commiphora myrrha*) era usada desde a Antigüidade como perfume e para fins medicinais (OCD: 1017).

¹⁷³ Ou seja, quem precisa de perfumes para cheirar bem é porque não possui, de fato, um bom cheiro.

¹⁷⁴ Ver n. a I, 29.

¹⁷⁵ Marcial ironiza os plagiários, brincando com a noção jurídica (*iure*) de posse. O plagiário Paulo (nome fictício) recita como seus os poemas de um livro que comprou; como é dono do objeto, do suporte material em que o livro foi escrito, ele pode perfeitamente dizer que são “seus” os poemas que está recitando. Cf. em I, 29; I, 38; I, 52; I, 53; I, 63; I, 66 e I, 72 outros ataques de Marcial a plagiários.

¹⁷⁶ Isto é, Póstumo costumava masturbar seus amantes.

¹⁷⁷ Ver n. a I, 70, 15.

¹⁷⁸ A “jocosa Musa” (*Musa iocosa*) é Talia, musa da comédia (ver n. a I, 70, 15).

¹⁷⁹ O poeta considera um desfavor de Apolo e das Musas o fato de Póstumo, cujos beijos são depreciados nos epigramas anteriores, dar-lhe agora beijos mais completos.

non dicam: quid enim mihi necesse est
has offendere basiationes,
quae se tam bene uindicare possunt?

5

LVII

Hic quem uidetis gressibus uagis lentum,
amethystinatus media qui secat Saepta,
quem non lacernis Publius meus uincit,
non ipse Cordus alpha paenulorum,
quem grex togatus sequitur et capillatus
recensque sella linteisque lorisque,
oppignerauit modo modo ad Cladi mensam
uix octo nummis anulum, unde cenaret.

5

não direi: ora, por que me é necessário
ofender esses beijos
que tão bem podem se vingar?¹⁸⁰

5

57¹⁸¹

Esse que vocês vêem, lento, com passos indecisos,
que, de vestido cor de ametista¹⁸², atravessa pelo meio das Cercas¹⁸³;
a quem não supera, nos mantos, o meu amigo Públio¹⁸⁴,
nem o próprio Cordo, o alfa dos que usam pênula¹⁸⁵;
a quem segue uma multidão de toga¹⁸⁶ e de longas cabeleiras¹⁸⁷
e uma cadeirinha de mão¹⁸⁸ nova, com cortinas de linho e correias de couro;
penhorou agorinha mesmo, na banca de Clado¹⁸⁹,
o seu anel, por sofridos oito sestércios, para poder jantar.

5

¹⁸⁰ Se Marcial revelar o nome do jovem que ele esconde sob o pseudônimo de Póstumo, aquele poderá se vingar do poeta, dando-lhe mais beijos. Note-se que, em II, 10, Póstumo dava-lhe beijos de “meio lábio” (talvez beijos com a ponta dos lábios, ou com um só lábio) e, em II, 22, passou a dá-los com os dois lábios, o que é, para Marcial, algo negativo. Interessante também é que, depois de apresentar quatro epigramas atacando o mesmo indivíduo, o poeta parece prever a curiosidade de seu leitor sobre a identidade de Póstumo, e apresenta um quinto poema em que mantém a dúvida, como se se divertisse não saciando e atizando mais ainda a curiosidade dos leitores. Note-se ainda que os epigramas 67 e 72 deste mesmo livro também falam de um certo Póstumo, mas este, sem dúvida, não é o mesmo dos cinco epigramas que acabamos de analisar.

¹⁸¹ Este poema foi traduzido por travar um “diálogo” com V, 26, que será visto mais abaixo (ver n. a I, 5).

¹⁸² Roxa.

¹⁸³ As Cercas Júlias (*Saepta Iulia*: sua construção havia sido iniciada por Júlio César, possivelmente) eram um largo espaço cercado, no Campo de Marte, que servia para votações (veja mapa do Anexo I). Era circundado por colunas e dotado de pórticos. Mais tarde, passou a ser usado como arena para combates de gladiadores (OCD: 1346).

¹⁸⁴ Ver n. a I, 109, 5.

¹⁸⁵ Cordo é referido em quatro epigramas de Marcial. Em três deles (além deste e de V, 26, que será visto abaixo, cf. V, 23, 8), o poeta se refere a um indivíduo que sempre usa pênula (*paenula*), espécie de manto dotado de capuz usado pelos romanos em dias frios (CLS: 194). Ele é o “alfa dos que usam pênula”, isto é, o maior, o mais conhecido dentre os que usam pênula (o alfa é, como se sabe, a primeira letra do alfabeto grego). A sátira de Marcial talvez se deva ao fato de Cordo jamais deixar de vestir a pênula, mesmo quando a ocasião não era adequada para o seu uso.

¹⁸⁶ Os clientes, cujo número revelava o maior ou menor prestígio ou a quantidade de riqueza de um patrono (OCD: 348). Veja também n. a I, 39, 8.

¹⁸⁷ Jovens escravos que serviam de amantes do senhor; sua longa cabeleira denotava que não haviam ainda passado para a idade adulta. Somente os senhores ricos tinham condições de possuir muitos desses *pueri delicati* (OCD: 721).

¹⁸⁸ A *sella*, cadeirinha fechada por cortinas, carregada por escravos, que era usada como meio de transporte pelos romanos mais abastados (CLS: 210). Além dos clientes e dos *pueri delicati*, também os escravos carregadores seguem a Cordo, levando a cadeirinha de mão do senhor, para o caso de este se cansar de caminhar.

¹⁸⁹ Um banqueiro, portanto.

LXXI

Candidius nihil est te, Caeciliane. Notauī,
si quando ex nostris disticha pauca lego,
protinus aut Marsi recitas aut scripta Catulli.

Hoc mihi das, tamquam deteriora legas,
ut conlata magis placeant mea? Credimus istud:
malo tamen recites, Caeciliane, tua.

5

LXXVII

Cosconi, qui longa putas epigrammata nostra,
utilis unguendis axibus esse potes.

Hac tu credideris longum ratione colosson
et puerum Bruti dixeris esse breuem.

Disce quod ignoras: Marsi doctique Pedonis
saepe duplex unum pagina tractat opus.

Non sunt longa quibus nihil est quod demere possis,
sed tu, Cosconi, disticha longa facis.

5

Ninguém é mais bondoso que você, Ceciliano¹⁹¹. Notei que,
quando alguns poucos dísticos dos meus leio em voz alta,
logo você recita os escritos de Marso e de Catulo¹⁹².

Isso me concede, como se você lesse versos inferiores,
para que, colocados junto desses, mais agradem os meus? Acredito nisso, 5
mas prefiro que recite, Ceciliano, os teus.¹⁹³

77

Coscônio¹⁹⁴, você que julga longos os meus epigramas,
pode ser útil para untar eixos.¹⁹⁵

Você, com esse padrão, julgaria grande demais o Colosso,¹⁹⁶
e o menino de Bruto, diria que é muito pequeno.¹⁹⁷

Aprenda o que você não sabe: de Marso e do douto Pedão 5
duas colunas, muitas vezes, tratam de um único assunto.¹⁹⁸
Não são longos os epigramas que nada têm que você possa cortar,
mas você, Coscônio, os dísticos torna longos.¹⁹⁹

¹⁹⁰ Ver n. a I, 91.

¹⁹¹ Nome fictício que aparece frequentemente nos *Epigramas* (cf. II, 37; IV, 15; VI, 5; VII, 59; XI, 42; etc.).

¹⁹² Ver n. 5 ao prefácio do Livro I.

¹⁹³ Assim como o Lélis de I, 91, Ceciliano não quer recitar os seus poemas. Talvez seja porque não os escreva, ou porque os que escreve sejam de má qualidade, razão pela qual prefere recitar os poemas de Catulo e de Marso, a fim de não fazer um papel muito ruim diante dos versos de Marcial. Este, percebendo o real motivo de Ceciliano não recitar os seus poemas, insiste maldosamente que ele o faça.

¹⁹⁴ É um nome fictício, provavelmente; aparece também em III, 69.

¹⁹⁵ Para Izaac (*Ep-BL*¹: 78, n. 2) e Cristina S. Pimentel (*Ep-E70*¹, 122, n. 145), a expressão é proverbial e significa algo como “tem cérebro tão gorduroso que só serve mesmo para untar os eixos dos carros”, isto é, “você não presta para nada”, “é um inútil”.

¹⁹⁶ A estátua do deus Sol, outrora do imperador Nero, ou, talvez, o Colosso de Rodes (ver n. a I, 70, 8).

¹⁹⁷ Estrongílion esculpira uma pequena estátua, representando uma criança, que era muito admirada por um certo Bruto (cf. IX, 50). O fato nos é reportado por Plínio, o Velho (*NH*, XXXIV, 82), que diz ser esse Bruto “de Filipos” (cidade da Macedônia, região vizinha da Trácia): seria ele Marco Júnio Bruto, um dos assassinos de César, que foi derrotado depois por Otávio (futuro Augusto) e Marco Antônio nessa cidade, em 42 a.C.? Os vv. 3-4 pretendem dizer que Coscônio tem padrões de medida inconstantes e ineficientes, tentando sempre encontrar um motivo para criticar os poemas alheios: se os epigramas de Marcial forem longos, Coscônio dirá que são longos demais (“julgarias grande demais o Colosso”); se eles forem curtos, dirá que são curtos demais (“o menino de Bruto, dirias que é muito pequeno”).

¹⁹⁸ Isto é, seus poemas ocupavam muitas vezes duas colunas inteiras. Sobre Marso e Pedão, ver n. 5 ao prefácio do Livro I.

¹⁹⁹ Ou seja, até os teus poemas curtos, que se resumem a dísticos, parecem longos ao leitor, pois são tão ruins que é penoso lê-los ou ouvi-los.

LXXXVI

Quod nec carmine gloriior supino
nec retro lego Sotaden cinaedum,
nusquam Graecula quod recantat echo
nec dictat mihi luculentus Attis
mollem debilitate galliambon,
non sum, Classice, tam malus poeta.
Quid si per gracilis uias petauri
inuitum iubeas subire Ladan?
Turpe est difficiles habere nugas
et stultus labor est ineptiarum.
Scribat carmina circulis Palaemon,
me raris iuuat auribus placere.

5

10

Se não me vanglorio com um poema que se lê de trás para frente²⁰⁰

nem leio às avessas Sótades obsceno,²⁰¹

se em nenhuma passagem se repete o eco²⁰², inutilidade dos gregos,

nem me dita o elegante Átis

o lascivo galiambo de ritmo frouxo,²⁰³

5

não sou, Clássico²⁰⁴, no entanto, um mau poeta.²⁰⁵

O que aconteceria se, pelos estreitos caminhos do trapézio,

você mandasse subir, à força, Ladas?²⁰⁶

É ridículo tornar difíceis as bagatelas,

e tolo é o esforço gasto em besteiras.²⁰⁷

10

Escreva poemas para seus círculos Palêmon,²⁰⁸

a mim apraz agradar ouvidos selecionados.

²⁰⁰ Segundo Izaac (*Ep-BL*¹: 250, n. 2 à p. 80), os *carmina supina* eram versos que podiam ser lidos da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, como este verso citado por Sidônio Apolinário: *Roma tibi subito motibus ibit amor* (“Alterada a ordem, Roma logo será, para ti, amor”).

²⁰¹ O poeta Sótades, que viveu no século III a.C., em Maronéia, na Trácia (veja-se, mais abaixo, a primeira nota a VII, 8, 2), escrevia poemas que atacavam personalidades de relevo de sua época. É tido como o inventor da poesia cinaédica, caracterizada pela temática sexual e obscena, muito comum como divertimento nos banquetes (*OCD*: 1427). Parece que muitos de seus versos adquiriam uma conotação obscena quando lidos de trás para frente.

²⁰² Marcial se refere a um tipo de poema em que uma ou mais sílabas finais dos versos ecoavam ou rimavam com partes precedentes dos mesmos (*DLS*: 624).

²⁰³ O galiambo era um tipo de verso de seis pés em que cantavam os *Galli*, sacerdotes de Cibele, de quem Átis era o jovem amante (ver n. a I, 35, 15 e a I, 70, 10). Catulo empregou o galiambo em seu poema LXIII (Boldrini: 157).

²⁰⁴ Nome fictício, provavelmente. Outros personagens com esse nome aparecem em II, 69 e XII, 47.

²⁰⁵ Marcial critica a poesia extravagante e recreativa dos banquetes e festins, repletas de enigmas, preciosismos, jogos sonoros, e descurada quanto à forma.

²⁰⁶ Famoso corredor que teria vivido na época de Alexandre, o Grande. Não se pode descartar também a hipótese de que houvesse, na própria época de Marcial, um corredor com esse nome, já que os atletas, assim como os gladiadores, costumavam adotar os nomes de competidores do passado que tinham se celebrizado.

²⁰⁷ O poeta critica os poemas que se prestam a divertir através de charadas e de sutilezas de leitura ou compreensão. O sentido dos versos 7-10 é mais ou menos o seguinte: assim como não se deveria obrigar Ladas – cuja especialidade era a corrida – a desempenhar as difíceis funções de um equilibrista, não se deve também incluir na poesia ligeira – cuja especialidade é agradar e divertir sem esforço – adivinhações e enigmas que tornem difícil sua compreensão.

²⁰⁸ Quinto Rêmio Palêmon, gramático e poeta que viveu no século I d.C.; foi mestre de Quintiliano, provavelmente (*OCD*: 1290 e 1308). Segundo Suetônio (*Gram.*, 23), escrevia poemas em metros variados e raros (*Scriptis uero uariis, nec uulgaribus metris*), provavelmente de difícil compreensão.

XCI

Rerum certa salus, terrarum gloria, Caesar,
sospite quo magnos credimus esse deos,
si festinatis totiens tibi lecta libellis
detinuere oculos carmina nostra tuos,
quod fortuna uetat fieri permitte uideri,
natorum genitor credar ut esse trium.
Haec, si displicui, fuerint solacia nobis;
haec fuerint nobis praemia, si placui.

5

XCII

Natorum mihi ius trium roganti
Musarum pretium dedit mearum
solus qui poterat. Valebis, uxor:
non debet domini perire munus.

Ó firme segurança do Estado, glória das nações, César,

o qual, são e salvo, faz-nos crer que existem os deuses poderosos²¹⁰,
se tantas vezes reunidos para ti nestes apressados livrinhos

detiveram os teus olhos os meus poemas,

o que a Fortuna proíbe que aconteça, permite que pareça:

5

que se acredite ser eu pai de três filhos.²¹¹

Isso, se desagradei, seria uma consolação para mim;

isso seria para mim um prêmio, se agradei.

92

O direito dos três filhos, a mim, que o pedia,

concedeu, como recompensa pelas minhas Musas,

o único que tinha tal poder. Adeus, esposa²¹²,

não se deve desperdiçar o presente do senhor.²¹³

²⁰⁹ Este epigrama e o próximo (92) estão relacionados, como se um fosse uma resposta ao outro (ver n. a I, 5).

²¹⁰ Isto é, os deuses poderosos realmente existem, pois mantêm são e salvo tão glorioso e excelente governante (Domiciano).

²¹¹ O *ius liberorum* consistia em uma série de direitos e privilégios concedidos por Augusto, através da lei Pápia Popéia de 9 d.C., aos cidadãos casados e que possuíam filhos. Para os cidadãos romanos, o número exigido para se ter direitos aos privilégios era de três filhos; para os libertos, de quatro; e, para os habitantes das províncias, de cinco. Concebido inicialmente como uma medida para moralizar e incentivar o casamento, o *ius liberorum* passou mais tarde a constituir um favor concedido pelos imperadores a quaisquer pessoas, mesmo solteiras e sem filhos (OCD: 791). É o caso de Marcial, a quem foi concedido – primeiro por Tito, depois por Domiciano, já que os novos imperadores tinham sempre de confirmar ou revogar as medidas tomadas por seu antecessor – o *ius trium liberorum*, ou seja, os direitos de um pai de três filhos (Paratore: 661). Assim, Marcial pede a Domiciano que faça com que pareça verdade que possui três filhos – o que a Fortuna (deusa da Sorte) não lhe concedeu na realidade –, dando-lhe, ainda que seja solteiro e não tenha filhos, o *ius trium liberorum*.

²¹² Ou seja, Marcial não precisa mais arranjar uma esposa, pois já obteve, mesmo solteiro, os privilégios a que os homens casados têm direito. Note-se, no v. 2, que o *ius liberorum* foi concedido como recompensa pela sua poesia, e não pela sua real situação familiar (*Musarum pretium mearum*). Assim como Tito, que provavelmente concedera o privilégio a Marcial como recompensa pelo *Liber de Spectaculis* (Paratore: 661), em que se homenageavam os jogos promovidos por aquele imperador em 80 d.C., também Domiciano renova a concessão, levando em conta as homenagens em verso e os dotes poéticos do escritor (cf. vv. 3-4 de I, 91).

²¹³ Como já dito acima, este poema parece responder ao anterior (91), informando que o imperador atendeu ao pedido feito naquele.

XCIII

“Primus ubi est” inquis “cum sit liber iste secundus?”

Quid faciam, si plus ille pudoris habet?

Tu tamen hunc fieri si mauis, Regule, primum,
unum de titulo tollere iota potes.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON LIBER III

Hoc tibi quidquid id est longinquis mittit ab oris

Gallia Romanae nomine dicta togae.

Hunc legis et laudas librum fortasse priorem:

illa uel haec mea sunt, quae meliora putas.

Plus sane placeat domina qui natus in urbe est:

debet enim Gallum uincere uerna liber.

5

“Onde está o primeiro,” dizes, “já que este livro é o segundo?”

Que posso fazer, se aquele tem mais timidez?

Tu, no entanto, se queres transformar este, Régulo,²¹⁴ no primeiro,
podes retirar do título um iota.²¹⁵

TERCEIRO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL²¹⁶

1²¹⁷

Este livrinho, seja qual for o seu valor, te²¹⁸ envia de longínquas plagas
a Gália chamada pelo nome da toga romana.²¹⁹

Lendo-o, talvez você elogie o livro anterior,

mas, considere melhores os poemas anteriores ou estes, ambos são meus.

Que agrade muito mais o que nasceu na Cidade-Senhora:²²⁰

5

deve, sem dúvida, o livro doméstico²²¹ superar o gaulês.

²¹⁴ O epigrama nos faz pensar que Régulo (Marco Aquílio Régulo), senador, advogado (*OCD*: 133-134) e patrono de Marcial, não conhecia o Livro I, daí o seu estranhamento diante de um livro intitulado Livro II; isso, no entanto, é pouco provável, já que o poeta o homenageia no Livro I com três epigramas: 12, 82 e 111 (Régulo é ainda citado ou invocado em vários outros epigramas: II, 74; IV, 16; V, 10; VI, 38; VII, 16; VII, 31; etc.). Cristina de Souza Pimentel (*Ep-E70*¹, p. 127, n. 177) propõe uma outra explicação: “o livro I, por ser o primeiro, não teria marcado o seu número de ordem. Só a partir do segundo livro faz sentido marcar a seqüência.”

²¹⁵ Isto é, um I, mudando-se *Liber II* para *Liber I*.

²¹⁶ Publicado no fim de 87, na época em que Marcial se encontrava no Fórum de Cornélio (*Forum Cornelii*), atual Ímola, na Itália. A localidade ficava ao sul do rio *Padus* (Pó), na Gália Cispadana (Sullivan: 31).

²¹⁷ A edição de Izaac (*Ep-BL*¹: 84) traz o primeiro epigrama, no texto latino, sem numeração, mas numera normalmente o segundo com o número “II”, como se o primeiro fosse de fato o número “I”.

²¹⁸ O epigrama é dirigido ao leitor; de certa forma, serve como prólogo ou apresentação, já que o Livro III não possui, como o I e o II, um prefácio.

²¹⁹ A Gália Cisalpina – formada pela Gália Cispadana e pela Transpadana (aquém e além do rio Pó, respectivamente) – era também conhecida como *Gallia Togata* (“Gália de toga”), em oposição à Gália Transalpina, que correspondia aproximadamente à França e à Bélgica de hoje e que era conhecida como *Gallia Comata* (“Gália de cabelos compridos”). Havia ainda a Gália Narbonense ou *Gallia Bracata* (“Gália de calças”), a parte sul da Transalpina, que já pertencia aos romanos antes das conquistas de Júlio César em meados do século I a.C. (*GAW*: 262).

²²⁰ Roma.

²²¹ O original diz *uerna*, isto é “doméstico”, “produzido em casa”, “prata da casa”. *Vernae*, além disso, designava os escravos nascidos em casa do senhor, o que é interessante se pensarmos que Marcial compara freqüentemente seus livros a escravos (ver n. a I, 3, 9 e o epigrama I, 52).

II

Cuius uis fieri, libelle, munus?

Festina tibi uindicem parare,

ne nigram cito raptus in culinam

cordylas madida tegas papyro

uel turis piperisue sis cucullus.

5

Faustini fugis in sinum? sapisti.

Cedro nunc licet ambules perunctus

et frontis gemino decens honore

pictis luxurieris umbilicis,

et te purpura delicata uelet,

10

et cocco rubeat superbus index.

Illo uindice nec Probum timeto.

2

Para quem você quer, livrinho²²², ser um presente?

Apresse-se em obter para você um protetor,

para que, arrebatado muito depressa para a escura cozinha,²²³

não venha a embrulhar atuns com o úmido papiro

ou de incensos ou pimentas tornar-se o cartucho.²²⁴

5

Você foge para o seio de Faustino²²⁵? É sensato!

Agora sim, você pode passear, untado de cedro²²⁶,

e, elegante com os adornos das duas extremidades²²⁷,

empavonar-se com teus cilindros coloridos²²⁸;

então, que a púrpura delicada te cubra²²⁹

10

e se avermelhe com a grã o orgulhoso título.²³⁰

Com esse protetor, nem a Probo²³¹ você precisará temer.

²²² Mais uma vez Marcial se dirige a seu livro, como ocorrerá também nos dois epigramas seguintes. Note-se que, embora não haja um prefácio na maioria dos livros de Marcial, os epigramas iniciais servem sempre para apresentar o livro, seja fornecendo dados sobre sua publicação, seja trazendo a dedicatória a um patrono.

²²³ Escura devido à fumaça do fogão (o adjetivo *nigra* pode transmitir também a idéia de “nebulosa”, “esfumaçada”).

²²⁴ As folhas de papiro ou pergaminho inutilizadas eram usadas como papel de embrulho – a exemplo do que ocorre hoje com o jornal, em pequenos estabelecimentos – ou ainda enroladas em formato de cartucho, de modo a servirem de embalagem a produtos diversos (Oliveira: 210). Marcial alerta seu livrinho para que não seja inutilizado tão logo seja escrito e publicado, daí *madida papyro* (v. 4), isto é, com o papiro (ainda) úmido (da tinta).

²²⁵ Poeta e amigo de Marcial (*Ep-BL*²: 318). Parece ter sido rico, de acordo com alguns dos 18 epigramas que o citam ou que lhe são endereçados: III, 58; IV, 57; V, 71; X, 51, etc.

²²⁶ O verso todo da folha de papiro era untado com óleo de cedro para combater a umidade e as traças (*OCD*: 250).

²²⁷ Ou seja, com o tratamento das duas extremidades com a pedra-pomes (*frontis gemino decens honore*). Veja-se n. a I, 66, 11.

²²⁸ Ver n. a I, 66, 11.

²²⁹ A capa de pergaminho pintada de púrpura (ver n. a I, 66, 11).

²³⁰ Na extremidade (*frons*) superior do rolo, aquela que ficava visível quando o *uolumen* fosse guardado verticalmente numa caixa ou horizontalmente numa prateleira, era colada uma etiqueta de papiro ou de pergaminho (*index* ou *titulus*) contendo o título e o autor da obra escritos em vermelho (Oliveira: 221 e 223). Sobre a grã, corante extraído do inseto de mesmo nome ou cochonilha-do-carmim, ver n. a I, 96, 6.

²³¹ Marco Valério Probo, gramático natural de Berito (atual Beirute, no Líbano), que viveu na época dos Flávios. Tornou-se conhecido por seu rigoroso trabalho de correção, pontuação e comentários de textos antigos (*OCD*: 1580).

IV

Romam uade, liber: si, ueneris unde, requiret,
Aemiliae dices de regione uiae;
si, quibus in terris, qua simus in urbe, rogabit,
Corneli referas me licet esse Foro.
Cur absim, quaeret; breuiter tu multa fatere:
“Non poterat uanae taedia ferre togae.”
“Quando uenit?” dicet; tu respondeto: “Poeta
exierat: ueniet, cum citharoedus erit.”

5

V

Vis commendari sine me cursurus in urbem,
parue liber, multis? An satis unus erit?
Vnus erit, mihi crede, satis, cui non eris hospes,
Iulius, adsiduum nomen in ore meo.
Protinus hunc primae quaeres in limine Tectae:
quos tenuit Daphnis, nunc tenet ille lares.
Est illi coniunx, quae te manibusque sinuque
excipiet, tu uel puluerulentus eas.
Hos tu seu pariter siue hanc illumue priorem

5

4

Vá, livro, para Roma; se de onde você veio te interrogarem,
dirá que da região da via Emília;²³²
se em que terras, em que cidade me encontro indagarem,
pode responder que estou no Fórum de Cornélio.²³³
Por que estou fora, perguntará; você, em poucas palavras, confessará muita coisa: 5
“Não conseguia suportar os dissabores da toga inútil.”²³⁴
“Quando volta?”, vai querer saber; você, responda: “Poeta
partira: voltará quando for citado.”²³⁵

5

Quer, você que há de correr a Roma sem mim, ser recomendado,
pequeno livro, a muitos protetores? Acaso um só não será suficiente?
Um só será, creia em mim, suficiente; para ele você não será um estrangeiro²³⁶:
Júlio²³⁷, nome sempre presente em minha boca.
Você o procurará sem demora no início da rua Coberta²³⁸: 5
a casa que possuiu Dáfnis²³⁹, ele agora a possui.
Tem uma esposa, que em suas mãos e seio
te receberá, mesmo que você esteja empoeirado.
Quer a ambos ao mesmo tempo, quer a esta ou àquele você

²³² A via Emília, construída por Marco Emílio Lépido em 187 a.C., ia de *Arriminum* (atual Rimini), na Úmbria, na costa norte do Adriático, até *Placentia* (atual Piacenza), mais ao norte, às margens do Pó. Com diversas ramificações, percorria boa parte dessa região, a Gália Cisalpina (*OCD*: 1594). *Forum Corneli* ficava à beira dessa estrada.

²³³ Ver, acima, nota ao título deste Livro III.

²³⁴ Ou seja, os deveres de cliente e as dificuldades da vida na Urbe (ver n. a I, 39, 8 e I, 70, 18).

²³⁵ Como em V, 16 (abaixo) e V, 56, 8, Marcial se queixa de que sua arte ou profissão não auferia remuneração equivalente à de outras artes. O citado ou tocador de cítara obtinha, de acordo com este epigrama, maior reconhecimento e melhores recompensas que o poeta.

²³⁶ Lembre-se que o livrinho vem da Gália Cisalpina, é um gaulês (cf. *Gallum*, III, 1, 6).

²³⁷ Provavelmente é Júlio Marcial, grande amigo do poeta (*Ep-BL*²: 325), a quem este dedica seu Livro VI e um grande número de outros epigramas, seja dirigindo-se a ele, seja citando-o (ver I, 15; IV, 64; V, 20; VI, 1; VII, 17 etc.).

²³⁸ Segundo Izaac (*Ep-BL*¹: 251, n. 7 à p. 85), a *Via Tecta* era uma rua coberta, dotada de pórticos, que ligava a Via Flamínia ao rio Tibre (cf. mapa no Anexo I).

²³⁹ Personagem desconhecido, mas, dado o tom familiar com que Marcial fala dele, deve ter sido um amigo ou conhecido do poeta. É também a opinião de Izaac (*Ep-BL*²: 315).

uideris, hoc dices “Marcus hauere iubet”,
et satis est. Alios commendet epistola: peccat
qui commendandum se putat esse suis.

10

VIII

“Thaida Quintus amat.” “Quam Thaida?” “Thaida luscam.”
Vnum oculum Thais non habet, ille duos.

XI

Si tua nec Thais lusca est, Quinte, puella,
cur in te factum distichon esse putas? –
Sed simile est aliquid. – Pro Laide Thaida dixi?
Dic mihi, quid simile est Thais et Hermione?
Tu tamen es Quintus: mutemus nomen amantis;
si non uolt Quintus, Thaida Sextus amet.

5

aviste primeiro, dirá isto: “Marco²⁴⁰ me manda saudar-vos”,
e basta. Uma carta de recomendação é para terceiros: engana-se
o que julga precisar ser recomendado aos seus amigos. 10

8²⁴¹

“Quinto ama Taís.”²⁴² “Qual Taís?” “A Taís caolha.”

Um olho não tem Taís; aquele, os dois.²⁴³

11

Se a tua garota, Quinto, não é Taís nem é zarolha,
por que acha que foi contra você que fiz esse dístico?²⁴⁴

Mas há algo semelhante. Eu disse Taís no lugar de Laís?

Então me diga, em que são semelhantes Taís e Hermíone?²⁴⁵

Mas você de fato é Quinto: mudemos o nome do amante; 5

se Quinto não aceita, que Sexto ame Taís.²⁴⁶

²⁴⁰ O primeiro nome de Marcial (Marcus Valerius Martialis).

²⁴¹ Este epigrama se relaciona com o seguinte, que, no Livro III, vem três poemas depois (ver n. a I, 5). Pode-se notar, ainda que vagamente, a abordagem do aspecto metapoético, já comentado anteriormente, da omissão dos nomes verdadeiros em poemas ofensivos.

²⁴² Tanto Quinto quanto Taís são nomes fictícios. O primeiro é usado também em III, 11; III, 62; IV, 72; V, 21; V, 75 e VIII, 9; o segundo, em IV, 12; IV, 50; IV, 84; V, 43; VI, 93 e XI, 101.

²⁴³ Ou seja, Taís, por ser caolha, é tão feia que só um cego a aceitaria por amante.

²⁴⁴ O epigrama III, 11 dialoga com o epigrama III, 8, e, nele, Marcial responde a Quinto, que teria se queixado por ser criticado naquele dístico.

²⁴⁵ Quinto parece acusar o poeta de ter trocado apenas uma letra do nome de sua amante, que é Laís, ocultando-o sob o nome de Taís. Marcial alega que os nomes Taís e Laís são muito diferentes, tão diferentes quanto Taís e Hermíone (o que não é verdade – e Marcial o sabe –, já que estes últimos sim, são *muito* diferentes, enquanto aqueles são de fato quase iguais).

²⁴⁶ Em todo caso, para evitar qualquer dúvida, o poeta troca então o nome do amante, que passa a ser Sexto, de modo que Quinto não tem mais razão para se queixar.

XXX

Sportula nulla datur; gratis conuiua recumbis:

dic mihi, quid Romae, Gargiliane, facis?

Vnde tibi togula est et fuscae pensio cellae?

unde datur quadrans? unde uir es Chiones?

Cum ratione licet dicas te uiuere summa,

quod uiuis, nulla cum ratione facis.

5

XXXIV

Digna tuo cur sis indignaque nomine, dicam.

Frigida es et nigra es: non es et es Chione.

LXVIII

Huc est usque tibi scriptus, matrona, libellus.

Cui sint scripta rogas interiora? Mihi.

Gymnasium, thermas, stadium est hac parte: recede.

30²⁴⁷

Não se concede mais nenhuma espórtula; de graça você tem de jantar, como conviva:²⁴⁸

me diga, Gargiliano²⁴⁹, o que você faz em Roma?

De onde te vêm a toguinha e o dinheiro para o escuro quartinho²⁵⁰?

Quem te dá o quadrante²⁵¹? Como você pode ser o macho de Quíone?

Você pode dizer que, em tua vida, usa da razão em teus gastos;

5

quanto a estar vivo, com nenhuma razão o faz.²⁵²

34

Direi por que você é digna e indigna do teu nome.

Você é fria e é negra: você é e não é Quíone²⁵³.

68

Até este ponto, matrona, este livrinho foi escrito para ti.²⁵⁴

A quem perguntas se escreveu a continuação? A mim.

O ginásio, as termas e o estádio ficam deste lado! Afasta-te!

²⁴⁷ Este, o epigrama seguinte (34), o 83 e o 87 foram traduzidos em razão de III, 97, mais abaixo. Neste último, diz o poeta que Quíone (nome fictício de uma prostituta em muitos de seus epigramas) ficou ofendida com um poema seu. Como há quatro epigramas anteriores ao 97 em que ela é atacada, e como não é possível saber exatamente com qual deles a cortesã se ofendeu, achamos por bem traduzir todos os quatro (veja-se nota a I, 5).

²⁴⁸ Segundo Suetônio (*Dom.*, 7), Domiciano baixara um decreto suprimindo as espórtulas públicas, a quantia em dinheiro que os patronos concediam diariamente a seus clientes (ver n. a I, 39, 8), ordenando-lhes que fornecessem refeições diárias aos seus protegidos, em vez de dinheiro.

²⁴⁹ Nome fictício, usado também em III, 74; IV, 56; VII, 65 e VIII, 13.

²⁵⁰ Isto é, para o aluguel.

²⁵¹ Moeda de pouco valor, correspondente a ¼ do asse; era o preço cobrado para se entrar nos banhos públicos de Roma (*CLS*: 205 e Robert: 55).

²⁵² Tentamos manter o jogo com o duplo sentido de *ratio* (“razão”, “raciocínio”, “juízo” e “razão”, “causa”, “motivo”). Gargiliano não tem nada a fazer em Roma, agora que não há mais espórtula: não pode jantar a não ser quando é convidado por alguém (v. 1), falta-lhe o dinheiro para a roupa e o aluguel (v. 2) e não possui os valores necessários para tomar banho ou para satisfazer suas necessidades sexuais com a prostituta Quíone (v. 3). Gargiliano, no entanto, esconde a miséria dizendo que apenas é moderado em seus gastos, que usa de razão, juízo ao gastar. Mas, para Marcial, um indivíduo tão miserável não tem nenhuma razão para viver.

²⁵³ Muitas prostitutas, em Roma, costumavam adotar nomes gregos. *Chione* não foge à regra, e é formado a partir de χιών, “neve”. Assim, Quíone faz jus a seu nome porque é fria (*frigida*, com conotação sexual; cf. *OLD*: 736-8d) como a neve, mas ao mesmo tempo não merece o nome porque é negra (*nigra*), e não branca como a neve.

²⁵⁴ De fato, não há no Livro III, até o poema 68, quase nenhum epigrama de caráter realmente obsceno, que pudesse envergonhar uma austera matrona (ver n. a I, 35, 11).

Exuimur: nudos parce uidere uiros.

Hinc iam deposito post uina rosasque pudore, 5

quid dicat nescit saucia Terpsichore:

schemate nec dubio, sed aperte nominat illam

quam recipit sexto mense superba Venus,

custodem medio statuit quam uilicus horto,

opposita spectat quam proba uirgo manu. 10

Si bene te noui, longum iam lassa libellum

ponebas, totum nunc studiosa leges.

LXIX

Omnia quod scribis castis epigrammata uerbis

inque tuis nulla est mentula carminibus,

admiror, laudo; nihil est te sanctius uno:

at mea luxuria pagina nulla uacat.

Haec igitur nequam iuuenes facilesque puellae, 5

haec senior, sed quem torquet amica, legat:

Estamos nos despindo: poupa-te de ver homens pelados.²⁵⁵
 O pudor, depois dos vinhos e das rosas²⁵⁶, foi abandonado, 5
 e já não sabe mais o que diz a embriagada Terpsícore²⁵⁷:
 não nomeia de modo disfarçado, mas sim abertamente
 aquilo que no sexto mês recebe a gloriosa Vênus,²⁵⁸
 que o caseiro põe, como protetor, no meio do jardim,²⁵⁹
 e que a pudica virgem só olha cobrindo os olhos.²⁶⁰ 10
 Se bem te conheço, este longo livrinho ias abandonando, enfasiada;
 agora não: tu, aplicada, o lerás inteirinho.²⁶¹

69

Porque você escreve todos os teus epigramas com castas palavras
 e não há nenhum pinto²⁶² em teus poemas,
 admiro-te, e te parablenizo; ninguém é mais virtuoso que você;
 nenhuma página minha, ao contrário, está livre de sensualidade.
 Os meus poemas, portanto, leiam os jovens libertinos e as garotas fáceis, 5
 e também o velho, mas só aquele a quem uma amante atormenta;

²⁵⁵ Nos ginásios e estádios, os homens se encontravam para conversar ou para os exercícios físicos, os quais praticavam sem roupa. Nas termas ou banhos públicos, as pessoas também circulavam nuas, e, embora as houvesse mistas, também havia as estritamente masculinas (*OCD*: 659-660 e 235-236). Marcial aconselha a matrona a se afastar, alertando-a, metaforicamente, de que os próximos epigramas terão um teor bem menos pudico que os anteriores.

²⁵⁶ As salas dos banquetes eram enfeitadas com rosas, que também compunham as coroas usadas pelos convivas. Também era costume aspergir essas salas com uma infusão obtida a partir daquela flor (*CLS*: 82).

²⁵⁷ Ver n. a I, 70, 15.

²⁵⁸ No sexto mês do ano, agosto (o primeiro mês do antigo calendário romano era março), era costume as devotas de Ísis levarem, em procissão, a imagem de um pênis (*phallus*) ao templo de Vênus, deusa da beleza, do amor e da sensualidade (*Ep-E70*^l: 155, n. 156). A tradição era muito antiga, anterior à reforma do calendário que fez do mês de janeiro o primeiro do ano (*OCD*: 274), e talvez seja por isso que Marcial se refere ao mês de agosto como “sexto mês”.

²⁵⁹ A estátua do deus Priapo (ver n. a I, 35, 15) ou, talvez, uma imagem do próprio pênis, que tinha, como a estátua do deus, fins apotropaicos (*OCD*: 1153).

²⁶⁰ A partir de agora, diz o poeta, a linguagem vai ser mais franca e sem rodeios, chamando as coisas pelos próprios nomes (*nec dubio schemate, sed aperte*, v. 7). No entanto, talvez porque esteja se dirigindo à matrona/leitora, ainda não nomeia abertamente a *mentula* (o pênis), utilizando-se de paráfrases: *illam quam Venus recipit sexto mense* (v. 8), *quam custodem uilicus statuit medio horto* (v. 9) e *quam proba uirgo spectat opposita manu* (v.10).

²⁶¹ Apesar da castidade da matrona, Marcial insinua maliciosamente que ela aprecia os epigramas obscenos.

²⁶² *Mentula* (cf. I, 35, 3-5 e n. a I, 35, 11). Já no primeiro epigrama depois do alerta à matrona, o poeta nomeia abertamente o pênis.

at tua, Cosconi, uenerandaque sanctaque uerba
a pueris debent uirginibusque legi.

LXXXII

Conuiuia quisquis Zoili potest esse,
Summemmianas cenet inter uxores
curtaque Ledaе sobrius bibat testa:
hoc esse leuius puriusque contendo.
Iacet occupato galbinatus in lecto
cubitisque trudit hinc et inde conuiuas
effultus ostro Sericisque puluillis.
Stat exoletus suggeritque ructanti
pinnae rubentes cuspidesque lentisci,
et aestuanti tenue uentilat frigus
supina prasino concubina flabello,
fugatque muscas myrtea puer uirga.

5

10

já as tuas venerandas e virtuosas palavras, Coscônio²⁶³,
por crianças e virgens devem ser lidas.²⁶⁴

82²⁶⁵

Todo aquele que é capaz de ser conviva de Zoilo²⁶⁶,
Que jante entre as esposas do Sumêmio²⁶⁷
e beba, mesmo sóbrio, do vaso esborcinado de Leda²⁶⁸:
isso é menos grave e mais digno, garanto.²⁶⁹
Está deitado²⁷⁰, de vestido verde-claro²⁷¹, em um leito que ocupa sozinho,²⁷² 5
e com os cotovelos empurra os convivas de ambos os lados,
apoiado num estofo de púrpura com almofadinhas de seda.²⁷³
Permanece perto dele um escravo adulto, e lhe apresenta, quando arrota,
penas vermelhas e espinhos de lentisco;²⁷⁴
quando tem muito calor, um suave frescor lhe proporciona 10
uma concubina, às suas costas, com um leque verde,
e um jovem escravo espanta as moscas com um ramo de mirto²⁷⁵.

²⁶³ Ver II, 77, 1. Ali, no entanto, era o tamanho dos epigramas de Marcial que Coscônio criticava.

²⁶⁴ Marcial não tem nenhum problema em reconhecer e assumir a imoralidade de suas páginas.

²⁶⁵ Este longo epigrama está relacionado com o dístico que o segue, razão pela qual traduzimos a ambos (ver nota a I, 109).

²⁶⁶ Nome fictício. É usado abundantemente por Marcial (II, 16; III, 29; V, 79; XI, 12; XI, 30; etc.), muitas vezes para nomear o novo-rico que, não acostumado à riqueza, procura incessantemente exibir seus bens para reafirmar seu *status*.

²⁶⁷ O *Summemmum*, *Summoenium*, *Submoenium* ou *Submemmum*, palavra de grafia e etimologia duvidosas (*Ep-BL*¹: 254, n. 3 à p. 108), era, em Roma, o bairro das cortesãs de baixa classe (Robert: 240). Muitos interpretam a palavra como “atrás das muralhas” (*sub*, “atrás de” + *moenia*, “muros”, “muralhas”), propondo que o local ficava próximo a algum ponto das muralhas da cidade (*LTL*⁴: 592).

²⁶⁸ Uma prostituta, provavelmente.

²⁶⁹ É preferível jantar com as mais baixas prostitutas (v. 2) e beber do copo de borda quebrada da meretriz Leda (v. 3) a estar à mesa com Zoilo.

²⁷⁰ Zoilo.

²⁷¹ Lembre-se que era a cor preferida dos efeminados (*galbinatus*, ver n. a I, 96, 9).

²⁷² Embora os leitos (*triclinia*) em que os gregos e romanos se reclinavam para o jantar fossem para três pessoas. A sala de jantar era em geral formada por três leitos dispostos no formato da letra grega Pi (Π), de modo que podiam participar, reclinados, nove comensais. No centro ficava uma mesa para as iguarias (*OCD*: 387 e 469-470).

²⁷³ Literalmente, “séricas” (cf. *Sericis*). Os Seros ou Seres seriam um povo que habitava a região oriental da antiga Índia (correspondendo hoje a territórios da China), e que eram famosos pela fabricação da seda (*OCD*: 1392).

²⁷⁴ As penas eram para provocar o vômito e, assim, permitir que se comesse mais (Robert: 138). Os espinhos de lentisco serviam como palito de dentes (*CLS*: 69; ver ainda *Apoph.*, 22).

²⁷⁵ Os poema 67 e 68 dos *Apophoreta* tratam de objetos usados para espantar as moscas.

Percurrit agili corpus arte tractatrix	
manumque doctam spargit omnibus membris;	
digiti crepantis signa nouit eunuchus	15
et delicatae sciscitator urinae	
domini bibentis ebrium regit penem.	
At ipse retro flexus ad pedum turbam	
inter catellas anserum exta lambentis	
partitur apri glandulas palaestritis	20
et concubino turturum natis donat;	
Ligurumque nobis saxa cum ministrentur	
uel cocta fumis musta Massilitanis,	
Opimianum morionibus nectar	
crystallinisque murrinisque propinat;	25
et Cosmianis ipse fusus ampullis	
non erubescit murice aureo nobis	

Percorre seu corpo, com ágil técnica, uma massagista,
 e passeia a hábil mão por todos os membros;
 o sinal de um estalar de dedos conhece um eunuco 15
 e, zelador de uma urina caprichosa,
 guia o ébrio pênis de seu senhor, enquanto ele bebe.²⁷⁶
 E ele, reclinado para trás, para a turba a seus pés,
 em meio às cadelinhas que lambem vísceras de gansos,
 distribui moelas de javali aos mestres de palestra,²⁷⁷ 20
 e ao seu predileto²⁷⁸ oferece rabadelas²⁷⁹ de rola;
 e, ainda que a nós os rochedos dos lígures²⁸⁰ nos sejam servidos
 ou os sumos cozidos pelos fumos massilitanos,²⁸¹
 bebe à saúde de seus bobos²⁸² o néctar opimiano,²⁸³
 em vasos de cristal ou de murra²⁸⁴; 25
 e ele próprio, regado pelos frasquinhos de Cosmo,²⁸⁵
 não se envergonha de a nós, em uma concha de múrex²⁸⁶ dourada,

²⁷⁶ Zoilo é assessorado por toda uma equipe de escravos, até para urinar, o que ele faz ali mesmo, diante de todos.

²⁷⁷ Os *palaestritae* ou *palaestrici* eram os professores de exercícios físicos na palestra ou no ginásio.

²⁷⁸ Isto é, o escravo jovem ou adolescente que é seu amante.

²⁷⁹ A porção do corpo das aves em que se fixam as penas da cauda, cujo nome técnico é uropígio.

²⁸⁰ De acordo com Marcial, os vinhos da Ligúria, região que incluía o noroeste e norte da Itália, abrangendo áreas das províncias das Gálias Cisalpina e Transalpina (GAW: 345), eram de má qualidade. O poeta parece utilizar de processo metonímico em *saxa Ligurum* (“rochas”, “rochedos”), expressão que se refere talvez ao tipo de terreno em que os lígures plantavam as vinhas com que fabricavam o seu vinho.

²⁸¹ Também era um vinho de má qualidade, segundo Marcial (cf. *Apoph.*, 118). Era fabricado em Massália ou Massília (atual Marselha, na França), na Gália Narbonense (GAW: 379). O poeta o chama de *mustum*, o vinho ainda sem fermentação, ou, ainda, o vinho muito novo, inferior, como se sabe, ao envelhecido. Os antigos costumavam acelerar o envelhecimento do vinho expondo-o ao calor, e, para isso, armazenavam-no em celeiros que ficavam sobre as lareiras das casas (OCD: 1622; cf. *cocta fumis Massilitanis*), mas, a se acreditar em X, 36, esse processo era questionável. Ver ainda, sobre o vinho de Massília, *Xenia*, 123.

²⁸² Espécie de bobo da corte ou palhaço que divertia os convidados durante o jantar (Robert: 138-139; cf. ainda VI, 39; VIII, 13; XII, 93 e *Apoph.*, 210).

²⁸³ O vinho produzido no ano de 121 a.C., durante o consulado de Lúcio Opímio e Quinto Fábio Máximo Alobrógico, fora, segundo consta, de excelente qualidade, e tornou-se famoso em toda a Antigüidade. O nome do cônsul passou a designar o vinho daquele ano, mas acabou, depois, sendo utilizado para designar todo vinho de muito boa qualidade (OCD: 1069).

²⁸⁴ Era uma substância mineral usada na fabricação de vasos. Quanto aos vasos de cristal (*crystallina*), ver epigrama 111 dos *Apophoreta*.

²⁸⁵ Famoso perfumista na Roma antiga (OLD: 452), citado em inúmeros epigramas de Marcial (I, 87, 2; III, 55, 1; IX, 26, 2; XI, 8, 9; XI, 18, 9, etc.) e por Juvenal (*Sat.*, VIII, 86). Aqui, no entanto, ocorre a forma adjetivada: *Cosmianis ampullis* (“frasquinhos cosmianos”).

²⁸⁶ O múrex (ver n. a I, 53, 4) é dotado de uma concha muito ornamentada, que se utilizava como frasco ou embalagem.

diuidere moechae pauperis capillare.
Septunce multo deinde perditus stertit:
non accubamus et silentium rhonchis
praestare iussi nutibus propinamus.
Hoc Malchionis patimur inprobi fastus,
nec uindicari, Rufe, possumus: fellat.

30

LXXXIII

Vt faciam breuiora mones epigrammata, Corde.
“Fac mihi quod Chione”: non potui breuius.

LXXXVI

Ne legeres partem lasciui, casta, libelli,
praedixi et monui: tu tamen, ecce, legis.

distribuir o óleo de cabelo de uma prostituta pobre.

Logo em seguida, atordado pelos sete cíatos²⁸⁷, dorme profundamente:

já nós, continuamos à mesa, e, exortados a guardar silêncio 30

aos seus roncoss, brindamos por gestoss.

Sofremos desse torpe Malquíão²⁸⁸ esses menosprezoss,

e nem nos vingar, Rufo²⁸⁹, podemos: ele é dos que chupam!²⁹⁰

83

Você me aconselha a fazer epigramas mais breves, Cordo²⁹¹.

“Faça para mim o que faz Quíone.” Não pude ser mais breve.²⁹²

86

De que não lessess, casta, esta parte do lascivo livrinho,

te preveni e te aconselhei: eis-te aqui, entretanto, a leres.²⁹³

²⁸⁷ 318,5ml, já que um cíato possuía 45,5ml, e equivalia a 1/12 do sextário, que tinha 546ml (*OCD*: 943). Ver n. a II, 1, 9.

²⁸⁸ Mesmo que Marcial não o indicasse, seria praticamente impossível não associar o Zoilo deste epigrama ao Trimalquíão de Petrónio. O excesso de luxo próprio do novo-rico, os maus modos à mesa, o comportamento devasso, a mesquinhez e a arrogância: tudo nos faz lembrar o personagem do *Satiricon*. Essa semelhança é também apontada por A. Ernout em sua edição da obra petroniana (*Le Satiricon*. Paris: Les Belles Lettres, 1922, p. 23, n. 1)., em que acrescenta que o nome *Trimalchio* é certamente simbólico, evocando os excessos e o comportamento exibicionista do personagem, já que é formado pelo prefixo aumentativo *tri-* (“três vezes”, “muito”) e pelo nome *malchio*, talvez de origem semítica.

²⁸⁹ Indivíduo fictício, ou talvez uma das pessoas reais que aparecem, com esse nome, na obra de Marcial (Cânio Rufo: I, 61, VII, 69, etc.; Instância Rufo: VII, 68, 1; XII, 95, 4, etc.; Júlio Rufo: X, 99; Safrônio Rufo: IV, 71).

²⁹⁰ Um dos insultos mais ofensivos a um cidadão romano era dizer-lhe “chupa o meu pênis” (*irrumabo te*), já que todos as práticas sexuais que, segundo os romanos, visavam o prazer do parceiro/a (felação, sodomia passiva, cunilíngua, etc.), eram considerados impróprios ao cidadão de nascimento livre do sexo masculino (Cuatrecasas: 68). No caso de Zoilo, porém, esse insulto não surte efeito, já que o sujeito aprecia, encontra prazer em praticar felação (cf. *fellat*). Por outro lado, como as práticas homossexuais passivas não eram condenáveis nos escravos e libertos, que tinham a obrigação de satisfazer sexualmente seus senhores e amos (Cuatrecasas: *ibid.*), pode-se pensar que Marcial está também aludindo às origens servis de Zoilo (como o Trimalquíão de Petrónio, Zoilo é um liberto que enriqueceu; cf. III, 29), que, como ex-escravo, está habituado a tais comportamentos contrários à virilidade do cidadão.

²⁹¹ Nome fictício (não designa o mesmo indivíduo de II, 57; V, 23 e V, 26; cf. n. a II, 57, 4).

²⁹² A prostituta Quíone provavelmente era rápida nos serviços sexuais prestados. Além deste e dos três outros epigramas do Livro III (ver n. a III, 30), a personagem aparece também em I, 34, 7; I, 92, 6 e XI, 60.

²⁹³ Dezoito epigramas depois de alertar a matrona para que não prosseguisse na leitura, Marcial dirige-se novamente a ela, como quem já sabia que ela não resistiria à curiosidade de ler os epigramas obscenos que se seguiriam (cf. III, 68).

Sed si Panniculum spectas et, casta, Latinum, –
non sunt haec mimis improbiora, – lege.

LXXXVII

Narrat te rumor, Chione, numquam esse fututam
atque nihil cunno purius esse tuo.
Tecta tamen non hac, qua debes, parte lauaris:
si pudor est, transfer subligar in faciem.

XCVII

Ne legat hunc Chione, mando tibi, Rufe, libellum:
carmine laesa meo est, laedere et illa potest.

XCIX

Irasci nostro non debes, Cerdo, libello:
ars tua, non uita, est carmine laesa meo.
Innocuos permitte sales. Cur ludere nobis
non liceat, licuit si iugulare tibi?

Mas se és, casta, espectadora de Panículo e de Latino²⁹⁴ –

não são estes poemas mais obscenos que os mimos –, continua a ler!

87

Corre o boato de que você, Quíone, nunca foi fodida

e de que nada é mais casto que a tua boceta.

No entanto, você se banha sem cobrir a parte que devia:

se algum pudor há em você, transfira a roupa íntima²⁹⁵ para a cara.²⁹⁶

97²⁹⁷

Que Quíone não leia este livrinho, Rufo²⁹⁸, te recomendo:

com um poema meu ficou ofendida, e me ofender também ela pode.

99

Você não deve se irritar, Cerdão²⁹⁹, com o meu livrinho:

é a tua profissão, não o teu modo de vida, que é criticada em meu poema.³⁰⁰

Tolere esses sarcasmos inofensivos. Por que a mim gracejar

não é permitido se a você foi permitido degolar?³⁰¹

²⁹⁴ Para Latino, ver nota a I, 4, 5, e, para os mimos, a n. 8 ao prefácio do Livro I. Panículo seria também um ator de mimos, conforme os epigramas II, 72 e V, 61.

²⁹⁵ Em latim, *subligar*, espécie de tanga triangular que os homens e, menos freqüentemente, as mulheres, usavam como roupa íntima (*OCD*, 497).

²⁹⁶ Quíone praticava sexo oral.

²⁹⁷ Ver n. a III, 30.

²⁹⁸ Ver primeira nota a III, 82, 33.

²⁹⁹ O nome se refere provavelmente ao mesmo personagem criticado em III, 16 e III, 59, o sapateiro Cerdão.

³⁰⁰ Marcial declara aqui um de seus principais princípios: satirizar os tipos humanos ou sociais, suas profissões, e não as pessoas em particular. Ou seja, o poeta critica os vícios e os comportamentos reprováveis de um grupo, de uma facção, de uma categoria social, mas usa, para isso, um nome individual, que materializa e representa os vícios do conjunto (cf. o prefácio ao Livro I). Este nome individual, porém, é sempre fictício, como já foi visto em outros poemas.

³⁰¹ Adotamos aqui a interpretação de Cristina S. Pimentel (*Ep-E70*¹: 166, n. 220), à qual acrescentamos algumas informações. Segundo a anotadora portuguesa, há aqui um jogo de palavras com *ludere* (v. 3) e *iugulare* (v. 4). O segundo verbo pode significar “cortar”, “recortar” (é o que faz o sapateiro com o couro) e também “degolar” (o que o gladiador fazia na arena). *Ludere*, por sua vez, pode se referir aos jogos em geral (nos epigramas III, 16 e 59, Cerdão promove jogos de gladiadores) ou significar “gracejar”, “dizer brincando” (*OLD*: 1048-2a, 8a e 8b). Daí o sentido deste epigrama 99: a Cerdão, que é sapateiro (*iugulare*) e que promoveu jogos (*ludere*), foi permitido degolar (*iugulare*); por que, então, não seria permitido a Marcial gracejar (*ludere*)?

C

Cursorem sexta tibi, Rufe, remisimus hora
carmina quem madidum nostra tulisse reor:
imbribus inmodicis caelum nam forte ruebat.
Non aliter mitti debuit iste liber.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER IV

VIII

Prima salutantes atque altera conterit hora,
exercet raucos tertia causidicos,
in quintam uarios extendit Roma labores,
sexta quies lassus, septima finis erit,
sufficit in nonam nitidis octaua palaestris,
imperat extractos frangere nona toros:

5

Um cursor³⁰² te enviei, Rufo³⁰³, à hora sexta³⁰⁴,
 o qual, creio eu, te levou, encharcado, os meus poemas,
 pois o céu desabava, por acaso, em forte aguaceiro.
 Não devia este livro ser enviado de outra maneira.³⁰⁵

QUARTO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL³⁰⁶

8

A primeira hora e a segunda esgotam os clientes³⁰⁷;
 a terceira põe a trabalhar os roucos oradores³⁰⁸;
 até a quinta prolonga Roma seus vários deveres;
 a sexta será, para os fatigados, o repouso; a sétima, o fim deste;³⁰⁹
 a oitava, até a nona, basta aos oleosos ginásios;³¹⁰
 manda que se pisem os triclínios preparados a nona.³¹¹

5

³⁰² Os *cursores* (“corredores”) eram os escravos que, além de precederem os veículos de seus senhores, a fim de abrir-lhes caminho (*CLS*: 433), desempenhavam a função de mensageiros.

³⁰³ Ver n. a III, 82, 33.

³⁰⁴ Ao meio-dia. A primeira hora do dia, para os antigos romanos, era, geralmente, às 7h; a segunda, às 8h, e assim por diante. As 19h eram a primeira hora da noite; as 20h, a segunda, e assim sucessivamente. Porém, a duração de cada hora não era igual e dependia da estação do ano, ou, em outras palavras, do horário em que o sol nascia e se punha (*CLS*: 200-201).

³⁰⁵ Ou seja, livros tão ruins deviam mesmo ser enviados durante uma tempestade, pois assim seriam apagados pela água (cf. I, 5 e, mais abaixo, IV, 10, 5-9 e IX, 58). Marcial encerra o Livro III tentando aparentar modéstia.

³⁰⁶ Publicado em 89 d.C. (Sullivan: 33), época em que Marcial se encontrava novamente em Roma.

³⁰⁷ Os clientes tinham de estar, entre as 7h e as 9h da manhã (ver n. a III, 100, 1), no vestíbulo de seus patronos para os saudar (ver n. a I, 39, 8). É importante lembrar que é controversa, entre os estudiosos, a questão da divisão do tempo entre os antigos romanos: não se sabe ao certo se as horas (*horae*) se referiam a um ponto exato no tempo ou se diziam respeito ao período entre uma hora e outra (*CLS*: 201). Neste epigrama de Marcial, porém, nos parece claro que o poeta se refere à duração completa da primeira (7h-8h) e da segunda (8h-9h) horas do dia, ou seja, ao período entre as 7h e as 9h.

³⁰⁸ Roucos de tanto falar e discursar, provavelmente.

³⁰⁹ À hora terceira (o período entre as 9h e as 10h da manhã), iniciavam-se os trabalhos no fórum e as várias atividades dos cidadãos romanos (v. 2), que terminavam ao fim da quinta hora (entre 11h e 12h), ou seja, ao meio-dia, a hora sexta (v. 3-4). No período entre a sexta (12h-13h) e a sétima horas (13h-14h), ou seja, entre o meio-dia e as duas da tarde, os romanos costumavam descansar e fazer uma leve refeição (o *prandium*), composta geralmente de peixes, vegetais, ovos e vinho (*CLS*: 202-203; *OCD*: 942).

³¹⁰ As duas horas entre a oitava (14h-15h) e a nona (15h-16h) horas eram, em geral, dedicadas aos exercícios físicos (ver n. a III, 68, 3) e divertimentos, e, após estes, aos banhos (*CLS*: 203-205).

³¹¹ Era a hora em que se iniciava o jantar (*cena*), a principal refeição do dia para os romanos, que chegava a durar três horas. Era composta de três partes: as entradas (*gustatio*), em que se serviam ovos, frutos do mar,

hora libellorum decuma est, Eupheme, meorum,
temperat ambrosias cum tua cura dapes
et bonus aetherio laxatur nectare Caesar
ingentique tenet pocula parca manu. 10
Tunc admitte iocos: gressu timet ire licenti
ad matutinum nostra Thalia Iouem.

X

Dum nouus est nec adhuc rasa mihi fronte libellus,
pagina dum tangi non bene sicca timet,
i, puer, et caro perfer leue munus amico
qui meruit nugas primus habere meas.
Curre, sed instructus: comitetur Punica librum 5
spongea: muneribus conuenit illa meis.
Non possunt nostros multae, Faustine, liturae
emendare iocos: una litura potest.

verduras, azeitonas e vinho adoçado com mel; a *cena* propriamente dita, formada por várias rodadas de pratos principais; e a sobremesa (*mensae secundae*), com doces e frutas (CLS: 205-206). Sobre os triclinios, ver terceira nota a III, 82, 5.

a hora dos meus livrinhos é a décima, Eufemo,³¹²
quando a tua diligência prepara banquetes ambrosinos
e o bom César se delicia com o néctar etéreo,
segurando, na poderosa mão, moderados³¹³ copos. 10
Aí então, recebe estes gracejos: teme dirigir-se a minha Talia³¹⁴,
com seu jeito atrevido, a um Jove madrugador.³¹⁵

10

Enquanto o meu livrinho é novo e ainda não polido com a pedra-pomes,³¹⁶
enquanto a página, não bem seca, teme ser tocada,
vá, meu jovem, e leve este modesto presente a um amigo querido,
que mereceu ser o primeiro a ter minhas bagatelas.
Corra, mas vá equipado: que acompanhe meu livro 5
a púnica esponja³¹⁷, ela convém aos meus presentes.
Não podem muitas rasuras, Faustino,³¹⁸
corrigir os meus gracejos: uma única rasura pode.³¹⁹

³¹² A décima hora (entre 16h e 17h) era um momento já avançado do jantar, em que se iniciava a bebedeira chamada *comissatio* e em que se costumavam apresentar espetáculos teatrais e de dança (muitas vezes lasciva) ou se recitava poesia (CLS: 207). Marcial diz que este é o momento em que seus livrinhos, joviais e licenciosos por natureza, devem ser recitados. Quanto a Eufemo, era o mordomo de Domiciano, isto é, quem organizava e conduzia os banquetes e festins do imperador (Ep-BL²: 317).

³¹³ “Moderados” (*parca*) refere-se talvez ao fato de Domiciano ter tentado promover a moralização dos costumes na Roma imperial (ver n. 3 ao prefácio do Livro I). Ou, mais provavelmente, como muito bem observa Cristina S. Pimentel (Ep-E70²: 22, n. 35), refere-se à moderação de Domiciano quanto à bebida, comportamento reportado por Suetônio (Dom. 21, 2-3).

³¹⁴ Ver n. a I, 70, 15.

³¹⁵ Marcial compara Domiciano a Júpiter (note-se ainda *ambrosias dapes*, v. 8, e *aetherio nectare*, v. 9), procedimento freqüente nos epigramas que o poeta dirige ao imperador, visando alcançar sua proteção e simpatia (os três primeiros e muitos outros poemas do Livro IV também homenageiam o César). O poeta pede a Eufemo que apresente os epigramas a Júpiter/ Domiciano no momento da *cena*, o mais adequado para a poesia jovial e divertida que Marcial produz. Não seria adequado lê-la ou ouvi-la durante a manhã (cf. *matutinum Iouem*, v. 12), reservada às atividades sérias e aos negócios.

³¹⁶ Ver n. a I, 66, 11.

³¹⁷ Provavelmente, um pedaço de pano ou esponja, que era usado para apagar a escrita recente lançada tanto em papiro como em pergaminho, a fim de efetuar correções. Esse trabalho era auxiliado por um pequeno canivete chamado *rasorium* ou *scalprum*, com que se raspavam os locais corrigidos (Oliveira: 222).

³¹⁸ Ver n. a III, 2, 6.

³¹⁹ Isto é, a única forma de corrigir e melhorar seu livro é apagando-o por completo. Assim como em III, 100 e I, 5, Marcial sugere que o melhor destino para seus livrinhos é serem eliminados. A modéstia parece ser falsa, já que contrasta com outros epigramas em que o poeta se mostra bem menos modesto (ver I, 1, por exemplo).

XIV

Sili, Castalidum decus sororum,
qui periuria barbari furoris
ingenti premis ore perfidosque
astus Hannibalis levisque Poenos
magnis cedere cogis Africanis:
paulum seposita seueritate,
dum blanda uagus alea December
incertis sonat hinc et hinc fritillis
et ludit tropa nequiore talo,
nostris otia commoda Camenis,
nec torua lege fronte, sed remissa

5

10

Sílio³²⁰, glória das castálidas irmãs,³²¹
 que os perjúrios do bárbaro furor³²²
 denigres com poderosa voz e os pérfidos
 ardis de Aníbal³²³ e os desleais cartagineses
 obrigas a sucumbir aos grandes Africanos:³²⁴ 5
 deixando um pouco de lado tua severidade,
 enquanto em agradáveis jogos³²⁵ o libertino Dezembro³²⁶
 ressoa aqui e ali nos imprevisíveis fritilos³²⁷
 e joga tiro ao alvo com ossinhos mais desleais,³²⁸
 adapta tuas horas de lazer às minhas Camenas³²⁹ 10
 e não leias com a fronte severa, mas jovial,

³²⁰ Sílio Itálico (Tibério Cátio Ascônio Sílio Itálico), cônsul em 68 d.C., político e poeta romano, autor de uma monumental obra épica, *Punica*, que tratava da Segunda Guerra Púnica (*OCD*: 1407). É citado ou homenageado por Marcial em várias peças: VI, 64, 10; VII, 63; VIII, 66; IX, 86; XI, 48 e XI, 50.

³²¹ Isto é, as Musas, irmãs de Apolo (ver n. a I, 70, 15), deus que tinha seu principal santuário em Delfos, nas encostas do monte Parnaso, na Fócia, pequena região da Grécia central, entre a Lócrida, a Dória e a Beócia. Perto do santuário apolíneo ficava a fonte Castália, também consagrada ao deus (*GAW*: 213 e 502).

³²² Os romanos chamavam bárbaros aos cartagineses, como faziam, aliás, com a maior parte dos estrangeiros (*OCD*: 233).

³²³ General cartaginês na Segunda Guerra Púnica (*OCD*: 1277-1278).

³²⁴ Públio Cornélio Cipião Africano e Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano (adotado por Públio Cornélio Cipião, filho do primeiro), generais importantes nas campanhas romanas na Segunda e Terceira Guerras Púnicas, respectivamente (*OCD*: 397-398).

³²⁵ O original traz *alea*, que designa qualquer jogo de sorte, em especial os que envolvem dados (*OLD*: 82-1).

³²⁶ Era o mês das Saturnais, festas em honra a Saturno que se realizavam, à época de Marcial, entre os dias 17 e 23. Eram dias que se passava comendo, bebendo e se divertindo, e em que se trocavam presentes (cf. os livros *Xenia* e *Apophoreta*). Além disso, os papéis sociais se invertiam, e os senhores serviam seus escravos à mesa, podendo até mesmo ser insultados por estes. Todos os cidadãos deixavam de lado a toga e usavam a *synthesis*, uma veste mais leve, assim como o *pilleus*, um gorro vermelho próprio dos escravos (*OCD*: 1360-1361).

³²⁷ O fritilo (*fritillus*) era o copo em que se agitava o dado antes de lançá-lo (*DLS*: 782 e 82). O dístico 16 da recolha *Apophoreta* menciona um *fritillus* em forma de torre.

³²⁸ Optamos por traduzir por “tiro ao alvo” o jogo que os romanos chamavam de *tropa*, no qual os jogadores deviam acertar com pequenos objetos (aqui são ossinhos ou dados, cf. *talo*) um buraco ou o gargalo de um recipiente (*LTL*⁴: 814-1). Embora Forcellini registre o substantivo, o termo *tropa*, que vem do grego τρόπα, pode ser também advérbio (como em Marcial), de maneira que a expressão *ludere tropa* significa, literalmente, “jogar ‘ao buraco’, ‘ao alvo’” (*DLS*: 1904). Veja também *Xenia*, I, 6.

³²⁹ Ver n. a II, 6, 16.

lasciuis madidos iocis libellos.
Sic forsán tener ausus est Catullus
magno mittere Passerem Maroni.

XXIII

Dum tu lenta nimis diuque quaeris
quis primus tibi quisue sit secundus,
Graium quos epigramma comparauit,
palmam Callimachus, Thalia, de se
facundo dedit ipse Bruttiano.
Qui si Cecropio satur lepore
Romanae sale luserit Mineruae,
illi me facias, precor, secundum.

5

XXIX

Obstat, care Pudens, nostris sua turba libellis
 lectoremque frequens lassat et implet opus.
Rara iuuant: primis sic maior gratia pomis,

estes livrinhos repletos de divertidos gracejos.³³⁰

Foi assim, talvez, que ousou o lascivo Catulo
enviar o seu Pardal ao grande Marão.³³¹

23

Enquanto tu, com muita lentidão e há muito tempo, buscas saber
quem é, para ti, o primeiro e o segundo
dentre os que rivalizam no epigrama grego,
a palma, Talia³³², o próprio Calímaco
deu, em vez de a si mesmo, ao eloqüente Brutiano.³³³
Se este, farto da beleza cecrópia,³³⁴
quiser compor com a jovialidade da romana Minerva,
que me faças, te peço, o segundo, depois dele.³³⁵

5

29

Prejudica os meus livrinhos, caro Pudente³³⁶, sua própria abundância,
e cansa e farta o leitor uma volumosa obra.³³⁷

As raridades agradam: assim há maior atrativo nos primeiros frutos,

³³⁰ Marcial deixa clara aqui a diferença de gênero entre a sua poesia e a de Sílio. A sua é jovial, graciosa, leve, própria para o mês dos divertimentos, ideal para as Saturnais; a de Sílio é imponente, grave, austera. A poesia de Marcial é satírica (ou epigramática, mais especificamente); a de Sílio, épica.

³³¹ Marcial se refere aos poemas II e III de Catulo, sobre o pardal de Lésbia (ver n. a I, 109, 1). O fato referido, porém, é cronologicamente improvável, como lembra Izaac (*Ep-BL*¹: 255, n. 5 à p. 121): Catulo morreu em 54 a.C. e Virgílio nasceu em 70 a.C., de modo que este último teria no máximo 16 anos quando faleceu o poeta veronês. De qualquer forma, Marcial se compara a Catulo, cuja poesia se enquadrava no mesmo gênero que o seu, e iguala Sílio a Marão (Públio Virgílio Marão), o principal poeta épico da literatura latina.

³³² Ver n. a I, 70, 15.

³³³ Poeta desconhecido, mas certamente autor de epigramas gregos (*Ep-E70*²: 29, n. 69). Quanto ao conhecido poeta grego Calímaco, nasceu em Cirene (atual Shahat, na Líbia) e se notabilizou sob Ptolomeu II (285-246 a.C.). Autor de diversos tipos de poemas – praticou também o subgênero epigramático –, foi ainda crítico, editor e bibliotecário em Alexandria (*OCD*: 276-277).

³³⁴ Ver n. a I, 39, 3.

³³⁵ Embora aparente modéstia por aceitar o segundo lugar, Marcial diz sutilmente que é o melhor epigramatista em língua latina (note-se que Brutiano só escrevia epigramas em grego e que Marcial somente seria o segundo no epigrama latino se aquele resolvesse praticar sua arte em latim).

³³⁶ Aulo Pudente, amigo de Marcial e centurião, de acordo com os dados que podem ser extraídos dos próprios epigramas que o mencionam ou que lhe são dirigidos (I, 31; IV, 13; V, 28; VIII, 63; IX, 81; etc.).

³³⁷ À época da publicação do livro IV, já tinham sido publicados outros seis (*Liber de Spectaculis*, *Xenia*, *Apophoreta*, *Libri I, II e III*), além de outros tantos epigramas esparsos que deviam circular e que não chegaram até nós (ver Sullivan: 6, 12, 15 e 33).

hibernae pretium sic meruere rosae;	
sic spoliatricem commendat fastus amicam	5
ianua nec iuuenem semper aperta tenet.	
Saepius in libro numeratur Persius uno	
quam leuis in tota Marsus Amazonide.	
Tu quoque de nostris releges quemcumque libellis,	
esse puta solum: sic tibi pluris erit.	10

XXXI

Quod cupis in nostris dicique legique libellis	
et nonnullus honos creditur iste tibi,	
ne ualeam si non res est gratissima nobis	
et uolo te chartis inseruisse meis.	
Sed tu nomen habes auerso fonte sororum	5
inpositum, mater quod tibi dura dedit;	
quod nec Melpomene, quod nec Polyhymnia possit	
nec pia cum Phoebo dicere Calliope.	
Ergo aliquod gratum Musis tibi nomen adopta:	
non semper belle dicitur "Hippodame".	10

e assim adquirem o seu valor as rosas invernaís;
 assim o desdém valoriza a espoliadora amante 5
 e ao jovem não atrai uma porta sempre aberta.³³⁸
 Mais vezes foi estimado Pérsio por um único livro³³⁹
 que o medíocre Marso com toda a sua *Amazona*.³⁴⁰
 Tu também, quando leres qualquer um dos meus livrinhos,
 imagina que é o único: assim terá para ti mais valor. 10

31

Quanto a você desejar ser citado e lido em meus livrinhos
 e acreditar que alguma honra isso representa para você,
 que eu morra se não é a coisa que mais me agrada
 e se eu não desejo inserir-te em meus papiros.
 Mas você tem um nome avesso à fonte das irmãs,³⁴¹ 5
 e que uma mãe desumana te deu;
 nem Melpómene nem Polímnia³⁴² poderiam proferi-lo,
 nem a pia Calíope, com a ajuda de Febo.³⁴³
 Por isso, adote para você algum nome grato às Musas:
 nem sempre é belo dizer “Hipódamo”.³⁴⁴ 10

³³⁸ Marcial recorre a uma série de *exempla* para comprovar que *rara iuuant* (“as raridades agradam”): os primeiros frutos, que são menos abundantes, assim como as rosas do tempo de inverno, que são raras, agradam mais (3-4); a amante é mais desejada se desdenha o amante; e o rapaz não acha graça em se deitar com uma prostituta que, por ser paga, nunca lhe fecha a porta (ou com uma amante que nunca se nega: ver, mais abaixo, IV, 71 e IV, 81).

³³⁹ Pérsio (Aulo Pérsio Flaco), poeta satírico, viveu na época de Nero. Apenas seis de suas sátiras foram preservadas após sua morte (OCD: 1147-1148).

³⁴⁰ Ver n. 5 ao prefácio do Livro I.

³⁴¹ Ver n. a IV, 14, 1.

³⁴² Ver n. a I, 70, 15.

³⁴³ Ver n. a I, 70, 15.

³⁴⁴ A pessoa a quem se dirige este epigrama teria um nome difícil de se introduzir na métrica do poema e que não caberia nos versos da tragédia (Melpômene, v. 7), nem dos hinos e da pantomima (Políminia, v. 7), nem da épica (Calíope, v. 8). A interpretação do último verso é difícil: para Izaak (*Ep-BL*¹: 257, n. 3 à p. 126), “Hipódamo”, que quer dizer “cavaleiro”, traria conotações sexuais ao epigrama, ou, ainda, invocaria algum nome como *Domitia Caballina*, impossível de se encaixar na métrica do epigrama.

XXXIII

Plena laboratis habeas cum scrinia libris,
emittis quare, Sosibiane, nihil?
“Edent heredes” inquis “mea carmina”. Quando?
Tempus erat iam te, Sosibiane, legi.

XLIX

Nescit, crede mihi, quid sint epigrammata, Flacce,
qui tantum lusus illa iocosque uocat.
Ille magis ludit qui scribit prandia saeui
Tereos aut cenam, crude Thyesta, tuam,
aut puero liquidas aptantem Daedalon alas,
pascentem Siculas aut Polyphemon ouis.
A nostris procul est omnis uesica libellis,

5

33³⁴⁵

Se tem os escrínios³⁴⁶ repletos de trabalhados livros,
por que, Sosibiano³⁴⁷, você nada publica?
“Os herdeiros editarão”, você diz, “os meus poemas.” Quando?
Já era tempo, Sosibiano, de você ser lido.³⁴⁸

49

Não sabe, creia em mim, Flaco,³⁴⁹ o que são epigramas
quem os chama apenas futilidades e passatempos.
Mais fútil é aquele que descreve as refeições do desumano
Tereu³⁵⁰ ou o teu jantar, Tiestes de digestão difícil,³⁵¹
ou Dédalo, que adapta ao filho liquêfativas asas,³⁵²
ou Polifemo, que apascenta sículas ovelhas.³⁵³
Longe de meus livrinhos está todo empolamento,

5

³⁴⁵ Ver n. a I, 91 e a I, 91, 2.

³⁴⁶ A escrivania ou as estantes do autor (ver n. a I, 3, 2).

³⁴⁷ Nome certamente fictício; é usado também em I, 81 e XI, 83.

³⁴⁸ Isto é, já era tempo de você morrer, Sosibiano.

³⁴⁹ Talvez seja o mesmo Flaco, rico amigo de Marcial (*Ep-BL*²: 319), que aparece em muitos outros epigramas (I, 59; IV, 42; VII, 87; VIII, 45; VIII, 55; IX, 55; IX, 90; X, 48; XI, 80; etc.).

³⁵⁰ Ver n. a I, 53, 10.

³⁵¹ Tiestes, irmão do rei de Micenas, Atreu, cometera adultério com a mulher deste, Aérope; ao saber disso, Atreu mandou matar os filhos de Tiestes e lhos serviu, sem este o saber, num festim. A seguir, mostrou ao irmão adúltero as cabeças e as mãos de seus filhos e o expulsou do reino. Atreu era pai de Menelau e Agamêmnon (*DMG*: 297). O adjetivo *crudus*, que qualifica Tiestes (v. 4), pode significar “cruel” ou, ainda, “que tem uma digestão difícil”; a segunda acepção é preferível, de acordo com Izaac (*Ep-BL*¹: 258, n. 1 à p. 132) porque a primeira, “cruel”, não se aplicaria a Tiestes, e sim a Atreu.

³⁵² Alusão ao conhecido mito do inventor e artesão Dédalo, construtor do labirinto de Creta. Preso nessa ilha pelo rei Minos, Dédalo confeccionou asas de cera para si e para seu filho Ícaro, a fim de que pudessem fugir voando. O plano deu certo inicialmente, mas Ícaro se aproximou demais do sol e, tendo a cera se derretido, despencou no mar e morreu (*Met.*, VIII, 183-235).

³⁵³ Polifemo era um dos Ciclopes, gigantes de um único olho de que nos falam, dentre outros, Homero (*Od.*, IX, 105-540) e Virgílio (*En.*, III, 548-681). Em Homero, Odisseu e seus companheiros ficam presos na caverna de Polifemo, e, depois de cegá-lo com uma grande tocha, conseguem fugir agarrados sob o ventre das ovelhas do gigante. De acordo com a *Eneida*, os Ciclopes habitavam a Sicília, daí o adjetivo *Siculas* (“sículas”, “da Sicília”).

Musa nec insano syrmate nostra tumet.
“Illa tamen laudant omnes, mirantur, adorant”.
Confiteor: laudant illa, sed ista legunt.

10

LXXI

Quaero diu totam, Safroni Rufe, per urbem,
si qua puella neget: nulla puella negat.
Tamquam fas non sit, tamquam sit turpe negare,
tamquam non liceat, nulla puella negat.
Casta igitur nulla est? Sunt castae mille. Quid ergo
casta facit? Non dat, non tamen illa negat.

5

LXXII

Exigis ut donem nostros tibi, Quinte, libellos.
Non habeo, sed habet bibliopola Tryphon.
“Aes dabo pro nugis et emam tua carmina sanus?
Non, inquis, faciam tam fatue.” Nec ego.

e a minha Musa³⁵⁴ não se incha com a extravagante veste trágica³⁵⁵.

“Aqueles, no entanto, todos louvam, admiram, veneram.”

Admito: louvam aqueles, mas estes meus é que lêem.³⁵⁶

10

71³⁵⁷

Há muito tempo busco saber, Safrônio Rufo³⁵⁸, por toda a cidade,

se alguma garota se nega: nenhuma garota se nega.

Como se não fosse piedoso, como se fosse vergonhoso se negar,

como se não fosse lícito, nenhuma garota se nega.

Casta, portanto, não há nenhuma? São castas milhares delas. O que, então,

5

a garota casta faz? Ela não dá, porém, não se nega.³⁵⁹

72³⁶⁰

Você exige que eu te dê de presente, Quinto³⁶¹, os meus livrinhos.

Não os tenho, mas o livreiro Trífon³⁶² os tem.

“Dinheiro vou dar por bagatelas e comprar, em sã consciência, os teus poemas?

Não farei”, você diz, “algo tão tolo.” Nem eu.³⁶³

³⁵⁴ Talia (ver n. a I, 70, 15).

³⁵⁵ O original traz *syrra*, termo que designava a veste longa que usavam os personagens da tragédia (CLS: 521).

³⁵⁶ Marcial se defende de quem acha que sua obra é inferior à tragédia (*Tereos*, *Thyesta*, *Daedalon*, vv. 3-5) e à épica (*Polyphemon*, v. 6). À objeção apresentada por Flaco, responde Marcial que, embora as poesias épica e trágica sejam admiradas, é a sua poesia satírica, alegre, jovial, divertida que é lida pelo grande público.

³⁵⁷ Este epigrama “dialoga” com IV, 81, razão pela qual o traduzimos aqui (ver n. a I, 5).

³⁵⁸ Indivíduo desconhecido (*Ep-BL*²: 345). Este epigrama é o único que Marcial dirige a ele.

³⁵⁹ Isto é, a garota que quer ser casta deve negar-se um pouco para atizar o desejo do amante (cf. IV, 29, 5-6), mas depois se entregar (cf. IV, 81). Dessa forma, a garota ao mesmo tempo se entrega e não se entrega.

³⁶⁰ Sobre a inclusão deste poema nesta coletânea, veja-se n. a I, 117.

³⁶¹ Ver n. a III, 8, 1.

³⁶² Um dos editores de Marcial, também mencionado em *Xenia*, 3, 4 (ver n. I, 2, 7 e a I, 66, 3). Fora também editor de Quintiliano (*OCD*: 252).

³⁶³ Ou seja, “nem eu farei algo tão tolo quanto te dar de presente os meus livrinhos”. Note-se, aqui, que Quinto chama *nugae* aos livrinhos de Marcial (a exemplo do próprio autor: cf. n. a I, 113, 6), isto é, “bagatelas”, brincadeiras, bobagens, algo pelo qual não vale a pena dar dinheiro. Compare-se ainda este epigrama com I, 117, sobre o sovina Luperco.

LXXXI

Epigramma nostrum cum Fabulla legisset,
negare nullam quo queror puellarum,
semel rogata bisque terque neglexit
preces amantis. Iam, Fabulla, promitte:
negare iussi, pernegare non iussi.

5

LXXXII

Hos quoque commenda Venuleio, Rufe, libellos,
inputet et nobis otia parua roga,
immemor et paulum curarum operumque suorum
non tetrica nugas exigit aure meas.
Sed nec post primum legat haec summumue trientem,
sed sua cum medius proelia Bacchus amat.
Si nimis est legisse duos, tibi charta plicetur
altera: diuisum sic breue fiet opus.

5

LXXXVI

Si uis auribus Atticis probari,
exhortor moneoque te, libelle,

81

Porque Fabula³⁶⁴ tivesse lido um epigrama meu
no qual me queixo de que nenhuma garota se nega,
desprezou, solicitada uma, duas, três vezes,
as súplicas do amante. Entregue-se agora, Fabula:
exortei a se negar, não a se negar em definitivo.³⁶⁵ 5

82

Recomende também a Venuleio³⁶⁶, Rufo³⁶⁷, estes livrinhos,
peça que me conceda um pouco de seu tempo livre
e que, esquecido um pouco de seus cuidados e obrigações,
não examine com ouvido severo minhas bagatelas.
Que não as leia, porém, depois do primeiro ou do último copo de quatro cíatos³⁶⁸, 5
mas no momento intermediário, em que Baco aprecia suas disputas.³⁶⁹
Se ler dois livrinhos³⁷⁰ é demais, enrole um dos papiros:
assim dividida, a obra se tornará breve.

86³⁷¹

Se você quer por ouvidos áticos³⁷² ser aprovado,
te exorto e te aconselho, livrinho,

³⁶⁴ Nome fictício, certamente. É usado também em I, 64; II, 41; VI, 12; VIII, 33; VIII, 79 e XII, 93.

³⁶⁵ Isto é, “exortei-te a te negares um pouco, não a te negares sempre e em definitivo” (ver n. a IV, 71, 6). O poema dialoga com IV, 71: dez epigramas depois de se queixar de que nenhuma moça de Roma se nega, o poeta retorna ao tema para repreender Fabula, que teria compreendido mal suas palavras.

³⁶⁶ Para Izaac (*Ep-BL*²: 353), pode ser Lúcio Venuleio Montano Aproniano, cônsul *suffectus* (sobre esse cargo, ver primeira nota a I, 16, 2) em 92 d.C.

³⁶⁷ Ver n. a III, 82, 33.

³⁶⁸ O original traz *trientem*. O *triens* era o copo de quatro cíatos (ver III, 82, 29), e tinha esse nome por equivaler à terça parte do sextário, ou seja, 182ml (*OCD*: 943).

³⁶⁹ Talvez sejam os jogos que eram comuns nos festins, ou, ainda, disputas sobre quem conseguiria beber mais. Marcial pede a Rufo que faça com que Venuleio leia os epigramas no momento em que os comensais do festim se divertem, ou seja, o poeta considera seus epigramas parte dos divertimentos.

³⁷⁰ Para Izaac, são o Livro III e o Livro IV (*Ep-BL*¹: 143, n. 1).

³⁷¹ Ver n. a I, 3.

³⁷² Isto é, atenienses, gregos. Os gregos eram tidos como dotados de maior talento e sensibilidade para a poesia e as artes em geral.

ut docto placeas Apollinari:	
nil exactius eruditiusque est,	
sed nec candidius benigniusque.	5
Si te pectore, si tenebit ore,	
nec rhonchos metues maligniorum,	
nec scombris tunicas dabis molestas:	
si damnauerit, ad salariorum	
curras scrinia protinus licebit,	10
inuersa pueris arande charta.	

LXXXIX

Ohe, iam satis est, ohe, libelle,	
iam peruenimus usque ad umbilicos.	
Tu procedere adhuc et ire quaeris,	
nec summa potes in schida teneri,	
sic tamquam tibi res peracta non sit,	5
quae prima quoque pagina peracta est.	
Iam lector queriturque deficitque,	
iam librarius hoc et ipse dicit	
“Ohe, iam satis est, ohe, libelle.”	

a agradar ao douto Apolinar³⁷³:
ninguém é mais minucioso e erudito,
mas nem mais franco e compassivo. 5
Se em seu coração e em sua boca ele te conservar,
você não temerá as zombarias dos mais maldosos
nem fornecerá túnicas molestas às sardas³⁷⁴;
se te condenar, aos escrínios dos saladeiristas³⁷⁵
poderá rapidamente correr, 10
você que merecia ter o verso de tua folha escrevinhado por crianças.³⁷⁶

89

Alto lá, já basta! Alto lá, livrinho,
já chegamos aos cilindros!³⁷⁷
Você quer continuar ainda e ir adiante
e não consegue se deter na última folha,
como se, para você, não tivesse sido concluída a tarefa 5
que ainda na primeira página fora concluída.³⁷⁸
Já o leitor se queixa e desanima,
já o próprio copista³⁷⁹ diz também o seguinte:
“Alto lá, já basta! Alto lá, livrinho!”

³⁷³ Do que se pode inferir a partir deste e dos quatro outros epigramas que se dirigem a Apolinar (VII, 26; VII, 89; X, 30 e XI, 15), ele era um culto amigo de Marcial e dono de uma *uilla* em Fórmias (atual Formia), no litoral do Lácio (GAW: 253-254).

³⁷⁴ Isto é, não será vestimenta, papel de embrulho para as sardas (um tipo de peixe). Veja-se ainda a n. a III, 2, 5. A *tunica molesta* era uma das maneiras de executar os condenados à morte: ensopava-se a sua roupa com substâncias inflamáveis e se ateava fogo (OLD: 1990-2c).

³⁷⁵ Eram os vendedores de carne seca e de peixe salgado (OLD: 1680).

³⁷⁶ Era outro destino dos livros ruins: o verso do papiro poderia ser aproveitado pelas crianças para seus exercícios escolares, conforme lembra Cristina S. Pimentel (*Ep-E70*²: 54, n. 241).

³⁷⁷ Isto é, ao fim. Ver n. a I, 66, 11. O poeta se dirige ao próprio livro para convencê-lo de que a sua extensão já é suficiente. Curiosamente, o Livro IV é, em número de poemas, o terceiro mais curto dentre os quinze livros de Marcial.

³⁷⁸ Isto é, a tarefa estaria concluída mesmo se o livro não passasse da primeira página, já que o que se seguiria não seria algo que valesse a pena ler. Nova demonstração de modéstia aparente de Marcial.

³⁷⁹ Ver n. a I, 66, 3.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER V

II

Matronae puerique uirginesque,
uobis pagina nostra dedicatur.

Tu, quem nequitiae procaciores
delectant nimium salesque nudi,
lasciuos lege quattuor libellos:
quintus cum domino liber iocatur;
quem Germanicus ore non rubenti
coram Cecropia legat puella.

5

V

Sexte, Palatinae cultor facunde Mineruae,
ingenio frueris qui propiore dei –
nam tibi nascentes domini cognoscere curas
et secreta ducis pectora nosse licet – :
sit locus et nostris aliqua tibi parte libellis,
qua Pedit, qua Marsus quaque Catullus erit.

5

QUINTO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL³⁸⁰

2

Ó matronas, jovens rapazes e virgens,
a vós esta minha obra³⁸¹ é dedicada.³⁸²
Quanto a você, a quem sarcasmos mais atrevidos
muito deleitam, e os gracejos licenciosos,
leia os quatro lascivos livrinhos:³⁸³
o quinto livro brinca com seu senhor;³⁸⁴
que Germânico, sem corar a face,
possa lê-lo em presença da cecrópia virgem.³⁸⁵

5

5

Sexto, facundo cultor da Minerva Palatina,
que gozas mais de perto do talento de um deus –
pois a ti é dado conhecer os cuidados de teu senhor³⁸⁶ logo ao nascerem
e saber os secretos sentimentos de nosso soberano³⁸⁷ – :
que em alguma parte tenhas um lugar também para meus livrinhos,
naquela em que Pedão, em que Marso, em que Catulo estiverem.³⁸⁸

5

³⁸⁰ Publicado em dezembro de 90 d.C. (Sullivan: 35).

³⁸¹ *Pagina*, traz o original (ver nota 6 ao prefácio do Livro I).

³⁸² Ao contrário do Livro III (cf. III, 68, 69 e 86), que o poeta dissera não ser, em parte, recomendável às matronas.

³⁸³ Isto é, os Livros I, II, III e IV.

³⁸⁴ Ou seja, Domiciano, que Marcial chama de *dominus*. De acordo com Suetônio (*Dom.*, 13), fora o próprio imperador quem fizera surgir o hábito de se lhe dirigirem sempre com a expressão *dominus et deus*.

³⁸⁵ A “cecrópia virgem” (*Cecropia puella*) é Palas Atena / Minerva, deusa por quem Domiciano tinha particular devoção (ver n. a I, 2, 8). A designação “cecrópia”, sinônimo de “ateniense”, “ática”, se deve ao fato de a deusa ser a patrona de Atenas (ver n. a I, 39, 3). Marcial, tendo em mente as medidas do governo de Domiciano pela moralização dos costumes (ver n. 3 ao prefácio do Livro I), dedica o seu quinto livro de epigramas ao imperador – cognominado “Germânico” depois de sua vitória sobre o povo germânico dos Catos, entre 82 e 83 d.C. (*OCD*: 491) –, e ressalta a nova característica do presente volume, que, ao contrário dos anteriores, traz gracejos mais leves e sem obscenidade. Observe-se ainda que também homenageiam o imperador os epigramas 1, 3 e 5 deste Livro V.

³⁸⁶ Domiciano, chamado aqui *dominus* e, no verso anterior, *deus*. No verso seguinte, o poeta chama-lo-á ainda *dux* (“chefe”, “comandante”, “soberano”).

³⁸⁷ Sexto era o bibliotecário e secretário de Domiciano (*Ep-BL*¹: 260, n. 4 à p. 148), daí poder conhecer os sentimentos do imperador logo ao nascerem. Teria também alguma inclinação para a poesia, já que Marcial o chama de “facundo cultor da Minerva Palatina”: *facunde cultor Mineruae Palatinae*, v. 1 (ver n. a I, 39, 3).

³⁸⁸ Ver n. 5 ao prefácio do Livro I.

Ad Capitolini caelestia carmina belli
grande cothurnati pone Maronis opus.

VI

Si non est graue nec nimis molestum,
Musae, Parthenium rogate uestrum:
sic te serior et beata quondam
saluo Caesare finiat senectus
et sis inuidia fauente felix,
sic Burrus cito sentiat parentem:
admittas timidam breuemque chartam
intra limina sanctioris aulae.
Nosti tempora tu Iouis sereni,
cum fulget placido suoque uoltu,
quo nil supplicibus solet negare.
Non est quod metuas preces iniquas:
numquam grandia nec molesta poscit

5

10

Ao lado dos celestiais poemas sobre a guerra capitolina³⁸⁹
põe a grandiosa obra do sublime Marão.³⁹⁰

6³⁹¹

Se não vos for penoso nem por demais incômodo,

Musas³⁹², solicitai ao vosso Partênio³⁹³:

“Que uma bem tardia e ditosa velhice

termine, no futuro, teus dias, com César em boa saúde;

que sejas feliz, motivando-te a inveja³⁹⁴,

5

e que Burro³⁹⁵ possa conhecer logo as virtudes do pai.³⁹⁶

acolhe esta tímida e breve obra

dentro dos limiões do mui venerando palácio.

Tu conheces os momentos serenos de Jove³⁹⁷,

quando resplandece com seu plácido semblante,

10

com o qual nada aos suplicantes costuma negar.

Não há por que receares fazer pedidos exagerados:

nunca faz pedidos grandes demais ou incômodos

³⁸⁹ Domiciano teria escrito um poema em que narrava o combate, do qual ele próprio tomara parte, entre as tropas de Vitélio e as de Vespasiano, no monte Capitólio. Suetônio (*Dom.*, 1) nos conta que Domiciano refugiou-se com as tropas de seu pai no templo de Júpiter Capitolino e, como o local ardesse em chamas, teve de se refugiar na casa do vigia do templo. Na manhã seguinte, fugiu dali disfarçado de sacerdote de Ísis.

³⁹⁰ Marcial pede que seus livrinhos tenham lugar na biblioteca de César, mas na parte em que estão os escritos menores e de gênero poético igual ao seu (Catulo, Marso, Pedão, v. 6). Por outro lado, compara a obra de Domiciano (que qualifica como celestial, cf. *caelestia*) à de Virgílio (Marão), pois se assemelhariam não só no gênero poético a que pertencem (a épica), mas também na grandiosidade do estilo (vv. 7-8).

³⁹¹ Sobre a inclusão deste poema neste *corpus*, veja-se n. a I, 117.

³⁹² Ver n. a I, 70, 15.

³⁹³ Era o camareiro ou criado de quarto de Domiciano, homenageado ou citado em outros epigramas: IV, 45; IV, 78; VIII, 28; IX, 49; XI, 1; XII, 11. Parece que também escrevia versos; é o que demonstram o v. 2 (em que Partênio é dito pertencer às Musas) e os epigramas IV, 45 (em que Marcial intercede pelo patrono junto a Apolo, deus da poesia), XI, 1 e XII, 11. Mais tarde, Partênio participaria da conspiração que levaria ao assassinato do imperador (cf. Suetônio, *Dom.*, 16).

³⁹⁴ Isto é, causas inveja por tuas qualidades, por isso, debes encará-las positivamente, como um estímulo.

³⁹⁵ Filho de Partênio (cf. IV, 45).

³⁹⁶ A seguir vem o pedido. Antes, porém, de transmitir a Partênio a tarefa de que as incumbiu Marcial, as Musas dirigem àquele seus votos de felicidade. Note-se que os versos que compreendem a fala das Musas são estruturados em forma de prece, o que inverte propositalmente os papéis das Musas e de Partênio: era este quem deveria fazer às deusas uma prece. Com esse sutil procedimento adulatório, Marcial não deixa de atribuir ao camareiro do imperador um aspecto de divindade.

³⁹⁷ Domiciano (ver n. a IV, 8, 12). Note-se que o original atribui o adjetivo a Júpiter: *tempora Iouis sereni* (“os momentos do sereno Jove”).

quae cedro decorata purpuraque
nigris pagina creuit umbilicis.
Nec porrexeris ista, sed teneto
sic tamquam nihil offeras agasque.
Si noui dominum nouem sororum,
ultro purpureum petet libellum.

15

X

“Esse quid hoc dicam uiuis quod fama negatur
et sua quod rarus tempora lector amat?” –
Hi sunt inuidiae nimirum, Regule, mores,
praeferat antiquos semper ut illa nouis.
Sic ueterem ingrati Pompei quaerimus umbram,
sic laudant Catuli uilia templa senes;
Ennius est lectus saluo tibi, Roma, Marone,
et sua riserunt saecula Maenoniden;

5

o livro que, ornado de óleo de cedro e de púrpura,³⁹⁸
cresceu em seus negros cilindros.³⁹⁹

15

Não lho apresentes, mas segura-o nas mãos
como se nada pretendesses oferecer ou fazer.”
Se eu conheço o senhor das nove irmãs,⁴⁰⁰
ele pedirá espontaneamente o purpúreo livrinho.

10

“Como posso explicar que se negue aos vivos a fama
e que raro leitor aprecie sua própria época?”
Estes são certamente, Régulo⁴⁰¹, os costumes da inveja:
ela prefere sempre os antigos aos novos.

Assim buscamos, ingratos, a velha sombra de Pompeu,⁴⁰²
assim os velhos louvam os desprezíveis templos de Cátulo;⁴⁰³
Ênio⁴⁰⁴ foi lido por ti, Roma, enquanto florescia Marão⁴⁰⁵,
e riu do Meônida⁴⁰⁶ sua própria geração;

5

³⁹⁸ Ver n. a III, 2, 11 e I, 66, 11.

³⁹⁹ Ver n. a III, 66, 11.

⁴⁰⁰ Júpiter/ Zeus era pai das Musas (ver n. a I, 70, 15).

⁴⁰¹ Ver II, 93, 3.

⁴⁰² Pompeu (Gneu Pompeu Magno), político e militar romano, construíra, no Campo de Marte (extensa área na planície do rio Tibre, entre os montes Pinciano, Quirinal e Capitólio, cf. mapa do Anexo I), um teatro que ficou conhecido como Teatro de Pompeu (*OCD*: 1216). A construção, que foi erigida em 55 a.C., incluía um vasto conjunto de pórticos (*OCD*: 284), aos quais possivelmente se refere Marcial com *ueterem umbram Pompei*. O poeta se queixa do pouco reconhecimento que as grandes figuras obtêm, geralmente, entre seus contemporâneos, mal de que sofre também a sua época. E arrola, para ilustrar o fato, exemplos literários e não literários.

⁴⁰³ Marcial se refere ao templo da tríade capitolina Júpiter, Juno e Minerva, no Capitólio (ver mapa). Construído em épocas muito remotas, o templo foi destruído por um incêndio em 83 a.C., sendo então, em 69 a.C., reconstruído por Quinto Lutácio Cátulo, cônsul em 78 a.C. Parece que a reconstrução de Cátulo foi grosseira ou incompleta, pois o prédio passou por nova reforma e por um embelezamento na época de Augusto. Destruído novamente em 69 d.C., durante a batalha entre as tropas de Vitélio e Vespasiano (cf. n. a V, 5, 7), foi novamente reconstruído por Domiciano (*OCD*: 288).

⁴⁰⁴ Quinto Ênio, poeta muito apreciado pelos autores latinos de várias épocas, viveu entre 239 e 169 a.C. e escreveu diversas peças de teatro e um poema épico denominado *Annales*. Era, antes do florescimento de Virgílio, considerado o principal poeta épico latino (*OCD*: 525-526).

⁴⁰⁵ Públio Virgílio Marão.

⁴⁰⁶ Isto é, Homero. Um de seus possíveis locais de nascimento era a Lídia (*OCD*: 718), também chamada Meônia, razão pela qual o adjetivo “Meônio” (*Maeonius*) era um epíteto de Homero (*OLD*: 1060-1b e 2). A Lídia ficava entre a Jônia e a Cária, no oeste da Ásia Menor (*GAW*: 365).

rara coronato plausere theatra Menandro;
norat Nasonem sola Corinna suum.
Vos tamen o nostri ne festinate libelli;
si post fata uenit gloria, non propero.

10

XV

Quintus nostrorum liber est, Auguste, iocorum
et queritur laesus carmine nemo meo;
gaudet honorato sed multus nomine lector,
cui uictura meo munere fama datur.
“Quid tamen haec prosunt quamuis uenerantia multos?”
Non prosit sane, me tamen ista iuuant.

5

raros teatros aplaudiram, coroado, Menandro;⁴⁰⁷

somente Corina conhecia o seu Nasão.⁴⁰⁸

10

Vocês, porém, ó meus livrinhos⁴⁰⁹, não se apressem:

se é depois da morte que vem a glória, não tenho pressa.⁴¹⁰

15

Este é, Augusto⁴¹¹, o quinto livro dos meus gracejos,

e ninguém, ofendido, se queixa de um poema meu;

muito leitor, pelo contrário, se alegra com seu nome homenageado,

ao qual, graças a mim, é concedida uma fama imortal.⁴¹²

“Mas de que te servem estes poemas, ainda que honrem a muitos?”⁴¹³

5

Ainda que de nada me sirvam, eles, porém, me deleitam.

⁴⁰⁷ Comediógrafo, o principal nome da Nova Comédia grega, que viveu entre os séculos IV e III a.C. Embora se estime que tenha escrito cerca de 100 peças, somente oito vezes venceu as competições teatrais de que participava, e, em seu tempo, fez menos sucesso que Filêmon, outro comediógrafo (OCD: 956).

⁴⁰⁸ Públio Ovídio Nasão (43 a.C.-17 d.C.), poeta que viveu sob Augusto e que escreveu a *A arte de amar* (*Ars amatoria*), assim como uma série de outras obras: *Amores* (*Amores*), *Heroínas* (*Heroides*), *Fastos* (*Fasti*), *Metamorfoses* (*Metamorphoses*), *Tristes* (*Tristia*), *Cartas do Ponto* (*Epistulae ex Ponto*), etc. Corina era o nome da amante do poeta na série de poemas elegíacos intitulada *Amores*. Sabe-se que Ovídio, por razões desconhecidas, foi exilado de Roma pelo imperador Augusto, e é por isso, talvez, que Marcial o cita entre os escritores pouco recompensados em sua própria época (OCD: 1084-1086).

⁴⁰⁹ O poeta, que se dirigia anteriormente a Régulo, invoca agora os próprios livrinhos.

⁴¹⁰ Cf. os versos finais das *Metamorfoses* de Ovídio (XV, 871-875), em que se faz presente a mesma idéia da imortalidade do poeta: *Iamque opus exegi quod nec Iouis ira nec ignis/ Nec poterit ferrum nec edax abolere uetustas./ Cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius/ Ius habet, incerti spatium mihi finiat aevi;/ Parte tamen meliore mei super alta perennis/ Astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum./ Quaeque patet domitis Romana potentia terris,/ Ore legar populi, perque omnia saecula fama,/ Siquid habent ueri uatum praesagia, uiuam.* (“Agora terminei minha obra, que nem a ira de Jove, nem o fogo, nem o ferro e nem o voraz tempo poderão destruir./ Quando assim desejar, que aquele dia que é o único possuidor deste meu corpo/ ponha um fim na duração de minha incerta existência:/ imortal, porém, na melhor parte de mim, acima dos altos astros/ serei elevado, e o meu nome será indestrutível./ Por onde onde quer que o poderio romano se estender em terras subjugadas, serei lido pela boca das gentes, e, graças à fama, por todos os séculos, se as predições dos poetas têm algo de verdade, eu viverei.” A tradução é nossa).

⁴¹¹ Mais um epigrama em que Marcial se dirige ao imperador Domiciano, desta vez com novo título (*Augustus*).

⁴¹² Gaba-se o poeta de estar já em seu quinto livrinho de epigramas (ele não considera as três obras monotêmáticas) e de não haver, em toda essa vasta produção, nenhum epigrama que motive alguma queixa. Isto certamente porque não menciona os nomes verdadeiros das pessoas satirizadas (cf. prefácio ao Livro I), e só o faz quando é para elogiar ou louvar alguém. Como em outros epigramas (cf. IV, 31, por exemplo), Marcial se refere bem pouco modestamente ao poder que sua poesia possui de immortalizar o nome das pessoas que louva.

⁴¹³ Seria o próprio imperador a fazer a objeção.

XVI

Seria cum possim, quod delectantia malo
scribere, tu causa es, lector amice, mihi,
qui legis et tota cantas mea carmina Roma:
sed nescis quanti stet mihi talis amor.

Nam si falciferi defendere templa Tonantis
sollicitisque uelim uendere uerba reis,
plurimus Hispanas mittet mihi nauta metretas
et fiet uario sordidus aere sinus.

At nunc conuiua est commissatorque libellus
et tantum gratis pagina nostra placet.

Sed non et ueteres contenti laude fuerunt,
cum minimum uati munus Alexis erat.

5

10

Ainda que eu possa escrever coisas sérias,

o motivo de eu preferir as prazerosas é você, leitor amigo,
que lê e declama os meus poemas por toda a Roma;

mas você não sabe o quanto me custa tal dedicação.⁴¹⁴

Pois se eu quisesse defender os templos do falcífero Tonante⁴¹⁵

5

e a perturbados réus vender meus discursos,⁴¹⁶

muito marinheiro me enviaria metretas⁴¹⁷ da Hispânia⁴¹⁸

e sórdido se tornaria, com moedas de todos os tipos, o meu bolso.⁴¹⁹

Mas, no momento, conviva e alegre comensal é o meu livrinho

e somente de graça minha página deleita.⁴²⁰

10

Os antigos, porém, também não se contentavam com o louvor,

visto que a menor recompensa para o vate era um Aléxis.⁴²¹

⁴¹⁴ Como já visto em III, 4, 8 a respeito do citaredo, Marcial se queixa aqui da pouca valorização de seu trabalho se comparado a outras artes ou profissões, dizendo que só continua praticando a poesia epigramática em consideração aos seus leitores (ver ainda I, 70, 18).

⁴¹⁵ Embora o epíteto Tonante (*Tonans*, “o que toa”, “retumba”) seja mais comumente atribuído a Júpiter (*Ep-BL*¹: 260, n. 1 à p. 153), aqui designa Saturno, dito falcífero (*falciferus*, “que porta foice”) por ser uma divindade ligada ao campo, ou, ainda, por ter, na mitologia grega (na qual é identificado com Cronos), castrado seu pai, o Céu (Urano), com uma foice (*DMG*: 116). Em Roma, o templo consagrado a Saturno, no Capitólio, abrigava também o tesouro público, que por isso era chamado *aerarium Saturni* (*OCD*: 24-25). Por processo metonímico, Marcial refere-se à defesa dos interesses do Estado em causas jurídicas ligadas às finanças públicas (*Ep-BL*¹: n. 1 à p. 153).

⁴¹⁶ Isto é, ser advogado de cidadãos particulares.

⁴¹⁷ A metreta (μετρητής) era uma unidade de medida de capacidade entre os gregos; seu valor variava muito de região para região, correspondendo mais comumente a um volume entre 30 e 48 litros. Mais tarde passou a designar as ânforas (*amphorae*) utilizadas por gregos e romanos para carregar vinho ou azeite, contendo mais ou menos esse volume e usada também para fins de medida (*OCD*: 943).

⁴¹⁸ O termo *Hispania* (Hispânia) podia designar, genericamente, toda a Península Ibérica. Nesta passagem, no entanto, Marcial se refere talvez, com o adjetivo *Hispanas*, à província da Bética ou Hispânia Ulterior (ver n. a I, 96, 5), que produzia um azeite de excelente qualidade (*OCD*: 1429 e 1065). Os advogados eram, muitas vezes, pagos com presentes, sobretudo com gêneros alimentícios (*OCD*: 835). Sobre essa prática, cf. ainda VII, 72, 5.

⁴¹⁹ Parece que o trabalho dos advogados não era visto como muito honesto por Marcial.

⁴²⁰ Ou seja, os poemas de seus livrinhos são para serem lidos nos jantares e festins, gratuitamente; não cobram nenhuma taxa ou pagamento, como a arte dos advogados.

⁴²¹ Segundo testemunhos de autores antigos, citados por Izaac (*Ep-BL*²: 302), Asínio Polião (general e político romano amigo das letras) teria presenteado Virgílio com um jovem escravo de nome Aléxis ou Alexandre. Para Marcial, no entanto, fora Mecenas (ver n. a I, 107, 4) o autor do presente (cf. VIII, 55, mais abaixo). Na segunda *Bucólica* de Virgílio, Aléxis é também o nome de um jovem amado pelo pastor Córidon, e leituras alegóricas dessa e de outras *Bucólicas* associaram este último ao próprio Virgílio, e aquele, ao escravo dado por Polião (*OCD*: 1603). Vejam-se mais detalhes sobre essas associações na nota a VIII, 55, 10, abaixo). Note-se que Marcial, embora diga nos vv. 9-10 que não almeja recompensa alguma, se desdiz imediatamente, mostrando que não espera somente o reconhecimento do “leitor amigo”.

“Belle” inquis “dixti: satis et laudabimus usque.”

Dissimulas? facies me, puto, causidicum.

XXV

“Quadringenta tibi non sunt, Chaerestræ: surge,

Leĩtus ecce uenit: sta, fuge, curre, late.”

Ecquis, io, reuocat discedentemque reducit?

ecquis, io, largas pandit amicus opes?

quem chartis famaeque damus populisque loquendum?

5

quis Stygios non uolt totus adire lacus?

Hoc, rogo, non melius quam rubro pulpita nimbo

spargere et effuso permaduissæ croco?

quam non sensuro dare quadringenta caballo,

“Falou bem!”, você diz, “Muito te louvaremos nós, e sempre.”

Você se faz de desentendido? Fará de mim, creio eu, um advogado.⁴²²

25

“Você não possui quatrocentos mil sestércios, Queréstrato⁴²³: levante-se,
eis, Leito está vindo; ponha-se de pé, fuja, corra, esconda-se.”⁴²⁴

Ah! Porventura alguém, a você, que se retira, chama de volta e te reacomoda?

Ah! Porventura algum amigo te estende suas generosas riquezas?⁴²⁵

Quem devo dar a meus escritos, à fama e aos povos para ser falado?⁴²⁶

5

Quem devo desejar que não se dirija inteiramente aos lagos Estígios?⁴²⁷

Isso, pergunto, não é melhor que os palcos com vermelha chuva

borrifar e que tê-los inundado com efusões de açafraão?⁴²⁸

Ou que dar quatrocentos mil sestércios a um cavalo que nem os entenderá,

⁴²² O leitor faz-se de desentendido, como se atentasse apenas para o que dissera o poeta nos vv. 1-3 e 9-10, ignorando o restante; oferece ao poeta exatamente aquilo que este não julga recompensa suficiente: o louvor. Com o fecho espirituoso do epigrama, Marcial insinua ao leitor que este o obrigará a cobrar por sua arte, assim como fazem os advogados, ou, ainda, que o obrigarão a se tornar um advogado (*causidicus*), não produzindo mais a poesia divertida e jocosa que o público aprecia.

⁴²³ Nome fictício, provavelmente.

⁴²⁴ Na Roma antiga, a exigência para que alguém fizesse parte da ordem dos cavaleiros (*equites*) era possuir quatrocentos mil sestércios (*OCD*: 551). Esta classe, embora hierarquicamente inferior à dos senadores, gozava de certos privilégios, como o de ocupar as quatorze primeiras filas nos teatros, direito garantido desde que o tribuno Lúcio Róscio Oto conseguiu que se aprovasse a *Lex Roscia theatralis*, em 67 a.C. (*OCD*: 1336). Ao que parece, a lei não era respeitada, mas Domiciano, em sua campanha pela moralização dos costumes, primou pelo seu cumprimento (cf. V, 8; V, 23 e Suetônio, *Dom.*, 8). Quanto a Leito, era – assim como o Oceano de III, 95; V, 23; V, 27 e VI, 9 –, um *dissignator*, nome que recebia o funcionário que zelava pelo respeito aos lugares de cada um no teatro (*CLS*: 519). Aparece em outros três epigramas deste Livro V (cf. 8, 14 e 35).

⁴²⁵ Era comum pessoas ricas concederem a amigos a quantia necessária para se tornar cavaleiro, como fez Plínio, o Jovem, com seu compatriota Romácio Firmo (cf. *Epist.*, 1, 19).

⁴²⁶ Ou seja, “quem é o teu amigo ou patrono que devo louvar em meus poemas e fazer conhecido de todos os povos?”

⁴²⁷ Isto é, “a quem meus poemas devem dar uma fama imortal, fazendo com que não vá completamente (pois o nome, ao menos, viverá eternamente) para o mundo dos mortos?” O Estígio era, na mitologia, um dos rios dos Infernos (*OCD*: 1450); Marcial, que usa uma expressão no plural (*lacus Stygios*), tem em mente, talvez, os vários cursos d’água que existiam nos reinos infernais e, portanto, se refere metonimicamente ao próprio Inferno.

⁴²⁸ O poeta sugere que ser cantado em seus poemas traz uma fama maior e mais duradoura do que promover espetáculos teatrais (sabe-se que os políticos romanos buscavam a fama e a popularidade por meio da promoção e financiamento de jogos e espetáculos; cf. Robert: 97-98). Costumava-se aspergir o teatro, durante as representações, com perfume de açafraão (*CLS*: 85), erva que possui, entre suas diversas espécies, uma de flores vermelhas, o que explicaria a “chuva vermelha” (*rubro nimbo*) do v. 7 (*CLS*: 70).

aureus ut Scorpi nasus ubique micet?
O frustra locuples, o dissimulator amici,
haec legis et laudas? Quae tibi fama perit!

10

XXVI

Quod alpha dixi, Corde, paenulatorum
te nuper, aliqua cum iocarer in charta,
si forte bilem mouit hic tibi uersus,
dicas licebit beta me togatorum.

XXX

Varro, Sophocleo non infitiande cothurno
nec minus in Calabria suspiciende lyra,

para que o áureo nariz de Escorpo brilhe por toda parte?⁴²⁹

10

Ó inutilmente rico, ó enganador do teu amigo,

você lê e louva estes versos? Que fama você está perdendo!⁴³⁰

26⁴³¹

Quanto a eu ter te chamado recentemente, Cordo,

gracejando em um livro meu, “o alfa dos que usam pênula”,

se acaso este verso te provocou a bÍlis⁴³²,

você poderá dizer que sou “o beta dos que usam toga”.⁴³³

30

Varrão⁴³⁴, que não merece ser desconhecido no coturno de Sófocles⁴³⁵,

e não menos digno de admiração na lira da Calábria⁴³⁶,

⁴²⁹ Escorpo era – e isso se pode inferir a partir dos epigramas que o citam (IV, 67; V, 25; X, 50; X, 53; X, 74; XI, 1) e de inscrições do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (VI, 10048 e VI, 10052) – um auriga de alguma das facções de corrida que competiam no Circo. Os que mais se destacavam nas corridas, tornando-se verdadeiros ídolos do povo, chegavam a ser homenageados com estátuas (conforme indica a inscrição VI, 10048, Escorpo obteve 2048 vitórias: II XL VIII; seu cavalo se chamava Andremão). Com os vv. 9-10, Marcial sugere que ser cantado em seus poemas traz mais fama e popularidade que promover e financiar as onerosas corridas do Circo, que servem apenas para fazer com que se elevem, por toda parte, estátuas de ouro ao campeão Escorpo (cf. *aureus nasus Scorpi*). Pode-se ainda interpretar os versos de maneira ligeiramente diferente: o poeta estaria considerando um desperdício gastar quatrocentos mil sestércios (o valor que poderia fazer de Queréstrato um cavaleiro) na construção de estátuas em homenagem a Escorpo.

⁴³⁰ Agora, Marcial se dirige ao amigo de Queréstrato, e lhe repreende a falta de patrocínio a este. Se fosse mais generoso para com Queréstrato, o amigo poderia estar sendo louvado por Marcial nestes mesmos versos que agora lê.

⁴³¹ Este poema relaciona-se com II, 57, conforme mencionado anteriormente (v. n. a esse epigrama).

⁴³² Cólera, mau humor.

⁴³³ Ou seja, se Cordo ficou irritado com o verso (II, 57, 4) em que é chamado de “o primeiro dentre os que usam pênula”, Marcial permite que aquele o chame “o segundo (*beta*) dentre os que usam toga”, ou, em outras palavras, que o chame de “cidadão romano inferior”, “cidadão romano de última classe”. O interessante aqui é que o intertexto se dá entre poemas de livros diferentes, o II e o V, separados entre si por um período de quatro anos.

⁴³⁴ Poeta desconhecido, ou, talvez, P. Túlio Varrão (*Ep-BL*²: 353). Segundo este epigrama de Marcial, possuía algum talento para a poesia trágica e lírica.

⁴³⁵ Isto é, a tragédia. O coturno (*cothurnus*) era um calçado alto usado pelos atores trágicos; o termo pode ainda designar, como aqui, o próprio gênero trágico (*CLS*: 521). Sófocles, como se sabe, foi um dos três principais tragediógrafos atenienses, e viveu no século V a.C. (*OCD*: 1422-1423).

⁴³⁶ Isto é, na poesia lírica latina, que teve em Horácio (ver n. a I, 107, 4) um de seus principais representantes. O poeta era natural de Venúsia (atual Venosa), na Apúlia, sul da Itália (*OCD*: 1587), mas compreende-se que Marcial se refira a ele, freqüentemente, como nascido na Calábria (cf. também VIII, 18, 5; XII, 94, 5), já que, na Antigüidade, as regiões da Calábria (o “salto” da bota itálica) e da Apúlia (a região ao norte da Calábria) não eram delimitadas com precisão (o nome de uma englobando, por vezes, terras compreendidas pela outra), sobretudo depois que Augusto reuniu as duas para formar a segunda das onze regiões em que dividiu a Itália

differ opus nec te facundi scaena Catulli
detineat cultis aut elegia comis;
sed lege fumoso non aspernanda Decembri
carmina, mittuntur quae tibi mense suo:
commodius nisi forte tibi potiusque uidetur
Saturnalicias perdere, Varro, nuces.

5

LX

Adlatres licet usque nos et usque
et gannitibus improbis laccessas,
certum est hanc tibi pernegare famam,
olim quam petis, in meis libellis
qualiscumque legaris ut per orbem.
Nam te cur aliquis sciat fuisse?
ignotus pereas, miser, necesse est.
Non derunt tamen hac in urbe forsán
unus uel duo tresue quattuorue,
pellem rodere qui uelint caninam:
nos hac a scabie tenemus ungues.

5

10

(GAW: 49-50 e 137; OCD: 774). Na Itália atual, as antigas Apúlia e Calábria formam a região conhecida como Puglia, enquanto que o nome Calábria é reservado não mais ao “salto”, mas ao “bico” da bota.

interrompa a tua obra, e que o palco do facundo Catulo⁴³⁷

não te atraia, nem a elegia de elegantes cabelos;

leia, pelo contrário, estes poemas que em fumoso dezembro

5

não se devem desprezar, e que te são enviados em seu devido mês:⁴³⁸

a não ser que mais vantajoso e preferível te pareça,

Varrão, perder as nozes saturnais.⁴³⁹

60

Mesmo que contra mim você ladre sem parar

e me perturbe com teus torpes ganidos,

está decidido negar-te esta honra

que há muito tempo você busca: a de, em meus livrinhos,

quaisquer que sejam eles, ser lido em todo o mundo.⁴⁴⁰

5

Ora, por que alguém precisaria saber que você existiu?

É inevitável, infeliz, que você morra desconhecido.

Não faltarão, entretanto, nesta cidade, talvez

um ou dois ou três ou quatro

que queiram roer uma pele de cão:⁴⁴¹

10

já eu, afastadas dessa sarna mantenho minhas unhas.

⁴³⁷ Escritor de mimos que viveu no I século d.C. ou antes. Nenhuma de suas obras chegou até nós, mas se conhece o nome de duas: *Phasma* (“O Fantasma”) e *Laureolus* (“Lauréolo”) (*OCD*: 304).

⁴³⁸ Marcial garante que Dezembro, mês das Saturnais (ver n. a IV, 14, 7) e da diversão, é o mês ideal para se ler os seus poemas (cf. IV, 14), e que a tragédia e a poesia lírica (vv. 1-2), que Varrão pratica, não são adequadas a essa época do ano. Nem mesmo à elegia e aos mimos (vv. 3-4) deve Varrão se voltar em Dezembro. Quanto à qualificação “fumoso” (*fumoso*, v. 5) dada a esse mês, talvez se refira ao fato de os fogões e lareiras serem mais utilizados devido ao frio próprio da época.

⁴³⁹ Isto é, perder no jogo as nozes recebidas dos amigos durante as Saturnais (havia vários jogos em que se utilizavam nozes, praticados por crianças ou, durante as Saturnais, também pelos adultos; veja-se descrição detalhada em Robert: 76-77 e cf. *Apoph.*, 19). Os pobres, que não tinham meios de enviar aos amigos presentes caros durante essas festas, enviavam nozes uns aos outros (*Ep-BL*¹: 159, n. 2; cf. ainda *Apoph.*, 19). Varrão só não vai ler os epigramas de Marcial se preferir permanecer jogando durante todos os dias das Saturnais. Outra maneira de interpretar os últimos versos é considerar que Marcial chama de nozes seus próprios epigramas. Assim, se Varrão não os lesse, estaria desperdiçando os humildes presentes (as nozes) que Marcial lhe tinha enviado por ocasião das Saturnais.

⁴⁴⁰ Ver epigramas I, 1; V, 15 e V, 25, 5-6.

⁴⁴¹ Ofensa já esboçada nos vv. 1-2, com o verbo *adlatrare* e o substantivo *gannitus*. Seria algum patrono ou amigo ingrato a pessoa a quem o poeta vota, neste epigrama, tamanho ódio?

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER VI

I

Sextus mittitur hic tibi libellus,
in primis mihi care Martialis:
quem si terseris aure diligenti,
audebit minus anxius tremensque
magnas Caesaris in manus uenire.

5

LX (LXI)

Laudat, amat, cantat nostros mea Roma libellos,
meque sinus omnes, me manus omnis habet.
Ecce rubet quidam, pallet, stupet, oscitat, odit.
Hoc uolo: nunc nobis carmina nostra placent.

LXI (LX)

Rem factam Pompullus habet, Faustine: legetur
et nomen toto sparget in orbe suum.
“Sic leue flauorum ualeat genus Vsiporum

SEXTO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL⁴⁴²

1

Este sexto livro te envio,
ó Marcial⁴⁴³, meu mais caro amigo:
se você o limar com cuidadoso ouvido,
ousará ele, menos ansioso e trêmulo,
chegar às poderosas mãos de César.⁴⁴⁴

5

60⁴⁴⁵

Louva, aprecia, celebra Roma os meus livrinhos,
e todos os bolsos, toda mão me carrega.⁴⁴⁶
Mas eis que alguém cora, empalidece, pasma, boceja, odeia.
É isso que desejo: agora sim, meus poemas me agradam.⁴⁴⁷

61⁴⁴⁸

Realizou-se, Faustino⁴⁴⁹, o desejo que tem Pompulo⁴⁵⁰: será lido
e espalhará seu nome por todo o mundo.
“Que assim prospere a pérfida raça dos louros Usípios⁴⁵¹

⁴⁴² Publicado em dezembro de 91 d.C. (Sullivan: 37).

⁴⁴³ Ver n. a III, 5, 4.

⁴⁴⁴ Marcial, ao mesmo tempo em que dedica seu livro a Júlio Marcial, não perde a oportunidade de homenagear o imperador, que será louvado também nos epigramas 2, 3 e 4 e em vários outros deste Livro VI. Se o amigo revisar e corrigir seu livrinho, Marcial terá menos receio de enviá-lo a César.

⁴⁴⁵ Em algumas edições, este epigrama é numerado como o de número 61 (cf. notas da edição crítica, *Ep-BL*¹: 194).

⁴⁴⁶ Marcial se gaba de ser tão popular que todos em Roma possuem e lêem seus livrinhos (cf. epigramas I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60, 5). Quanto à metonímia presente em “todos os bolsos, toda mão *me* carrega”, cf. n. a I, 2, 4.

⁴⁴⁷ Ou seja, o poeta se regozija com o efeito que sua obra provoca no invejoso dos vv. 3-4, que sente vergonha, se assusta, se admira, mostra-se enfadado e tem ódio diante do sucesso e da popularidade de Marcial (cf. v. 3: *rubet, pallet, stupet, oscitat, odit*).

⁴⁴⁸ Em algumas edições, este epigrama é numerado como o de número 60 (cf. notas da edição crítica, *Ep-BL*¹: 195).

⁴⁴⁹ Ver n. a III, 2, 6.

⁴⁵⁰ Nome fictício, certamente.

⁴⁵¹ Povo germânico que habitava próximo às margens do Reno (*OLD*: 2108). Possuíam, provavelmente, cabelos loiros (cf. *flauorum*), como era próprio dos germanos.

quisquis et Ausonium non amat imperium.”

Ingeniosa tamen Pompulli scripta feruntur:

5

“Sed famae non est hoc, mihi crede, satis:

quam multi tineas pascunt blattasque diserti

et redimunt soli carmina docta coci!

Nescioquid plus est, quod donat saecula chartis:

uicturus genium debet habere liber.”

10

LXIV

Cum sis nec rigida Fabiorum gente creatus

nec qualem Curio, dum prandia portat aranti,

hirsuta peperit rubicunda sub ilice coniunx,

sed patris ad speculum tonsi matrisque togatae

filius et possit sponsam te sponsa uocare:

5

emendare meos, quos nouit fama, libellos

et tibi permittis felicis carpere nugas, –

has, inquam, nugas, quibus aurem aduertere totam

e todo aquele que não ama o ausônio império.”⁴⁵²

Engenhosos, porém, dizem ser os escritos de Pompulo:

5

“Mas isso não é, creia em mim, suficiente para a fama:

quantos bons escritos alimentam vermes e traças,

e somente os cozinheiros compram doutos poemas!⁴⁵³

É um não-sei-quê mais que dá imortalidade às obras:

para ser imortal, o livro deve ter gênio.”⁴⁵⁴

10

64

Ainda que você não seja da austera raça dos Fábios nascido,⁴⁵⁵

nem como aquele a que, quando levava o almoço a Cúrio, que lavrava,

a rubente esposa deu à luz, sob uma espessa azinheira,⁴⁵⁶

mas filho de um pai depilado ao espelho⁴⁵⁷ e de uma mãe de toga⁴⁵⁸;

ainda que a tua esposa possa te chamar esposa⁴⁵⁹,

5

de corrigir os meus livrinhos, que a fama conhece,

você se dá o direito, e de criticar ditosas bagatelas;⁴⁶⁰

a estas bagatelas, garanto, aplicar pleno ouvido

⁴⁵² “Ausônio”, aqui, quer dizer “romano” (*OLD*: 218-2). Ausônia era o antigo nome da região do Lácio (onde fica Roma) ou, ainda, de toda a península italiana (*OLD*: 218). Os versos 3-4, que trazem uma fala de Faustino, provavelmente, quer dizer mais ou menos o seguinte: que a ímpia raça dos Usípios e todos os inimigos do Império Romano possam obter tanto êxito quanto as obras de Pompulo, que não possuem a fama e o sucesso que seu autor julga possuírem.

⁴⁵³ Ver III, 2, 5, 3-4 e a nota a III, 2, 5.

⁴⁵⁴ É novamente Faustino a falar, jogando com os sentidos de *genium* e *ingenium* (*ingeniosa*, v. 5), conforme afirma Izaac (*Ep-BL*¹: 195, n. 2). Parece um pouco subjetiva a interpretação deste jogo de palavras, mas pode-se dizer que Marcial afirma, pela voz de Faustino, que um livro, para alcançar uma fama imortal, precisa ter gênio (*genius*), ou seja, ser dotado do mesmo espírito ou divindade que se acreditava presidir o nascimento de cada pessoa e acompanhá-la durante a vida (*OCD*: 630). Em outras palavras, o livro tem de ter espírito, alma, não lhe basta apenas o *ingenium*, isto é, o ter sido escrito com engenho, com talento.

⁴⁵⁵ Os Fábios eram uma antiga e importante família de Roma, da qual um dos mais célebres integrantes foi Quinto Fábio Máximo Cunctator, o general que barrou o avanço do cartaginês Aníbal no final da Segunda Guerra Púnica (*OCD*: 583).

⁴⁵⁶ Os Cúrios eram também uma importante família desde os primeiros tempos de Roma; seu filho mais conhecido foi Mânio Cúrio Dentato, cônsul por quatro vezes no início do III século a.C. e famoso por sua austeridade e parcimônia (*OCD*: 414). É a este personagem que Marcial se refere, embora não nos tenha sido possível encontrar informações sobre o episódio aludido.

⁴⁵⁷ Ou seja, efeminado.

⁴⁵⁸ Sua mãe seria uma prostituta (ver n. a I, 35, 9).

⁴⁵⁹ Ou seja, é a tua esposa quem “manda” em casa.

⁴⁶⁰ O poema, repleto de ódio e veneno, é direcionado a um crítico da poesia de Marcial. O poeta qualifica de *felices* (“ditosas”, “felizes”) as suas bagatelas porque gozam do apoio e admiração de amigos e patronos importantes – inclusive o imperador –, que serão citados nos próximos versos.

non aspernantur proceres urbisque forique,	
quas et perpetui dignantur scrinia Sili	10
et repetit totiens facundo Regulus ore,	
quique uidet propius magni certamina Circi	
laudat Auentinae uicinus Sura Dianae,	
ipse etiam tanto dominus sub pondere rerum	
non dedignatur bis terque reuoluere Caesar.	15
Sed tibi plus mentis, tibi cor limante Minerua	
acrius et tenues finxerunt pectus Athenae.	
Ne ualeam, si non multo sapit altius illud,	
quod cum panticibus laxis et cum pede grandi	
et rubro pulmone uetus nasisque timendum	20
omnia crudelis lanius per compita portat.	
Audes praeterea, quos nullus nouerit, in me	
scribere uersiculos miseras et perdere chartas.	
At si quid nostrae tibi bilis inusserit ardor,	
uiuet ⁴⁶¹ et haerebit totoque legetur in orbe	25

⁴⁶¹ *suiuet*, no original, evidente erro tipográfico.

não recusam os principais da cidade e do fórum;
 julgam-nas dignas os escrínios⁴⁶² do imortal Sílio⁴⁶³ 10
 e as repete tantas vezes Régulo de boca eloqüente;⁴⁶⁴
 louva-as o que mais de perto vê as disputas do Grande Circo⁴⁶⁵,
 Sura, vizinho da Diana Aventina,⁴⁶⁶
 e até o Soberano, mesmo sob o peso de suas funções,
 não desdenha, o próprio César, folheá-las duas ou três vezes. 15
 Mas você tem maior inteligência, tem um espírito, limado por Minerva,⁴⁶⁷
 mais agudo, e instruiu a tua alma a sutil Atenas.⁴⁶⁸
 Que eu morra, se não tem um gosto muito mais sublime⁴⁶⁹
 aquilo que, com tripas à mostra, pata grande
 e pulmão vermelho, terrível às narinas, quando envelhecido, 20
 carrega o cruel açougueiro por todas as encruzilhadas.⁴⁷⁰
 Você ousa, além disso, escrever contra mim versinhos
 que ninguém conhecerá, e deitar a perder os pobres papiros.
 Mas se em você tiver gravado algo o ferrete de minha bñlis⁴⁷¹,
 viverá para sempre, em você se fixará, e será lido no mundo todo;⁴⁷² 25

⁴⁶² Ver n. a I, 3, 2.

⁴⁶³ Ver n. a IV, 14, 1.

⁴⁶⁴ Ver n. a II, 93, 3. Régulo era orador e advogado, daí o louvor do epigramatista com *facundo ore* (“de boca eloqüente”).

⁴⁶⁵ O *Circus Maximus*, principal circo de Roma, que ficava no vale entre os montes Palatino e Aventino (*OCD*: 332-333). Veja-se o mapa do Anexo I.

⁴⁶⁶ Lúcio Licínio Sura, cônsul por três vezes (em 93 ou 97, 102 e 107 d.C.), natural da mesma província que Marcial, a Hispânia Tarraconense. Foi patrono deste e amigo de Plínio, o Jovem (*OCD*: 860), e, segundo o poeta, habitava no monte Aventino, de onde podia ver as corridas de carros e cavalos no circo. Havia nesse monte um templo consagrado a Diana, associada à Ártemis grega, deusa da caça, da lua e das selvas (*OCD*: 463). Cf. mapa.

⁴⁶⁷ Sobre Minerva, ver n. a I, 39, 3 e V, 5, 4.

⁴⁶⁸ Capital da Ática, no sudeste da Grécia.

⁴⁶⁹ Tentamos manter o jogo de palavras presente no verbo *sapere* (*sapit*), que possui tanto o significado material, ligado ao paladar, de “ter sabor”, “ter gosto” (*OLD*: 1690-1a, 1b e 2), quanto o sentido figurado de “ter um gosto refinado”, “possuir inteligência, sensibilidade” (*OLD*: 6a e b).

⁴⁷⁰ A caminho do mercado, provavelmente.

⁴⁷¹ Ver n. a V, 23, 3.

⁴⁷² O ferrete é o instrumento de ferro com que se marcavam e se marcam os animais. Traduzimos dessa forma o substantivo *ardor* (“calor”, “fogo”; cf. *OLD*: 165-1) porque parece ser este o sentido trazido pelo verbo *inusserit* (*inurare*: “marcar”, “queimar”). Marcial ameaça o crítico com o poder que têm seus epigramas de deixar marcas duradouras, como se o advertisse de que a imortalidade proporcionada por sua poesia pode também ser negativa (cf. epigramas I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 60).

stigmata nec uafra delebit Cinnamus arte.
Sed miserere tui rabido nec perditus ore
fumantem nasum uiui temptaueris ursi.
Sit placidus licet et lambat digitosque manusque,
si dolor et bilis, si iusta coegerit ira,
ursus erit: uacua dentes in pelle fatiges
et tacitam quaeras, quam possis rodere, carnem.

30

LXV

“Hexametris epigramma facis” scio dicere Tuccam.

Tucca, solet fieri, denique, Tucca, licet.

“Sed tamen hoc longum est.” Solet hoc quoque, Tucca, licetque:

si breuiora probas, disticha sola legas.

Conueniat nobis ut fas epigrammata longa

sit transire tibi, scribere, Tucca, mihi.

5

tais marcas nem Cínamo⁴⁷³, com sua arte refinada, apagará.

Assim, apiede-se de si mesmo e, desesperado, com raivosa boca
não ataque o nariz fumegante de um urso vivo.

Ainda que seja manso e que lamba dedos e mãos,

se a dor e a bÍlis, se uma justa ira o impelir,

30

será um urso: que em pele vazia você fatigue teus dentes,

e que busque uma carne calada que possa roer.⁴⁷⁴

65

“Você faz um epigrama em hexâmetros⁴⁷⁵”, sei que diz Tuca⁴⁷⁶.

É costume fazê-lo, Tuca, e é, de resto, possível, Tuca.

“Mas este, entretanto, é longo.”⁴⁷⁷ Isso também é costume, Tuca, e é possível:

se você aprecia os mais breves, pode ler somente os dísticos.

Fique entre nós combinado que os epigramas longos

5

pular é direito teu, escrevê-los, Tuca, meu.

⁴⁷³ Era, provavelmente, uma espécie de cirurgião plástico (cf. *OCD*: 1457). Note-se que Marcial tenta mostrar a diferença que existe entre os seus versos e os de seu crítico: enquanto os deste são ineficientes como poesia difamatória, pois não são lidos por ninguém, os de Marcial podem conferir ao indivíduo criticado uma infâmia imorredoura.

⁴⁷⁴ Marcial deixa claro que sua poesia, embora não mencione nomes e não insulte ninguém abertamente – ela é um urso manso (*placidus*), que lambe as mãos e os dedos de quem se aproxima (*lambat digitosque manus*, v. 29) –, pode se vingar de quem a critica – assumindo o comportamento agressivo mais característico dos ursos (*ursus erit*, v. 31) –, desde que tenha algum motivo (*si dolor et bilis, si iusta coegerit ira*, v. 30). O poeta não vai ficar calado diante das críticas e acusações (cf. *carnem tacitam*, v. 32).

⁴⁷⁵ Um dos metros utilizados na poesia epigramática, embora em Marcial sejam apenas quatro os poemas compostos inteiramente em hexâmetros (Dezotti: 81). Note-se que este epigrama VI, 65 vem imediatamente após um poema em hexâmetros, procurando, obviamente, justificar o emprego por Marcial de um metro pouco utilizado por ele, mas comum na poesia epigramática (cf. *solet e licet*, v. 2).

⁴⁷⁶ Com certeza um nome fictício, usado também em I, 18; VII, 77; IX, 75; XI, 70; XII, 41 e XII, 94.

⁴⁷⁷ Parece que Tuca quer encontrar um motivo para criticar o poema VI, 64 de Marcial. Já que o metro é perfeitamente aceitável, Tuca critica a extensão do epigrama anterior (que tem 32 versos), a exemplo de Veloz em I, 110 e Cordo em III, 83.

LXXXII

Quidam me modo, Rufe, diligenter
inspectum, uelut emptor aut lanista,
cum uoltu digitoque subnotasset,
“Tune es, tune” ait “ille Martialis,
cuius nequitias iocosque nouit
aurem qui modo non habet Batauam?”
Subrisi modice, leuique nutu
me quem dixerat esse non negaui.
“Cur ergo” inquit “habes malas lacernas?”
Respondi: “quia sum malus poeta.”
Hoc ne saepius accidat poetae,
mittas, Rufe, mihi bonas lacernas.

5

10

LXXXV

Editur en sextus sine te mihi, Rufe Camoni,
nec te lectorem sperat, amice, liber:

82

Há pouco um sujeito, Rufo⁴⁷⁸, tendo me examinado atentamente,
como se fosse um comprador⁴⁷⁹ ou um mestre de gladiadores⁴⁸⁰,
e depois de me observar com os olhos e o dedo, disse:

“Acaso é você, acaso é você aquele Marcial

cujas malícias e gracejos conhece

5

somente quem não tem um ouvido batavo?”⁴⁸¹

Sorri modestamente, e, com leve aceno de cabeça,

não neguei ser quem ele dissera.

“Por que, então,” perguntou, “você tem mantos tão ruins?”⁴⁸²

Respondi: “Porque sou um mau poeta.”⁴⁸³

10

Para que isso não ocorra outras vezes ao poeta,

envia-me, Rufo, mantos de boa qualidade.⁴⁸⁴

85

Eis que é editado sem você, Camônio Rufo, o sexto livro,

ele que não tem a esperança, amigo, de ter-te por leitor.⁴⁸⁵

⁴⁷⁸ Talvez seja Instâncio Rufo, patrono de Marcial (*Ep-BL*²: 324). Pode ser ainda algum outro indivíduo com esse nome, dentre os vários presentes na obra do epigramatista (ver n. a III, 82, 33).

⁴⁷⁹ *Emptor*, no original. A pessoa que está comprando algo deseja, geralmente, examinar antecipadamente o produto.

⁴⁸⁰ O *lanista*, indivíduo que tinha por profissão comprar escravos e treiná-los como gladiadores, para depois vendê-los (*OCD*: 638).

⁴⁸¹ O povo germânico dos batavos habitava a região da Germânia Inferior conhecida com Batávia, próxima à foz do Reno, em terras que hoje corresponderiam a partes da Holanda e da Bélgica (*GAW*: 105). Representa, aqui, os povos bárbaros em geral, sem refinamento e cultura suficientes, segundo Marcial, para apreciar sua poesia. Note-se a imagem de ídolo ou estrela que o poeta constrói de si mesmo: um leitor, que é seu fã, fica quase emocionado ao encontrá-lo na rua (sobre a fama e popularidade de Marcial, ver I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60, VI, 64, 24-26).

⁴⁸² Traduzimos por “mantos” o original *lacerna* (ver I, 96, 4). Marcial se queixa a seu patrono Rufo de que não possui renda sequer para comprar um manto de boa qualidade, apesar de possuir fama e popularidade por todo o mundo conhecido, o que, como ele próprio informa em outros epigramas, não lhe rendia nenhum sestércio (cf., por exemplo, V, 15 e V, 16).

⁴⁸³ Ironia.

⁴⁸⁴ O poeta aproveita para se queixar dos mantos ruins enviados por Rufo (sobre a ingratidão dos patronos, cf. n. a I, 70, 18).

⁴⁸⁵ Camônio Rufo, provavelmente um amigo ou conhecido de Marcial, morrera muito jovem (cf. vv. 7-8). Este epigrama sepulcral não é o único a homenageá-lo: vejam-se também IX, 74 e IX, 76.

impia Cappadocum tellus et numine laeue

uisa tibi cineres reddit et ossa patri.

Funde tuo lacrimas orbata Bononia Rufo,

5

et resonet tota planctus in Aemilia:

heu qualis pietas, heu quam brevis occidit aetas!

uiderat Alphei praemia quinta modo.

Pectore tu memori nostros euoluere lusus,

tu solitus totos, Rufe, tenere iocos,

10

accipe cum fletu maestis breue carmen amici

atque haec absentis tura fuisse puta.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER VII

VIII

Nunc hilares, si quando mihi, nunc ludite, Musae:

uictor ab Odrysio redditur orbe deus.

Certa facis populi tu primus uota, December:

iam licet ingenti dicere uoce “Venit!”

a ímpia terra dos capadóci⁴⁸⁶, sob funesto nume
 por você visitada, cinzas e ossos devolve a teu pai.
 Verta tuas lágrimas, Bonônia⁴⁸⁷, privada do teu Rufo,
 e que o pranto ecoe por toda a Emília⁴⁸⁸:
 Ai, que devoção, ai, que vida tão breve pereceu!
 Vira há pouco de Alfeu os quintos prêmios!⁴⁸⁹
 Você que de cor⁴⁹⁰ recitava os meus epigramas,
 você que costumava memorizar por inteiro, Rufo, os meus gracejos,
 receba, junto com o lamento, o breve poema de um triste amigo,
 e considere estes versos os incensos de quem está ausente.⁴⁹¹

SÉTIMO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL⁴⁹²

8

Agora, Musas⁴⁹³ risonhas, agora vos diverti, como outras vezes mo concedestes:
 vencedor nos é restituído, pela terra Odrísia⁴⁹⁴, o nosso deus.⁴⁹⁵
 Tu és o primeiro, Dezembro, a tornar realidade os votos do povo;
 já se pode anunciar em alta voz: “Ele está vindo!”

⁴⁸⁶ A Capadócia era uma província romana no centro-leste da Ásia Menor, limitada, a oeste, pelo lago Tatta (atual Tuzgölü), e, a leste, pelo rio Eufrates. Ao norte fazia divisa com o reino do Ponto e, ao sul, com a Cilícia. Corresponderia hoje à região central da Turquia (GAW: 146). Camônio Rufo falecera na Capadócia, que por isso é chamada *ímpia* por Marcial.

⁴⁸⁷ Seria a terra natal de Rufo, atual Bolonha. Ficava na Gália Cisalpina, norte da Itália (GAW: 114).

⁴⁸⁸ Isto é, a via Emília, que cruzava grande parte da Gália Cisalpina (ver n. a III, 4, 2).

⁴⁸⁹ O *Alpheus* é o principal rio da península do Peloponeso, na Grécia, passando próximo de Olímpia (OCD: 67). Daí a referência aos “prêmios de Alfeu” (*praemia Alpei*), isto é, as Olimpíadas, realizadas a cada quatro anos nessa cidade (OCD: 1066). Rufo teria ao morrer, portanto, vinte anos.

⁴⁹⁰ *Pectore memori*, traz o original.

⁴⁹¹ O tom terno e emocionado dos epigramas sepulcrais de Marcial contrastam com a crítica implacável e a sátira ferina da maior parte de suas composições.

⁴⁹² Publicado em dezembro de 92 d.C. (Sullivan: 39).

⁴⁹³ Ver n. a I, 70, 15.

⁴⁹⁴ Isto é, a Trácia, também chamada Odrísia por conta da tribo dos odrísios, que chegara à região nos séculos V e IV a.C. e desenvolvera ali um poderoso império (GAW: 652). Os limites da Trácia não foram os mesmos em toda a história, mas compreendiam, em linhas gerais, a região ao sul do Danúbio (OCD: 1514), abarcando terras que pertencem hoje à Bulgária, Kosovo, Macedônia, Iugoslávia e Grécia. Marcial parece, no entanto, usar o termo de maneira ainda mais genérica, abarcando toda a região do Danúbio: Trácia, Dácia, Moésia Inferior e Superior e Panônia (cf. nota seguinte).

⁴⁹⁵ Domiciano estivera, em 92 d.C., em campanha militar na Panônia, onde vencera os sármatas (OCD: 491; cf. também epigrama VII, 6).

Felix sorte tua! Poteras non cedere Iano, 5
gaudia si nobis quae dabit ille dares.
Festa coronatus ludet conuicia miles,
inter laurigeros cum comes ibit equos.
Fas audire iocos leuioraque carmina, Caesar,
et tibi, si lusus ipse triumphus amat. 10

XII

Sic me fronte legat dominus, Faustine, serena
excipiatque meos qua solet aure iocos,
ut mea nec iuste quos odit pagina laesit
et mihi de nullo fama rubore placet.
Quid prodest, cupiant cum quidam nostra uideri, 5
si qua Lycambeo sanguine tela madent,
uipereumque uomat nostro sub nomine uirus,
qui Phoebi radios ferre diemque negat?

Feliz sorte a tua! Podias não ser superado por Jano⁴⁹⁶ 5
 se nos desses tu as alegrias que ele nos dará.⁴⁹⁷
 Joviais insultos⁴⁹⁸ cantarás, de coroa à cabeça, o soldado,
 quando em cortejo marchar, entre corcéis enfeitados de louro⁴⁹⁹.
 Ouvir meus gracejos e poemas mais levianos permite, César,
 também a ti, já que o próprio triunfo aprecia a diversão.⁵⁰⁰ 10

12

Que com fronte serena, Faustino⁵⁰¹, me leia o meu senhor⁵⁰²
 e acolha os meus gracejos com o ouvido costumeiro,
 pois minha página não ofendeu nem os que têm razão para odiar,
 nem me agrada a fama oriunda da desonra alheia.⁵⁰³
 De que adianta desejarem alguns fazer passar por meus 5
 os seus dardos, se os banham no sangue de Licambas⁵⁰⁴,
 e de vomitar, sob o meu nome, um viperino veneno
 quem se nega a suportar os raios de Febo e a luz do dia?⁵⁰⁵

⁴⁹⁶ Deus das portas e inícios, e, por isso, era representado com duas faces (como as portas, que têm dois lados). Seu templo, no Fórum Romano, era fechado em tempos de completa paz. Também era associado, como neste verso, ao mês de Janeiro, que passara a ser, a partir de 153 a.C., o primeiro mês do ano, o mês que abria, dava início ao ano (*OCD*: 793; ver também n. a III, 68, 8).

⁴⁹⁷ Segundo Marcial, embora o retorno de Domiciano de sua campanha no Danúbio tivesse sido anunciada em dezembro, o imperador retornaria realmente em janeiro. Assim, este dará ao povo a alegria que dezembro não pudera dar. O epigrama é claramente adulatório a César, a exemplo dos epigramas 1, 2, 4, 5, 6, 7 e de outros do Livro VII.

⁴⁹⁸ Os *carmina triumphalia*, ver n. a I, 4, 4.

⁴⁹⁹ O louro (*laurus*) era o símbolo do triunfo, e com ele eram feitas as coroas utilizadas pelo triunfador e pelos participantes da procissão triunfal (*OCD*: 1554).

⁵⁰⁰ Mesmo pedido feito ao imperador em I, 4.

⁵⁰¹ Ver n. a III, 2, 6.

⁵⁰² Domiciano.

⁵⁰³ Mais uma vez, o poeta lembra que sua poesia não ofende ninguém abertamente, nem mesmo aqueles que teria razões para ofender (cf. prefácio ao Livro I e V, 15, 1-4).

⁵⁰⁴ Licambas teria sido o pai de Neobule, prometida em casamento ao poeta grego Arquíloco. Como voltasse atrás em sua promessa, o poeta atacou-o em uma série de poemas, e de forma tão cruel – Arquíloco conta com detalhes suas experiências sexuais com Neobule e sua irmã – que pai e filhas se suicidaram de vergonha (*OCD*: 147). Marcial quer dizer aqui que ninguém vai acreditar que são seus os poemas tão venenosos e difamatórios (cf. *tela*: “dardos”, “flechas”) que lhe atribuem, pois sua poesia se caracteriza, como frisa sempre, por sátiras genéricas e nunca pessoais.

⁵⁰⁵ Marcial critica os poetas que têm medo de revelar sua identidade (*qui negat ferre radios Phoebi diemque*, v. 8) – pois escrevem versos ofensivos, em que se mencionam, provavelmente, os nomes das pessoas satirizadas (cf. *uipereum uirus*, v. 7) – e que, por isso, atribuem a ele seus poemas (*sub nomine nostro*, v. 7). Para Febo/Apolo, deus que era por vezes identificado com o Sol, ver ainda n. a I, 70, 15.

ludimus innocui: scis hoc bene: iuro potentis
per genium Famae Castaliumque gregem 10
perque tuas aures, magni mihi numinis instar,
lector inhumana liber ab inuidia.

XVII

Ruris bibliotheca delicati,
uicinam uidet unde lector urbem,
inter carmina sanctiora si quis
lasciuae fuerit locus Thaliae,
hos nido licet inseras uel imo, 5
septem quos tibi misimus libellos
auctoris calamo sui notatos:
haec illis pretium facit litura.
At tu munere delicata paruo
quae cantaberis orbe nota toto, 10
pignus pectoris hoc mei tuere,
Iuli bibliotheca Martialis.

Eu gracejo inofensivamente, você bem sabe disso; juro
 pelo gênio da poderosa Fama, pelo coro da Castália⁵⁰⁶, 10
 e por teus ouvidos, para mim semelhantes a um poderoso nume,
 leitor livre⁵⁰⁷ da desumana inveja.

17

Biblioteca de uma quinta delicada,
 de onde avista o leitor a vizinha Roma,
 se entre poemas mais veneráveis
 algum lugar há para a jovial Talia⁵⁰⁸,
 permite inserir, ainda que na mais baixa prateleira⁵⁰⁹, 5
 estes sete livrinhos que te envieï,
 pelo cálamo⁵¹⁰ de seu próprio autor corrigidos:
 é essa correção que lhe dá valor.
 Mas tu que, homenageada por este singelo presente,
 serás celebrada e conhecida em todo o mundo,⁵¹¹ 10
 protege este penhor⁵¹² de minha afeição,
 ó biblioteca de Júlio Marcial⁵¹³.

⁵⁰⁶ Ver segunda nota a IV, 14, 1.

⁵⁰⁷ Marcial pode estar se dirigindo mais especificamente a Faustino, que ele invoca no verso 1, ou, mais provavelmente, a seus leitores de uma forma geral.

⁵⁰⁸ Isto é, para os epigramas de Marcial (ver n. a I, 70, 15).

⁵⁰⁹ *Nido* (de *nidus*), no original (ver n. a I, 117, 15). O *imo nido* talvez aluda ao gênero baixo, praticado pelo poeta, em oposição a outras obras que existem na biblioteca de Júlio Marcial e que fazem parte de gêneros mais elevados.

⁵¹⁰ Feito de um pedaço de caule da planta *calamus* (cálamo, com várias espécies) ou, ainda, fabricado com metal, era o instrumento com que escreviam os antigos (Oliveira: 222). Ver também n. a I, 3, 10.

⁵¹¹ A própria biblioteca agora correrá mundo, cantada pela poesia de Marcial (ver I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60, VI, 64, 24-26 e VI, 82, 1-6). A imodéstia dos versos 9-10 contrasta com a humildade dos vv. 3-8.

⁵¹² Garantia, prova.

⁵¹³ Ver n. a III, 5, 4. A quinta ou *uilla* de Júlio Marcial ficava, segundo o poeta (que a descreve em IV, 64), no Janículo, colina próxima do rio Tibre (OCD: 793). O leitor que tivesse o prazer de praticar a leitura na biblioteca desta quinta poderia avistar Roma (cf. v. 2). Vejam-se também, em IV, 64, os vv. 11-24, em que o poeta diz que dali se podiam apreciar todas as sete colinas de Roma, as vias Flamínia e Salária e uma série de outros lugares.

XXV

Dulcia cum tantum scribas epigrammata semper
et cerussata candidiora cute,
nullaque mica salis nec amari fellis in illis
gutta sit, o demens, uis tamen illa legi!
Nec cibus ipse iuuat morsu fraudatus aceti,
nec grata est facies cui gelasinus abest.
Infanti melimela dato fatuasque mariscas:
nam mihi, quae nouit pungeret, Chia sapit.

5

XXVI

Apollinarem conueni meum, scazon,
et si uacabit – ne molestus accedas, –
hoc quaecumque, cuius aliqua pars ipse est,
dabis: haec facetum carmen inbuant aures.
Si te receptum fronte uideris tota,
noto rogabis ut fauore sustentet.
Quanto mearum scis amore nugarum
flagret: nec ipse plus amare te possum.

5

25

Embora você escreva sempre epigramas tão suaves

e mais cândidos que uma pele alvaiadada⁵¹⁴,

e neles nenhum grão de sal⁵¹⁵ haja, nem de amargo fel⁵¹⁶

uma gota, você quer contudo, ó insensato, que sejam lidos!⁵¹⁷

O próprio alimento não dá prazer se privado da acridez do vinagre,

5

nem é agradável o rosto a que faltam as covinhas do riso.

A uma criança dê os doces frutos e os insípidos figos:

para mim, o que sabe ser picante, o figo de Quios, é que tem sabor.⁵¹⁸

26

Vá ter com o meu Apolinar⁵¹⁹, escazonte⁵²⁰,

e, se estiver desocupado – não lhe seja importuno –,

este brinde, seja qual for o seu valor, e de que ele próprio faz parte⁵²¹,

lhe entregará: estréiem os seus ouvidos este alegre poema.

Se você se vir recebido com semblante aberto,

5

pedirá que ele te proteja com seu conhecido favor.

Você sabe de quão intenso amor por minhas bagatelas

ele é possuído: nem eu próprio consigo te amar mais.

⁵¹⁴ Sobre o alvaiade, ver n. a I, 72, 6. Marcial brinca também com o duplo sentido de “cândido”, também presente em nossa língua (“branco”, “alvo” e “puro”, “inocente”): os poemas que critica são mais brancos que uma pele branqueada com alvaiade, isto é, são brancos, puros demais, não possuem gracejos, brincadeiras, ditos picantes.

⁵¹⁵ Além de designar o composto químico, o termo latino *sal* também pode significar, a exemplo do que ocorre em português, a graça, o sarcasmo, o tempero de um dito ou frase (*OLD*: 1680-1a, 6a e 6b).

⁵¹⁶ Substância com a qualidade do que é picante, azedo, amargo (*OLD*: 683-1a e 2); veneno, mas aqui entendido não como o “veneno viperino”, a peçonha (*uirus uipereum*) de VII, 12, 7 – que é nocivo porque implica em insultos declarados –, mas sim como o sarcasmo que dá graça ao epigrama, criticando as pessoas sem revelar nomes.

⁵¹⁷ Os poemas que não possuem sal, graça, não divertem a ninguém; logo, não são lidos.

⁵¹⁸ Isto é, o figo de Quios, que é picante, é que tem graça. Quios, cidade e ilha do mar Egeu, na costa da Jônia (atual Turquia), era famosa por seus figos (*GAW*: 165-166), que tinham, segundo Marcial, um sabor picante. O poeta compara os poemas picantes aos figos de Quios, e reserva às crianças (cf. *infanti*, v. 7) os poemas doces demais e sem gosto (Cf. I, 35; III, 68; III, 86; e V, 2).

⁵¹⁹ Ver n. a IV, 86, 3.

⁵²⁰ Ver n. a I, 96, 1.

⁵²¹ Talvez porque o tivesse revisado ou dado sugestões para o seu aperfeiçoamento (ver IV, 86).

Contra malignos esse si cupis tutus,
Apollinarem conueni meum, scazon. 10

LI

Mercari nostras si te piget, Urbice, nugas
et lasciua tamen carmina nosse libet,
Pompeium quaeres — et nosti forsitan — Auctum;
Vltoris prima Martis in aede sedet:
iure madens uarioque togae limatus in usu 5
non lector meus hic, Urbice, sed liber est.
Sic tenet absentes nostros cantatque libellos
ut pereat chartis littera nulla meis:
denique, si uellet, poterat scripsisse uideri;
sed famae mauult ille fauere meae. 10
Hunc licet a decuma – neque enim satis ante uacabit –
sollicites, capiet cenula parua duos;
ille leget, bibe tu; nolis licet, ille sonabit:
et cum “Iam satis est” dixeris, ille leget.

Se deseja estar protegido contra os maledicentes,
vá ter com o meu Apolinar, escazonte.⁵²²

10

51

Se de comprar minhas bagatelas, Úrbico⁵²³, você tem vergonha,
e te apraz, no entanto, conhecer os lascivos poemas,
você deverá perguntar – talvez já o conheça – por Pompeu Aucto⁵²⁴;
na entrada do templo de Marte Vingador⁵²⁵ costuma se sentar:
encharcado em direito e versado nas diversas práticas da toga⁵²⁶,
não é ele meu leitor, Úrbico, mas o livro em pessoa.

5

De tal forma retém e recita de cor os meus versos⁵²⁷

que não se perde uma só letra de meus livros:
enfim, se quisesse, podia passar por tê-los escrito,
mas ele prefere empenhar-se na minha fama.

10

A partir da décima hora⁵²⁸ – pois antes não terá tempo livre suficiente⁵²⁹ –
você deverá procurá-lo; um modesto jantarzinho receberá vocês dois;
ele lerá, você, bebe; mesmo que você não queira, ele declamará;
e, depois que você disser “Já basta”, ele ainda lerá.

⁵²² Repete-se o primeiro verso do poema, a exemplo do que ocorre em II, 6 e IV, 89.

⁵²³ Nome fictício, provavelmente. Em XI, 55 há também um personagem com esse nome, assim como no epigrama sepulcral VII, 96, em que Marcial homenageia um menino chamado Úrbico.

⁵²⁴ De acordo com este poema e o seguinte (o 52), seria um advogado ou jurisconsulto, admirador dos epigramas de Marcial, os quais conhece de cor. Talvez seja o mesmo a quem se dirige IX, 21 e XII, 13.

⁵²⁵ Ficava no Fórum de Augusto (*Forum Augusti*), local onde os jovens tomavam a toga viril (*toga virilis*), símbolo da maioridade, e onde, a exemplo dos outros fóruns, se realizavam julgamentos. Era também nesse fórum que se davam as cerimônias de partida ou de chegada dos governadores de província (OCD: 606 e 607). Cf. o mapa do Anexo I.

⁵²⁶ *Toga* como sinônimo aqui de “arte oratória”, “práticas do direito”. Pompeu Aucto era advogado e jurisconsulto, como já apontado acima.

⁵²⁷ A expressão *cantare libellos/carmina absentes/absentia* (“recitar poemas ausentes”) significa “recitar poemas de cor”, “de memória”.

⁵²⁸ Ou seja, a partir das 16h. Note que, aqui, a hora se refere a um ponto específico no tempo, e não à sua duração (ver n. a III, 100, 1 e a IV, 8, 1).

⁵²⁹ Talvez por ser advogado, estando ocupado durante todo o dia.

LXVIII

Commendare meas, Instanti Rufe, Camenas
parce, precor, socero: seria forsan amat.
Quod si lasciuos admittit et ille libellos,
haec ego uel Curio Fabricioque legam.

LXXII

Gratus sic tibi, Paule, sit December
nec uani triplices breuesque mappae
nec turis ueniant leues selibrae,
sed lances ferat et scyphos auorum
aut grandis reus aut potens amicus,
seu quod te potius iuuat capitque;
sic uincas Nouiumque Publiumque
mandris et uitreo latrone clusos;

5

68

Cessa de recomendar, Instâncio Rufo⁵³⁰, as minhas Camenas⁵³¹

ao teu sogro, eu te peço: talvez ele seja amante de coisas sérias.

Mas se até ele acolhe estes lascivos livrinhos,

também a Cúrio e a Fabrício⁵³² eu os lerei.

72

Que grato para você seja Dezembro⁵³³, Paulo⁵³⁴,

e nem inúteis tabuinhas de três folhas⁵³⁵ e guardanapos pequenos⁵³⁶,

nem insignificantes meias libras⁵³⁷ de incenso te sejam trazidas,

mas te conceda pratos e copos dos antepassados

um ilustre réu⁵³⁸ ou um poderoso amigo,

5

ou, antes, o que quer que te dê prazer e te cative;

que você possa vencer a Nívio e a Públio⁵³⁹,

cercados por teus peões e teu ladrão de vidro⁵⁴⁰;

⁵³⁰ Patrono de Marcial (ver também n. a VI, 82, 1).

⁵³¹ Ou seja, “as minhas Musas” (ver n. a II, 6, 16), “os meus poemas”.

⁵³² Marcial se refere provavelmente a Gaio Lusino Fabrício, cônsul em 282 e 278 e censor em 275 a.C. Era famoso por sua austeridade e incorruptibilidade (*OCD*: 585), a exemplo de seu contemporâneo Mânio Cúrio Dentato, a quem Marcial se refere também aqui (ver n. a VI, 64, 3). Ambos são citados também em IX, 28, 4; XI, 16, 6; Cúrio é citado ainda em I, 24, 3; VII, 58, 7; IX, 27, 6 e XI, 104, 2; Fabrício, em X, 73, 3; XI, 2, 2 e XI, 5, 8. Para o epigramatista – que exagera, brincando –, o sogro de Instâncio Rufo é mais sério e austero que os maiores exemplos de austeridade e seriedade para os romanos.

⁵³³ Isto é, que as pessoas te sejam gratas em Dezembro, durante as Saturnais, época em que se trocam presentes (ver n. a IV, 14, 7).

⁵³⁴ Indivíduo desconhecido, mas é, neste poema, um advogado (cf. vv. 5 e 14). O nome designa também outros indivíduos em II, 20; IV, 17; V, 4; V, 22; VI, 12; VIII, 33; IX, 85; X, 10 e XII, 69.

⁵³⁵ *Triplix*, no original. Era o nome que se dava ao conjunto formado por três tabuinhas de escrever (ver n. a II, 6, 6), muito usado para bilhetes. Parece que constituía um presente de bem pouco valor, de acordo com X, 87, 6; VII, 53, 3 e *Apoph.*, 6.

⁵³⁶ Outro presente de pouco valor, cf. VII, 53, 4.

⁵³⁷ A *selibra* ou *semis* correspondia à metade da libra, unidade de peso entre os romanos que correspondia a 327,45g. Meia libra equivalia, portanto, a aproximadamente 164g (*OCD*: 1621).

⁵³⁸ Ver n. a V, 16, 7.

⁵³⁹ Desconhecidos. Talvez Nívio seja o mesmo de I, 86, vizinho de Marcial. Sobre Públio, ver n. a I, 109, 5.

⁵⁴⁰ Os *mandrae* (peões) e os *latrones* (ladrões) eram peças de uma espécie de jogo de xadrez muito apreciado pelos romanos, o *ludus latruncularum* (jogo dos ladrões). Como no xadrez, o objetivo era “matar” ou “tomar” as peças do adversário (*OCD*: 624 e Robert: 77). Dois epigramas dos *Apophoreta* falam de um tabuleiro

sic palmam tibi de trigone nudo	
unctae det fauor arbiter coronae	10
nec laudet Polybi magis sinistras:	
si quisquam mea dixerit malignus	
atro carmina quae madent ueneno,	
ut uocem mihi commodas patronam	
et quantum poteris, sed usque, clames:	15
“Non scripsit meus ista Martialis.”	

LXXVII

Exigis ut nostros donem tibi, Tucca, libellos,
 Non faciam: nam uis uendere, non legere.

usado para esse e para outros jogos (*Apoph.*, 17) e das peças usadas no mesmo (*Apoph.*, 18). Estas, ao que parece, podiam ser feitas de vidro (cf. *uitreo*).

que a você a palma do desnudo trígono⁵⁴¹
 te dê o árbitro, que são os aplausos da ungida platéia⁵⁴², 10
 e que ele não louve mais intensamente a esquerda⁵⁴³ de Políbio:⁵⁴⁴
 agora, se algum maledicente disser que são meus
 uns poemas impregnados de negro veneno,
 me conceda a tua voz de patrono⁵⁴⁵,
 e grite o mais forte que puder, sem parar: 15
 “Não escreveu estas coisas o meu Marcial.”⁵⁴⁶

77⁵⁴⁷

Você exige que eu te dê de presente os meus livrinhos, Tuca⁵⁴⁸.
 Não o farei, pois você quer vendê-los, não lê-los.⁵⁴⁹

⁵⁴¹ Jogo de bola em que participavam três pessoas posicionadas em triângulo e segurando, cada uma, uma bola. Cada jogador devia lançar a bola ao jogador que quisesse, dentre os outros dois participantes, de maneira que um jogador poderia receber ao mesmo tempo duas bolas. Havia gandulas que pegavam as bolas que caíam e um “juiz” para contar os pontos dos participantes (Robert: 60). O epigrama 46 dos *Apophoreta* era destinado a acompanhar uma *pila trigonalis*, a bola pequena e dura própria para esse jogo (sobre os outros jogos de bola entre os romanos e as bolas usadas em cada um deles, ver Robert: 60-61 e os epigramas IV, 19, 5-7; VII, 32, 7; *Apoph.*, 45, 47 e 48). Quanto ao adjetivo “desnudo” (*nudo*), refere-se ao fato de o jogo ser também praticado nos ginásios, com seus participantes desnudos (ver n. a III, 68, 4).

⁵⁴² Provavelmente, as pessoas que freqüentavam os ginásios, estádios ou termas costumavam se aglomerar para acompanhar os três indivíduos que jogavam o *trigon*, torcendo, gritando e aplaudindo. Marcial deseja então que essa platéia, cujos aplausos constituem uma espécie de árbitro que decide quem é o vencedor da partida, dê a Paulo a vitória (*palmam*, v. 9) do jogo. Daí o adjetivo *uncta* (“ungida”) para designar os circunstâncias (lembre-se que aqueles que se exercitavam nesses locais costumavam untar o corpo com azeite; cf. *OCD*: 206-207).

⁵⁴³ Ou seja, o arremesso com a mão esquerda no jogo do *trigon*. Quanto a Políbio, devia ser um jogador conhecido por sua habilidade nesse jogo (*Ep-BL*²: 341).

⁵⁴⁴ Como numa prece, Marcial faz primeiro seus votos pela felicidade e boa sorte de seu patrono, antes de formular o pedido que diz respeito a si próprio.

⁵⁴⁵ Uma das obrigações do patrono para com seu cliente era defendê-lo em litígios (*OCD*: 348), razão pela qual alguns autores também usavam o termo *patronus* com a acepção de “advogado” (*OLD*: 1311-3).

⁵⁴⁶ Da mesma forma que o epigramatista se preocupa com os indivíduos que copiam ou plagiam a sua obra, também combate aqueles que atribuem a ele os seus poemas repletos de veneno e de ofensas contra pessoas reais e conhecidas (cf. VII, 12).

⁵⁴⁷ Ver n. a I, 29.

⁵⁴⁸ Ver n. a VI, 65, 1.

⁵⁴⁹ Tuca é um plagiário, quer vender como seus os epigramas de Marcial. Cf. ainda I, 63 e os outros epigramas contra plagiários: I, 29; I, 38; I, 52; I, 53; I, 66; I, 72 e II, 20.

LXXXI

“Triginta toto mala sunt epigrammata libro.”

Si totidem bona sunt, Lause, bonus liber est.

LXXXVIII

Fertur habere meos, si uera est fama, libellos

inter delicias pulchra Vienna suas.

Me legit omnis ibi senior iuuenisque puerque,

et coram tetrice casta puella uiro.

Hoc ego maluerim quam si mea carmina cantent

5

qui Nilum ex ipso protinus ore bibunt;

quam meus Hispano si me Tagus impleat auro

pascat et Hybla meas, pascat Hymettos apes.

Non nihil ergo sumus nec blandae munere linguae

decipimur: credam iam puto, Lause, tibi.

10

“Há trinta epigramas ruins, ao todo, em teu livro.”

Se outros tantos forem bons, Lauso, bom é o livro.⁵⁵⁰

Dizem que os meus livrinhos – se é verdadeira a notícia –

tem entre suas delícias a bela Viena⁵⁵¹.

Lá me lê todo velho, jovem e criança,

e a casta moça diante do severo marido.

Isso eu preferiria a que declamassem meus poemas

5

os que bebem do Nilo diretamente em sua própria nascente⁵⁵²,

a que o meu Tago me enchesse com hispânico ouro,⁵⁵³

e a que o Hibla, a que o Himeto apascentasse minhas abelhas.⁵⁵⁴

Eu sou, portanto, alguém, e pelo favor de uma língua lisonjeira

não me deixo iludir: acho que começarei a acreditar em você, Lauso.⁵⁵⁵

10

⁵⁵⁰ Compare-se com a opinião parecida expressa em I, 16. Lauso é desconhecido, talvez um amigo e compatriota de Marcial (*Ep-BL*²: 327); reaparece, como visto logo abaixo, no epigrama 88, que dialoga com este. Há também um Lauso em VII, 87, 6.

⁵⁵¹ Ficava na Gália Narbonense (ver n. a III, 1, 2) e corresponde à atual cidade de Vienne, na província francesa de Isère (*OCD*: 1598). Não confundir com Vindobona – também chamada *Vienna* pelos antigos romanos –, que deu origem à atual Viena, capital da Áustria (*OCD*: 1600).

⁵⁵² Seria o auge da popularidade, dada a longa distância que separava Roma das regiões que abrigavam os dois lagos que constituem as nascentes do Nilo, já mencionados pelo viajante Diógenes em 100 d.C. (*OCD*: 1044).

⁵⁵³ O Tago (*Tagus*) é o Tejo, rio que, como se sabe, banha regiões dos atuais Portugal e Espanha (*GAW*: 619). À época de Marcial, a Península Ibérica estava dividida em três províncias romanas: a Hispânia Citerior ou Tarraconense, que se estendia do norte da Península Ibérica à costa leste, abrangendo ainda uma parte da costa oeste; a Bética ou Hispânia Ulterior, no centro sul da península (v. n. a I, 96, 5); e a Lusitânia, região que abrangia boa parte do território do atual Portugal e o centro-oeste da atual Espanha (*GAW*: 296). A pátria de Marcial era Bílbilis, na Hispânia Tarraconense, daí o poeta chamar ao rio “meu Tago” (*meus Tagus*), embora sua cidade não fosse banhada por este. Havia minas de ouro nas Hispânicas, sobretudo na Bética e no noroeste da Tarraconense (*OCD*: 641), o que explica *Hispano auro*.

⁵⁵⁴ O melhor mel da Itália era o do monte Hibla, na Sicília (*CLS*: 63); na Grécia, o mel do monte Himeto, na Ática (sudeste da Grécia) era famoso por sua cor clara e sabor muito doce (*OCD*: 723).

⁵⁵⁵ Marcial se alegra em saber das notícias de sua popularidade, chegando seus livros a serem lidos em Vienne, na Gália Narbonense (vv. 1-4), e classifica essa glória como maior que a de ser lido nas longínquas terras da nascente do Nilo, que ser cumulado com o ouro do Tejo e que possuir abelhas como as dos montes Hibla e Himeto (vv. 5-8). Porém, desconfia dessas notícias boas demais, trazidas por uma boca que é muito lisonjeira (“quando a esmola é demais, o santo desconfia”, diríamos hoje): tais novas podem denotar exatamente o contrário. Assim, o poeta conclui que o Lauso de VII, 81 é que tem razão, ele que afirmara serem ruins muitos dos epigramas de Marcial.

XC

Iactat inaequalem Matho me fecisse libellum:

si uerum est, laudat carmina nostra Matho.

Aequales scribit libros Caluinus et Vmber:

aequalis liber est, Cretice, qui malus est.

XCIX

Sic placidum uideas semper, Crispine, Tonantem

nec te Roma minus quam tua Memphis amet:

carmina Parrhasia si nostra legentur in aula,

– namque solent sacra Caesaris aure frui –

dicere de nobis ut lector candidus aude:

“Temporibus praestat non nihil iste tuis,

5

Anda dizendo Matão⁵⁵⁶ que fiz um livrinho heterogêneo⁵⁵⁷:

se isso é verdade, louvando os meus poemas está Matão.

Livros homogêneos escreve Calvino e Umber⁵⁵⁸:

é homogêneo, Crético⁵⁵⁹, o livro que é ruim.⁵⁶⁰

Possas tu ver sempre plácido, Crispino⁵⁶¹, o Tonante⁵⁶²,

e que Roma menos que a tua Mênfis⁵⁶³ não te ame:

se os meus poemas forem lidos no parrásio palácio⁵⁶⁴ –

pois costumam fruir do divino ouvido de César⁵⁶⁵ –,

ousa dizer de mim, como um leitor sincero:

5

“Este poeta fornece um algo mais à tua época,

⁵⁵⁶ Nome fictício, certamente; é usado também em outros poemas: IV, 79; VI, 33; VII, 10; VIII, 42; X, 46 e XI, 68.

⁵⁵⁷ Assim interpretamos o adjetivo *inaequalis* (*inaequalem*, v. 1). Marcial justifica aqui o fato de este seu livro ser formado (assim como todos os outros, aliás) por epigramas de todos os tipos e temas, misturados e alternados no livro.

⁵⁵⁸ Desconhecidos. Provavelmente poetas da época de Marcial.

⁵⁵⁹ Nome fictício, provavelmente.

⁵⁶⁰ Marcial considera a diversidade de temas uma virtude de seu livro de poemas (cf. v. 2), enquanto que a uniformidade lhe é nociva (cf. v. 3). Outra forma de interpretar o par *aequalis/inaequalis* é considerar que ele faz referência, mais precisamente, à disposição dos epigramas nos livros: o poeta procura sempre evitar uma seqüência muito grande de epigramas de um mesmo tipo, a fim de não cansar o leitor (os antigos conheciam este princípio como *uariatio*; veja-se ainda o prefácio do Livro VIII, mais adiante). Neste Livro VII, por exemplo, Marcial dispõe dois epigramas satíricos (3 e 4) no início do livro, em meio ao conjunto de poemas de adulação ao imperador (1, 2, 5, 6, 7 e 8).

⁵⁶¹ Através deste e de quatro passagens de Juvenal (*Sat.*, I, 26; IV, 1; IV, 31 e IV, 108), sabe-se que esse Crispino era um liberto e ex-vendedor de peixe, natural de Mênfis, no Egito, que se enriquecera e se tornara importante ao obter a confiança de Domiciano. Os hábitos exagerados e ostentatórios desse novo-rico, bem como seus vícios e perversões sexuais, são alvejados pelo satirista, que critica, por exemplo, o prazer que Crispino possuía em exibir seus mantos de púrpura (as *lacernae tyriae*, cf. *Sat.*, I, 26 e n. ao verso 4 do epigrama I, 53 de Marcial). O epigramatista também fala, em VIII, 48, dos mantos purpúreos de Crispino, mas num tom totalmente diferente, respeitoso e adulatório, mesmo tom que permeia também todo esse poema VII, 99.

⁵⁶² Domiciano, freqüentemente comparado a Júpiter por Marcial (sobre o epíteto “Tonante”, ver n. a V, 16, 5).

⁵⁶³ Atual Mit Riheina, no Egito, Mênfis ficava no Baixo Egito, às margens do Nilo (GAW: 389).

⁵⁶⁴ Ou seja, o palácio do imperador, no monte Palatino. De acordo com a lenda, o herói Evandro, natural da Arcádia (a região central da península do Peloponeso, na Grécia), fundara uma cidadela no monte Palatino (OCD: 578). Na *Eneida* de Virgílio (canto VIII, principalmente), ele auxilia Enéias, a quem está ligado por laços de parentesco, na luta contra Turno. A designação “parrásio” (cf. *Parrhasia*) vem de Parrásio, bisneto de um dos reis da Arcádia, Licáon (DMG: 203-2 e 247).

⁵⁶⁵ Marcial demonstra ou sugere, em diversos epigramas seus, que sua poesia é lida ou ouvida pelo imperador (cf., por exemplo, I, 4; I, 5; IV, 8; V, 5; V, 6; V, 15; VI, 64, 14-15; VII, 8; VII, 12, etc.).

nec Marso nimium minor est doctoque Catullo.”

Hoc satis est: ipsi cetera mando deo.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER VIII

Imperatori Domitiano Caesari Augusto Germanico Dacico Valerius Martialis S.

1. Omnes quidem libelli mei, domine, quibus tu famam, id est uitam, dedisti, tibi supplicant; et, puto, propter hoc legentur. 2. Hic tamen, qui operis nostri octauus inscribitur, occasione pietatis frequentius fruitur. 3. Minus itaque ingenio laborandum fuit, in cuius locum materia successerat: quam quidem subinde aliqua iocorum mixtura uariare temptauimus, ne caelesti uerecundiae tuae laudes suas, quae facilius te fatigare possint quam nos satiare, omnis uersus ingereret. 4. Quamuis autem epigrammata a seuerissimis quoque et summae fortunae uiris ita scripta sint ut mimicam uerborum licentiam adfectasse uideantur, ego tamen illis non permisi tam lasciue loqui quam solent.

e não é muito inferior a Marso e ao douto Catulo⁵⁶⁶.”

Isso é suficiente: o resto deixo por conta do próprio deus.

OITAVO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL⁵⁶⁷

Valério Marcial saúda o Imperador Domiciano César Augusto Germânico Dácico

Todos os meus livrinhos, senhor, aos quais tu concedeste a fama, ou seja, a vida, dirigem a ti as suas preces; e é por causa disso, penso eu, que serão lidos. Este, porém, que se assinala como o oitavo de minha obra, aproveita com maior frequência a ocasião de te demonstrar sua devoção.⁵⁶⁸ Assim, pôde ser menos trabalhado pelo engenho, que fora substituído pelo nível da matéria⁵⁶⁹; tentei, porém, diversificá-lo, misturando a ele, de vez em quando, alguns gracejos, para que cada verso não descarregasse seus elogios sobre tua celestial modéstia, eles que poderiam mais facilmente te fatigar que me saciar.⁵⁷⁰ No entanto, embora tenham sido escritos, pelos homens mais austeros e até da mais alta condição, epigramas tais que fazem com que aqueles pareçam ter imitado a licenciosidade de linguagem⁵⁷¹ própria do mimo⁵⁷², eu, porém, não permiti aos meus falar tão obscenamente quanto costumam.⁵⁷³ Como a parte não só maior como também melhor de

⁵⁶⁶ Ver n. 5 ao prefácio do Livro I.

⁵⁶⁷ Publicado em dezembro de 94 d.C. (Sullivan: 40).

⁵⁶⁸ Marcial já dedicara ao imperador o Livro V (cf. V, 1 e V, 2) e o homenageara em vários dos epigramas iniciais de outros livros (cf. I, epigramas 4, 5 e 6; II, epigrama 2; IV, epigramas 1, 2, 3 e 8; V, epigramas 3, 5, 6, 7 e 8; VI, epigramas 1, 2, 3, 4 e 10; VII, epigramas 1, 2, 5, 6, 7 e 8). Porém, é no Livro VIII que o poeta dedica formalmente sua obra a César, por meio de um prefácio em prosa. Note-se que, na saudação que encabeça o prefácio, o poeta aproveita para homenagear o imperador com todos os seus títulos.

⁵⁶⁹ Isto é, a grandiosidade do assunto – as glórias do imperador – torna o conteúdo mais importante que a forma.

⁵⁷⁰ O poeta diz não se cansar de louvar o imperador, embora esses excessivos louvores pudessem fatigar o próprio César, indo de encontro à modéstia que lhe seria própria. Note-se a preocupação de Marcial com a variação e a diversidade (*uariatio*, veja-se n. a VII, 90, 4): um livrinho só de epigramas laudatórios poderia fatigar o próprio homenageado, assim como os leitores. Por isso o poeta avisa que misturou ao conjunto alguns epigramas satíricos, divertidos (*aliqua iocorum*). Compare-se ainda esta postura com a expressa no epigrama V, 2.

⁵⁷¹ *Licentia uerborum*.

⁵⁷² Ver n. 7 ao prefácio do Livro I.

⁵⁷³ Embora o poeta tenha inserido alguns gracejos para diversificar um pouco o Livro VIII, não lhes concede, em respeito ao imperador, a mesma liberdade de linguagem presente em outros livrinhos. A postura é a mesma expressa no epigrama 2 do Livro V, no qual o poeta também se dirigia a Domiciano: avisava que o livro era destinado às matronas, jovens rapazes e virgens, que não era licencioso como os quatro primeiros volumes e que brincava respeitosamente com o imperador.

5. Cum pars libri et maior et melior ad maiestatem sacri nominis tui alligata sit, meminerit non nisi religiosa purificatione lustratos accedere ad templa debere. 6. Quod ut custoditurum me lecturi sciant, in ipso libelli huius limine profiteri breuissimo placuit epigrammate.

I

Laurigeros domini, liber, intrature penates

disce uerecundo sanctius ore loqui.

Nuda recede Venus; non est tuus iste libellus:

tu mihi, tu Pallas Caesariana, ueni.

III

“Quinque satis fuerant: nam sex septemue libelli

est nimium: quid adhuc ludere, Musa, iuuat?

Sit pudor et finis: iam plus nihil addere nobis

fama potest: teritur noster ubique liber;

et cum rupta situ Messalae saxa iacebunt

altaque cum Licini marmora puluis erunt,

me tamen ora legent et secum plurimus hospes

5

meu livro está ligada à majestade do teu divino nome, é preciso que se lembre de que não devem se aproximar dos templos senão os purificados por religiosa lustração.⁵⁷⁴ Para que saibam os que me lerão que observarei esse preceito, pareceu-me bem expressá-lo já no limiar deste livrinho, por meio de um brevíssimo epigrama.

1

Ó livro, que estás prestes a adentrar os lauríferos penates⁵⁷⁵ de nosso soberano,

aprenda a falar com mais respeito, por uma boca pudica.

Afasta-te, Vênus desnuda⁵⁷⁶, não é teu este livrinho:

Tu, Palas cesarina⁵⁷⁷, vem tu a mim.

3

“Cinco livrinhos tinham sido o bastante, já seis ou sete

é demais: por que, Musa⁵⁷⁸, te apraz brincar ainda?

Tenhas pudor e acabes com isso, já mais nada me acrescentar

pode a fama: o meu livro anda por toda parte.⁵⁷⁹

E quando, por desleixo, as pedras de Messala⁵⁸⁰ jazerem em pedaços,

5

quando os soberbos mármore de Licino⁵⁸¹ forem pó,

ler-me-ão, no entanto, as bocas, e consigo muito estrangeiro

⁵⁷⁴ O fato de os epigramas sobre ou para o imperador constituírem a maior parte do livro liga-o diretamente a César. Assim, faz-se necessário um ritual de purificação do livrinho, antes de tratar de temas tão sagrados (os antigos romanos realizavam freqüentemente cerimônias de purificação, as *lustrationes*, sobretudo antes de campanhas militares e ao final do *census*, o recenseamento da população realizado a cada quatro ou cinco anos em Roma; *OCD*: 893 e 308). Tem-se, assim, o epigrama seguinte, que “realiza” esse ritual, afastando a obscena deusa da sensualidade e invocando aquela que protege o imperador.

⁵⁷⁵ *Penates*: ver n. a I, 70, 11. O adjetivo *lauríferos* se refere, possivelmente, às recentes vitórias militares de Domiciano (ver n. a VII, 8, 8), que contivera uma incursão sármata que havia destruído uma legião romana na Panônia (*OCD*: 491; ver ainda a segunda nota a VII, 8, 2).

⁵⁷⁶ Representa aqui a obscenidade, a licenciosidade dos epigramas de Marcial, que este quer afastadas do Livro VIII.

⁵⁷⁷ *Caesariana* porque era a deusa que o imperador tomava por sua protetora (ver n. a I, 2, 8).

⁵⁷⁸ Talia, musa da comédia (ver n. a I, 70, 15).

⁵⁷⁹ Cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; e VII, 17, 9-10.

⁵⁸⁰ Marco Valério Messala Corvino, político e militar romano, cônsul em 31 a.C. Foi patrono de escritores e ergueu em Roma vários edifícios, além de reconstruir parte da Via Latina, que ligava Roma a Cales (atual Calvi Vecchia), na Campânia, sudoeste da Itália (*OCD*, 1580). As pedras a que Marcial se refere seriam as dessa estrada, ou, segundo Izaac (*Ep-BL*²: 255, n. 1 à p. 4), as do túmulo de Messala.

⁵⁸¹ Segundo Juvenal (*Sat.*, I, 109 e IV, 305ss.) e Pérsio (*Saturae*, II, 36), reportados por Izaac (*Ep-BL*²: 328), Licino era um prisioneiro gaulês que foi libertado por Júlio César e que enriqueceu sob a proteção deste; seu túmulo, na Via Salária (estrada que ia de Roma até a costa adriática) era esplêndido e suntuoso.

ad patrias sedes carmina nostra feret.”

Finieram, cum sic respondit nona sororum,
 cui coma et unguento sordida uestis erat: 10

“Tune potes dulcis, ingrata, relinquere nugas?
 dic mihi, quid melius desidiosus ages?

an iuuat ad tragicos soccum transferre cothurnos
 aspera uel paribus bella tonare modis,
 praelegat ut tumidus rauca te uoce magister 15

 oderit et grandis uirgo bonusque puer?

Scribant ista graues nimium nimiumque seueri,
 quos media miseros nocte lucerna uidet;

at tu Romano lepidos sale tingue libellos:
 adgnoscat mores uita legatque suos. 20

Angusta cantare licet uidearis auena,
 dum tua multorum uincat auena tubas.”

levará às suas pátrias moradas os meus poemas.”⁵⁸²
 Eu tinha acabado de falar quando assim respondeu a nona irmã⁵⁸³,
 que tinha os cabelos e a veste impregnados de perfume: 10
 “Então você pode, ingrato, abandonar as doces bagatelas?
 Você, que é um preguiçoso, o que – me diga – poderá fazer de melhor?
 Acaso te apraz passar do soco aos trágicos coturnos⁵⁸⁴
 ou retumbar as cruéis guerras em metros constantes⁵⁸⁵,
 para que te leia por inteiro, com sua rouca voz, o empolado professor 15
 e te odeie a virgem nobre e o menino ilustre?⁵⁸⁶
 Que os escrevam os demasiado sérios e demasiado austeros,
 cuja lâmpada os contempla, infelizes, no meio da noite;
 você, porém, tempere com o sal⁵⁸⁷ romano teus graciosos livrinhos:
 que a vida reconheça e leia seus próprios costumes.”⁵⁸⁸ 20
 Você pode até parecer cantar em humilde avena,
 contanto que a tua avena vença as tubas de muitos.”⁵⁸⁹

⁵⁸² Marcial exalta a superioridade de sua obra cultural em relação às obras materiais de Messala e de Licino. Aquela ficará para sempre, enquanto estas, ainda que durem muito tempo, perecerão inevitavelmente. Pode-se pensar, tendo em vista os vv. 7-8, que o poeta sugere ainda que sua obra sobreviverá, na boca de estrangeiros, mesmo quando Roma for sobrepujada por algum outro império.

⁵⁸³ Talia.

⁵⁸⁴ Ou seja, trocar a comédia pela tragédia. O *soccus* era uma espécie de sapatilha que usavam os atores das comédias (*CLS*: 521); o *cothurnus*, como já explicado em n. a V, 30, 1, era o calçado dos atores trágicos.

⁵⁸⁵ Isto é, praticar a poesia épica, escrita inteiramente em hexâmetros dactílicos, o metro típico da epopéia (Boldrini: 109).

⁵⁸⁶ Eram, em geral, os meninos e as meninas de nascimento nobre que freqüentavam as escolas romanas, onde, entre outros conteúdos, estudavam poesia (*OCD*: 509). Para que Marcial pudesse fazer parte do currículo escolar, teria de escrever tragédias (v. 13) ou epopéias (v. 14), cf. n. a I, 35, 2. Os vv. 15-16 nos mostram ainda que os alunos não apreciavam muito as lições da escola, já que Marcial seria odiado se fizesse parte dos exercícios escolares (*ut uirgo grandis bonusque puer te oderit*).

⁵⁸⁷ Ver primeira nota a VII, 25, 3.

⁵⁸⁸ A poesia de Marcial retrata a realidade, o dia-a-dia das pessoas, os tipos humanos e sociais que se encontram nas ruas da Urbe, ao contrário das tragédias e epopéias, repletas de imaginação, de mitos, de deuses e heróis (cf. IV, 49 e n. a IV, 49, 10). Em seus epigramas, as pessoas reconhecem a si próprias, seus costumes, pois é uma poesia sobre os romanos, sobre Roma, são versos temperados com o “sal romano”.

⁵⁸⁹ Ou seja, ainda que você pratique uma poesia dita de gênero mais baixo (a *auena* era um pequena flauta campestre), pode superar o estilo grandioso dos outros gêneros (a *tuba*, uma trombeta de forma reta muito utilizada em cerimônias e na comunicação militar, representava a epopéia; cf. *OCD*: 1005), agradando, com seus versos, a um público maior e tendo mais leitores que os trágicos e épicos. Marcial brinca dizendo à musa Talia que vai deixar de compor epigramas, mas ela procura dissuadi-lo, argumentando que é possível fazer boa poesia e versos de sucesso mesmo se se pratica um gênero menos elevado. Embora o poeta reconheça que a epopéia e a tragédia são tidas como poesia mais sublime, há evidentemente, no poema acima, certo desprezo do epigramatista por esses gêneros (cf. sobretudo os vv. 14-18 e 22).

XXIV

Si quid forte petam timido gracilique libello,
 inproba non fuerit si mea charta, dato.
Et si non dederis, Caesar, permitte rogari:
 offendunt numquam tura precesque Iouem.
Qui fingit sacros auro uel marmore uultus,
 non facit ille deos: qui rogat, ille facit.

5

XXVIII

Dic, toga, facundi gratum mihi munus amici,
 esse uelis cuius fama decusque gregis ?
Apula Ledaëi tibi floruit herba Phalanthi,
 qua saturat Calabris culta Galaesus aquis ?
An Tartesiacus stabuli nutritor Hiberi
 Baetis in Hesperia te quoque lauit oue?
An tua multifidum numerauit lana Timauum,

5

24

Se algo eu te pedir neste tímido e pequeno livrinho,

e se atrevida não for a minha folha, concede-o.

E se não o concederes, César, permite ao menos que to roguem:

jamais preces e incensos ofendem a Jove⁵⁹⁰.

Não é quem esculpe sagrados rostos em ouro ou mármore

5

que produz os deuses; quem lhe roga, este os produz.

28⁵⁹¹

Toga, grato presente de um eloqüente amigo, me diga:

de que povo a fama e a glória você quer ser?

Floresceu para você a erva da Apúlia do ledeu Falanto⁵⁹²,

onde os campos cultivados o Galeso alimenta com águas da Calábria?⁵⁹³

Acaso o tartessíaco nutridor do estábulo ibérico,

5

o Bétis⁵⁹⁴, lavou-te também sobre uma ovelha da Hespéria?⁵⁹⁵

Ou a tua lã contou as muitas bocas do Timavo⁵⁹⁶,

⁵⁹⁰ Domiciano, a quem Marcial dedica formalmente o Livro VIII (cf. o prefácio a esse livro). Traduzimos este epigrama porque, nele, Marcial se dirige ao imperador, falando de seu livrinho. Cf. VIII, 82.

⁵⁹¹ Traduzimos este epigrama devido à relação que mantém com o seguinte, o de número 29, que trata do aspecto metapoético da brevidade (v. n. a I, 109).

⁵⁹² Chamado no poema “ledeu” (*Ledaeus*) por ser oriundo de Esparta, onde reinava Tíndaro, marido de Leda (ver n. a I, 53, 8), Falanto era o mítico fundador de Taras ou Tarento (moderna Taranto), na Calábria (*OCD*: 1473). O poeta associa, no entanto, esse herói à Apúlia (sobre as imprecisões geográficas referentes às duas regiões, veja-se n. a V, 30, 2). Tanto a Apúlia quanto a Calábria eram famosas pela boa qualidade de sua lã (*GAW*: 50 e 137).

⁵⁹³ O Galeso (*Galaesus*) era um rio que banhava Tarento, na Calábria (*CLS*: 9).

⁵⁹⁴ *Baetis* era o nome com que os antigos conheciam o rio Guadalquivir (*GAW*: 99), na Bética (ver n. a VII, 88, 7), província famosa por sua lã (ver n. a I, 96, 5). O adjetivo “tartessíaco” (*Tartessiacus*) aplicado ao rio se deve ao outro nome pelo qual ele era conhecido, Tartesso (*Tartessus* ou *Tartessos*), ou, ainda, à antiga cidade homônima que ficava à sua margem, não longe de sua foz. O nome *Tartessus* era também usado, por vezes, para designar toda a Península Ibérica (*GAW*: 99 e 628). Ibéria (*Hiberia* ou *Iberia*) era um outro antigo nome da Península (*OCD*: 744-1).

⁵⁹⁵ *Hesperia*, que quer dizer “região ocidental”, era o nome que os gregos davam à Itália, e os romanos, à Hispânia (*OLD*: 793; na *Eneida*, porém, designa a Itália). Marcial pergunta à toga se foi banhada, quando ainda estava em seu estado bruto de lã, sobre o lombo das ovelhas da Hispânia, pelas águas do rio Bétis, que banha Tartesso e nutre as ovelhas dessa região (a Ibéria ou Hispânia).

⁵⁹⁶ Rio da Ístria (no nordeste da Gália Cisalpina); desaguava no mar Adriático, perto de Aquiléia (*OCD*: 773). Muitas cidades da Gália Cisalpina (ver n. a III, 1, 2), sobretudo as do vale do Pó, dedicavam-se à criação de ovelhas (*OCD*: 1626).

quem pius astrifero Cyllarus ore bibit ?

Te nec Amyclaeo decuit liuere ueneno

nec Miletos erat uellere digna tuo.

10

Lilia tu uincis nec adhuc delapsa ligustra

et Tiburtino monte quod alget ebur;

Spartanus tibi cedit olor Paphiaeque columbae,

cedet Erythraeis eruta gemma uadis:

sed licet haec primis niuibus sint aemula dona,

15

non sunt Parthenio candidiora suo.

em que o pio Cílaro bebeu com sua astrífera boca?⁵⁹⁷
 Não te é necessário se enegrecer com a tintura de Amiclas⁵⁹⁸,
 nem Mileto⁵⁹⁹ era digna de teu velo⁶⁰⁰. 10
 Você supera os lírios-brancos, as flores do alfeneiro⁶⁰¹ que ainda não caíram
 e o marfim que se congela em tiburtino monte.⁶⁰²
 O espartano cisne⁶⁰³ será por você vencido, e as pombas de Pafos⁶⁰⁴,
 e será vencida a pérola extraída dos abismos eritreus⁶⁰⁵:
 mas ainda que estes presentes sejam das primeiras neves rivais, 15
 não são mais cândidos que quem os doa: Partênio.⁶⁰⁶

⁵⁹⁷ Segundo Apolônio de Rodas, em sua *Argonautica*, os heróis que buscavam o Velo de Ouro (ver também notas aos versos 19 e 20, mais abaixo) teriam feito uma rota fluvial do Ponto Euxino (Mar Negro) até o mar Adriático, passando por um sistema de rios composto principalmente pelo Danúbio (*OCD*: 154). Para Marcial, o rio Timavo também fizera parte dessa rota, pois diz que Cílaro, o cavalo de Cástor (os Dióscuros – ver nota a I, 70, 3 – também haviam participado da expedição) tinha bebido de suas águas. A boca de Cílaro é dita “astrífera” porque o animal integra, junto com os Dióscuros, a constelação de Gêmeos.

⁵⁹⁸ Cidade da Lacônia, no sul da península do Peloponeso, próxima a Esparta. Era produtora de púrpura (cf. *uenenum Amyclaeum*), a exemplo de muitas cidades gregas da Grécia e da Ásia Menor (*OCD*: 78 e 1280).

⁵⁹⁹ Na Ásia Menor, atualmente a cidade turca de Balat. Também era centro produtor de púrpura (*GAW*: 396).

⁶⁰⁰ Velo ou velocino é a pele do carneiro, ovelha ou cordeiro, retirada ainda com a sua lã.

⁶⁰¹ Segundo Sandys (*CLS*: 69), o *ligustrum* de que falam os romanos seria o alfeneiro, embora, em Botânica, o termo designe não só essa planta, mas todo um gênero de árvores e arbustos (cerca de 40 espécies, dentre elas o alfeneiro) da família das oleáceas. No presente epigrama de Marcial, a hipótese de Sandys serve perfeitamente, já que o alfeneiro (*Ligustrum vulgare*) produz flores brancas.

⁶⁰² Tíbure (atual Tívoli) ficava a cerca de 29km de Roma e, além de ser local de lazer para os romanos ricos durante o verão (devido ao seu clima ameno e às suas águas minerais), era famosa por um tipo de rocha calcária (o *lapis Tiburtinus*) que se extraía de seus montes. O travertino, como é chamado hoje, possui uma consistência muito dura e era largamente empregado em construções desde a Antiguidade (*OCD*: 1524 e 264). É a essa rocha que o poeta se refere, metaforicamente, com *ebur* (marfim): ambos têm a mesma coloração branca.

⁶⁰³ Referência ao cisne branco em que se transformou Zeus para seduzir Leda, esposa de Tíndaro, rei de Esparta (ver n. a I, 53, 8).

⁶⁰⁴ As pombas, juntamente com os pardais, eram associadas ao culto de Afrodite, a quem costumavam ser sacrificadas (*OCD*: 244). De acordo com uma das versões (a de Hesíodo) sobre o nascimento da deusa, ela surgira da espuma do mar, perto da ilha de *Cyprus* (Chipre). Era o principal local de culto de Afrodite no mundo grego, e a cidade de Pafos (atual Kouklia), no sudoeste da ilha, abrigava um santuário dedicado à deusa (*OCD*: 1108).

⁶⁰⁵ Isto é, dos abismos do mar Eritreu (*mare Erythraeum*, *Erythra Thalassa* ou *Rubrum Mare*), nome pelo qual os antigos designavam o conjunto de águas formado pelo que chamamos hoje de mar Vermelho, Golfo Pérsico e parte do mar da Arábia. O nome *Erythraeum* se deve a Éritras (*Erythras*), lendário rei da região do Golfo Pérsico (*OCD*: 1296). As pérolas extraídas do mar Eritreu parecem ter sido muito belas (ver I, 109, 4 e nota a esse verso).

⁶⁰⁶ Ver n. a V, 6, 2. Para homenagear Partênio, que lhe deu uma toga de presente, Marcial tece uma série de comparações com as melhores lãs produzidas no Império e com alguns dos materiais ou elementos mais brancos do mundo real ou mitológico, procedimento que culmina neste verso 16, em que o nome do doador é revelado. Percebe-se, além disso, o jogo com os dois sentidos do adjetivo *candidus* (ver n. a VII, 25, 2): o próprio nome *Parthenius* vem do adjetivo grego παρθένιος (“de brancura virginal”, “puro”), formado a partir do substantivo παρθένος (“virgem”). Note-se que as comparações continuam ainda nos vv. 17-20.

Non ego praetulerim Babylonos picta superbae
texta, Samiramia quae uariantur acu;
non Athamanteo potius me mirer in auro,
Aeolium dones si mihi, Phrixe, pecus.
O quantos risus pariter spectata mouebit
cum Palatina nostra lacerna toga!

20

XXIX

Disticha qui scribit, puto, uult breuitate placere.
Quid prodest breuitas, dic mihi, si liber est?

LV (LVI)

Temporibus nostris aetas cum cedat auorum
creuerit et maior cum duce Roma suo,
ingenium sacri miraris desse Maronis

Eu não teria preferido da soberba Babilônia os bordados

tecidos, que foram matizados pela agulha de Semíramis⁶⁰⁷;

e não estimaria mais, em meio ao ouro de Atamante⁶⁰⁸,

se você me desse, Frixo, o eólio rebanho.⁶⁰⁹

20

Oh, quantos risos provocará meu manto

quando visto ao lado desta toga palatina⁶¹⁰!

29

Aquele que escreve dísticos quer, penso eu, agradar pela brevidade.

De que adianta a brevidade, me diga, se se trata de um livro?⁶¹¹

55⁶¹²

Embora a nossa época supere a idade de nossos avós,

e ainda mais grandiosa tenha ficado Roma com o seu comandante⁶¹³,

você se admira de que falte o gênio do divino Marão⁶¹⁴

⁶⁰⁷ Os tecidos coloridos e bordados da Babilônia, na Mesopotâmia, eram famosos por sua beleza e arte (cf. *Apoph.* 150). Semíramis era a mulher de Ninos, fundador de Nínive e rei da Assíria, sob o domínio da qual ficou a Babilônia entre os séculos VIII e VII a.C. (*OCD*: 1383).

⁶⁰⁸ De acordo com a versão mais conhecida do mito, era um rei da Beócia e marido de Ino, a qual, orientada por um oráculo, tentou matar Frixo e Hele, filhos de Atamante com sua primeira esposa, Nefele ou Nebula. As crianças, no entanto, foram salvas e carregadas para a Cólquida (a costa leste do Ponto Euxino, em terras das atuais Turquia, Geórgia e Rússia) sobre o lombo de um carneiro de ouro (*OCD*: 201). Hele, porém, caiu no braço de mar que separa as águas do Mar Negro e do Mar de Mármara do Mar Egeu, razão pela qual o estreito era chamado Helesponto (“mar de Hele”), atualmente estreito de Dardanelos (*OCD*: 677 e 680).

⁶⁰⁹ Marcial se refere ao Velo de Ouro, designado metaforicamente por *pecus Aeolium* em referência a um certo Éolo, pai de Atamante (há razoável confusão, na mitologia, quanto aos vários personagens chamados Éolo; cf. *OCD*: 24). O poeta garante a Partênio que prefere a toga que este lhe doou à pele retirada do carneiro de ouro. Na continuação do mito, Frixo chega à Cólquida; o carneiro de ouro e, posteriormente, o seu velo, ficam então em poder do rei local, Aetes, pai de Medéia (*DMG*: 314). Mais tarde, o rei Pélias, de Iolco, na Tessália, temendo Jasão, o verdadeiro herdeiro do trono que ocupava, envia-o a uma perigosa missão à Cólquida, em busca do Velo de Ouro. Surge então a expedição dos Argonautas, chefiada por Jasão e composta por heróis, semideuses e uma série de guerreiros famosos que o ajudarão em sua empreitada (*OCD*: 793; sobre essa parte do mito, cf. ainda Ovídio, *Met.*, VII, 1-159).

⁶¹⁰ “Palatina” porque seu doador é o camareiro de Domiciano, cujo palácio ficava no monte Palatino (ver n. a I, 70, 5 e a VII, 99, 3). O poeta, depois de elogiar abundantemente a toga, aproveita para sutilmente pedir também um manto.

⁶¹¹ Ou seja, de nada vale a brevidade individual de cada epigrama, já que eles costumam, depois, ser reunidos em livros, tornando-se, no conjunto, longos (cf. I, 110; II, 77; III, 83 e VI, 65).

⁶¹² Em algumas edições, este epigrama é numerado como 56 (veja notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 21).

⁶¹³ Isto é, Domiciano.

⁶¹⁴ Ver n. a V, 10, 7.

nec quemquam tanta bella sonare tuba.	
Sint Maecenates, non derunt, Flacce, Marones,	5
Vergiliumque tibi uel tua rura dabunt.	
Iugera perdiderat miserae uicina Cremonae	
flebat et abductas Tityrus aeger oues:	
risit Tuscus eques paupertatemque malignam	
reppulit et celeri iussit abire fuga.	10
“Accipe diuitias et uatum maximus esto;	
tu licet et nostrum” dixit “Alexin ames.”	
Adstabat domini mensis pulcherrimus ille	
marmorea fundens nigra Falerna manu,	

e de que ninguém cante as guerras com tão grandiosa tuba.⁶¹⁵
Existam Mecenas⁶¹⁶, não faltarão, Flaco⁶¹⁷, Marões,
e um Virgílio até teus campos te darão.⁶¹⁸
Suas jeiras⁶¹⁹ perdera, vizinhas da infeliz Cremona⁶²⁰,
e chorava o aflito Títilo⁶²¹ suas ovelhas arrebatadas:
sorriu o etrusco cavaleiro⁶²² e a pobreza maligna
repeliu e mandou partir em rápida fuga.⁶²³
“Toma estas riquezas e sê o maior de todos os vates.
Permito também”, disse, “que ames o meu Aléxis⁶²⁴.”
Servia à mesa de seu senhor⁶²⁵ esse jovem belíssimo,
vertendo o negro Falerno⁶²⁶ com sua mão branca como o mármore,

⁶¹⁵ Isto é, você se admira de que ninguém cante as guerras com um estilo tão sublime e grandioso quanto o de Virgílio. Para a metáfora de “tuba”, ver n. a VIII, 3, 22.

⁶¹⁶ Ver n. a I, 107, 4.

⁶¹⁷ Ver n. a IV, 49, 1.

⁶¹⁸ Talvez seja uma alusão ao local de nascimento de Virgílio, as vizinhanças rurais de Mântua (atual Mantova), na Gália Cisalpina (OCD: 919). Sobre as queixas de Marcial com relação à falta de bons patronos em sua época, cf. I, 70; I, 107 e V, 16.

⁶¹⁹ A jeira (*iugerum*) era uma medida de área entre os romanos, usada sobretudo em medições agrárias. Corresponhia à quantidade de terreno que podia ser arada por uma junta de bois no espaço de um dia de trabalho (CLS: 438).

⁶²⁰ Cidade às margens do rio Pó, entre Placência (atual Piacenza) e Mântua, na Gália Cisalpina, norte da Itália (GAW: 194).

⁶²¹ Personagem de seis das dez *Bucólicas* de Virgílio (I, III, V, VI, VIII e IX).

⁶²² O etrusco cavaleiro (*Tusculi eques*) é Mecenas, que descendia de uma antiga família da cidade de Arrécio (moderna Arezzo), na Etrúria, região do noroeste da Itália (OCD: 907 e 175). Veja também nota a I, 107, 4.

⁶²³ Em 42 a.C., depois de derrotar em Filipos (na antiga Macedônia), junto com Marco Antônio, as forças de Cássio e Bruto, dois dos assassinos de Júlio César, Otávio confiscou terras do norte da Itália para distribuir a seus soldados. A tradição biográfica diz que entre elas estariam as propriedades da família de Virgílio, que teriam sido depois devolvidas ao poeta graças à intervenção de alguma personalidade importante, cuja exata identidade é difícil saber: pelo contexto da época, seria Otávio, o futuro imperador Augusto, mas Marcial parece atribuir o feito a Mecenas. A temática das *Bucólicas* I e IX, que falam de confiscações de terras, é que levou a essas suposições, bem como à identificação do pastor Títilo com Virgílio. Na primeira *Bucólica* (I, 6-7), o personagem diz que tem de agradecer a um jovem homem, a quem denomina *deus* (*deus nobis haec otia fecit: / namque erit ille mihi semper deus*, “um deus nos propiciou estes ócios:/ para mim ele será sempre um deus”), que lhe garantiu liberdade e segurança, devolvendo-lhe as terras, próximas a Cremona, que dele tinham sido tomadas (OCD: 1602-1603).

⁶²⁴ Ver n. a V, 16, 12.

⁶²⁵ Ou seja, Mecenas.

⁶²⁶ Era um dos vinhos mais apreciados da Itália (cf. *Xenia*, 111), freqüentemente adjetivado com *niger* (“negro”), o que nos faz pensar que se tratava de um vinho tinto. Outros vinhos italianos renomados eram o Mássico, produzido, assim como o Falerno, na região norte da Campânia, sul da Itália; o Albano e o Sécia, das regiões do Monte Albano, 21km a sudeste de Roma; o Cécuba, do sul do Lácio; e o Gaurano e o Surrentino, produzidos próximos à baía de Nápoles (OCD: 1622). Vejam-se ainda os vários epigramas sobre vinhos dos *Xenia* (106-125) e as notas a III, 82, 22; III, 82, 23 e III, 82, 24.

et libata dabat roseis carchesia labris 15
 quae poterant ipsum sollicitare Iouem.
Excidit attonito pinguis Galatea poetae
 Thestylis et rubras messibus usta genas:
protinus Italiam concepit et ARMA VIRVMQVE,
 qui modo uix Culicem fleuerat ore rudi. 20
Quid Varios Marsosque loquar ditataque uatum
 nomina, magnus erit quos numerare labor?
Ergo ero Vergilius, si munera Maecenatis
 des mihi? Vergilius non ero, Marsus ero.

e lhe oferecia copos⁶²⁷ provados por seus róseos lábios, 15
 que podiam seduzir o próprio Jove.⁶²⁸
 Pelo poeta, maravilhado, foi esquecida a rude Galatéia⁶²⁹
 e Tétilis⁶³⁰ de rubras faces queimadas nas messes⁶³¹,
 e concebeu rapidamente a Itália⁶³² e “as armas e o varão”⁶³³
 quem a custo destilara, pouco antes, o *Mosquito*⁶³⁴, com rude boca. 20
 Por que citar Vários e Marsos⁶³⁵ e dos poetas ditosos
 os nomes, cuja enumeração dará um enorme trabalho?
 Serei, então, um Virgílio, se os dons de Mecenas
 você me der? Não serei um Virgílio, serei um Marso.⁶³⁶

⁶²⁷ O *carchesium* era um vaso de beber, provido de asas, que, mais largo embaixo, ia se estreitando em direção à boca (OLD: 276-1).

⁶²⁸ A beleza de Aléxis poderia seduzir Júpiter, assim como ocorrera com Ganimedes, o jovem e belo príncipe troiano que o deus supremo, em forma de águia, arrebatara para o Olimpo para ser seu escanção e amante (cf. Homero, *Il.*, XX, 230-235).

⁶²⁹ Nome de pastora, na I e IX *Bucólicas* de Virgílio (personagem aparentemente diversa dessa aparece também na VII).

⁶³⁰ Personagem da II *Bucólica*.

⁶³¹ Tem-se, no original, acusativo de relação: *Thestylis usta rubras genas messibus* (literalmente: “Tétilis queimada, quanto às/nas rubras faces, nas messes”).

⁶³² Ou seja, o poema da Itália, a *Eneida*, cujo protagonista, Enéias, foge de Tróia em chamas e ruma, guiado pelos deuses, para a Ausônia, a região do Lácio, na Itália. Outros entendem *Italiam* como os assuntos relativos à terra da Itália, associando o termo, então, às *Geórgicas*, a obra em que Virgílio celebra o campo, os assuntos rurais. Assim, Marcial estaria se referindo, no v. 19, às *Geórgicas* (*Italiam*) e à *Eneida* (*arma uirumque cano*), e não apenas a esta última. Sobre esta e outras interpretações e problemas ligados a esse epigrama 55, veja-se o que diz Izaak (Ep-BL²: 260-261, n. 11 à p. 22).

⁶³³ As palavras com que começa a *Eneida*: *arma uirumque cano* (“as armas e o varão canto”).

⁶³⁴ *Culex* (“O Mosquito”) é um poema atribuído a Virgílio, juntamente com outros, na coleção intitulada *Appendix Vergiliana*. Conta uma estória em que um mosquito pica um pastor para salvá-lo de uma serpente que está prestes a picá-lo. O pastor, no entanto, mata o inseto, cuja alma volta do reino dos mortos para censurar-lhe a ingratidão. De acordo com os comentadores antigos, o poema teria sido escrito na juventude de Virgílio (OCD: 129-130). Marcial evoca a Flaco o exemplo de Títilo-Virgílio, que, depois de obter a proteção e o apoio de Mecenas (depois que o protetor fez com que lhe devolvessem suas terras e lhe presenteou com o jovem Aléxis, cuja beleza fez com que esquecesse as amadas Tétilis e Galatéia), pôde escrever um poema mais grandioso, a *Eneida*, muito superior ao grosseiro e descurado *O Mosquito* (cf. *ore rudi*: “com rude boca”). Vejam-se outras interpretações na passagem acima citada da edição da “Les Belles Lettres”.

⁶³⁵ Representam aqui, metaforicamente, todos os poetas que faziam parte do círculo de Mecenas, gozando, portanto, dos privilégios e dons proporcionados pelo protetor (cf. *ditata*: “ditosos”). Vário Rufo, amigo de Virgílio, de Horácio e de Mecenas, teria composto *Thyestes*, uma tragédia, e fora o responsável pela preparação da *Eneida* para publicação, após a morte de Virgílio (OCD: 1581). Sobre Marso, que também gozava da proteção de Mecenas, ver n. 5 ao prefácio do Livro I. Marcial, depois de citar o exemplo de Virgílio, diz não ser necessário citar as obras grandiosas produzidas por todos os poetas favorecidos pelo apoio de Mecenas. Por fim, note-se, apenas a título de curiosidade, que o original traz *ditata nomina uatum*, literalmente: “(citar) os ditosos nomes dos poetas”, isto é, “(citar) os nomes dos ditosos poetas”.

⁶³⁶ Por falar tanto de Virgílio e tomá-lo como o maior exemplo de poeta que se tornou grandioso graças à ajuda de um patrono, Flaco poderia estar achando que Marcial, se tivesse semelhante patrocínio, também se tornaria um poeta épico como Virgílio. No entanto, o epigramatista logo esclarece modestamente que, se

LXI

Liuet Charinus, rumpitur, furit, plorat
et quaerit altos unde pendeat ramos:
non iam quod orbe cantor et legor toto,
nec umbilicis quod decorus et cedro
spargor per omnes Roma quas tenet gentes;
sed quod sub urbe rus habemus aestium
uehimurque mulis non ut ante conductis.
Quid inprecabor, o Seuere, liuenti ?
Hoc opto: mulas habeat et suburbanum.

5

LXII

Scribit in auersa Picens epigrammata charta,
et dolet auerso quod facit illa deo.

escrevesse epopéias, não seria um bom poeta épico (um Virgílio), mas um mau épico (um Marso, cuja epopéia *Amazonis* – “Amazona” – não era muito apreciada por Marcial: cf. IV, 29, 8; sua especialidade era o epigrama). Pode-se pensar ainda, interpretando-se o final do poema de forma um pouco diversa, que Marcial, se tivesse a proteção de um patrono como Mecenas, produziria poemas de qualidade, mas na sua especialidade, o epigrama: seria, assim, um Marso, e não um Virgílio, já que não escreveria versos épicos.

61⁶³⁷

Fica lívido de inveja Carino⁶³⁸, estoura de despeito, se enfurece, chora
e busca altos galhos onde possa se enforcar:

já não é porque sou celebrado e lido em todo o mundo,

nem porque, ornado com cilindros e óleo de cedro,⁶³⁹

sou divulgado em todas as nações que Roma domina,⁶⁴⁰

5

mas porque tenho uma quinta suburbana de verão⁶⁴¹

e sou transportado por mulas não como as de outrora, alugadas.

Que praga rogarei, ó Severo⁶⁴², ao invejoso?

Isto lhe desejo: que tenha mulas e uma quinta suburbana.⁶⁴³

62⁶⁴⁴

Picente⁶⁴⁵ escreve epigramas no verso da folha,

e se queixa de que os faz sob um deus adverso.⁶⁴⁶

⁶³⁷ Ver n. a I, 117.

⁶³⁸ Certamente, um nome fictício; ocorre também em I, 77; IV, 39; V, 39; VI, 37; VII, 34; XI, 59; e XII, 89.

⁶³⁹ Ver n. a I, 66, 11 e a III, 2, 7.

⁶⁴⁰ Cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 3-5; VII, 17, 9-10; e VIII, 3, 3-4.

⁶⁴¹ Em Nomento (atual Mentana), a 23km a nordeste de Roma (*OCD*: 1047). Marcial a ela se refere em vários epigramas: I, 105; II, 38; VI, 43; VII, 93; IX, 60; X, 44; X, 48; X, 94; *Xenia*, 42 e 119.

⁶⁴² Ver n. a II, 6, 3.

⁶⁴³ Isto é, “que você tenha de ser transportado por mulas (não tenha liteira, cadeirinha de mão ou qualquer outro meio de transporte mais confortável) e que possua uma quinta tão pobre quanto a minha”. De acordo com vários dos epigramas citados na n. ao v. 6 (sobretudo VI, 43), a quinta de Marcial em Nomento era, de fato, bastante humilde.

⁶⁴⁴ Ver n. a I, 91.

⁶⁴⁵ Nome fictício, com certeza; é usado também em VIII, 57.

⁶⁴⁶ Isto é, escreve epigramas sem inspiração, sendo-lhe adverso, desfavorável, o deus protetor e inspirador dos poetas, Febo/Apolo. Tentamos manter o jogo de palavras contido no adjetivo *auersus*: “voltado de costas”, “em posição contrária”, e “oposto”, “inimigo”, “adverso”. Quanto ao motivo de Picente escrever seus epigramas no verso da folha de papiro – era algo incomum, já que a parte externa do rolo não costumava receber escrita (Oliveira: 46; ver também n. a I, 2, 4) –, talvez o sujeito fosse avarento, não querendo gastar muito papiro, ou talvez fosse pobre, e não pudesse se dar o luxo de usar apenas um dos lados da folha. Há uma outra interpretação, menos adequada, provavelmente, mas que motivou a inclusão deste poema entre os metapoéticos, já que a mesma diz respeito ao aspecto da brevidade do subgênero epigramático: talvez os epigramas de Picente fossem grandes demais, a ponto de preencherem os dois lados da folha de papiro. Nesse caso, entretanto, Marcial estaria criticando em Picente o costume de fazer epigramas longos e seria incoerente com outras composições suas em que defende essa prática (cf. I, 110; II, 77; III, 83; VI, 65; e VIII, 29).

LXXII

Nondum murice cultus asperoque
morsu pumicis aridi politus
Arcanum properas sequi, libelle,
quem pulcherrima iam redire Narbo,
docti Narbo Paterna Votieni,
ad leges iubet annuosque fasces:
uotis quod paribus tibi petendum est,
continget locus ille et hic amicus.
Quam uellem fieri meus libellus!

5

LXXIII

Instanti, quo nec sincerior alter habetur
pectore nec niuea simplicitate prior,
si dare uis nostrae uires animosque Thaliae
et uictura petis carmina, da quod amem.
Cynthia te uatem fecit, lasciue Properti;
ingenium Galli pulchra Lycoris erat;

5

72⁶⁴⁷

Ainda não ornado pelo múrex⁶⁴⁸ nem pelo áspero
 dente da seca pedra-pomes polido,⁶⁴⁹
 se apresse, livrinho, em seguir Arcano⁶⁵⁰,
 a quem a belíssima Narbona,
 a Narbona Paterna⁶⁵¹ do douto Votieno⁶⁵²,
 manda já voltar às leis e aos feixes anuais:
 você terá então – o que com iguais preces você deve pedir –
 aquela cidade por lar e este homem por amigo.
 Como desejaria me transformar em meu livrinho!⁶⁵³

5

73

Instância⁶⁵⁴, não há outra alma mais sincera que a tua,
 nem superior a ela em cândida franqueza:
 se queres dar força e ânimo à minha Talia⁶⁵⁵,
 e me pedes poemas imortais, concede-me o amor.
 Cíntia te fez vate, lascivo Propércio⁶⁵⁶;
 o talento de Galo era a bela Licóris⁶⁵⁷;

5

⁶⁴⁷ Ver n. a I, 117.

⁶⁴⁸ Ver n. a I, 66, 11 e a I, 53, 4.

⁶⁴⁹ Ver n. a I, 66, 11.

⁶⁵⁰ Provavelmente, um magistrado (cf. v. 6). É o único epigrama de Marcial em que é citado.

⁶⁵¹ Narbo ou Narbona (atual Narbonne, na França) ficava no sul da Gália, próxima à costa do Mediterrâneo. Em 45 a.C., depois de Júlio César subjugar os povos gauleses da região e estabelecer ali, como colonos, os veteranos de sua décima legião, o local passou a ser chamado também *Colonia Julia Paterna Narbo Martius Decumanorum* (GAW: 418).

⁶⁵² Segundo Izaac (*Ep-BL*²: 262, n. 5 à p. 28), era filho de um orador do tempo de Tibério. Também só aparece, em Marcial, neste epigrama.

⁶⁵³ Isto é, poder desfrutar da companhia de Arcano.

⁶⁵⁴ Ver n. a VII, 68, 1.

⁶⁵⁵ Ver n. a VII, 17, 5 e I, 70, 15.

⁶⁵⁶ Sexto Propércio, poeta elegíaco que viveu sob Augusto e fez parte do círculo de Mecenas. Ficou famoso por seus poemas de amor em que canta sua amada Cíntia, de cuja identidade e classe social nada se sabe, mas que parece ter existido de fato (*OCD*: 1258).

⁶⁵⁷ Era o pseudônimo da liberta e atriz Volúmnia Cíteris, ex-amante de Marco Antônio. Foi louvada pelo poeta Gaio Cornélio Galo (70/69 – 27/26 a.C.), tido como criador do gênero de elegia amorosa em que o amante se coloca como escravo da amada, sua *domina* (*OCD*: 394-395).

fama est arguti Nemesis formosa Tibulli;
Lesbia dictauit, docte Catulle, tibi:
non me Paeligni nec spernet Mantua uatem,
si qua Corinna mihi, si quis Alexis erit.

10

LXXXII

Dante tibi turba querulos, Auguste, libellos
nos quoque quod domino carmina parua damus,
posse deum rebus pariter Musisque uacare
scimus et haec etiam certa placere tibi.
Fer uates, Auguste, tuos: nos gloria dulcis,
nos tua cura prior deliciaeque sumus.
Non quercus te sola decet nec laurea Phoebi:
fiat et ex hedera ciuica nostra tibi.

5

a formosa Nêmesis é a fama do engenhoso Tibulo⁶⁵⁸;
 Lésbia te ditou, douto Catulo⁶⁵⁹, teus versos:
 não me desprezarão, como poeta, nem os Pelignos⁶⁶⁰ nem Mântua⁶⁶¹,
 se alguma Corina⁶⁶², se algum Aléxis⁶⁶³ eu tiver. 10

82

Enquanto uma multidão te apresenta, Augusto⁶⁶⁴, queixosos escritos,
 também eu, ao meu senhor, breves poemas apresento,
 pois sei que um deus pode ter tempo igualmente para o governo e para as Musas⁶⁶⁵,
 e, além disso, que estas grinaldas são do teu agrado.
 Estimula, Augusto, os teus vates: nós somos tua doce glória, 5
 o teu cuidado primeiro⁶⁶⁶ e as tuas delícias.
 Não te convêm somente as folhas de carvalho e os louros de Febo:⁶⁶⁷
 faça-se também de hera, para ti, a nossa coroa cívica.⁶⁶⁸

⁶⁵⁸ O poeta elegíaco Álbio Tibulo viveu também no tempo de Augusto, mas fazia parte do círculo literário de Messala (ver n. a VIII, 3, 5). Num de seus livros, canta sua amada Nêmesis, que é tratada por senhora (*domina*), procedimento típico da elegia amorosa de sua época (*OCD*: 1524).

⁶⁵⁹ Ver n. 5 ao prefácio do Livro I. Lésbia (ver n. a I, 109, 1) era o pseudônimo da amada de Catulo, identificada, de acordo com Apuleio (*Apologia*, 10), com Clódia, irmã de Públio Clódio Pulcher e esposa de Quinto Cecílio Metelo Céler, cônsul em 60 a.C. (*OCD*: 303-304).

⁶⁶⁰ Antigo povo que habitava o centro-leste da Itália; seu nome passou à própria região, altamente romanizada a partir de 90 a.C. Ali ficava a cidade de Sulmona (atualmente a cidade italiana de mesmo nome), onde nasceu o poeta Ovídio (*OCD*: 1090); ver n. a V, 10, 10.

⁶⁶¹ Ver n. a VIII, 55, 6.

⁶⁶² Ver n. a V, 10, 10.

⁶⁶³ Ver n. a V, 16, 12. Sobre a necessidade de amantes para a inspiração do poeta, que Marcial proclama freqüentemente, cf. VIII, 55, acima.

⁶⁶⁴ O poeta encerra oportunamente seu Livro VIII com um poema dirigido ao imperador.

⁶⁶⁵ Isto é, para a poesia (ver n. a I, 70, 15).

⁶⁶⁶ Talvez seja referência ao poema que Domiciano teria composto em sua juventude (ver n. a V, 5, 7), como bem observa Izaac (*Ep-E70*²: 263, n. 7 à p. 32).

⁶⁶⁷ A coroa de carvalho (*quercus corona*) ou coroa cívica (*corona ciuica*) era concedida ao indivíduo que salvava a vida de um companheiro em batalha; a de louros era usada pelos generais que celebravam o triunfo (ver n. a VII, 8, 8; *OCD*: 411). Segundo Marcial, ambas cabem a Domiciano, a primeira por ser ele o governante, o salvador do Estado; a segunda – que o imperador de fato usou nos dois triunfos que celebrou –, pelas suas vitórias militares. O epigramatista qualifica as folhas de loureiro com o genitivo *Phoebe* porque essa árvore era consagrada a Febo/Apolo (*OCD*: 1548).

⁶⁶⁸ A coroa de hera cabia aos poetas (*CLS*: 69-70). Marcial pede que o imperador use a coroa de hera dos poetas, a qual, no caso de Domiciano, protetor e salvador do Estado, será também cívica.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER IX

1. Haue, mi Torani, frater carissime. 2. Epigramma, quod extra ordinem paginarum est, ad Stertinium clarissimum uirum scripsimus qui imaginem meam ponere in bibliotheca sua uoluit. 3. De quo scribendum tibi putauit, ne ignorares Auitus iste quis uocaretur. Vale et para hospitium.

Note, licet nolis, sublimi pectore uates,
cui referet serus praemia digna cinis,
hoc tibi sub nostra breue carmen imagine uiuat,
quam non obscuris iungis, Auite, uiris:
“Ille ego sum nulli nugarum laude secundus,
quem non miraris sed puto, lector, amas.
Maiores maiora sonent: mihi parua locuto
sufficit in uestras saepe redire manus.”

5

XI

Nomen cum uiolis rosisque natum,
quo pars optima nominatur anni,
Hyblam quod sapit Atticosque flores
quod nidos olet alitis superbae;
nomen nectare dulcius beato,

5

NONO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL⁶⁶⁹

Salve, meu Torânio⁶⁷⁰, irmão caríssimo. O epigrama que se encontra fora da sequência da página, escrevi-o para Estertínio⁶⁷¹, homem ilustríssimo, que quis colocar o meu retrato em sua biblioteca. Achei que deveria te escrever sobre isso, para que você não ignorasse a quem se dirigiu pelo nome de Avito. Adeus, e prepare tua hospedagem.

Ó vate famoso – mesmo que não queiras – por teu sublime talento,
a quem merecidos prêmios dará uma morte tardia,
que este breve poema viva para ti sob o meu retrato,
o qual colocaste, Avito, junto de não obscuros varões:
“Eu sou aquele a ninguém inferior na glória das bagatelas⁶⁷²,
a quem você não admira, leitor, mas, creio eu, aprecia⁶⁷³.
Que os maiores assuntos celebrem: a mim, que de pequenas coisas falo,
me basta voltar muitas vezes às tuas mãos.”⁶⁷⁴

11

O nome com violetas e rosas nascido,
com que a melhor parte se nomeia do ano⁶⁷⁵,
que do Hibla tem o sabor e das áticas flores⁶⁷⁶,
que aos ninhos cheira da ave magnífica⁶⁷⁷;
nome mais doce que o néctar divino,

5

⁶⁶⁹ Publicado talvez na primavera de 95 d.C. (Sullivan: 42).

⁶⁷⁰ Amigo de Marcial, pelo que se pode concluir deste prefácio e do epigrama V, 78.

⁶⁷¹ Ver n. a I, 16, 2.

⁶⁷² Cf. IV, 23.

⁶⁷³ O mesmo auto-elogio de IV, 49.

⁶⁷⁴ Cf. IV, 49 e VIII, 3, 13-22. É apenas aparente a modéstia de Marcial, que diz falar de assuntos inferiores, banais e se contentar em não fazer parte do rol dos grandes escritores clássicos: o poeta se gaba de possuir a virtude de agradar a seus leitores – o que os gêneros mais elevados nem sempre fazem –, sendo lido, por isso, com muito maior frequência que aqueles. Sobre o grande público leitor que o poeta alega ter, cf. ainda I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10 e VIII, 3, 3-4.

⁶⁷⁵ Ou seja, a primavera (na Europa, como se sabe, entre 21 de março e 20 de junho).

⁶⁷⁶ Ver, sobre o mel do Hibla e o da Ática, a nota a VII, 88, 8.

⁶⁷⁷ A Fênix, ave que, de acordo com a mitologia egípcia, vivia quinhentos anos, ao final dos quais formava um ninho (formado com plantas aromáticas, segundo Plínio, *NH*, X, 4), punha-lhe fogo e, após ser consumida pelas chamas, surgia novamente das cinzas (*DMG*: 151).

quo mallet Cybeles puer uocari
 et qui pocula temperat Tonanti,
 quod si Parrhasia sones in aula,
 respondent Veneres Cupidinesque;
 nomen nobile, molle, delicatum 10
 uersu dicere non rudi uolebam:
 sed tu, syllaba contumax rebellas.
 Dicunt Eiarinon tamen poetae,
 sed Graeci quibus est nihil negatum
 et quos Ἄρες Ἄρες decet sonare: 15
 nobis non licet esse tam disertis
 qui Musas colimus seueriores.

XXVI

Audet facundo qui carmina mittere Neruae,
 pallida donabit glaucina, Cosme, tibi,

com que prefere o jovem de Cibele⁶⁷⁸ ser chamado
e o que as taças prepara para o Tonante⁶⁷⁹,
o qual, se no palácio Parrásio⁶⁸⁰ ressoa,
repetem Vênus e Cupidos⁶⁸¹;
nome nobre, suave, delicado, 10
com verso não rude cantá-lo eu desejava:
mas você, sílaba teimosa, se rebela.
Dizem Eiárino, porém, os poetas,
mas os gregos, a quem nada é proibido,
e a quem Ἄρης Ἄρης é permitido cantar:⁶⁸² 15
a nós não é lícito sermos tão hábeis,
nós que cultivamos Musas mais severas.

26

Quem ousa enviar poemas ao facundo Nerva⁶⁸³,
pálido perfume de gláucia te ofertará, Cosmo⁶⁸⁴;

⁶⁷⁸ Ou seja, Átis (ver n. a I, 70, 10).

⁶⁷⁹ Ganimedes (ver n. a VIII, 55, 16 e V, 16, 5).

⁶⁸⁰ Ver n. a VII, 99, 3.

⁶⁸¹ Marcial ecoa aqui o *Veneres Cupidinesque* de Catulo, 3, 1.

⁶⁸² Segundo Díon Cássio (*História Romana*, Epítome do livro LXVII, 3), Flávio Eiárino era o nome de um eunuco, o escanção e favorito de Domiciano (homenageado também nos epigramas 12, 13, 16, 17 e 36 deste Livro IX). Seu nome corresponde ao adjetivo ἐαρινός (“primaveril”, “nascido na primavera”), formado a partir de ἔαρ (“primavera”), daí os vv. 1-2. Como o ε de ἐαρινός (*Ēārīnūs*, em latim) é breve, Marcial não consegue inserir o nome do jovem em nenhum dos metros que utiliza em seus epigramas (cf. *syllaba contumax*, v. 12), o que seria fácil para os poetas gregos, cuja língua permite que digam o nome do deus Ares com o *a* longo ou breve: Ἄρης e Ἄρης, cf. v. 15). Tais dificuldades poéticas fazem com que Marcial use de perífrases para se referir ao nome do homenageado: ele é o que nasce entre as flores, na melhor estação do ano (vv. 1-2); o que tem o gosto do mel e o cheiro das ervas do ninho da Fênix (vv. 3-4); o que é mais doce que o néctar divino (v. 5); o que Átis e Ganimedes almejavam para si (vv. 6-7); o que repetem as Vênus e os Cupidos no palácio imperial (vv. 8-9).

⁶⁸³ O futuro imperador Nerva (Marco Coceio Nerva), que teria em suas mãos o governo do Império por dois anos (96-98 d.C.), depois do complô que assassinou Domiciano, em 96 d.C. Dedicava-se também à poesia e possuía, ao que parece, algum talento (cf. este epigrama e VIII, 70); seus poemas haviam sido admirados pelo imperador Nero (*OCD*: 1038). A partir do Livro XI, quando Nerva já ascendera ao poder, Marcial lhe dedica alguns poemas, tentando granjear o favor do novo César (cf. XI, 2; XI, 3; XI, 4; XI, 5; XI, 7; XII, 4; XII, 5; XII, 11 e XII, 15).

⁶⁸⁴ Ver n. a III, 82, 26.

Paestano uiolas et cana ligustra colono,
Hyblaeis apibus Corsica mella dabit:
sed tamen et paruae nonnulla est gratia Musae; 5
appetitur posito uilis oliua lupo.
Nec tibi sit mirum modici quod conscia uatis
iudicium metuit nostra Thalia tuum:
ipse tuas etiam ueritus Nero dicitur aures,
lascium iuuenis cum tibi lusit opus. 10

XLIX

Haec est illa meis multum cantata libellis,
quam meus edidicit lector amatque togam.

ao lavrador pestano⁶⁸⁵ dará violetas e as brancas alfenas,
às abelhas hiblêias os méis córsicos.⁶⁸⁶

Mas todavia, até a humilde Musa⁶⁸⁷ possui alguma beleza; 5
apetece a vulgar azeitona, mesmo se servido um lobo-do-mar.⁶⁸⁸

E não te admires se, consciente da mediocridade de seu vate,
teme o teu juízo a minha Talia:

o próprio Nero, dizem, também receou os teus ouvidos,
quando, jovem, cantou para ti uma obra maliciosa.⁶⁸⁹ 10

49

Esta é a tão cantada em meus livrinhos,
a toga que o meu leitor conhece de cor e ama.⁶⁹⁰

⁶⁸⁵ Isto é, de Pesto (moderna Pesto, na Itália), cidade fundada com o nome de Posidônia, no extremo sul da Campânia (GAW: 520). Era famosa por suas rosas, que floresciam duas vezes por ano, em maio e em novembro (CLS: 9).

⁶⁸⁶ O mel da Córseica (atual Córsega) era amargo (OCD: 723), em oposição ao mel dulcíssimo do monte Hibla (ver n. a VII, 88, 8). Marcial faz uma série de comparações – um tanto exageradas, talvez, mas certamente belas e perfeitamente funcionais em sua função encomiástica – para destacar a superioridade dos versos de Nerva: enviar poemas a este é como dar um pálido perfume, de cheiro fraco, ao maior perfumista da época; é como presentear com flores simples e vulgares o camponês das regiões produtoras das mais belas flores, as rosas; é como dar às abelhas do Hibla, que produzem o mel mais apreciado da Antigüidade, o mel amargo da Córseica.

⁶⁸⁷ Talia (cf. v. 8).

⁶⁸⁸ O lobo-do-mar (*lupus*), de nadadeiras espinhosas e cerca de 2,5m de comprimento, era considerado um peixe de primeira categoria, e estava entre os mais apreciados da culinária romana (CLS: 60). As azeitonas, por outro lado, comuns em várias regiões do Mediterrâneo, tinham menor valor, mas nem por isso eram menos apreciadas, estando sempre presentes na mesa dos romanos (OCD: 603). Marcial compara sua poesia às azeitonas, que são vulgares, mas também saborosas, e associa os poemas de Nerva ao lobo-do-mar, prato mais fino e menos trivial, e pede humildemente que seu interlocutor aceite poemas inferiores, mas dotados eles também de alguma beleza. A comparação fica mais rica se pensarmos que o gênero poético que Nerva praticava era provavelmente a elegia (Marcial o compara a Tibulo – ver n. a VIII, 73, 7 – em VIII, 70, 7-8): o epigramatista estaria, então, colocando sua poesia abaixo da de Nerva não só no que se refere ao talento individual, mas também no que tange ao grau de importância e de magnitude dos gêneros praticados. Essa postura diferente em relação a outros epigramas (cf. IV, 49 e VIII, 3, 13-22) se explica pelo caráter adulatorio deste poema.

⁶⁸⁹ Segundo Suetônio, Nero tinha facilidade para compor poemas e não publicou versos alheios como se fossem seus. Diz ainda o biógrafo que chegou a ter em mãos tabuinhas e livrinhos escritos pelo próprio Nero, em que as rasuras e emendas mostravam que “não eram copiados nem recebidos de alguém que lhes tivesse ditado, mas sim, quase inteiramente escritos por uma pessoa acostumada a refletir e a compor” (Nero, LII). A voz do imperador, pelo contrário, era “fraca e surda”, garante Suetônio (Nero, XX).

⁶⁹⁰ Porque já fora apresentada em VIII, 28. Lá, Marcial fala da toga que Partênio (ver n. a V, 6, 2) lhe dera de presente; aqui, evoca novamente o objeto, estabelecendo um intertexto com um poema do livro publicado alguns meses antes. É por esse “diálogo” que se incluiu aqui a tradução deste epigrama 49 (ver n. a I, 5).

Partheniana fuit quondam, memorabile uatis
munus: in hac ibam conspiciendus eques,
dum noua, dum nitida fulgebat splendida lana, 5
dumque erat auctoris nomine digna sui:
nunc anus et tremulo uix accipienda tribuli,
quam possis niueam dicere iure tuo.
Quid non longa dies, quid non consumitis anni?
Haec toga iam non est Partheniana, mea est. 10

L

Ingenium mihi, Gaure, probas sic esse pusillum,
carmina quod faciam quae breuitate placent.
Confiteor. Sed tu bis senis grandia libris
qui scribis Priami proelia, magnus homo es?

Parteniana⁶⁹¹ foi outrora, do vate o memorável
 presente; dentro dela ia eu, admirável cavaleiro⁶⁹²,
 enquanto nova, enquanto límpida refulgia em esplêndida lã, 5
 e enquanto era digna do nome de quem a doara;
 agora, velha, a custo seria aceita por um trêmulo mendigo,
 e com razão poderia você chamá-la nívea.⁶⁹³
 O que, ó tempo infinito, o que, ó anos, não consumis?
 Esta toga já não é de Partênio, é minha.⁶⁹⁴ 10

50

O meu talento, Gauro⁶⁹⁵, você julga muito pequeno,
 pois os poemas que escrevo agradam por serem breves.⁶⁹⁶
 Concordo. Mas você que, em duas vezes seis livros, sobre grandiosos assuntos
 escreve, as batalhas de Príamo⁶⁹⁷, é um grande homem?⁶⁹⁸

⁶⁹¹ De Partênio, isto é, branca, limpa. O poeta joga com o sentido do adjetivo grego do qual vem o nome do liberto (veja n. a VIII, 28, 16).

⁶⁹² Além do *ius trium liberorum* (ver n. a II, 91, 6), Marcial também recebera dos imperadores Flávios o título de *tribunum militum*, cargo apenas honorífico, não exercido de fato, mas que conferia ao poeta o direito de ingressar na ordem equestre (OCD: 931; cf. também III, 95, 9-10).

⁶⁹³ A toga, velha e surrada, é “nívea” não porque é branca como a neve, mas porque é fria como ela (cf. também III, 34).

⁶⁹⁴ Todo o poema está centrado nos jogos de sentido com o nome do homenageado. Quando a toga era nova, e por isso branca e límpida, era “parteniana” (v. 3), ou seja, branca como o nome de seu doador, Partênio. Agora, passados alguns meses, ela não é mais “parteniana”: está velha e fria e não é mais digna de seu doador, mas sim da pessoa a quem foi doada, isto é, o próprio poeta. Em VIII, 28, Marcial fechava o poema pedindo sutilmente também um manto; agora, em IX, 49, deixa subentendido a Partênio que necessita de uma nova toga.

⁶⁹⁵ Sem dúvida um nome fictício. Ocorre também em II, 89; IV, 67; V, 82 e VIII, 27.

⁶⁹⁶ Gauro diz que os poemas de Marcial são ruins, e só são suportados pelo leitor porque são curtos; se o poeta fosse realmente talentoso, escreveria poemas mais longos que também agradassem e não cansassem. Ou – interpretando de forma ligeiramente diferente – Gauro não considera ruins os poemas de Marcial, mas julga fácil fazer alguns poucos versos de qualidade: o difícil é manter um bom nível poético em todos os versos de um poema mais longo.

⁶⁹⁷ Príamo, como se sabe, era o rei de Tróia quando ela foi derrotada e destruída pelos gregos. As “batalhas de Príamo” (*proelia Priami*) representam, aqui, a matéria épica por excelência, cantada pelo maior poeta épico de todos os tempos, Homero.

⁶⁹⁸ Gauro pode ser o falso nome de um poeta épico de quem Marcial era inimigo; talvez tivesse escrito uma epopéia em doze cantos, celebrando os eventos da Guerra de Tróia, como Homero (porém, mais provavelmente, *bis senis libris* e *grandia ... proelia Priami* representam metonimicamente o gênero épico, através da alusão às obras de seus dois principais modelos: Virgílio – a *Eneida* tem doze cantos – e Homero – que celebrou a Guerra de Tróia.

Nos facimus Bruti puerum, nos Langona uiuum:
tu magnus luteum, Gaure, Giganta facis.

5

LVIII

Nympha sacri regina lacus, cui grata Sabinus
et mansura pio munere templa dedit,
sic montana tuos semper colat Vmbria fontes
nec tua Baianas Sassina malit aquas:
excipe sollicitos placide, mea dona, libellos;
tu fueris Musis Pegasis unda meis. –
“Nympharum templis quisquis sua carmina donat,
quid fieri libris debeat ipse monet.”

5

LXXIII

Dentibus antiquas solitus producere pelles
et mordere luto putre uetusque solum,
Praenestina tenes decepti regna patroni,

Eu esculpo o menino de Bruto⁶⁹⁹, eu a Lângon⁷⁰⁰ faço viver;
você, Gauro, grandioso, esculpe um gigante de barro.⁷⁰¹ 5

58

Ninfa, rainha de sagrado lago⁷⁰², a quem Sabino⁷⁰³ agradáveis
e imortais templos dedicou como piedoso presente,
que a montanhosa Úmbria venere sempre as tuas fontes
e que a tua Sársina não prefira as águas de Baías⁷⁰⁴:
recebe de bom grado estes tímidos livrinhos, minhas ofertas; 5
tu serás para minhas Musas a nascente de Pégaso.⁷⁰⁵
“Quem aos templos das Ninfas seus poemas oferece,
está ele próprio a aconselhar o que se deve fazer com seus livros.”⁷⁰⁶

73

Acostumado a esticar com os dentes antigas peles
e a morder a sola velha e apodrecida pela lama,
você possui os domínios de Preneste⁷⁰⁷ de teu logrado patrono,

⁶⁹⁹ Ver n. a II, 77, 4.

⁷⁰⁰ Outra estátua (cf. Plínio, o Velho, *NH*, XXXIV, 79).

⁷⁰¹ Os poemas de Marcial são pequenos – mas belos e valiosos – como o menino esculpido por Estronglione e a estátua de Lângon; os longos poemas épicos de Gauro são como gigantes de barro: grandes, mas grosseiros e sem valor (o adjetivo *luteus* significa tanto “feito de barro” como “desprezível”, “sem nenhum valor”; *OLD*: 1053-1a e 1b. Cf. ainda I, 53, 6 e *Apoph.*, 98). Sobre a relação entre os gêneros mais baixos e os mais elevados na poesia de Marcial, cf. também IV, 49; VIII, 3, 13-22 e IX, 26.

⁷⁰² Na mitologia, as ninfas eram divindades femininas que habitavam, sobretudo, os espaços aquáticos: rios, lagos, mares, fontes (*OCD*: 1056). Marcial se dirige aqui à ninfa de um lago ou fonte pertencente a Sabino (ver próxima nota).

⁷⁰³ Césio Sabino, amigo de Marcial e natural de Sársina, na Úmbria, centro-norte da Itália: é o que se pode concluir a partir deste epigrama, de VII, 97 e de IX, 60 (um indivíduo com esse nome, provavelmente a mesma pessoa, é citado também em XI, 8 e XI, 17).

⁷⁰⁴ Atual cidade italiana de Baia, ficava na Campânia, próxima da cidade de Cumas. Famosa por suas águas termais, com propriedades medicinais, era procurada por muitos romanos que queriam descansar ou se tratar. O local, no entanto, era mais freqüentado pela elite de Roma, que possuía ali casas de praia e palácios (*GAW*: 100).

⁷⁰⁵ Dizia-se que o cavalo Pégaso, nascido do sangue da Medusa, havia feito surgir da terra várias fontes, golpeando o chão com seus cascos. Uma delas era a fonte de Hipocrene, consagrada às Musas, que ficava no monte Hélicon, na Beócia, pequena região da Grécia central entre a Ática, a Fócia, a Lócrida, a Ilha de Eubéia e o golfo de Corinto (*GAW*: 113 e 283). Marcial equipara a ninfa (o lago) de seu amigo à fonte de Hipocrene.

⁷⁰⁶ Ou seja, atirá-los à água (cf. I, 5; III, 100 e IV, 10, 5-9). É a própria ninfa quem fala, brincando com o poeta.

⁷⁰⁷ Cidade do Lácio; ficava 37km a sudeste de Roma. Corresponde à atual cidade italiana de Palestrina.

in quibus indignor si tibi cella fuit;
rumpis et ardenti madidus crystalla Falerno 5
et pruris domini cum Ganymede tui.
At me litterulas stulti docuere parentes:
quid cum grammaticis rhetoribusque mihi?
Frange leues calamos et scinde, Thalia, libellos,
si dare sutori calceus ista potest. 10

LXXVI

Haec sunt illa mei quae cernitis ora Camoni,
haec pueri facies primaque forma fuit.
Creuerat hic uultus bis denis fortior annis
gaudebatque suas pingere barba genas,
et libata semel summos modo purpura cultros 5
sparserat. Inuidit de tribus una soror
et festinatis incidit stamina pensis

onde nem uma cabana, a meu ver, você era digno de ter;
e espedaça copos de cristal, bêbado de ardente Falerno⁷⁰⁸, 5
e te excita com o Ganimedes⁷⁰⁹ de teu senhor.
Mas a mim, as modestas letras fizeram-me aprender meus tolos pais⁷¹⁰:
de que me servem os gramáticos e os retores?⁷¹¹
Quebra os inúteis cálamos⁷¹² e rasga, Talia, os livrinhos,
já que ao sapateiro pode o sapato dar tais presentes.⁷¹³ 10

76

Este semblante que vocês vêem é o de meu Camônio⁷¹⁴,
este foi do menino o rosto e a fisionomia primeira.
Crescera este vulto, mais vigoroso, em duas vezes dez anos⁷¹⁵,
alegrava-se a barba em enfeitar suas faces,
e, consagrada uma só vez, de púrpura a ponta da navalha há pouco 5
cobrira.⁷¹⁶ Invejou-o uma das três irmãs⁷¹⁷,
das apressadas tramas⁷¹⁸ cortou os fios,

⁷⁰⁸ Ver n. VIII, 55, 14. Quanto aos copos de cristal, cf. *Apoph.*, 111.

⁷⁰⁹ Para esta antonomásia, ver n. a VIII, 55, 16.

⁷¹⁰ Que se chamavam Frontão e Flacila e já haviam falecido, a se tomar por verdadeiro o que o poeta diz em V, 34.

⁷¹¹ A escola romana comportava, em geral, três etapas: em torno dos sete anos, o estudante era entregue aos cuidados do *ludi magister*, com quem aprendia a ler, a escrever e a fazer contas; aos doze anos, aproximadamente, começava a ser ensinado pelo *grammaticus* (ver n. a I, 35, 2) e, aos quinze, pelo *rhetor*, que iniciava o jovem na teoria e na prática da oratória (*OCD*: 509-510).

⁷¹² Ver n. a VII, 17, 7.

⁷¹³ Não seria o mesmo sapateiro atacado sob o nome de Cerdão em III, 16; III, 59 e III, 99? Afinal, os jogos que ele promove em III, 16 e III, 59 devem ter custado um tanto caro, e, neste epigrama IX, 73, o sapateiro parece ter herdado ou recebido de presente alguns bens de seu senhor. Note-se também a revolta de Marcial diante da supervalorização de uma profissão inferior, ao passo que ele, poeta, não é devidamente recompensado (veja n. a I, 70, 18 e cf. I, 107; III, 4; V, 16; VI, 82; VIII, 55 e VIII, 73). Se o sapato, sobre o qual trabalha o sapateiro, pode trazer a este tão grandes benefícios, o poeta deve se desfazer do cálamo e das folhas de papiro, seus instrumentos de trabalho, que não lhe trazem as mesmas vantagens.

⁷¹⁴ Ver n. a VI, 85, 2.

⁷¹⁵ Ver n. a VI, 85, 8.

⁷¹⁶ Era a cerimônia do corte da primeira barba, pela qual passava o jovem romano de nascimento nobre em torno dos dezessete anos (*OCD*: 791). Camônio teria a barba ruiva (cf. *purpura*, v. 5).

⁷¹⁷ Láquesis, uma das três Moiras, filhas de Zeus e de Têmis, ou, para outros, filhas da Noite. São deusas implacáveis, responsáveis pelo destino de cada ser humano, destino esse representado por um fio de lã: Átropos, a primeira, o fia, Cloto o enrola e Láquesis o corta (*DMG*: 225).

⁷¹⁸ “Apressadas” (cf. *festinatis*) porque Camônio morreu muito cedo.

absentemque patri rettulit urna rogam.
Sed ne sola tamen puerum pictura loquatur,
haec erit in chartis maior imago meis.

10

LXXXI

Lector et auditor nostros probat, Aule, libellos,
sed quidam exactos esse poeta negat.
Non nimium curo: nam cenae fercula nostrae
malim conuiuis quam placuisse cocis.

LXXXIV

Cum tua sacrilegos contra, Norbane, furores
staret pro domino Caesare sancta fides,
haec ego Pieria ludebam tutus in umbra,
ille tuae cultor notus amicitiae.
Me tibi Vindelici Raetus narrabat in oris
nescia nec nostri nominis Arctos erat:
o quotiens ueterem non infitatus amicum

5

e ao pai uma urna restituiu a ausente pira.⁷¹⁹

Mas para que não seja somente a pintura a falar do menino,
haverá em meus escritos esta imagem maior.⁷²⁰

10

81

O leitor e o ouvinte aprovam, Aulo⁷²¹, os meus livrinhos,
mas um certo poeta diz que não são feitos com esmero.
Não me importo muito, pois preferiria que os pratos de meu jantar
mais tivessem agradado aos convivas que aos cozinheiros.⁷²²

84

Enquanto, Norbano⁷²³, contra sacrílegas revoltas
se erguia, em favor de César soberano, a tua sagrada fidelidade,
estes versos eu escrevia, a salvo, sob piéria sombra⁷²⁴,
eu, cultor conhecido de tua amizade.
Recitava-me para ti um reto⁷²⁵, em plagas vindélicas⁷²⁶,
e desconhecedor de meu nome não era o Arcto.⁷²⁷
Oh! Quantas vezes, não renegando um velho amigo,

5

⁷¹⁹ Como se viu em VI, 85, 3-4, Camônio Rufo morreu na Capadócia (ver n. a VI, 85, 3).

⁷²⁰ Marcial compõe o epigrama tendo provavelmente diante de si (ou imaginando que o tem) um retrato de Camônio quando era menino (cf. vv. 1-2). Assim, quer oferecer, com seu poema, uma imagem maior (*imago maior*), isto é, o retrato de Camônio em idade um pouco mais avançada, com vinte anos.

⁷²¹ Provavelmente é Aulo Pudente (ver n. a IV, 29, 1).

⁷²² Ou seja, prefere agradecer a seus leitores a agradecer aos outros poetas.

⁷²³ Talvez seja Aulo Búcio Lápio Máximo, cônsul em 86 e 95 d.C., governador da Síria em 91 e legado na Germânia Inferior (que compreendia, *grossa modo*, terras hoje pertencentes à Holanda e à Bélgica), onde sufocou a rebelião liderada por Lúcio Antônio Saturnino em 89 d.C. (*OCD*: 815). Teria sido amigo de Marcial (cf. vv. 4 e 7-8).

⁷²⁴ Isto é, sob a proteção das Musas. Um dos locais apontados, na mitologia, como as moradas dessas deusas era o monte Olimpo (no norte da Grécia, entre a Tessália e a Macedônia), ou, ainda a região vizinha a esse monte, conhecida como Piéria (*OCD*: 1002). Cf. também a segunda nota a IV, 14, 1 e a nota a IX, 58, 6.

⁷²⁵ O habitante ou natural da Récia (*Raetia* ou *Rhaetia*), província romana que compreendia o oeste, o leste e o sul, respectivamente, das atuais Áustria, Suíça e Alemanha (*GAW*: 532).

⁷²⁶ Os Vindélicos eram um povo de origem céltica que habitava a Vindelícia, ao norte da Récia. A partir de 15 a.C., passaram a ocupar a parte leste desta última, quando então os termos Récia e Vindelícia passaram a ser usados como sinônimos (*OCD*: 1600).

⁷²⁷ Aqui, designa as regiões e os povos do norte (*OLD*: 164-2). Mais especificamente, o termo *Arctos* ou *Arctus* designava a Ursa Maior ou a Ursa Menor, ou ainda ambas, quando usado no plural (*OLD*: 163-1a e 1b). Marcial se gaba de ser conhecido até nas terras habitadas por bárbaros (cf. I, 1; VI, 64, 24-28; VII, 17, 9-10 e VIII, 3, 3-4).

dixisti “Meus est iste poeta, meus!”
Omne tibi nostrum quod bis trieteride iuncta
ante dabat lector, nunc dabit auctor opus.

10

XCv

Alfius ante fuit, coepit nunc Olfius esse,
uxorem postquam duxit Athenagoras.

XCvb

Nomen Athenagorae quaeris, Callistrate, uerum:
si scio, dispeream, qui sit Athenagoras.
Sed puto me uerum, Callistrate, dicere nomen:
non ego, sed uester peccat Athenagoras.

tu disseste: “É meu amigo esse poeta, meu amigo!”
Toda a minha obra, que por dois triênios consecutivos
te oferecia outrora o leitor, te oferecerá agora o autor.⁷²⁸

10

95⁷²⁹

Antes era Álfio, agora passou a ser Ólfio,
depois que Atenágoras se casou.⁷³⁰

95b

Você quer saber, Calístrato⁷³¹, de Atenágoras o verdadeiro nome:
que eu caia morto se eu sei quem é Atenágoras!
Mas creio que venho dizendo, Calístrato, o verdadeiro nome:
não sou eu o culpado, mas o Atenágoras amigo de vocês.⁷³²

⁷²⁸ Ou seja, antes Norbano recebia de outras pessoas, leitoras como ele, os livros de Marcial; agora, recebe-os do próprio Marcial, que o homenageia com este epigrama. Os dois triênios (cf. *bis trieteride*) de que fala o poeta referem-se, segundo Izaac (*Ep-BL*²: 272, n. 1 à p. 66), aos seis últimos anos anteriores a 95 d.C., durante os quais foram publicados os seis últimos livros de Marcial (IV-IX), que agora este envia ao amigo, de uma só vez.

⁷²⁹ Este epigrama está relacionado com o seguinte, que trata da questão metapoética da menção explícita de nomes verdadeiros nos epigramas (ver nota a I, 5 e a II, 10). Em alguns manuscritos, aliás, eles constituíam um mesmo poema (*Ep-BL*²: 70).

⁷³⁰ A interpretação deste dístico é difícil. Para Cristina S. Pimentel (*Ep-E70*³: 138, n. 279), o sentido é obsceno: o “A” inicial de *Alfius*, associado aos sons seguintes, corresponderia à abertura da boca necessária para a prática de sexo oral com mulheres; o mesmo valeria para o “O” de *Olfius*, que representaria a abertura da boca no sexo oral com homens. Assim, Atenágoras teria adquirido um comportamento sexual paradoxal depois de casado: quando solteiro, praticava sexo oral com mulheres; depois de casado, o faz com homens.

⁷³¹ Nome fictício, usado também em V, 13; XII, 35; XII, 42 e XII, 80.

⁷³² O sentido do epigrama não é fácil de apreender, mas é possível tentar uma interpretação: Calístrato tem um amigo chamado Atenágoras e não gosta nem um pouco de ver o nome de seu amigo difamado num epigrama de Marcial. Quer saber, portanto, quem se oculta sob esse nome, talvez para se certificar de que não é realmente o seu amigo. Marcial diz que não sabe quem é Atenágoras (logo, o nome é fictício, como é de praxe em seus poemas difamatórios), mas, talvez para provocar ainda mais seu interlocutor, se desmente imediatamente, afirmando que o indivíduo criticado tem realmente esse nome. E se defende dizendo que está se referindo a uma outra pessoa com o mesmo nome, e que não tem culpa de o amigo de Calístrato também se chamar Atenágoras. Sobre o princípio, seguido por Marcial, de não mencionar os nomes verdadeiros das pessoas satirizadas, cf. prefácio ao Livro I; I, 96 e as séries II, 10, 12, 21 e 23 e III, 8 e 11.

XCIX

Marcus amat nostras Antonius, Attice, Musas,

charta salutatrix si modo uera refert:

Marcus Palladiae non infitianda Tolosae

gloria, quam genuit Pacis alumna Quies.

Tu qui longa potes dispendia ferre uiarum,

5

i, liber, absentis pignus amicitiae.

Vilis eras, fateor, si te nunc mitteret emptor;

grande tui pretium muneris auctor erit:

multum, crede mihi, refert a fonte bibatur

quae fluit an pigro quae stupet unda lacu.

10

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER X

I

Si nimius uideor seraque coronide longus

esse liber, legito pauca: libellus ero.

Marco Antônio⁷³³ ama, Ático⁷³⁴, as nossas Musas,

se diz coisas verdadeiras sua carta de saudações;

Marco, da Tolosa de Palas⁷³⁵ inegável

glória, gerada pelo Repouso, filho da Paz.⁷³⁶

Você, que suportar pode as longas dificuldades dos caminhos,

5

vá, livro, penhor de uma amizade ausente.

Vulgar você seria, reconheço, se um comprador agora te enviasse;

o teu grande preço virá do autor do presente⁷³⁷:

é muito relevante, crê em mim, se se bebe da fonte

que corre ou da água estagnada em preguiçoso lago.⁷³⁸

10

DÉCIMO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL⁷³⁹

1

Se um livro demasiado grande, de longínquo final e extenso

pareço ser, leia apenas alguns poemas: um livrinho serei.

⁷³³ Marco Antônio Primo, general que apoiou Vespasiano nas discórdias civis de 69 d.C. Era natural de Tolosa (moderna cidade francesa de Toulouse), na Gália Narbonense (*OCD*: 117). Marcial dedica-lhe ainda outros três epigramas (X, 23; X, 32 e, talvez, X, 73).

⁷³⁴ Por este epigrama e por VII, 32, o outro poema em que é citado, pode-se supor que seja um amigo de Marcial, muito culto (cf. *nostras Musas*) e observador dos costumes e tradições dos romanos (cf. VII, 32).

⁷³⁵ Devido às suas escolas de retórica e à sua alta cultura literária, a cidade de Tolosa ganhara já, na Antiguidade, o título de Paládica (*Palladia*) ou cidade de Palas (Minerva), a deusa da poesia, da eloquência e das artes em geral (*GAW*: 661).

⁷³⁶ Marco Antônio Primo teria, ao final de sua vida, se retirado para a terra natal (*OCD*: 117), fato confirmado pelos epigramas X, 23 e X, 32.

⁷³⁷ “Autor” do presente nos dois sentidos: o “autor” da doação e o autor propriamente dito do objeto doado (do livro).

⁷³⁸ Belas metáforas para dizer que é muito mais honroso receber os livros de quem os escreveu (de seu *auctor*, da fonte viva de que provêm), que os receber de alguém que os comprou (cf. *emptor*, v. 7). Quem dá de presente um livro que comprou é como um lago, passivo receptor das águas vindas das fontes e nascentes (cf. epigrama IX, 84, logo acima).

⁷³⁹ Este livro levanta alguns problemas quanto às suas datas de publicação. Segundo Sullivan, teria sido inicialmente publicado em dezembro de 95 d.C. e, depois de uma revisão (cf. epigrama 2), reeditado em meados de 98 (esta segunda versão é a que chegou até nós). O dado é importante, de acordo com o estudioso, porque, no período entre esses dois anos, Roma passou por substanciais mudanças políticas motivadas pelo assassinato de Domiciano em setembro de 96 d.C. (Sullivan: 44-45). Veja-se n. a X, 2, 4, mais abaixo.

Terque quaterque mihi finitur carmine paruo
pagina: fac tibi me quam cupis ipse breuem.

II

Festinata prior, decimi mihi cura libelli
Elapsum manibus nunc reuocauit opus.
Nota leges quaedam, sed lima rasa recenti;
pars noua maior erit: lector, utrique faue,
lector, opes nostrae; quem cum mihi Roma dedisset.
“Nil tibi quod demus maius habemus” ait;
“pigra per hunc fugies ingratae flumina Lethes
et meliore tui parte superstes eris.
Marmora Messallae findit caprificus, et audax

5

Muitas vezes termina com um pequeno poema

a minha coluna⁷⁴⁰: faça-me você mesmo tão breve quanto desejar.⁷⁴¹

2

Como apressada foi a primeira edição de meu décimo livrinho,

a obra, que às minhas mãos escapara, agora reformulei.

Você lerá alguns poemas conhecidos, mas polidos por recente lima;

a maior parte te será nova.⁷⁴² Leitor, acolha bem a ambos;

leitor, riqueza minha, você que Roma me concedera dizendo:

5

“Nada de melhor tenho para te dar;

por meio dele você fugirá dos inertes cursos d’água do funesto Letes⁷⁴³

e sobreviverá em tua melhor parte.⁷⁴⁴

Os mármores de Messala⁷⁴⁵ fende a figueira-brava, e atrevido

⁷⁴⁰ Ver n. 6 ao prefácio do Livro I.

⁷⁴¹ O Livro X só é menos extenso, em número de epigramas, aos Livros I e XI (desconsideramos aqui os *Xenia* e os *Apophoreta*, que, embora tenham 127 e 223 epigramas, respectivamente, são compostos quase que totalmente de dísticos, o que, em número de versos, os faz bem menores que os três citados acima).

⁷⁴² Marcial diz ter reformulado sua primeira edição, que saíra apressadamente, isto é, fora feita com menos esmero (cf. *lima*, v. 3). Assim, a nova edição é formada pelos antigos epigramas, já conhecidos do leitor (cf. *nota quaedam*, v. 3), que foram revisados e melhorados (cf. *lima rasa recenti*), e por um grande número de epigramas novos, a maior parte (cf. *pars noua maior est*, v. 4). Sullivan (p. 44-46) chama a atenção para o fato de que essa revisão visava sobretudo adaptar a nova edição à conjuntura política do ano em que foi publicada, momento em que Trajano, sucessor de Nerva (que morrera em janeiro de 98) se tornara o novo imperador (a primeira edição fora publicada ainda no governo de Domiciano). Os epigramas que homenageavam este último teriam sido excluídos (talvez alguns tenham sido adaptados para o louvor dos novos soberanos), e outros poemas teriam sido acrescentados, visando obter a proteção de César Trajano, como é o caso dos epigramas 6, 7, 34, 72 e 101 (vejam-se outros detalhes em Sullivan: 44-46 e 48-52). O mais curioso é que o epigrama X, 28 foi mantido na segunda edição, embora, ao que tudo indica, exalte um feito de Domiciano, a construção do novo templo de Jano no Fórum de Nerva (*OCD*: 793; ver ainda notas a I, 2, 8 e VII, 8, 5). Por fim, é preciso lembrar ainda que, entre a publicação da primeira e da segunda edições do Livro X, Marcial editou o Livro XI, em dezembro de 96, quando Roma era governada por Nerva (ver n. a IX, 26, 1).

⁷⁴³ Letes (*Lethes*), filha de Éris, a Discórdia, era um dos cursos d’água dos Infernos (ver n. a V, 25, 6). Marcial usa o termo como metonímia para “Inferno”. Letes era o rio do esquecimento, do qual bebiam as almas dos mortos para se esquecer das coisas do mundo terreno (*DMG*: 201).

⁷⁴⁴ Roma diz a Marcial que é por meio do leitor, que ela lhe dá de presente, que o poeta permanecerá vivo para sempre, imortalizando-se através da melhor parte de si: sua obra. Sobre essa “imortalização parcial”, cf. o verso 6 de V, 25.

⁷⁴⁵ Ver n. a VIII, 3, 5.

dimidios Crispi mulio ridet equos:
at chartis nec furta nocent et saecula prosunt,
solaque non norunt haec monumenta mori.”

10

III

Vernaculorum dicta, sordidum dentem,
et foeda linguae probra circulatricis,
quae sulphurato nolit empta ramento
Vatiniorum proxeneta fractorum,
poeta quidam clancularius spargit
et volt videri nostra. Credis hoc, Prisce?
uoce ut loquatur psittacus coturnicis

5

o tropeiro ri dos corcéis de Crispo⁷⁴⁶, quebrados ao meio: 10
aos escritos, porém, os furtos não prejudicam e os séculos favorecem,
e somente estes monumentos não conheceram a morte.”⁷⁴⁷

3

Gracejos de bufões⁷⁴⁸, a sórdida mordacidade
e as imundas injúrias de uma língua de meretriz,
os quais não compraria por um cavaco embebido em enxofre
o negociante de copos de Vatínio quebrados⁷⁴⁹,
um certo poeta anônimo anda espalhando 5
e quer que pareçam meus.⁷⁵⁰ Dá para acreditar nisto, Prisco⁷⁵¹?
Que um papagaio fale com a voz de uma codorna

⁷⁴⁶ Segundo Izaac, é Gaio Passieno Crispo, cônsul pela segunda vez em 44 d.C. (*Ep-BL*²: 314). Sua tumba era provavelmente adornada com uma estátua que o representava montado num cavalo e que estaria danificada à época de Marcial.

⁷⁴⁷ A melhor obra a se deixar, depois da morte, para que as pessoas se lembrem de quem partiu, não são, segundo Marcial, os túmulos, mas sim os escritos, que têm a vantagem de não poderem ser roubados (ainda que os plagiários o tentem) e que ficam mais conhecidos e vivos à medida que o tempo passa. O mesmo não ocorre com os túmulos, monumentos materiais que podem ser violados por ladrões e vândalos (cf. v. 11) e que, com o tempo, tendem a se acabar (v. 12), como o túmulo de Messala, que é fendido por uma figueira que nasce entre seus mármore, e a estátua, quebrada ao meio, que adorna o túmulo de Crispo (cf. também VIII, 3, 3-8). Cf. ainda Horácio, *Odes*, III, 30, 1-9: *Exegi monumentum aere perennius/ regalique situ pyramidum altius, / quod non imber edax, non Aquilo inpotens/ possit diruere aut innumerabilis/ annorum series et fuga temporum. / Non omnis moriar multaque pars mei/ vitabit Libitinam; usque ego postera/ crescam laude recens, dum Capitolium/ scandet cum tacita uirgine pontifex*. (“Concluí um monumento mais perene que o bronze/ mais elevado que a real estrutura das pirâmides,/ e que nem a chuva voraz, nem o Aquilão violento/ poderiam destruir, ou a inumerável/ seqüência dos anos e o fugir dos tempos./ Não morrerei por completo e uma grande parte de mim/ escapará à Libitina; crescerei sempre/ fresco no louvor da posteridade, enquanto ao Capitólio/ sobe, com a virgem silenciosa, o pontífice.”).

⁷⁴⁸ Ver primeira nota a III, 82, 24.

⁷⁴⁹ De acordo com *Apoph.*, 96 e Juvenal (*Sat.*, V, 46-48), Vatínio era um sapateiro, natural de Benevento, que inventara um tipo de taça com quatro gargalos. Os objetos eram conhecidos como *Vatinii*, em referência ao seu inventor (*OLD*: 2016-1b). O negociante de que fala Marcial talvez seja um indivíduo que comprava vidros quebrados para reaproveitamento. Note-se, então, a depreciação que Marcial faz desses poemas que lhe atribuem: nem o comprador das matérias-primas mais inúteis e baratas pagaria algo por eles.

⁷⁵⁰ Cf. VII, 12, 5-8 e VII, 72, 12-16, outros dois poemas em que Marcial reclama dos maus poetas que lhe atribuem seus poemas. Note-se que o poeta criticado deste epigrama X, 3 não quer se identificar, é anônimo (*clancularius*, v. 5), assim como o de VII, 12, 7, que se negava “a suportar os raios de Febo e a luz do dia”.

⁷⁵¹ Talvez seja Terêncio Prisco, amigo e patrono de Marcial e seu contemporâneo (Izaac, *Ep-BL*²: 350), a quem o poeta se dirige em seu prefácio ao Livro XII e a quem homenageia em VIII, 45 e XII, 3. Talvez os epigramas 1, 14, 62 e 92 do Livro XII também se dirijam ou se refiram a ele. Outros personagens com o mesmo nome aparecem na obra de Marcial: *Spec.*, 29, 1 (um gladiador); VII, 79, 3 (um cônsul); VI, 18 (amigo de um certo Salonino); IX, 77 (um escritor); I, 112; II, 41, 10; IX, 10; VII, 46 e VIII, 12 (fictícios).

et concupiscat esse Canus ascaules?
Procul a libellis nigra sit meis fama,
quos rumor alba gemmeus vehit pinna:
cur ego laborem notus esse tam praue,
constare gratis cum silentium possit?

10

IV

Qui legis Oedipoden caligantemque Thyesten,
Colchidas et Scyllas, quid nisi monstra legis?
quid tibi raptus Hylas, quid Parthenopaeus et Attis,

e que Cano ambicione ser tocador de cornamusa?⁷⁵²

Fique longe de meus livrinhos uma fama sombria,

eles que uma reputação reluzente leva em brancas asas.⁷⁵³

10

por que eu me desgastaria para ter fama tão negativa,

quando o silêncio nada poderia me custar?⁷⁵⁴

4

Você que lê Édipo⁷⁵⁵ e o sombrio Tiestes⁷⁵⁶,

Cólquidas⁷⁵⁷ e Cilas⁷⁵⁸, o que lê senão monstros?

De que te servirá o raptado Hilas⁷⁵⁹, e Partenopeu⁷⁶⁰ e Átis⁷⁶¹,

⁷⁵² O *ascaules* era o artista que tocava um instrumento de sopro parecido com a cornamusa (espécie de gaita-de-foles), constituído de um conjunto de tubos controlados por palhetas (CLS: 239). Era com certeza mais complexo que a flauta, o instrumento que, segundo Izaac (*Ep-BL*²: 273, n. 2 à p. 76), Cano tocava. O mesmo artista, provavelmente, é mencionado em IV, 5, 8.

⁷⁵³ Sobre a reputação e fama de Marcial, cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; e VIII, 3, 3-4.

⁷⁵⁴ Isto é, “se eu fosse tão mau poeta a ponto de escrever versos tão ruins como esse que me atribuem, não gastaria minha energia produzindo versos que poderiam estragar minha imagem: seria melhor não escrever nenhum”.

⁷⁵⁵ Protagonista da conhecida saga que foi tema de tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides (*OCD*: 1061-1062). Édipo era filho de Laio, que recebera de um oráculo a predição de que seu filho o mataria e se casaria com a mãe. Por isso, Édipo foi enviado à morte ainda bebê, mas acabou se salvando e, um dia, já grande, acabou de fato matando, sem saber, o próprio pai. Depois de vencer a Esfinge, monstro que atormentava os habitantes de Tebas, foi premiado com a mão da viúva de Laio, Jocasta, que era, portanto, sua mãe. Mais tarde, o destino lhe revelou toda a verdade, e Édipo, não suportando seu duplo crime de parricídio e incesto, arrancou os próprios olhos e saiu errando pelo mundo (*DMG*: 130-131).

⁷⁵⁶ Ver segunda nota a IV, 49, 4.

⁷⁵⁷ Representa aqui, metonimicamente, a feiticeira Medéia, filha de Aetes, rei da Cólquida (ver notas a VIII, 28, 19 e a VIII, 28, 20). Depois de ajudar Jasão, por quem se apaixonara, a conquistar o Velo de Ouro e de se casar com o herói, acompanhou-o até Corinto, onde, segundo a versão de Eurípides em sua tragédia *Medea*, foi abandonada pelo esposo, que ficara noivo de outra jovem. Para se vingar, Medéia mata, então, os próprios filhos que tivera com Jasão, bem como a noiva do herói.

⁷⁵⁸ Segundo Homero, era um terrível monstro de doze pés e seis cabeças que morava numa gruta próxima do estreito de Messina, entre a Itália e a Sicília. Saía de sua gruta para capturar animais aquáticos ou marinheiros que passassem pelo estreito, que era também habitado, no lado oposto a Cila, por outro perigoso monstro, Caríbdis (*Od.*, XII, 85ss.). Os dois monstros personificavam acidentes geográficos perigosos à navegação: Cila era um grande rochedo, Caríbdis, um violento sorvedouro (*GAW*: 568 e 164).

⁷⁵⁹ O jovem amante e companheiro de Hércules. De acordo com a lenda, quando os argonautas (de cuja expedição Hércules fazia parte; veja n. a VIII, 28, 8) pararam na Mísia (no norte da Ásia Menor), Hilas fora buscar água numa fonte e, tendo despertado a paixão das ninfas do local, foi por elas raptado (*OCD*: 735).

⁷⁶⁰ Um dos sete participantes da aliança formada para combater Etéocles, um dos filhos de Édipo, que disputava com o irmão Polinices o trono de Tebas, vago depois do exílio do pai (ver a primeira nota ao verso 1 deste mesmo poema). As sagas e lendas relacionadas a Tebas foram tema de várias tragédias na Antiguidade, sobretudo da trilogia sofocliana que inclui, além de *Os Sete contra Tebas*, *Laio* e *Édipo* (*OCD*: 1396-1397).

⁷⁶¹ Provavelmente é Átis, o amante de Cibele (ver n. a II, 86, 5), mas pode ser também Filomela (ver n. a I, 53, 10).

quid tibi dormitor proderit Endymion?
exutusue puer pinnis labentibus? aut qui 5
odit amatrices Hermaphroditus aquas?
quid te vana iuuant miserae ludibria chartae?
hoc lege, quod possit dicere uita “Meum est.”
Non hic Centauros, non Gorgonas Harpyiasque
inuenies: hominem pagina nostra sapit. 10
Sed non uis, Mamurra, tuos cognoscere mores
nec te scire: legas Aetia Callimachi.

V

Quisquis stolaeue purpuraeue contemptor
quos colere debet laesit impio uersu,
erret per urbem pontis exul et cliui,

de que te servirá o dorminhoco Endimião⁷⁶²?
 Ou o menino despojado de suas decaídas asas?⁷⁶³ 5
 Ou o que rejeita apaixonadas águas, Hermafrodito?⁷⁶⁴
 Em que te deleitam as falsas ilusões de um mísero papiro?
 Leia isto, de que a vida poderia dizer: “Pertence a mim.”⁷⁶⁵
 Aqui nem Centauros, nem Górgonas e Harpias⁷⁶⁶
 encontrará: a minha página tem o sabor do ser humano. 10
 Mas você não quer, Mamurra⁷⁶⁷, ver o reflexo dos teus costumes
 nem conhecer a si mesmo: leia, então, as *Origens* de Calímaco.⁷⁶⁸

5

Todo aquele que, desprezador da estola e da púrpura⁷⁶⁹,
 insulta com ímpio verso os que tem o dever de respeitar,
 que erre pela cidade, de pontes e ladeiras expulso,

⁷⁶² Mortal pelo qual a deusa Selene, personificação da Lua, se apaixonou. Endimião, tendo pedido a Zeus a imortalidade e a juventude eterna, foi atendido, com a condição de que dormisse eternamente. Assim, ele repousa para sempre numa caverna no monte Latmo, na Cária (no sul da Ásia Menor), aonde a Lua vem freqüentemente contemplá-lo, razão pela qual não é vista no céu em determinada parte do mês, ou seja, na lua nova (*OCD*: 525 e *DMG*, 134).

⁷⁶³ Ícaro (ver n. a IV, 49, 5).

⁷⁶⁴ De acordo com Ovídio (*Met.*, IV, 271-288), era filho de Hermes e de Afrodite e, quando se banhava num lago no sul da Ásia Menor, despertou o desejo e a paixão da ninfa Sálmacis, que protegia o local. O jovem, amedrontado com os apaixonados pedidos da ninfa, recusou conceder-lhe o seu amor, mas ela o enlaçou insistentemente com os braços e rogou aos deuses que não deixassem jamais que ele se separasse dela. Foi atendida, e ambos os seres tornaram-se um só corpo, mas com características dos dois sexos.

⁷⁶⁵ Ou seja, Marcial retrata a realidade, e não mitos, fantasias, ilusões, como fazem as tragédias e epopéias, baseados em temas e sagas mitológicas (cf. IV, 49 e VIII, 3, 11-20). Sobre a questão dos gêneros poéticos em Marcial, vejam-se ainda VIII, 55, 17-24; IX, 50 e o epigrama do prefácio ao Livro IX.

⁷⁶⁶ Os Centauros eram, como se sabe, figuras mitológicas meio homens, meio cavalos (*OCD*: 308). As Górgonas eram três monstros femininos (Esteno, Euríale e Medusa), filhos de Fórcis e Ceto, divindades marinhas. Medusa, a única que era mortal, foi vencida e morta por Perseu; sua cabeça passou a figurar no escudo de Atena/Minerva (*DMG*: 162). Quanto às Harpias, eram monstros horríveis, apesar de irmãs de Íris, a brilhante mensageira dos deuses: tinham rosto de mulher velha e corpo de ave de rapina. Eram apenas três, segundo algumas versões, mas esse número variava (*DMG*: 164-165). Segundo Virgílio, habitavam as ilhas Estrófades (*En.*, III, 209-268).

⁷⁶⁷ Nome fictício, usado também em IX, 59. É também o nome do amigo e suposto amante de Júlio César que Catulo alveja, em seus poemas, sob o nome de *Mentula* (cf. J. A. Oliva Neto, 1996: 195 e Vasconcellos, 1991: 12 e 15. Cf. ainda os poemas 29, 41, 43, 54, 57, 93, 94, 105, 114 e 115 de Catulo).

⁷⁶⁸ Calímaco (ver n. a IV, 23, 5) escreveu uma obra chamada *Aetia* (“Origens”), composta de quatro livros, em que tratava, em versos e em prosa, das origens de mitos, cultos, festivais e cidades da Grécia (*OCD*: 276). Seria a obra adequada a Mamurra, que não quer ver retratados os costumes das pessoas reais e os assuntos do dia-a-dia.

⁷⁶⁹ Metonímias para “matronas” (ver n. a I, 35, 9) e “magistrados” (ver n. a I, 53, 4).

interque raucos ultimus rogatores	
oret caninas panis improbi buccas.	5
Illi December longus et madens bruma	
clususque fornix triste frigus extendat:	
uocet beatos clamitetque felices	
Orciniana qui feruntur in sponda.	
At cum supremæ fila uenerint horae	10
diesque tardus, sentiat canum litem	
abigatque moto noxias aues panno.	
Nec finiantur morte supplicis poenae,	
sed modo seueri sectus Aeaci loris,	
nunc inquieti monte Sisyphei pressus,	15
nunc inter undas garruli senis siccus	
delasset omnis fabulas poetarum:	
et cum fateri Furia iusserit uerum,	
prodente clamet conscientia "Scripsi."	

e, como o pior entre os roucos⁷⁷⁰ mendigos,
implore a caninas bocas um naco de seu pão desprezível. 5
Que um longo Dezembro, um úmido inverno
e uma abóbada fechada⁷⁷¹ o cruel frio lhe prolonguem:
chame bem-aventurados e brade serem felizes
os que no leito do Orco⁷⁷² são carregados.
Mas quando os fios⁷⁷³ tiverem transcorrido da suprema hora 10
e o tardo dia fatal, que sinta a rixa dos cães
e enxote criminosas aves⁷⁷⁴ com o agitar de seus andrajos.
E, mesmo que suplique, não findem com a morte os seus sofrimentos,
mas, ora rasgado pelos chicotes do severo Éaco⁷⁷⁵,
ora pelo rochedo do intranquilo Sísifo prensado, 15
ora sedento em meio às águas do velho linguarudo,
esgote todos os suplícios das lendas dos poetas:⁷⁷⁶
e quando a Fúria⁷⁷⁷ lhe tiver ordenado que diga a verdade,
proclame, traído pelo remorso: “Fui eu que escrevi.”⁷⁷⁸

⁷⁷⁰ “Roucos” talvez pelo frio que têm de experimentar nos locais em que vivem: sob as pontes ou à beira dos caminhos (v. 3).

⁷⁷¹ Provavelmente, os mendigos também se protegiam do frio sob as abóbadas dos edifícios públicos.

⁷⁷² Isto é, nos leitos da morte, nos esquifes ou caixões. “Orco” era um outro nome do deus dos Infernos, Hades/Plutão, e também designava, por processo metonímico, o reino dos mortos, ou, ainda, a própria Morte. O sofrimento que Marcial deseja a esse poeta desrespeitoso que critica é tão terrível que este preferirá a morte.

⁷⁷³ Ver n. a IX, 76, 6.

⁷⁷⁴ Os abutres.

⁷⁷⁵ Pai de Peleu e de Telamão e avô de Aquiles (por isso chamado Eácida) e de Ájax Telamônio, Éaco se tornou juiz nos Infernos devido ao senso de justiça e à piedade que demonstrara em vida (*OCD*: 15).

⁷⁷⁶ Marcial alude a dois dos mais famosos castigos da mitologia. Sísifo, filho de Éolo e fundador de Corinto, fora condenado, depois de morrer, a levar até uma alta montanha dos Infernos uma enorme rocha que, logo que atingia o cume, rolava para baixo novamente. Ele tinha, então, de reiniciar a tarefa, que se repetiria por toda a eternidade. O castigo fora estabelecido devido aos vários engodos que o herói, graças à sua grande astúcia, aplicara aos deuses, como aprisionar a Morte e enganar o próprio Hades, conseguindo retornar ao mundo dos vivos depois de morrer uma primeira vez (*DMG*: 278). Tântalo, filho de Zeus e rei na Lídia, fora precipitado aos infernos depois de revelar aos humanos os segredos dos deuses; seu castigo era ter fome e sede eternamente, mesmo tendo à sua frente um banquete suntuoso, do qual não podia comer, e os pés mergulhados em água fresca, da qual não podia beber (*DMG*: 281).

⁷⁷⁷ As Fúrias ou Erinias, nascidas (segundo Hesíodo, *Teogonia*, 185) das gotas de sangue da castração de Urano que caíram sobre a Terra, eram divindades infernais com asas e cabelos de serpentes. Em número de três, geralmente (Alecto, Tisífone e Megera), eram as responsáveis por punir os crimes, sobretudo aqueles ligados à família, como o parricídio e o matricídio (*DMG*: 139).

⁷⁷⁸ Marcial parece ter sido bastante incomodado por esses poetas ruins ou desrespeitosos que lhe atribuíam seus versos, tal é o número de poemas em que critica esses aproveitadores. Provavelmente Marcial era de fato

IX

Vndenis pedibusque syllabisque
et multo sale nec tamen proteruo
notus gentibus ille Martialis
et notus populis – quid inuidetis? –
non sum Andraemone notior caballo.

5

XVIII (XVII)

Saturnalicio Macrum fraudare tributo
frustra, Musa, cupis: non licet: ipse petit;
sollemnesque iocos nec tristia carmina poscit
et queritur nugas obticuisse meas.
Mensorum longis sed nunc uacat ille libellis.
Appia, quid facies, si legit ista Macer?

5

muito popular, e a associação de seu nome a um escrito poderia servir de chamariz para os leitores. A preocupação do epigramatista é compreensível se pensarmos que poemas difamatórios associados a seu nome poderiam prejudicar suas relações com os patronos. Cf. também VII, 12; VII, 72, 12-16; X, 3 e o prefácio ao Livro I.

9

Com versos de onze pés⁷⁷⁹ e onze sílabas⁷⁸⁰
e cheios de um sal que não é, porém, maldoso⁷⁸¹,
eu, aquele Marcial conhecido pelas nações
e conhecido pelos povos⁷⁸² (por que vocês me invejam?),
não sou mais conhecido que o cavalo Andremão.⁷⁸³

5

18⁷⁸⁴

A Macro⁷⁸⁵ privar de seu tributo saturnal⁷⁸⁶
em vão desejas, Musa⁷⁸⁷; não é possível: ele mesmo o exige!
Os costumeiros gracejos, e não poemas sombrios, ele reclama,
e lamenta que minhas bagatelas tenham se calado.
Mas com os longos apontamentos dos agrimensores está agora ocupado.

5

Ápia, o que você fará, se Macro ficar lendo esses versos?⁷⁸⁸

⁷⁷⁹ O dístico elegíaco, composto por um hexâmetro (seis pés poéticos) e um pentâmetro (cinco pés). É típico da elegia, dos epigramas e das inscrições fúnebres (Boldrini: 115). Em Marcial, é o esquema predominante, empregado em 857 poemas (Dezotti: 81).

⁷⁸⁰ O hendecassílabo, verso de onze sílabas. Uma de suas combinações, o hendecassílabo falécio, foi o segundo ritmo mais usado pelo epigramatista: 228 poemas (Dezotti: 81).

⁷⁸¹ Cf. VII, 12; VII, 72, 12-16; VII, 25; X, 3, 1-6 e X, 5, 1-2.

⁷⁸² Sobre a fama e popularidade de Marcial, cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4 e X, 3, 10.

⁷⁸³ Marcial reclama que, mesmo sendo conhecido no mundo todo, Andremão, o cavalo de Escorpo (ver n. a V, 25, 10), é ainda mais conhecido. Subjacente a essa afirmação está a queixa sobre a pouca valorização do poeta em relação a outros artistas (cf. III, 4, 5-8; V, 16 e V, 25, 9-10).

⁷⁸⁴ Em algumas edições, este epigrama é numerado como 17 (vejam-se as notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 82).

⁷⁸⁵ Parece, por este epigrama, que esse Macro seria o responsável pela conservação da Via Ápia. Talvez seja o mesmo Macro de X, 78, legado na Dalmácia. Outros personagens com esse nome aparecem também em V, 21; V, 28, 5; VIII, 5 e XII, 98 (*Ep-BL*²: 329). A Via Ápia, construída em 312 a.C. por Ápio Cláudio Cego, ia, à época de Marcial, de Roma até Brundisium (atual Brindisi), na antiga Calábria (*OCD*: 1594).

⁷⁸⁶ Provavelmente, Marcial enviava seus livrinhos a Macro durante as Saturnais (ver n. a IV, 14, 7).

⁷⁸⁷ Talia (ver n. a I, 70, 15).

⁷⁸⁸ Se Macro ficar lendo os versos de Marcial, a Via Ápia ficará sem cuidados.

XX (XIX)

Nec doctum satis et parum seuerum,
sed non rusticulum tamen libellum
facundo mea Plinio Thalia,
i perfer: breuis est labor peractae
altum uincere tramitem Suburae.

5

Illic Orphea protinus uidebis
udi uertice lubricum theatri
mirantisque feras auemque regis,
raptum quae Phryga pertulit Tonanti;
illic parua tui domus Pedonis
caelata est aquilae minore pinna.
Sed ne tempore non tuo disertam
pulses ebria ianuam, uideto:
totos dat tetricae dies Mineruae,

10

Um livrinho não douto o bastante e pouco austero,
 mas não rústico, todavia,
 ao facundo Plínio⁷⁹⁰, minha Talia,
 vai, leva: pequeno é o esforço para se vencer
 o íngreme caminho que atravessa a Subura⁷⁹¹. 5
 Então verás logo um lúbrico Orfeu⁷⁹²
 no mais alto ponto de úmido teatro,
 e, encantadas, as feras e a ave do Rei,
 esta que o Frígio⁷⁹³, raptado, levou ao Tonante;⁷⁹⁴
 lá fica a pequena morada do teu Pedão, 10
 adornada com uma águia de asas menores.⁷⁹⁵
 Mas cuida para que, embriagada, não vás bater,
 em momento que não é o teu, a uma porta eloqüente:
 ele dedica seus dias inteiros à austera Minerva⁷⁹⁶,

⁷⁸⁹ Em algumas edições, este epigrama é numerado como 19 (vejam-se as notas da edição crítica, *Ep-BL*¹: 82).

⁷⁹⁰ Plínio, o Jovem (Gaio Plínio Cecílio Segundo), senador, cônsul em 100 d.C. e governador da Bitúnia e do Ponto entre 98 e 110. Era também orador, e fez grande sucesso, em seu tempo, o seu *Panegyricus*, discurso que exaltava o imperador Trajano. Deixou também vários volumes de cartas escritas em estilo literário (*OCD*: 1198), numa das quais, falando do falecimento de Marcial na Hispânia, afirma ter fornecido ao poeta os recursos necessários à sua viagem de retorno à terra natal (*Epist.*, III, 21). O orador fora de fato um dos patronos de Marcial, e alguns acham que o poeta o cita também em V, 80, 7 e 13, sob o nome de Segundo (*Ep-E70*²: 96, n. 320).

⁷⁹¹ Bairro extremamente populoso e movimentado de Roma, localizado no vale entre os montes Esquilino e Viminal. Habitado sobretudo pela classe baixa romana, era famoso por suas lojas e pela prostituição, bem como pelo barulho e pela sujeira (*OCD*: 1451). Como Marcial morava no monte Quirinal (ver n. a I, 117, 6) e a casa de Plínio ficava no Esquilino, a Musa teria de atravessar a Subura para chegar até lá (veja mapa do Anexo I).

⁷⁹² Músico e poeta, na mitologia grega; era filho de Apolo e de uma das Musas. Tocava melodias tão belas que as feras o seguiam, encantadas, e as árvores se inclinavam para ouvi-lo (*DMG*: 239).

⁷⁹³ Ver n. a VIII, 55, 16.

⁷⁹⁴ Sobre este epíteto de Zeus/Júpiter, ver n. a V, 16, 5. Izaak (*Ep-BL*²: 275, n. 1 à p. 83), baseando-se em Friedlaender, assim interpreta os vv. 6-9: havia, ao final do caminho que levava ao Esquilino, uma fonte adornada com uma estátua de Orfeu, enfeitiçando os animais com sua música maravilhosa. A água, batida pelos ventos, molha a estátua de Orfeu (*lubricum*, v. 7), bem como os animais que estão perto dele, contemplando-o como se estivessem assistindo a uma apresentação no teatro (*udi theatri*, v. 7). A palavra *theatrum* poderia também estar fazendo referência ao formato da própria fonte, que se assemelharia a um teatro. A própria águia de Zeus, também representada na fonte, estaria sob o encanto da música de Orfeu.

⁷⁹⁵ A respeito de Pedão, ver nota 5 ao prefácio do Livro I. Também era autor de epigramas, o que explica o pronome *tui* (v.10), e, segundo Marcial, também morava no Esquilino, numa casa que tinha uma águia em sua fachada.

⁷⁹⁶ Deusa também da eloquência (ver n. a IX, 99, 3).

dum centum studet auribus uirorum
hoc quod saecula posterique possint
Arpinis quoque conparare chartis.
Seras tutior ibis ad lucernas:
haec hora est tua, cum furit Lyaeus,
cum regnat rosa, cum madent capilli:
tunc me uel rigidi legant Catones.

15
20

XXI

Scribere te quae uix intellegat ipse Modestus
et vix Claranus, quid rogo, Sexte, iuuat?
Non lectore tuis opus est, sed Apolline, libris:
iudice te maior Cinna Marone fuit.
Sic tua laudentur sane, mea carmina, Sexte,
grammaticis placeant, ut sine grammaticis.

5

enquanto procura agradar aos ouvidos dos centúviro⁷⁹⁷ 15
 com algo que os séculos e a posteridade poderiam
 até mesmo aos escritos de Arpino⁷⁹⁸ comparar.
 Irás mais confiante com o acender das tardias lucernas;⁷⁹⁹
 essa é a tua hora, quando delirante está Lieu⁸⁰⁰,
 quando reina a rosa, quando perfumados estão os cabelos:⁸⁰¹ 20
 então, que me leiam até os rígidos Catões!⁸⁰²

21

Escrever coisas que o próprio Modesto⁸⁰³ teria dificuldade para entender,
 e teria dificuldade Clarano⁸⁰⁴, por que, Sexto⁸⁰⁵ – me diga – isso te dá prazer?
 Não é um leitor que é necessário a teus livros, mas um Apolo⁸⁰⁶:
 pelo teu julgamento, Cina⁸⁰⁷ foi melhor do que Marão⁸⁰⁸.
 Que os teus poemas, com tal defeito, sejam louvados, Sexto, admito, 5
 desde que os meus agradem aos gramáticos sem os gramáticos.⁸⁰⁹

⁷⁹⁷ Eram os integrantes de uma corte judicial responsável, em Roma, por julgar processos de natureza civil. Era composta, durante o Império, por cerca de cento e oitenta cidadãos (*OCD*: 309-310).

⁷⁹⁸ Ou seja, os discursos de Cícero, natural de Arpino, no Lácio, a sudeste de Roma (*GAW*: 67). Como se sabe, foi um dos maiores oradores da Antiguidade.

⁷⁹⁹ Ou seja, depois de escurecer.

⁸⁰⁰ Ver n. a I, 70, 10.

⁸⁰¹ Era costume, nos banquetes e festis, os escravos do anfitrião perfumarem os cabelos dos convidados (Robert: 129). Sobre as rosas, ver n. a III, 68, 5.

⁸⁰² Tanto Catão, o Censor (234-149 a.C.), quanto seu bisneto, Catão de Útica (ver nota 9 ao prefácio do Livro I), se notabilizaram por sua austeridade, rigidez e por seu respeito aos antigos princípios da moral romana. O primeiro, durante sua censura, em 194 a.C., promoveu um programa de recuperação da moral romana, que ele julgava decadente, combatendo o luxo e primando pelo respeito às tradições de Roma, que não queria ver suplantada pela crescente influência dos gregos (*OCD*: 1224). Quanto à hora do dia à qual Marcial diz serem adequados os seus livrinhos, cf. IV, 8; IV, 82, 5-6 e VII, 51, 11-12.

⁸⁰³ Pode ser Júlio Modesto (de quem fala Suetônio, *Gram.*, 20), erudito liberto do estudioso e bibliotecário do imperador Augusto, Gaio Júlio Higino, com quem Modesto compartilhou o estudo da gramática e das antiguidades romanas (*OCD*: 785); ou Aufídio Modesto, comentador de Virgílio e de Horácio, que viveu no primeiro século d.C. (*OCD*: 214).

⁸⁰⁴ Gramático mencionado por Ausônio, Porfírio e Sérvio, segundo Izaac (*Ep-BL*²: 275, n. 8 à p. 83).

⁸⁰⁵ Nome fictício utilizado em vários outros epigramas: II, 3; II, 87; III, 6; III, 11; IV, 68; V, 38; X, 57, etc.

⁸⁰⁶ Deus dos oráculos e profecias, protetor dos profetas e adivinhos (*OCD*: 122). Marcial critica a complexidade e obscuridade dos poemas de Sexto, cuja compreensão demandaria a ajuda de um oráculo.

⁸⁰⁷ Gaio Helvécio Cina, poeta alexandrino amigo de Catulo. A erudição alusiva de seu poema épico *Zmyrna* (sobre os amores incestuosos de Mirra e Cíneas) era tamanha, que já na época de Augusto necessitava de um comentador (*OCD*: 681).

⁸⁰⁸ Virgílio.

⁸⁰⁹ Ou seja, que sejam compreendidos sem o auxílio de gramáticos ou comentadores. Marcial também critica os poemas difíceis em II, 86.

XXVI

Vare, Paraetonias Latia modo uite per urbes

nobilis et centum dux memorande uiris,

at nunc Ausonio frustra promisse Quirino,

hospita Lagei litoris umbra iaces.

Spargere non licuit frigentia fletibus ora

pinguia nec maestis addere tura rogis.

Sed datur aeterno uicturum carmine nomen:

numquid et hoc, fallax Nile, negare potes?

5

XXXIII

Simplicior priscis, Munati Galle, Sabinis,

Cecropium superas qui bonitate senem,

sic tibi consoceri claros retinere penates

perpetua natae det face casta Venus:

ut tu, si uiridi tinctos aerugine uersus

5

Varo, detentor da lácia cepa, por paretônias⁸¹⁰ cidades
 conhecido ultimamente, e chefe memorável para teus cem homens,⁸¹¹
 agora, porém, em vão prometido ao ausônio Quirino⁸¹²,
 jazes como estrangeira sombra em lágidas plagas.⁸¹³
 Não me foi permitido regar com lágrimas tuas geladas faces
 nem fumosos incensos derramar em tuas tristes piras.
 Mas com este poema eterno te é concedido um nome imortal:⁸¹⁴
 será que até isso, pérfido Nilo, podes me negar?⁸¹⁵

5

33

Mais simples, Munácio Galo⁸¹⁶, que os antigos sabinos⁸¹⁷,
 tu que o cecrópio ancião⁸¹⁸ superas em virtude:
 que habitar os ilustres penates⁸¹⁹ de teu consogro
 conceda à tua filha, em perpétuo himeneu, a casta Vênus;
 em troca, se versos impregnados de verde azinhavre

5

⁸¹⁰ O adjetivo se refere ao porto marítimo de Paretônio (*Paraetonium*), perto de Alexandria, no Egito, mas o termo, por extensão, podia significar “egípcio” (*OLD*: 1293-2a)

⁸¹¹ Varo, a quem Marcial homenageia neste epigrama fúnebre, estivera provavelmente no Egito, servindo como centurião (*Lacia uite*, v. 1 – a cepa de videira era a insígnia do centurião, cf. *OLD*: 2079-4 – e *centum... uiris*, v. 2).

⁸¹² Isto é, a Roma. Quirino era uma divindade de origem sabina identificada ora com Marte, ora com Rômulo (*OCD*: 1291). Por ser divindade local, de culto anterior à influência da religião grega em Roma, seu nome é freqüentemente associado, na literatura latina, à identidade romana: o próprio termo *Quirites*, inicialmente designativo do povo sabino, passou mais tarde a ser usado para se referir à totalidade do povo romano (*OLD*: 1559-1a). Quanto ao adjetivo “ausônio”, ver n. a VI, 61, 4.

⁸¹³ Varo teria morrido no Egito. O adjetivo *Lageus* (cf. *Lagei*), “lágida”, vem dos Lágidas, dinastia macedônica que governou o Egito de 304 a.C a 31 d.C.; aqui, obviamente, o termo é usado como sinônimo de “egípcio”. Os Lágidas devem seu nome a Lago, pai do primeiro rei da dinastia, Ptolomeu *Soter*, que fora general de Alexandre, o Grande (*OCD*: 511 1271).

⁸¹⁴ Sobre o poder de imortalização que Marcial, bem pouco modestamente, diz que seus versos possuem, cf. V, 15, 3-4; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26 e VII, 17, 9-10.

⁸¹⁵ Cf. VI, 85 e IX, 76, em que Marcial homenageia Camônio Rufo, falecido, como Varo, em terras distantes. Naqueles epigramas, o poeta também oferecera seus versos ao falecido como forma de prestar as honras fúnebres impossibilitadas pela distância.

⁸¹⁶ Provavelmente um amigo, patrono ou conhecido de Marcial.

⁸¹⁷ Era proverbial a austeridade, frugalidade e pureza de costumes dos sabinos, antigo povo que habitava uma parte da Úmbria, a nordeste de Roma (*CLS*: 30).

⁸¹⁸ Segundo Izaac (*Ep-BL*²: 88, n. 1), pode ser Sócrates ou Epicuro, ambos filósofos que ensinaram em diferentes épocas em Atenas (cf. *Cecropium*, ver n. a I, 39, 3), na Grécia (Sócrates era ateniense de nascimento, Epicuro, da ilha de Samos, na costa da Ásia Menor). As doutrinas filosóficas de ambos incluíam reflexões sobre a virtude (*OCD*: 532-534 e 1419-1420).

⁸¹⁹ Ver n. a I, 70, 11.

forte malus liuor dixerit esse meos,
ut facis, a nobis abigas, nec scribere quemquam
taliam contendas carmina, qui legitur.
Hunc seruare modum nostri nouere libelli,
parcere personis, dicere de uitis.

10

XXXV

Omnes Sulpiciam legant puellae,
uni quae cupiunt uiro placere;
omnes Sulpiciam legant mariti
uni qui cupiunt placere nuptae.
Non haec Colchidos adserit furorem,
diri prandia nec refert Thyestae;
Scyllam, Byblida nec fuisse credit:
sed castos docet et probos amores,
lusus, delicias facetiasque.
Cuius carmina qui bene aestimarit,
nullam dixerit esse nequiores,

5

10

uma maldosa inveja acaso disser que são meus,
que os afastes de mim, como costumás fazer, e afirmes
que ninguém que é lido escreve tais poemas.⁸²⁰

Respeitar este limite souberam os meus livrinhos:

poupar as pessoas, criticar os vícios.⁸²¹

10

35

Que leiam Sulpícia⁸²² todas as moças
que a um único esposo desejam agradar;
que leiam Sulpícia todos os maridos
que desejam agradar a uma única esposa.

Ela não relata o furor da Cólquida⁸²³,
nem os banquetes celebra do cruel Tiestes⁸²⁴;

Cila⁸²⁵, Bíblis⁸²⁶, não crê que existiram:
ensina, porém, os castos e puros amores,
suas brincadeiras, suas delícias, seus gracejos.⁸²⁷

5

Quem aos seus poemas tiver dado o devido apreço

10

dirá que mulher alguma é mais maliciosa,

⁸²⁰ Os pedidos do poeta são os mesmos feitos a Paulo em VII, 72. Cf. outros epigramas em que Marcial critica os poetas que lhe atribuem versos difamatórios ou de pouco talento: VII, 12; X, 3 e X, 5.

⁸²¹ Um dos princípios éticos da poesia de Marcial: jamais expor as pessoas criticadas, revelando seu nome, mas atacar seus vícios e defeitos de comportamento sob a máscara de um nome fictício que representa a pessoa individualmente ou todo o grupo ou tipo social a que pertence. Cf. o que o poeta diz no prefácio ao Livro I e em III, 99, 2.

⁸²² Poetisa da época de Domiciano. Escrevera poemas repletos de amor e sensualidade, dirigidos a seu esposo Caleno (*OCD*: 1454; cf. também X, 38).

⁸²³ Isto é, a vingança de Medéia (ver primeira n. a X, 4, 2).

⁸²⁴ Ver segunda nota a IV, 49, 4.

⁸²⁵ Provavelmente, Marcial não se refere aqui ao monstro Cila (ver segunda nota a X, 4, 2), mas a uma outra personagem, filha do rei de Mégara, Niso, cujo poder real dependia de uma mecha de cabelos roxos que tinha na cabeça. Cila, porém, tendo se apaixonado por Minos, que sitiava a cidade de Mégara, corta a mecha de cabelos do pai durante a noite, e a entrega Minos, que, assombrado diante de tamanha falta de piedade filial, recusa o amor da jovem. Ela se revolta e tenta seguir a nado os barcos de Minos, que está partindo depois da vitória, mas é destroçada por Niso, seu pai, que fora metamorfoseado em ave de rapina. Os deuses, então, também transformam Cila numa ave. Essa é a versão de Ovídio (*Met.*, VIII, 1-151).

⁸²⁶ Segundo Ovídio (*Met.*, IX, 418-665), era filha de Mileto (fundador da cidade de mesmo nome, na Ásia Menor) e de Cianéia, e se apaixonou pelo próprio irmão, Cauno. Este, ao saber da paixão criminoso da irmã, a rejeitou e abandonou o país. Bíblis então enlouqueceu e saiu vagando pelo mundo, até que as ninfas, compadecidas, transformaram-na numa fonte.

⁸²⁷ Ou seja, Sulpícia relata amores puros e castos, diferentes da paixão doentia de Medéia, do amor adúltero de Tiestes e Aérope, do amor inconsequente de Cila e da paixão incestuosa de Bíblis.

nullam dixerit esse sanctiorem.
Tales Egeriae iocos fuisse
udo crediderim Numae sub antro.
Hac condiscipula uel hac magistra 15
esses doctior et pudica, Sappho:
sed tecum pariter simulque uisam
durus Sulpiciam Phaon amaret.
Frustra: namque ea nec Tonantis uxor
nec Bacchi nec Apollinis puella 20
erepto sibi uiueret Caleno.

XLV

Si quid lene mei dicunt et dulce libelli,
 si quid honorificum pagina blanda sonat,
hoc tu pingue putas et costam rodere mauis,
 ilia Laurentis cum tibi demus apri.
Vaticana bibas, si delectaris aceto: 5
 non facit ad stomachum nostra lagona tuum.

dirá que mulher alguma é mais virtuosa.

Tais gracejos foram, penso eu,

os de Egéria no úmido antro de Numa.⁸²⁸

Com uma condiscípula ou mestra como esta,

15

serias mais douda, além de pudica, Safo;

mas, se a visse a teu lado e junto de ti,

a Sulpícia o insensível Fáon amaria.⁸²⁹

Em vão, pois ela nem como esposa do Tonante⁸³⁰

nem como amante de Baco ou Apolo

20

viveria, se lhe fosse arrebatado Caleno.⁸³¹

45

Se algo de agradável e de doce dizem os meus livrinhos,

se algo glorioso ressoa a minha página lisonjeira,

você o considera grosseiro, e prefere roer uma costeleta

quando as tripas te dou de um javali laurentino.⁸³²

Beba do vinho vaticano⁸³³, se te deleita o vinagre:

5

a minha bilha não convém ao teu estômago.

⁸²⁸ Numa Pompílio, o segundo rei de Roma, teria tido por esposa e conselheira a deusa Egéria, com quem se encontrava secretamente numa caverna. Tito Lívio, porém, afirma que ela era apenas uma invenção do rei para criar sentimentos religiosos nos corações dos romanos, naquele momento uma nação ainda rude e de cultura incipiente (*Ab Urbe Condita Libri*, I, 18-19).

⁸²⁹ Os poemas de Safo, poetisa da ilha de Lesbos, no mar Egeu, eram muito admirados na Antiguidade (cf. *doctior*). Sabe-se, por seus poemas e por biografias escritas mais tarde, que ela era líder de uma espécie de comunidade ou escola para moças, na qual se ensinava poesia e se preparavam as jovens para o casamento. Essa ocupação, aliada à presença, em muitos de seus poemas, de temas ligados aos amores entre mulheres, renderam-lhe, na tradição biográfica, a fama de homossexual. Também teria se apaixonado pelo marinheiro Fáon, por causa do qual se suicidara atirando-se de um rochedo da ilha de Lêucade, no mar Jônico, próxima da costa oeste da Grécia (*OCD*: 1355 e 1154).

⁸³⁰ Zeus/Júpiter (ver n. a V, 16, 5).

⁸³¹ Tamanha é a fidelidade e a paixão de Sulpícia pelo esposo que, se ele morresse, ela recusaria até mesmo o amor dos deuses.

⁸³² A carne de javali mais apreciada era a dos javalis da Úmbria e da Toscana (Robert: 135), mas, segundo Marcial, também era muito apetitosa a carne dos que eram caçados em Laurento (atual Tor Paterno), antiga cidade do Lácio por vezes confundida com Lavínio (moderna Pratica di Mare), à qual parte de seu território chegou a pertencer (*GAW*: 334-335).

⁸³³ O vinho do Vaticano, monte que ficava além dos muros de Roma, era de péssima qualidade (*CLS*: 207).

XLVI

Omnia uis belle, Matho, dicere. Dic aliquando
et bene; dic neutrum; dic aliquando male.

LVIII

Anxuris aequorei placidos, Frontine, recessus
et propius Baias litoreamque domum,
et quod inhumanae cancro feruente cicadae
non nouere nemus, flumineosque lacus
dum colui, doctas tecum celebrare uacabat
Pieridas; nunc nos maxima Roma terit.
Hic mihi quando dies meus est? iactamur in alto
urbis, et in sterili uita labore perit,
dura suburbani dum iugera pascimus agri
uicinosque tibi, sancte Quirine, lares.
Sed non solus amat qui nocte dieque frequentat

5

10

46

Em tudo, Matão⁸³⁴, você quer se expressar de maneira bela.

Mas se expresse algumas vezes bem; outras, nem bem nem mal; outras vezes, mal.⁸³⁵

58

Enquanto habitei, Frontino⁸³⁶, da marítima Ânxur⁸³⁷ os plácidos recessos,

e a tão próxima Baías, e uma litorânea morada,

e o bosque que as incômodas cigarras no ardente Câncer⁸³⁸

não conhecem, e os lagos de águas correntes,

tive tempo para celebrar contigo as doutas

5

Piérides⁸³⁹; agora, a imensa Roma me esmaga.

Aqui, quando pertence a mim o meu dia? Sou agitado no alto-mar

da Urbe, e em estéril fadiga a vida se consome,⁸⁴⁰

enquanto as ingratas jeiras⁸⁴¹ apascento de um suburbano campo⁸⁴²

e meus lares vizinhos a ti, venerável Quirino.⁸⁴³

10

Mas não é o único que ama quem noite e dia freqüenta

⁸³⁴ Ver a primeira nota a VII, 90, 1.

⁸³⁵ Pode-se interpretar este epigrama em relação a VII, 90: Marcial estaria defendendo que a variação e diversidade nos estilos de linguagem utilizados nos poemas é algo benéfico ao livro, evitando que o leitor se canse com a repetição (de fato se pode notar, no decorrer dos quinze livros do poeta, diferentes tons e diferentes linguagens a depender do tema desenvolvido, da pessoa homenageada, etc.). Outra interpretação pode ser tentada em consonância com I, 16: o poeta estaria afirmando que a oscilação no nível de qualidade dos poemas é algo normal num livro.

⁸³⁶ Foi cônsul em 72 ou 73 d.C., em 98 (cônsul *suffectus*, ver, sobre esse cargo, a primeira nota a I, 16, 2) e em 100, e governador na Britânia (73-77 d.C.) e procônsul na Ásia (86). Participou das campanhas de Domiciano na Germânia (ver n. a I, 4, 4) e era também escritor, sendo autor de tratados e obras técnicas (OCD: 785). Parece que foi patrono de Marcial, que o cita também em X, 48, 20.

⁸³⁷ Ao que parece, Frontino e Marcial estiveram juntos desfrutando da hospitalidade de Faustino (ver n. a III, 2, 6) em Ânxur e em Baías (ver n. a IX, 58, 4), locais onde este último possuía *uillae* (cf. X, 51 e III, 58). Assim como Baías, a litorânea Ânxur (atual Terracina), que ficava no extremo sul do Lácio, era um dos locais de eleição dos romanos abastados para as temporadas de descanso (GAW: 625-626). Faustino era dono também de propriedades em Tíbur (ver n. a VIII, 28, 12 e cf. V, 71 e VII, 80) e em Trébula (cf. V, 71).

⁸³⁸ O signo de Câncer, cujo início (22 de junho) coincide com o solstício de junho (dia 21), que marca o início do verão no hemisfério norte.

⁸³⁹ As Musas (ver n. a IX, 84, 3).

⁸⁴⁰ As obrigações a que estava sujeito como cliente (ver notas a I, 39, 8 e a I, 70, 18).

⁸⁴¹ Ver n. a VIII, 55, 7.

⁸⁴² Ver n. a VIII, 61, 6.

⁸⁴³ A casa de Marcial, no monte Quirinal (veja n. a I, 117, 6), ficava perto do templo dedicado ao deus Quirino (ver n. a X, 26, 3 e o mapa do Anexo I).

limina nec uatem talia damna decent.
Per ueneranda mihi Musarum sacra, per omnes
iuro deos: Et non officiosus amo.

LIX

Consumpta est uno si lemmate pagina, transis,
et breuiora tibi, non meliora placent.
Diues et ex omni posita est instructa macello
cena tibi, sed te mattea sola iuuat.
Non opus est nobis nimium lectore guloso;
hunc uolo, non fiat qui sine pane satur.

5

LXIV

Contigeris regina meos si Polla libellos,
non tetrica nostros excipe fronte iocos.
Ille tuus uates, Heliconis gloria nostri,
Pieria caneret cum fera bella tuba,
non tamen erubuit lasciuo dicere uersu
“Si nec pedicor, Cotta, quid hic facio?”

5

os limiares, nem ao vate convém tais perdas de tempo.⁸⁴⁴

Pelos templos das Musas, a mim venerandos, por todos

os deuses, juro: mesmo não sendo um bajulador, eu amo.⁸⁴⁵

59

Se uma coluna minha é tomada por um único título⁸⁴⁶, você passa adiante,

e são os poemas mais breves, não os melhores, que te agradam.

Um rico jantar, abastecido por todos os mercados, te é servido,

mas somente as guloseimas te deleitam.

Não preciso de um leitor guloso demais;

5

viso àquele que não pode ficar saciado sem pão.⁸⁴⁷

64

Se topares, Pola⁸⁴⁸, minha rainha, com os meus livrinhos,

acolhe com fronte não carregada os meus gracejos.

Aquele teu poeta, glória do nosso Hélicon⁸⁴⁹,

ainda que em piéria tuba cantasse as ferozes guerras,⁸⁵⁰

não se envergonhou, porém, de dizer num verso lascivo:

5

“Se eu não sou enrabado, Cota, o que faço aqui?”⁸⁵¹

⁸⁴⁴ Cf. I, 70, 16-18; I, 107; III, 4, 5-6 e VIII, 55.

⁸⁴⁵ Marcial parece querer se desculpar com Frontino por não cumprir devidamente os deveres de cliente, garantindo que seu apreço pelo patrono não é, por isso, menor. Pode-se pensar ainda que o poeta quer dizer a Frontino que, mesmo não sendo um cliente exemplar, também merece receber de presente um jovem escravo ou escrava, interpretação essa que poderia encontrar respaldo em VIII, 73.

⁸⁴⁶ Isto é, por um único poema.

⁸⁴⁷ Ou seja, seus poemas são destinados àqueles que querem um alimento forte, que nutre, ou seja, àqueles que lêem o livro todo (o rico jantar), não só os epigramas curtos (as guloseimas). Para outras metáforas envolvendo poemas e alimentos, ver X, 45, acima.

⁸⁴⁸ Pola Argentária, esposa do poeta Lucano (Marco Aneu Lucano), já falecido à época da publicação deste Livro X (ele tivera de se suicidar em 65 d.C. depois de seu envolvimento na conspiração de Pisão, durante o principado de Nero, cf. *OCD*: 94). Marcial dedica a ela (e ao marido falecido) dois epigramas: VII, 21 e VII, 23.

⁸⁴⁹ O monte Hélicon, morada das Musas segundo Hesíodo (*Teogonia*). Ver n. a IX, 58, 6 e cf. notas a IV, 14, 1 e IX, 84, 3.

⁸⁵⁰ Lucano escrevera um poema épico, *De Bello Ciuili* ou *Pharsalia*, em que retratava a guerra civil travada entre César e Pompeu no primeiro século a.C. (*OCD*: 94-95). Sobre o qualificativo “piéria”, veja-se n. a IX, 84, 3 e, para a metáfora “tuba” para designar a poesia épica, nota a VIII, 3, 22.

⁸⁵¹ Além da obra épica, Lucano escrevera também epigramas, dos quais apenas fragmentos chegaram aos dias de hoje (*OCD*: 95). O verso citado por Marcial pertenceu, provavelmente, a esse gênero menor praticado por

LXX

Quod mihi uix unus toto liber exeat anno

desidiaē tibi sum, docte Potite, reus.

Iustius at quanto mirere quod exeat unus,

labantur toti cum mihi saepe dies.

Non resalutantis uideo nocturnus amicos,

5

gratulor et multis; nemo, Potite, mihi.

Nunc ad luciferam signat mea gemma Dianam,

nunc me prima sibi, nunc sibi quinta rapit.

Nunc consul praetorue tenet reducesque choreae,

auditur toto saepe poeta die.

10

Sed nec causidico possis inpune negare,

nec si te rhetor grammaticusue rogent:

balnea post decumam lasso centumque petuntur

quadrantes. Fiet quando, Potite, liber?

Lucano, mas Izaak (*Ep-BL*²: 100, n. 1) afirma não ter encontrado nenhum verso semelhante a ele entre o que restou da obra do poeta neroniano.

Porque a custo sai à luz, durante um ano inteiro, um único livro meu,
 de ociosidade sou por você acusado, douto Potito⁸⁵².
 Mas quão mais justo seria você ficar admirado de que um saia à luz
 quando muitas vezes se perdem para mim dias inteiros!⁸⁵³
 Vou ver, ainda escuro, amigos que não retribuem minha saudação,
 e cumprimento a muitos; ninguém, Potito, a mim.⁸⁵⁴
 Às vezes o meu sinete sela⁸⁵⁵ documentos no templo de Diana Lucífera⁸⁵⁶,
 outras vezes a primeira hora⁸⁵⁷, outras a quinta⁸⁵⁸ me toma para si.
 Outras vezes um cônsul ou pretor me retém, e as coortes⁸⁵⁹ que os acompanham;⁸⁶⁰
 freqüentemente tenho de passar o dia todo a ouvir um poeta.⁸⁶¹
 E não se pode impunemente dizer “não” a um advogado,⁸⁶²
 nem a um retor ou gramático⁸⁶³, se te solicitam.
 Depois da décima hora⁸⁶⁴ estou esgotado, e os banhos alcanço
 e os cem quadrantes.⁸⁶⁵ Quando é, Potito, que eu vou fazer um livro?⁸⁶⁶

⁸⁵² Desconhecido; é o único epigrama de Marcial em que é citado.

⁸⁵³ Ou seja, “em vez de ficares admirado porque *só* publico um livro durante um ano todo, deverias ficar admirado é com o fato de eu ainda conseguir publicar *um* mesmo com todas as obrigações a que me vejo sujeito como cliente”.

⁸⁵⁴ Sobre a *salutatio*, veja n. a I, 39, 8 e a IV, 8, 1; sobre patronos ingratos, n. a I, 70, 18.

⁸⁵⁵ Ver n. a I, 53, 2.

⁸⁵⁶ Que ficava no monte Aventino (ver n. a VI, 64, 13). Um dos epítetos de Diana é Lucífera, devido à sua identificação com a Lua.

⁸⁵⁷ Ver n. a IV, 8, 1.

⁸⁵⁸ Ver n. a IV, 8, 4.

⁸⁵⁹ Optamos pela lição *cohortes*, de Friedlaender (vejam-se as notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 102).

⁸⁶⁰ O cônsul, o mais alto magistrado durante a República (eram dois, eleitos anualmente), perdeu grande parte de sua importância durante o Império, quando se tornou um cargo mais honorífico que executivo. Durante a República, era o responsável, entre outras coisas, por presidir os tribunais, tarefa logo relegada ao pretor, sobretudo no que tange ao direito civil; à época de Marcial, era o pretor o principal responsável pela lei e pelos julgamentos, mas o cônsul exercia igualmente a justiça em alguns casos (*OCD*: 383-384 e 1240).

⁸⁶¹ Provavelmente, patronos ou amigos que escreviam poesia e que Marcial era obrigado, por razões óbvias, a ouvir e prestigiar.

⁸⁶² Que precisava de uma testemunha ou, simplesmente, de aplausos.

⁸⁶³ Ver n. a IX, 73, 8.

⁸⁶⁴ Isto é, depois do período compreendido entre as 16 e as 17h; logo, depois das 17h.

⁸⁶⁵ Era o valor da espórtula (ver n. a III, 30, 1). Marcial reclama que ficou ocupado com os deveres de cliente durante o dia todo, e que só pode ir ao banho depois da décima hora, quando o horário normal para isso seria entre as 14 e as 16h (ver n. IV, 8, 5).

⁸⁶⁶ Cf. I, 70, 16-18; I, 107; III, 4, 5-6; VIII, 55 e X, 58.

LXXIV

Iam parce lasso, Roma, gratulatori,
lasso clienti. Quamdiu salutator
anteambulones et togatulos inter
centum merebor plumbeos die toto,
cum Scorpis una quindecim graues hora
feruentis auri uictor auferat saccos?

5

Non ego meorum praemium libellorum
– quid enim merentur? – Apulos uelim campos;
non Hybla, non me spicifer capit Nilus,
nec quae paludes delicata Pomptinas
ex arce cliui spectat uua Setini.
Quid concupiscam quaeris ergo? Dormire.

10

LXXVI

Hoc, Fortuna, tibi uidetur aequum?
civis non Syriaeue Parthiaeue,

Poupa agora, Roma, um fatigado congratulador,
 um fatigado cliente. Por quanto tempo eu, saudador⁸⁶⁷
 entre batedores⁸⁶⁸ e pobres clientes,
 receberei cem tostões de chumbo⁸⁶⁹ por um dia inteiro,
 enquanto Escorpo⁸⁷⁰, se sai vencedor, em uma única hora 5
 aufere quinze pesados sacos de ouro ainda quente?⁸⁷¹
 Eu não desejaria, como prêmio por meus livrinhos
 – pois que mérito têm eles? –, os campos da Apúlia⁸⁷²;
 não me seduz o Hibla⁸⁷³, nem o Nilo rico em espigas⁸⁷⁴,
 nem os Pântanos Pontinos, que a deliciosa uva 10
 contempla do alto da encosta de Sécia⁸⁷⁵.
 Queres saber, então, o que eu mais desejo? Dormir.⁸⁷⁶

76

Isto, Fortuna⁸⁷⁷, te parece justo?
 Um cidadão, não da Síria ou da Pártia⁸⁷⁸,

⁸⁶⁷ Ver notas a I, 39, 8 e a IV, 8, 1.

⁸⁶⁸ No original, *anteambulones*, escravos, ou, mesmo, clientes, que corriam na frente de seus senhores ou patronos, a fim de abrir caminho à sua passagem.

⁸⁶⁹ Ver n. a III, 30, 1. O termo *plumbeos* refere-se ao baixo valor (cf. *OLD*: 1392-2b) que possuíam os cem quadrantes da espórtula (os romanos, ao que parece, não costumavam cunhar moedas em chumbo, cf. *OCD*: 358-360).

⁸⁷⁰ Ver n. a V, 25, 10.

⁸⁷¹ Cf. III, 4, 5-8; V, 16; V, 25, 9-10 e X, 9 (especialmente V, 25 e X, 9, que falam de Escorpo e de seu cavalo).

⁸⁷² A Apúlia (ver n. a V, 30, 2) era uma região muito fértil, dedicada à produção de vinho e azeite e à pecuária.

⁸⁷³ Ver n. a VII, 88, 8.

⁸⁷⁴ Um terço do trigo consumido em Roma vinha do fértil vale do Nilo, no Egito (*CLS*: 418).

⁸⁷⁵ Ou seja, o monte Albano, próximo da cidade de Sécia (moderna Sezza), no Lácio, cerca de 48km a sudeste de Roma (*GAW*: 20). O vinho da região era muito apreciado (ver n. a VIII, 55, 14 e cf. *Xenia*, 112). Do alto do monte Albano (atual monte Cavo) podia-se ver os Pântanos Pontinos, região alagadiça entre Sécia e Ânxur, formada pela estagnação do rio Ufente e de outros cursos d'água (*OCD*: 1219).

⁸⁷⁶ Isto é, ficar livre das obrigações de cliente, sobretudo da *salutatio*. Sobre essas incômodas obrigações e seus efeitos negativos sobre os poetas, cf. ainda o epigrama X, 70, logo acima, e I, 70, 16-18; I, 107; III, 4; VIII, 55 e X, 58.

⁸⁷⁷ Entre os romanos, a deusa da sorte, do acaso (*OCD*: 606).

⁸⁷⁸ A Pártia, nação soberana que sempre constituiu um problema para o Império Romano, ficava entre a Mesopotâmia, o Mar Cáspio e o Golfo Pérsico, estendendo-se, a leste, até as regiões hoje correspondentes aos atuais Afeganistão e Turcomenistão (*GAW*: 476). A Síria, que se tornou província romana em 64 ou 63 a.C.,

nec de Cappadocis eques catastis,
sed de plebe Remi Numaeque uerna,
iucundus, probus, innocens amicus,
lingua doctus utraque, cuius unum est,
sed magnum uitium, quod est poeta,
pullo Meuius alget in cucullo,
cocco mulio fulget Incitatus.

5

LXXVIII

Ibis litoreas, Macer, Salonas,
ibit rara fides amorque recti
et quae, cum comitem trahit pudorem,
semper pauperior redit potestas:
felix auriferae colone terrae,
rectorem uacuo sinu remittes

5

compreendia, à época de Marcial, uma região limitada pelo monte Líbano (a oeste), pelo rio Eufrates (a leste) e pela Arábia (ao sul), não correspondendo exatamente aos limites do atual Estado da Síria (GAW: 616).

um cavaleiro saído não de dentre os escravos capadócios⁸⁷⁹,
mas da plebe romana de Remo e de Numa⁸⁸⁰,
um amigo agradável, íntegro e puro, 5
douto em ambas as línguas⁸⁸¹, cujo único
– mas grande – defeito é que é poeta,
o Mévio⁸⁸², passa frio em uma capa⁸⁸³ escura,
enquanto refulge em seu manto escarlate o cocheiro Incitado.⁸⁸⁴

78

Partirás, Macro⁸⁸⁵, para a litorânea Salona⁸⁸⁶,
partirá essa rara fidelidade e esse amor à retidão,
e uma autoridade que, quando por companheira tem a decência,
sempre mais pobre acaba retornando:
ó feliz habitante de aurífera terra⁸⁸⁷, 5
o governador de bolsos vazios você nos devolverá,⁸⁸⁸
e desejará que se demore; ao partir ele,

⁸⁷⁹ Ver n. a VI, 85, 3.

⁸⁸⁰ Isto é, um cidadão nascido em Roma, filho de romanos, e não um natural de outras regiões do Império que não era cidadão romano ou que havia obtido esse direito posteriormente. Sobre Numa e Remo, ver notas a X, 35, 14 e a I, 3, 4, respectivamente.

⁸⁸¹ O latim e o grego (ver n. a I, 39, 3).

⁸⁸² Ou é um amigo real do poeta, ou um nome fictício, que também é utilizado em XI, 46.

⁸⁸³ O *cucullus* era o nome dado ao capuz (*OLD*: 464), mas, ao que parece, também designava a capa dotada de capuz, esta também chamada *paenula*. Compare com o *bardocucullus*, a *paenula* e a *lacerna*, vendo as notas a I, 53, 5; II, 57, 4 e I, 96, 4, respectivamente.

⁸⁸⁴ A exemplo de Escorpo (ver n. a V, 25, 10), *Incitatus* era um cocheiro das corridas de carros no circo, pelo que demonstra este epigrama e XI, 1, que será visto mais abaixo. Note-se também que se traduziu por “manto escarlate” o substantivo *coccum* (cf. *cocco*), que designava tanto o corante vermelho extraído do inseto (ver n. a I, 96, 6) e o próprio inseto, quanto a roupa tingida com a substância (*OLD*: 341-1 e 2). Sobre a pouca valorização dos poetas em relação a outras profissões ou artes, assunto que Marcial aborda constantemente neste Livro X, cf. III, 4, 5-8; V, 16; V, 25, 9-10; X, 9 e X, 74. Vejam-se ainda I, 70, 16-18; I, 107; III, 4, 5-6; VIII, 55 e X, 58, em que Marcial reclama da falta de recursos dos poetas e dos prejuízos trazidos a eles pela vida de clientes.

⁸⁸⁵ Ver a primeira nota a X, 18, 1.

⁸⁸⁶ Atual cidade croata de Solin, era a capital da província romana da Dalmácia, na costa leste do mar Adriático (*OLD*: 1350).

⁸⁸⁷ A Dalmácia possuía minas de ouro, embora elas não fossem tão ricas quanto as de outras regiões dos Bálcãs (*CLS*: 416 e *OCD*: 642).

⁸⁸⁸ Ou seja, Macro governará honestamente, sem se aproveitar de seu cargo de legado em benefício próprio, isto é, sem fraudar os cofres públicos e os habitantes da Dalmácia. Eram comuns, sobretudo durante a República, os abusos e extorsões praticados pelos governantes de províncias (*CLS*: 397-398), e o caso mais famoso de concussão em Roma talvez tenha sido o de Verres, que explorou e oprimiu a província da Sicília quando ali foi procônsul, entre 73 e 71 a.C. (*OCD*: 1588).

optabisque moras, et exeuntem
udo Dalmata gaudio sequeris.
Nos Celtas, Macer, et truces Hiberos
cum desiderio tui petemus. 10
Sed quaecumque tamen feretur illinc
piscosi calamo Tagi notata,
Macrum pagina nostra nominabit:
sic inter ueteres legar poetas,
nec multos mihi praeferas priores, 15
uno sed tibi sim minor Catullo.

XCIII

Si prior Euganeas, Clemens, Helicaonis oras
pictaque pampineis uideris arua iugis,
perfer Aestinae nondum uulgata Sabinae
carmina, purpurea sed modo culta toga.

com lacrimosa alegria, ó dálmata, você o seguirá.

Quanto a mim, Macro, aos celtas e aos ferozes iberos⁸⁸⁹

me dirigirei, com saudades de ti.

10

Mas todo escrito meu que de lá for trazido,

pelo cálamo do piscoso Tago traçado,⁸⁹⁰

mencionará o nome de Macro:

que assim eu possa ser lido, ao lado dos poetas antigos,

e que não coloques muitos acima de mim,

15

mas que eu seja, para ti, inferior apenas a Catulo.⁸⁹¹

93

Se você vir primeiro, Clemente, as eugêneas terras de Helicáon⁸⁹²

e as searas ornadas de pampanosas estacas,⁸⁹³

leve a Sabina de Ateste⁸⁹⁴ estes poemas ainda não publicados,

mas há bem pouco envolvidos em sua toga purpúrea.⁸⁹⁵

⁸⁸⁹ Marcial se refere aos dois principais povos que habitavam a Hispânia (isto é, a Península Ibérica) antes da chegada dos fenícios e gregos e, posteriormente, dos romanos. Os escritores antigos chamavam celtas aos povos que habitavam uma grande faixa de terra, ao norte do Mediterrâneo, que ia da *Gallaecia* (a Galícia, no norte do atual Portugal) à *Galatia* (Galácia, região central da Ásia Menor, na atual Turquia); a denominação aplicada aos povos das ilhas britânicas é posterior (*OCD*: 306-307).

⁸⁹⁰ A respeito do Tago, ver n. a VII, 88, 7. Este epigrama faria parte da segunda edição do Livro X, publicado em meados de 98 d.C., quando o poeta se preparava para retornar à sua Bílbilis, na Hispânia (ver n. ao Livro X, título, e a X, 2, 4).

⁸⁹¹ Sobre Catulo, ver nota 5 ao prefácio do Livro I. Aqui Marcial é mais modesto que em IV, 23, em que reservava para si o primeiro lugar no epigrama latino. Cf. também VII, 99, em que diz modestamente ser um pouco inferior a Marso e a Catulo.

⁸⁹² Ou seja, *Patauium* (a moderna Pádua), na Gália Cisalpina, norte da Itália; fora fundada, segundo a lenda, por Antenor, pai de Licáon ou Helicáon (*OLD*: 100 e *DMG*: 49). Os eugêneos eram um povo que habitava a região transpadana da Gália Cisalpina (*OLD*: 626). Quanto a Clemente, deve ser algum amigo ou conhecido de Marcial.

⁸⁹³ Isto é, as estacas que sustentam os pampânos, nome dado aos ramos ainda novos das videiras, ainda não carregados com os cachos de uvas. A região do vale do Pó era extremamente fértil, com grande produção de uva e de vinho, entre outros produtos.

⁸⁹⁴ Atual cidade italiana de Este, ficava a cerca de 34km a sudoeste de Pádua. Sabina, moradora de Ateste, talvez fosse parente ou amiga de Clemente.

⁸⁹⁵ Ver n. a I, 66, 11.

Vt rosa delectat, metitur quae pollice primo,
sic noua nec mento sordida charta iuuat.

5

C

Quid, stulte, nostris uersibus tuos misces?
cum litigante quid tibi, miser, libro?
quid congregare cum leonibus uulpes
aquilisque similes facere noctuas quaeris?
habeas licebit alterum pedem Ladae,
inepte, frustra crure ligneo cures.

5

CII

Qua factus ratione sit requiris,
qui numquam fuit, pater Philinus?
Gaditanus, Auite, dicat istud,
qui scribit nihil et tamen poeta est.

Assim como encanta a rosa que se é o primeiro a colher, 5
também o livro, novo e não sujo por um queixo⁸⁹⁶, dá prazer.⁸⁹⁷

100⁸⁹⁸

Por que, estúpido, você mistura aos meus versos os teus?

De que te serve, infeliz, um livro que te acusa?⁸⁹⁹

Por que procura juntar raposas com leões

e igualar corujas a águias?⁹⁰⁰

Ainda que tenha um dos pés de Ladas⁹⁰¹, 5

você corre inutilmente, tolo, com uma perna de pau.⁹⁰²

102⁹⁰³

Você quer saber de que forma se tornou pai

Fileno, ele que nunca fode?

Gaditano poderia, Avito⁹⁰⁴, isso te explicar,

ele que nada escreve e, todavia, é poeta.⁹⁰⁵

⁸⁹⁶ Ver n. a I, 66, 8.

⁸⁹⁷ Este poema provavelmente fazia parte da primeira edição do Livro X – já que o poeta diz que os poemas do livro são inéditos (cf. v. 3) – e Marcial tê-lo-ia mantido na edição de 98 d.C. (ver n. ao Livro X, título, e a X, 2, 4). Pode ser também que os poemas aludidos sejam epigramas enviados exclusivamente a Sabina, que ninguém mais conhecia, uma vez que não tinham sido ainda publicados.

⁸⁹⁸ Ver n. a I, 29.

⁸⁹⁹ Assim como em I, 53, critica-se o plagiário que mistura seus versos àqueles surrupiados dos livros de Marcial. E, como naquele epigrama, o próprio livro do plagiário, assim construído, denuncia a apropriação indevida.

⁹⁰⁰ Essas metáforas reforçam a distância qualitativa entre os versos do plagiário (raposas, corujas) e os de Marcial (leões, águias).

⁹⁰¹ Ver n. a II, 86, 8.

⁹⁰² A interpretação destes dois versos finais pode ser a seguinte: de nada adianta, ao plagiário, ter somente um dos pés de Ladas (comparado aqui aos poemas de boa qualidade de Marcial) se o outro pé é de pau (os poemas medíocres de autoria do próprio plagiador). Cf. também os outros epigramas que criticam plagiários: I, 29; I, 38; I, 52; I, 63; I, 66; I, 72; II, 20 e VII, 77.

⁹⁰³ Ver n. a I, 29.

⁹⁰⁴ Ver primeira nota a I, 16, 2.

⁹⁰⁵ Ou seja, Gaditano é um plagiador. Marcial o compara a Fileno, que nunca tem relações sexuais e, no entanto, é pai (talvez Fileno fosse traído pela mulher); Gaditano, da mesma forma, nada escreve e, entretanto, é poeta, graças a produções alheias (note-se a analogia entre a paternidade biológica e a paternidade intelectual). Fileno e Gaditano – que constituem, evidentemente, nomes fictícios – são falsos pais, um de filhos, outro de obras. Cf. também o epigrama anterior e os outros em que Marcial ataca os plagiários: I, 29; I, 38; I, 52; I, 53; I, 63; I, 66; I, 72; II, 20 e VII, 77.

CIII

Municipes Augusta mihi quos Bilbilis acri

monte creat, rapidis quem Salo cingit aquis,
ecquid laeta iuuat uestri uos gloria uatis?

nam decus et nomen famaue uestra sumus,
nec sua plus debet tenui Verona Catullo
meque uelit dici non minus illa suum.

5

Quattuor accessit tricesima messibus aestas,

ut sine me Cereri rustica liba datis,
moenia dum colimus dominae pulcherrima Romae:

mutauere meas Itala regna comas.

10

Excipitis placida reducem si mente, uenimus;

aspera si geritis corda, redire licet.

Meus compatriotas, que a augusta BÍlbilis nutre

no áspero monte que o Salão cinge com rápidas águas,⁹⁰⁶

agrada-vos a ditosa glória de vosso vate?

Pois sou vossa honra, renome e fama;⁹⁰⁷

não deve mais ao engenhoso Catulo a sua Verona,⁹⁰⁸

5

e ela não desejaria menos que eu lhe pertencesse.

A quatro colheitas se juntaram trinta verões

desde que sem mim ofereceis a Ceres rústicos bolos,⁹⁰⁹

enquanto os belíssimos muros habito da soberana Roma:⁹¹⁰

transformaram os meus cabelos as ítalas paragens.⁹¹¹

10

Se recebeis amavelmente a este que retorna, eu chego;

se hostis apresentais os corações, posso de novo partir.

⁹⁰⁶ BÍlbilis, a terra natal de Marcial (ver n. a VII, 88, 7), se localizava numa elevação rochosa próxima à confluência dos rios BÍrbilis e Salão, os atuais Jiloca e Jalón, respectivamente (GAW: 111).

⁹⁰⁷ Cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4; X, 3, 10 e X, 9, 3-4.

⁹⁰⁸ Catulo (ver n. 5 ao prefácio do Livro I) nascera em Verona (na Gália Cisalpina, norte da Itália) cerca de 87 a.C. (GAW: 686).

⁹⁰⁹ Os *liba* eram uma espécie de bolo que os antigos gregos e romanos ofereciam aos deuses nos sacrifícios (OLD: 272). Ceres, associada à Deméter grega, era a deusa da agricultura, dos cereais (OLD: 313).

⁹¹⁰ Marcial permaneceu em Roma trinta e quatro anos (cf. v. 7). Como o epigrama 103, a exemplo de X, 78, teria sido incluído na segunda edição do Livro X, publicada pouco antes do retorno do poeta à sua terra natal (98 d.C., cf. n. a X, 78, 2), é possível saber o ano da chegada de Marcial a Roma: 64 d.C., data do grande incêndio ocorrido durante o principado de Nero (Sullivan: 3). As metáforas que o poeta usa nos vv. 7-9 são belíssimas: ao invés de dizer que partiu há trinta e quatro anos, diz que já são passados trinta verões mais quatro colheitas que ele não acompanha seus compatriotas nos sacrifícios a Ceres.

⁹¹¹ À época da publicação do Livro X, Marcial já não era, de fato, jovem: tinha cinquenta e sete anos, de acordo com o epigrama 24 deste livro, que o poeta escreveu para celebrar seu 57^o aniversário. O dado possibilitou aos estudiosos calcular aproximadamente a data de nascimento do poeta: entre 38 e 41 d.C., já que o Livro X possuiu edições em 95 e 98, e o poema X, 24 deve ter sido escrito em algum ano entre essas duas datas (Sullivan: 2).

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER XI

I

Quo tu, quo, liber otiose, tendis
cultus Sidone non cotidiana?
numquid Parthenium uidere? Certe;
uadas et redeas ineuolutus:
libros non legit ille sed libellos;
nec Musis uacat, aut suis uacaret.
Ecquid te satis aestimas beatum,
contingunt tibi si manus minores?
Vicini pete porticum Quirini:
turbam non habet otiosiore
Pompeius uel Agenoris puella,
uel primae dominus leuis carinae.
Sunt illic duo tresue qui reuoluant

5

10

DÉCIMO PRIMEIRO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL⁹¹²

1

Aonde você vai, livro ocioso, aonde vai,
vestido com uma púrpura⁹¹³ que não é a do dia-a-dia?⁹¹⁴
Acaso vai ver Partênio⁹¹⁵? Sem dúvida.

Vá e volte sem ter sido desenrolado:

ele não lê livros, mas requerimentos;

5

não tem tempo para as Musas, ou o teria para as suas.

Você porventura se julga feliz o bastante

se te tocam mãos inferiores?

Dirija-se então ao pórtico do vizinho Quirino⁹¹⁶:

uma turba mais desocupada não possui

10

Pompeu⁹¹⁷ ou a filha de Agenor⁹¹⁸,

ou o chefe volúvel da primeira nau⁹¹⁹.

Lá há dois ou três que podem fazer cair

⁹¹² Publicado em dezembro, durante as Saturnais de 96 d.C., três meses depois do assassinato de Domiciano. Como bem lembra Sullivan (p. 46), esse dado é importante porque, a exemplo da segunda edição do Livro X (ver n. ao Livro X, título, e a X, 2, 4), o XI teria sido bastante diferente se o complô de 96 não tivesse ocorrido. As principais diferenças estariam, evidentemente, na quantidade de epigramas dedicados a Domiciano, que foram substituídos, no Livro XI, por tímidas tentativas de agradar ao novo soberano, Nerva (ver n. a IX, 26, 1).

⁹¹³ O original traz *Sidon* (cf. *Sidone*), a cidade fenícia de Sídón (atual Saída, no Líbano), grande produtora de púrpura (GAW: 588) como sua vizinha Tiro (ver n. a I, 53, 4). Marcial usa o termo metonimicamente, designando o produto produzido (a púrpura) através do nome da cidade produtora.

⁹¹⁴ Provavelmente a edição enviada a Partênio era de luxo, estava em “trajes de festa”, “não cotidianos” (ver n. a I, 66, 11).

⁹¹⁵ Ver n. a V, 6, 2. Mesmo após a morte de Domiciano (na qual teve participação), Partênio continuou a ser uma pessoa influente durante o governo de Nerva, mas foi executado um ano depois, em meados de 97 d.C., por pressão da guarda pretoriana (Sullivan: 46).

⁹¹⁶ Vizinho porque a casa de Marcial ficava perto do templo e dos pórticos dedicados ao deus Quirino (ver notas a X, 26, 3 e a X, 58, 10), no monte Quirinal (ver mapa do Anexo I).

⁹¹⁷ Ou seja, os pórticos do teatro de Pompeu (ver n. a V, 10, 5).

⁹¹⁸ Os pórticos de Europa, localizados no Campo de Marte, ao lado das Cercas Júlias (ver n. a II, 57, 2). Na mitologia, Europa era a filha do rei fenício Agenor, e, quando brincava nas praias de Sídón com suas companheiras, despertara a paixão de Zeus. Este, sob a forma de um touro branco, a carregara, através dos mares, para a ilha de Creta, onde os dois se uniram ao pé de uma fonte. Europa teve então três filhos: Minos, Sarpêdon e Radamanto (DMG: 147).

⁹¹⁹ Jasão, o comandante dos argonautas (ver notas a VIII, 28, 8 e a VIII, 28, 20). O herói é dito “volúvel” (*leuis*) porque, de acordo com o mito, abandonou Medéia para se casar com outra jovem, mesmo depois de ter sido ajudado pela feiticeira a obter o Velo de Ouro (ver primeira nota a X, 4, 2).

nostrarum tineas ineptiarum,
sed cum sponsio fabulaeque lassae
de Scorpo fuerint et Incitato. 15

II

Triste supercilium durique seuera Catonis
frons et aratoris filia Fabricii
et personati fastus et regula morum
quidquid et in tenebris non sumus, ite foras.
Clamant ecce mei “Io Saturnalia” versus: 5
et licet et sub te praeside, Nerva, libet.
Lectores tetrici salebrosum ediscite Santram:
nil mihi uobiscum est: iste liber meus est.

as traças de minhas ninharias⁹²⁰,
mas só quando tiverem se esgotado as apostas e discussões
sobre Escorpo e Incitado.⁹²¹

15

2

Sobrancelha franzida e severa fronte
do duro Catão⁹²², filha do lavrador Fabrício⁹²³,
mascarados orgulhos, lei dos costumes
e tudo o que não somos na intimidade, vão para fora!
Eis o que clamam meus versos: “Viva as Saturnais!”;⁹²⁴
isso é permitido, e, sob o teu governo, Nerva⁹²⁵, prazeroso.
Leitores sombrios, decorem o áspero Santra⁹²⁶;
não tenho nada a ver com vocês: este livro pertence a mim.⁹²⁷

5

⁹²⁰ *Ineptiae* (cf. *ineptiarum*), no original; é outro termo com que Marcial designa freqüentemente os seus livros. Equivale aproximadamente a *nugae* (ver n. a I, 113, 6) e significa algo como “bobagens”, “besteiras”, “ninharias”, “bagatelas” (*OLD*: 891-b).

⁹²¹ A respeito desses dois aurigas, vejam-se notas a V, 25, 10 e a X, 76, 9, respectivamente. Embora exalte constantemente o talento e a popularidade de seus poemas, Marcial reconhece que eles não são a paixão nacional dos romanos. Sobre a inferioridade da poesia em relação às corridas do circo, cf. V, 25; X, 9; X, 74 e X, 76. Em relação a outras artes e profissões, cf. ainda III, 4, 5-8; V, 16 e IX, 73.

⁹²² Ver n. a X, 20, 21.

⁹²³ Gaio Luscínio Fabrício (ver n. a VII, 68, 4). Segundo Valério Máximo (IV, 4, 10), reportado por Izaac (*EpBL*²: 282, n. 6 à p. 117), esse Fabrício era tão honesto e parcimonioso que não teve sequer recursos suficientes para o dote de sua filha, que teve de ser pago pelo Senado romano.

⁹²⁴ *Io Saturnales!* era o que gritavam as pessoas pelas ruas de Roma, durante as Saturnais (Robert: 88; ver ainda n. a IV, 14, 7). Marcial, como de costume, associa seus epigramas a essas festas (cf. IV, 14; V, 30 e X, 18), destacando o caráter franco e sem dissimulações de sua poesia, em oposição à austeridade hipócrita e à moderação e parcimônia excessivas representadas pelos exemplos dos Catões e de Gaio Fabrício (cf. vv. 1-2). Os versos do poeta são alegres e livres como as Saturnais, em que as pessoas se despem de seus orgulhos, de seus princípios morais, em que descem dos pedestais de suas posições sociais e revelam muito de sua verdadeira personalidade, contida e reprimida pelas convenções morais que dominam a sociedade durante o ano todo (cf. vv. 3-4).

⁹²⁵ Ver n. a IX, 26, 1.

⁹²⁶ Poeta trágico e erudito romano do século I a.C., autor também de biografias sobre pessoas famosas (*OCD*: 1354). Segundo Marcial, seus versos eram obscuros, difíceis de entender, de estilo pouco fluente (cf. *salebrosum* - *OLD*: 1680-3).

⁹²⁷ Isto é, “tem a ver comigo”, e por isso é jovial e de leitura fácil e agradável.

III

Non urbana mea tantum Pipleïde gaudent
otia nec uacuis auribus ista damus,
sed meus in Geticis ad Martia signa pruinis
a rigido teritur centurione liber,
dicitur et nostros cantare Britannia uersus.

5

Quid prodest? nescit sacculus ista meus.
At quam uicturas poteramus pangere chartas
quantaque Pieria proelia flare tuba,
cum pia reddiderint Augustum numina terris,
et Maecenatem si tibi, Roma, darent!

10

3

Não são apenas os ócios da Urbe⁹²⁸ que se divertem com a minha Pipleide⁹²⁹,

nem é só para ouvidos desocupados que produzo estes versos,

mas nas neves géticas⁹³⁰, junto das insígnias de Marte,

tem sempre à mão o meu livro o rígido centurião,⁹³¹

e dizem que a Britânia declama os meus versos.⁹³²

5

De que me adianta? A minha bolsa não sabe disso.⁹³³

Mas quão imortais escritos eu poderia compor,

e quão grandiosas batalhas soprar com a piéria tuba,⁹³⁴

se os deuses piedosos, depois que restituíram Augusto⁹³⁵ à Terra,

também um Mecenas, Roma, concedessem a ti!⁹³⁶

10

⁹²⁸ Roma.

⁹²⁹ Ou seja, “a minha Musa” (Talia, evidentemente). O nome se deve à fonte chamada Pipla ou Pimpla (*OLD*: 1380), dedicada às Musas, e que ficava na Piéria (norte da Grécia), um dos locais apontados pela tradição literária como a morada dessas deusas (ver n. a IX, 84, 3; *OCD*: 1002).

⁹³⁰ Isto é, nas regiões habitadas pelos getas, povo que se estabelecera ao sul do Danúbio, na Trácia (ver primeira n. a VII, 8, 2), por volta do século IV a.C. (*OCD*: 636).

⁹³¹ Marcial se gaba de ser lido não só na capital do Império, pela plebe desocupada e pelos nobres em seus momentos de descanso, mas também nas províncias e nas frentes de batalha. O centurião (o comandante da centúria, divisão do exército romano composto, em geral, por cem soldados; *OCD*: 310), mesmo em campanha, têm sempre à mão os livros do poeta (cf. vv. 3-4).

⁹³² A província romana da Britânia, conquistada definitivamente em 43 d.C. pelo imperador Cláudio, correspondia aos atuais Inglaterra e País de Gales (*GAW*: 121). Em relação à Itália, era uma região distante, e ser lido e conhecido naquelas paragens deveria ser, de fato, uma grande prova do sucesso de um escritor romano. Sobre a popularidade que Marcial diz ter, cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4; X, 3, 10; X, 9, 3-4 e X, 103, 3-4.

⁹³³ Ver n. a I, 39, 8.

⁹³⁴ Isto é, praticar a poesia épica (ver, sobre o qualificativo “piéria” e a metáfora “tuba”, as notas a IX, 84, 3 e a VIII, 3, 22).

⁹³⁵ Louvor ao imperador Nerva (ver n. a IX, 26, 1), aqui comparado a Augusto. No governo deste último, houve grande incentivo aos poetas e aos artistas em geral.

⁹³⁶ Marcial elogia Nerva (ver n. a IX, 26, 1) comparando-o a Augusto, em cujo governo houve grande atividade artística e intelectual. O epigramatista atribui o brilho dos tempos de Augusto ao apoio e incentivo que os poetas e demais artistas recebiam do imperador e de pessoas ligadas a ele, como Gaio Mecenas (ver n. a I, 107, 4) e Asínio Polião (ver n. a V, 16, 12). Assim, depois de Augusto – falecido em 14 d.C., mas restituído à vida na pessoa de Nerva – falta só um Mecenas. Cf. ainda, sobre as reclamações de Marcial quanto à falta de apoio aos poetas de sua época, os epigramas I, 70, 16-18; I, 107; III, 4; V, 25, 9-10; VIII, 55; X, 9; X, 58; X, 70; X, 74 e X, 76.

VI

Vinctis falciferi senis diebus,
regnator quibus inperat fritillus
uersu ludere non laborioso
permittis, puto, pilleata Roma.
Risisti; licet ergo, non uetamur. 5
Pallentes procul hinc abite curae;
quidquid uenerit obuium loquamur
morosa sine cogitatione.
Misce dimidios, puer, trientes,
quales Pythagoras dabat Neroni, 10
misce, Dindyme, sed frequentiores:
possum nil ego sobrius; bibenti
succurrent mihi quindecim poetae.
Da nunc basia, sed Catulliana:
quae si tot fuerint quot ille dixit, 15
donabo tibi Passerem Catulli.

X

Contulit ad saturas ingentia pectora Turnus.
Cur non ad Memoris carmina? Frater erat.

6

Nos esplêndidos dias do velho falcífero,⁹³⁷
nos quais soberano impera o fritilo⁹³⁸,
divertir-me com um verso não trabalhoso⁹³⁹
acho que me permites, ó Roma de píleo à cabeça.⁹⁴⁰
Tu riste; logo, é permitido, e não sou proibido. 5
Pálidos cuidados, afastem-se para longe daqui;
que eu possa dizer tudo o que sem esforço vier à mente,
sem uma enfadonha reflexão.
Prepare, meu jovem, copos de quatro cíatos⁹⁴¹ com o vinho pela metade⁹⁴²,
tais quais os que Pitágoras oferecia a Nero,⁹⁴³ 10
prepare-os, Díndimo⁹⁴⁴, mas mais numerosos:
sóbrio, eu nada posso; bebendo,
vêm em meu auxílio quinze poetas.⁹⁴⁵
Agora, me dê beijos, mas à moda catuliana⁹⁴⁶:
se forem tantos quantos ele disse, 15
te darei o Pardal de Catulo.⁹⁴⁷

10

À sátira dedicou Turno seu elevado talento.
Por que não à poesia de Memor? Era seu irmão.⁹⁴⁸

⁹³⁷ Nos dias das Saturnais, consagradas a Saturno (ver notas a IV, 14, 7 e a V, 16, 5).

⁹³⁸ Ver n. a IV, 14, 8.

⁹³⁹ Isto é, que seja escrito sem nenhum esforço, sem muita preocupação ou reflexão (cf. vv. 6-8, mais abaixo), combinando com a época festiva e de descanso das Saturnais. Veja-se também o epigrama XI, 2, acima.

⁹⁴⁰ Sobre o píleo, ver n. a IV, 14, 7.

⁹⁴¹ *Trientes*, no original (ver n. a IV, 82, 5).

⁹⁴² Ver n. a II, 1, 10.

⁹⁴³ Pitágoras era o escanção de Nero, segundo Tácito (*Annales*, XV, 37).

⁹⁴⁴ Um nome fictício, provavelmente. Designa também, em outros poemas, um eunuco (VI, 39 e XI, 81) e um efeminado (V, 83; X, 42 e XII, 75).

⁹⁴⁵ Em outras palavras: o vinho lhe traz inspiração.

⁹⁴⁶ Ou seja, aos milhares. Marcial se refere aos poemas V e VII de Catulo, dirigidos à amada do poeta veronês, Lésbia.

⁹⁴⁷ Aqui, como em I, 109, 1 e IV, 14, 14, a referência é, mais especificamente, aos poemas II e III de Catulo.

⁹⁴⁸ Turno era um poeta satírico muito popular que viveu no tempo de Domiciano (Marcial também fala dele em VII, 97). Era irmão de Scaevus Memor, poeta trágico que, como demonstra o poema anterior, XI, 9, venceu os Jogos Capitolinos (instituídos por Domiciano; cf. Suetônio, *Dom.*, 4) de 94 d.C., sendo então

XV

Sunt chartae mihi quas Catonis uxor
et quas horribiles legant Sabinae:

hic totus uolo rideat libellus
et sit nequior omnibus libellis.

Qui uino madeat nec erubescat

5

pingui sordidus esse Cosmiano,

ludat cum pueris, amet puellas,

nec per circuitus loquatur illam,

ex qua nascimur, omnium parentem,

quam sanctus Numa mentulam uocabat.

10

Versus hos tamen esse tu memento

Saturnalicios, Apollinaris:

mores non habet hic meos libellus.

XVI

Qui grauis es nimium, potes hinc iam, lector, abire

quo libet: urbanae scripsimus ista togae;

iam mea Lampsacio lasciuit pagina uersu

honrado com uma estátua (*OCD*: 1565 e 955). Marcial diz, brincando, que Turno, do qual talvez tenha sido amigo, possuía grande talento e podia ter se dedicado até à poesia épica, mas que não o fez para não competir com o irmão.

15

Tenho escritos que a esposa de Catão⁹⁴⁹
e que as rústicas sabinas⁹⁵⁰ poderiam ler:
este livrinho, porém, quero que ele inteiro ria,
e que seja mais maroto que todos os meus livrinhos.⁹⁵¹
Que se embriague de vinho e não se envergonhe 5
de estar impregnado de abundante perfume de Cosmo⁹⁵²;
que brinque com os jovens, que ame as meninas,
e que nomeie sem rodeios aquilo
graças ao qual nascemos, o pai de todos,
o qual o venerando Numa⁹⁵³ chamava “cacete”.⁹⁵⁴ 10
Você, porém, lembre-se que estes versos,
Apolinar⁹⁵⁵, são saturnais:
não são os meus costumes que este livro encerra.⁹⁵⁶

16

Você que é muito sério, leitor, pode, a partir daqui, ir embora
para onde te aprouver: escrevi os versos anteriores para a toga da Urbe⁹⁵⁷;
agora, minha coluna⁹⁵⁸ brinca com o verso de Lâmpsaco⁹⁵⁹,

⁹⁴⁹ Ver n. a X, 20, 21.

⁹⁵⁰ Ver n. a X, 33, 1.

⁹⁵¹ Porque é publicado durante as Saturnais. Vejam-se também os epigramas XI, 2 e XI, 6, acima.

⁹⁵² Ver n. a III, 82, 26.

⁹⁵³ Ver n. a X, 35, 14.

⁹⁵⁴ Cf. I, 35; III, 68, 5-10 e o prefácio ao Livro I.

⁹⁵⁵ Ver n. a IV, 86, 3.

⁹⁵⁶ Apesar da liberdade de linguagem que concede a seu livrinho, Marcial não quer que seus escritos sejam confundidos com seus costumes. A mesma preocupação demonstra o poeta no prefácio ao Livro I e em I, 4.

⁹⁵⁷ Isto é, para os cidadãos vestidos com a toga, traje nacional de Roma durante todo o ano, exceto nas Saturnais, em que se envergava a *synthesis* (ver segunda nota a IV, 14, 7).

⁹⁵⁸ Ver nota 6 ao prefácio do Livro I.

⁹⁵⁹ Ou seja, versos obscenos. Um dos principais locais de culto do deus Priapo (ver n. a I, 35, 15) era Lâmpsaco (atual Lapseki, na Turquia), no norte da Ásia Menor, próxima do Helesponto, atual estreito de Dardanelos (GAW: 326-327).

et Tartesiaca concrepat aera manu.
O quotiens rigida pulsabis pallia uena, 5
sis grauior Curio Fabricioque licet!
Tu quoque nequitias nostri lususque libelli
uda, puella, leges, sis Patauina licet.
Erubuit posuitque meum Lucretia librum,
sed coram Bruto; Brute, recede: leget. 10

XVII

Non omnis nostri nocturna est pagina libri:
inuenies et quod mane, Sabine, legas.

e com uma mão tartessíaca bate as castanholas.⁹⁶⁰

Oh, quantas vezes você levantará teus pálios⁹⁶¹ com uma veia enrijecida, 5
ainda que você seja mais grave que Cúrio e Fabrício!⁹⁶²

Até você as obscenidades e gracejos de meus livrinhos
lerá, moça, molhadinha, mesmo que seja de Patávio⁹⁶³.

Enrubesceu Lucrécia⁹⁶⁴ e pôs de lado o meu livro,
mas diante de Bruto; retira-te, Bruto: ela voltará a ler.⁹⁶⁵ 10

17

Nem toda coluna de meu livro é para a noite:
você encontrará também, Sabino⁹⁶⁶, o que pode ler de manhã.⁹⁶⁷

⁹⁶⁰ O poeta se refere às dançarinas de Gades (atual Cádiz, no sul da Espanha), famosas pelos movimentos lascivos que realizavam em sua dança (GAW: 258-259). Tocavam castanholas, provavelmente, como as atuais dançarinas espanholas. O adjetivo “tartessíaca” (cf. *Tartessiaca*) se deve à designação Tartesso, que era atribuída a toda a região do baixo rio Bétis (atual Guadalquivir), embora se referisse mais especificamente à cidade de Tartesso, perto de Gades (GAW: 628-629; ver ainda, na primeira nota a VIII, 28, 6, outros significados que o termo possui). Depois de escrever poemas mais sérios, que não são adequados aos dias festivos das Saturnais, Marcial avisa que vai, a partir de agora, fazer poemas mais licenciosos, obscenos, compostos por versos como os do gênero priápico (que tinham por tema o deus Priapo), e lascivos como as dançarinas de Tartesso. E ele de fato o faz: cf. os epigramas 19, 20 (traduzido abaixo), 21, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 40, 43, 46, 47, etc. Sobre o aviso do poeta aos leitores pudicos e sérios, cf. III, 68.

⁹⁶¹ O *pallium* ou *palla*, que os gregos chamavam *himation*, era um manto usado na Grécia e no mundo grego pelos cidadãos do sexo masculino (mais tarde, também pelas mulheres). Em Roma, era a vestimenta das mulheres, que o colocavam sobre a estola (ver n. a I, 35, 9). Assim, o *pallium* correspondia, para as mulheres, à toga dos homens, sendo a veste usada para sair de casa (CLS: 195). Como Roma era uma cidade cosmopolita e bastante influenciada, na época imperial, pela cultura grega, não era difícil ver pelas ruas ou nos banquetes homens trajados com o *pallium*, como se nota no verso de Marcial.

⁹⁶² Ver notas a VI, 64, 3 e a VII, 68, 4, respectivamente.

⁹⁶³ Patávio (atual Pádua, na Itália; veja n. a X, 93, 1) era famosa pela austera moralidade de seus cidadãos e pela grande virtude de suas mulheres (GAW: 477-478). Mas mesmo uma moça dessa cidade não deixaria de ficar excitada ao ler os seus epigramas, garante Marcial.

⁹⁶⁴ Segundo Tito Lívio (*Ab Vrbe Condita*, I, 57-60), fora a fiel e virtuosa esposa de Lúcio Tarquínio Colatino, e sua história está ligada ao fim da monarquia em Roma e ao início da República. Tendo sido violentada por Sexto Tarquínio, filho do último rei de Roma, Tarquínio Soberbo, Lucrécia se suicidou de vergonha e de desgosto por ver violada sua honra, não sem antes incitar o marido e os outros chefes a vingar sua desonra e morte. Tarquínio Colatino, Lúcio Júnio Bruto e outros cidadãos romanos iniciaram, então, uma revolta que depôs o rei, estabelecendo a República. O marido ultrajado e Bruto foram os primeiros cônsules.

⁹⁶⁵ Marcial exagera, dizendo que a própria Lucrécia, o paradigma da matrona romana honesta e casta, ficaria tentada a ler seus livrinhos licenciosos, e só não o faria diante de Bruto, para manter as aparências. Cf. também os epigramas III, 68 – em que a matrona fica ainda mais interessada nos livrinhos de Marcial quando é informada do conteúdo licencioso dos mesmos – e III, 86, em que ela é surpreendida continuando a leitura, mesmo depois de ter sido avisada dezoito epigramas antes. Por fim, cf. ainda os poemas 2, 6 e 15 deste Livro XI.

⁹⁶⁶ Ver segunda nota a IX, 58, 1.

⁹⁶⁷ Ou seja, apesar da ênfase com que o poeta fala do caráter licencioso deste Livro XI, nem todos os epigramas do volume são para ler à noite, isto é, nem todos são obscenos. Há também aqueles que são sérios,

XX

Caesaris Augusti lasciuos, liuide, uersus

sex lege, qui tristis uerba Latina legis:

“Quod futuit Glaphyran Antonius, hanc mihi poenam

Fuluia constituit, se quoque uti futuam.

Fuluia ego ut futuam? quid si me Manius oret

5

pedicem, faciam? Non puto, si sapiam.” –

“Aut futue, aut pugnemus” ait. – Quid quod mihi uita

carior est ipsa mentula? Signa canant!”

Absoluis lepidos nimirum, Auguste, libellos,

qui scis Romana simplicitate loqui.

10

XXIV

Dum te prosequor et domum reduco,

aurem dum tibi praesto garrienti,

et quidquid loqueris facisque laudo,

quot uersus poterant, Labulle, nasci!

Hoc damnum⁹⁶⁸ tibi non uidetur esse,

5

si quod Roma legit, requirit hospes,

que podem ser lidos de manhã (como os que são dedicados a Nerva ou a outras personalidades importantes, como os de número 1, 3, 4, 5, 9, 10, 13, etc.). Sobre o horário para se ler os versos de Marcial, cf. IV, 8 e X, 20.

⁹⁶⁸ Na edição “Les Belles Lettres”, a palavra termina em “n”, provavelmente um erro tipográfico.

20

Estes seis versos obscenos de César Augusto⁹⁶⁹ leia,

invejoso, você que, mesmo austero, lê palavras de um latim franco⁹⁷⁰:

“Como Antônio⁹⁷¹ fode Gláfira, esta pena para mim

fixou Fúlvia⁹⁷²: que eu a foda também.

Eu, foder Fúlvia? Por quê? Se Mânio pede que eu

5

o enrabe, tenho que fazê-lo? Penso que não, se tenho algum juízo.

‘– Foda-me, ou, então, é guerra!’, diz ela. – ‘Para quê, se me é

mais caro o meu pinto que a própria vida? Soem as trombetas!’ ”⁹⁷³

Sem dúvida perdoas, Augusto, estes livrinhos brincalhões,

tu que sabes falar com romana franqueza.⁹⁷⁴

10

24

Enquanto sigo em teu cortejo e te acompanho até em casa,

enquanto te ofereço meu ouvido quando você matraqueia

e louvo tudo o que você fala e faz,⁹⁷⁵

quantos versos, Labulo⁹⁷⁶, podiam nascer!

Não te parece um ato danoso

5

se aquilo que Roma lê, que o estrangeiro deseja,

⁹⁶⁹ O imperador Otávio Augusto (63 a.C. - 14 d.C.), que de fato escrevia epigramas, compostos geralmente durante o banho, como nos conta Suetônio (*Aug.*, 85).

⁹⁷⁰ Ver n. 7 ao prefácio do Livro I. Cf. também I, 35 e III, 68, 5-10.

⁹⁷¹ Marco Antônio, provavelmente, general e político romano que foi triúmviro juntamente com Otávio (futuro Augusto) e Lépido em 43 a.C. Seria, mais tarde, derrotado pelo próprio Otávio, na batalha de Actium, em 31 a.C. (*OCD*: 114-115).

⁹⁷² Fora a terceira esposa de Marco Antônio, com quem ele se casou em 46 ou 47 a.C. Fúlvia participava ativamente, em sua época, da vida política de Roma e se tornaria, na tradição histórica, o paradigma da matrona dissoluta, em oposição à matrona virtuosa que fora Otávia, a segunda esposa de Marco Antônio (*OCD*: 614).

⁹⁷³ Qual será o sentido desses versos do imperador Augusto, reportados por Marcial? Será que Fúlvia, a esposa de Marco Antônio, queria ser possuída por Otávio para se vingar do marido, que a traía com uma certa Gláfira? Se assim for, Otávio estaria dizendo, brincando, que prefere perder a vida lutando com Fúlvia a perder o pênis devido a uma possível vingança do marido traído.

⁹⁷⁴ Marcial tenta justificar e defender o uso que faz, em seus poemas, de uma linguagem livre e sem rodeios e evoca, para isso, o exemplo e a autoridade do falecido imperador Augusto, que também teria escrito versos de caráter obsceno, seis dos quais Marcial transcreve em seu epigrama.

⁹⁷⁵ Alguns dos “deveres” do cliente (vv. 1-3).

⁹⁷⁶ Nome fictício. Marcial o utiliza apenas mais uma vez, em XII, 36, também designando, ali, um patrono ingrato.

non deridet eques, tenet senator,
laudat causidicus, poeta carpit,
propter te perit? Hoc, Labulle, uerum est?
Hoc quisquam ferat? ut tibi tuorum 10
sit maior numerus togatulorum,
librorum mihi sit minor meorum?
Triginta prope iam diebus una est
nobis pagina uix peracta. Sic fit
cum cenare domi poeta non uult. 15

XLII

Viuida cum poscas epigrammata, mortua ponis
lemmata. Qui fieri, Caeciliane, potest?
Mella iubes Hyblaea tibi uel Hymettia nasci,
et thyma Cecropiae Corsica ponis api!

LVII

Miraris docto quod carmina mitto, Seuero,
ad cenam cum te, docte Seuire, uocem?
Iuppiter ambrosia satur est et nectare uiuit;

de que não zomba o cavaleiro, que o senador tem na memória,
 que o advogado louva, que o poeta critica,
 parece por tua causa?⁹⁷⁷ Isso é justo, Labulo?
 Pode alguém admitir isso? Que, para você, 10
 seja maior o número de teus pobres clientes,
 e, para mim, seja menor o dos meus livrinhos?
 Já faz quase trinta dias e uma única coluna
 foi a custo terminada por mim.⁹⁷⁸ Assim acontece
 sempre que o poeta não quer jantar em casa.⁹⁷⁹ 15

42

Embora você exija epigramas cheios de vida, me fornece
 temas mortos. Desse jeito, o que se pode fazer, Ceciliano⁹⁸⁰?
 Você manda que se produzam para você os méis do Hibla ou do Himeto⁹⁸¹,
 e à abelha cecrópia⁹⁸² fornece os tomilhos da Córseica!⁹⁸³

57

Você fica admirado por eu enviar poemas ao douto Severo⁹⁸⁴
 quando eu poderia te convidar, douto Severo, para o jantar?
 Júpiter está farto de ambrosia e vive de néctar;

⁹⁷⁷ Como de costume, Marcial se gaba de seu numeroso público leitor (cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4; X, 3, 10; X, 9, 3-4; X, 103, 3-4 e XI, 3), que é, além disso, diversificado: o poeta é lido pelo romano e pelo estrangeiro (v.6), pelo cavaleiro e pelo senador (v. 7), pelo advogado e pelos outros poetas (v. 8).

⁹⁷⁸ Cf. X, 70. Sobre os prejuízos causados ao poeta pela vida de cliente, cf. ainda I, 70, 16-18; I, 107; VIII, 55; X, 58 e XI, 3. Ver também, a respeito da pouca valorização dos poetas, III, 4; V, 16; V, 25, 9-10; X, 9; X, 74 e X, 76.

⁹⁷⁹ Ou seja, quando tem de bajular seus patronos o dia todo para, quem sabe, ao fim da tarde, eles o convidarem para jantar (cf. XII, 82).

⁹⁸⁰ Ver n. a II, 71, 6.

⁹⁸¹ Ver n. a VII, 88, 8.

⁹⁸² Ver n. a I, 39, 3.

⁹⁸³ Na Córseica cresciam arbustos aromáticos que eram os causadores, conforme se acreditava, do sabor amargo do mel ali produzido (CLS: 13; veja n. a IX, 26, 4). Marcial reclama que é impossível escrever poemas belos e vivos a partir dos temas poucos inspiradores que Ceciliano lhe fornece, o que é o mesmo que esperar um mel doce como o do Hibla e do Himeto das abelhas que só têm à sua disposição o néctar amargo dos arbustos da Córseica.

⁹⁸⁴ Ver segunda nota a II, 6, 3.

nos tamen exta Ioui cruda merumque damus.
Omnia cum tibi sint dono concessa deorum, 5
si quod habes non uis, ergo quid accipies?

LXXX

Litus beatae Veneris aureum Baias,
Baias superbae blanda dona Naturae,
ut mille laudem, Flacce, uersibus Baias,
laudabo digne non satis tamen Baias.
Sed Martialem malo, Flacce, quam Baias. 5
Optare utrumque pariter improbi uotum est.
Quod si deorum munere hoc tamen detur,
quid gaudiorum est Martialis et Baiae!

XC

Carmina nulla probas molli quae limite currunt,
sed quae per salebras altaque saxa cadunt,
et tibi Maeonio res carmine maius habetur,
“Lucili columella hic situ Metrophanes”;
attonitusque legis “terrai frugiferai”, 5

eu, porém, ofereço a Jove entranhas sangrentas e vinho puro.⁹⁸⁵
Como tudo te foi concedido como dádiva pelos deuses, 5
se você não aceita o que já possui, então o que receberá?

80

O dourado litoral da ditosa Vênus, Baías⁹⁸⁶,
Baías, doce dádiva da Natureza orgulhosa,
ainda que eu louve Baías, Flaco⁹⁸⁷, com mil versos,
não tanto quanto merece, porém, a Baías louvarei.
Mas Marcial⁹⁸⁸ prefiro, Flaco, a Baías. 5
Escolher ambos ao mesmo tempo é um desejo pretensioso.
Mas já que isso como um presente dos deuses me é concedido,
que felicidade são para mim Marcial e Baías!⁹⁸⁹

90

Você não aprova nenhum dos poemas que percorrem um suave caminho,
mas os que tombam das ladeiras e dos altos rochedos,⁹⁹⁰
e, para você, mais grandioso que o poema meônio⁹⁹¹ é este verso:
“Escravo íntimo de Lucílio, aqui neste sítio jaz Metrófanes”;
e você lê maravilhado “da terra frugífera”, 5

⁹⁸⁵ Ou seja, oferece comidas e bebidas inferiores à ambrosia e ao néctar, alimentos dos deuses. Por trás dessas metáforas reside o louvor de Marcial ao poeta Severo: o epigramatista o compara a Júpiter (cf. *Iuppiter e Ioui*, vv. 3-4), que se alimenta de néctar e ambrosia (os seus próprios poemas), mas que recebe de seus adoradores a carne dos sacrifícios e o vinho (puro, não misturado à água) das libações (ou seja, os poemas de Marcial).

⁹⁸⁶ Ver n. a IX, 58, 4. Ela é chamada de “dourado litoral da ditosa Vênus” devido, talvez, ao fato de haver ali um templo dedicado à deusa, ou, ainda, por ser, como balneário e local de férias, um lugar de liberdades e de diversões licenciosas (GAW: 100).

⁹⁸⁷ Ver n. a IV, 49, 1. Flaco possuía, ao que parece, uma *uilla* em Baías, a exemplo de outro amigo de Marcial, Faustino (ver segunda nota a X, 58, 1).

⁹⁸⁸ Provavelmente é Júlio Marcial (ver n. a III, 5, 4).

⁹⁸⁹ Marcial e Júlio Marcial tinham sido, possivelmente, convidados por Flaco para uma temporada em sua *uilla* de Baías.

⁹⁹⁰ Ou seja, prefere os poemas compostos de versos escritos em linguagem difícil, “pesada” (próprios do gênero trágico, por exemplo) àqueles feitos com liberdade de linguagem, com termos coloquiais e vocabulário fácil (característicos dos epigramas).

⁹⁹¹ A *Ilíada* ou a *Odisséia* (ver n. a V, 10, 8).

Accius et quidquid Pacuuiusque uomunt.
Vis imiter ueteres, Chrestille, tuosque poetas?
Dispeream ni scis mentula quid sapiat.

XCIV

Quod nimium liues nostris et ubique libellis
detrahis, ignosco: uerpe poeta, sapis.
Hoc quoque non curo, quod cum mea carmina carpas,
compilas: et sic, uerpe poeta, sapis.
Illud me cruciat, Solymis quod natus in ipsis
pedicas puerum, uerpe poeta, meum.
Ecce negas iurasque mihi per templa Tonantis.
Non credo: iura, uerpe, per Anchialum.

5

e tudo aquilo que vomitam Ácio e Pacúvio.⁹⁹²

Quer que eu imite, Créstilo⁹⁹³, esses velhos poetas que te são caros?

Que eu caia morto se você não conhece o sabor que tem o cacete!⁹⁹⁴

94⁹⁹⁵

Quanto a você me invejar demais e a criticar os meus livrinhos

por toda parte, te perdô: você tem razão, poeta circunciso⁹⁹⁶.

Não me preocupo também por você, mesmo criticando meus poemas,

roubá-los: também nisso, poeta circunciso, você tem razão.

O que me perturba é que você, embora nascido na própria Sólimo,

5

enraba meu jovem escravo, poeta circunciso.⁹⁹⁷

Eis que você nega, e me jura pelos templos do Tonante⁹⁹⁸.

Não acredito: jure, circunciso, é por Anquíalo⁹⁹⁹.

⁹⁹² Ambos foram escritores de tragédia e viveram durante a República. Lúcio Ácio (170 – ca. 86 a.C.) foi também crítico literário, e suas peças, apesar do julgamento negativo de Marcial, foram muito admiradas em sua época (*OCD*: 3), assim como as de Marco Pacúvio (ca. 220-130 a.C.), que era apontado, pela crítica do segundo século a.C., como superior a Ácio (*OCD*: 1090). Talvez sejam desses poetas o verso e a expressão, escritos em latim arcaico, que Marcial cita em seu epigrama nos vv. 4-5.

⁹⁹³ O nome, que só ocorre nesse epigrama, é certamente fictício.

⁹⁹⁴ Ao mesmo tempo em que faz uma ofensa a Créstilo, chamando-o de felador passivo (ver n. a III, 82, 33), Marcial alude também à linguagem dos epigramas: o poeta acusa Créstilo de falso moralista, já que, embora louve as produções de poetas antigos, autores de tragédias, lê certamente epigramas e outros gêneros de linguagem mais livre e vocabulário obsceno (ou seja, conhece o sabor que tem a palavra *mentula*; conhece o sabor que tem o membro viril).

⁹⁹⁵ Ver n. a I, 29.

⁹⁹⁶ Marcial se dirige a um poeta judeu (cf. *Solymis*, mais abaixo).

⁹⁹⁷ *Solyma* ou *Hierosolyma* era o nome com que os romanos chamavam Jerusalém, cidade sagrada para os judeus, cristãos e, mais tarde, para os muçulmanos. Posteriormente (130 d.C.), seria renomeada *Aelia Capitolina* (*GAW*: 317). Marcial diz que o que mais o desagrada (e o deixa admirado) nesse poeta judeu não é o fato de plagiar e de desmerecer seus (de Marcial) poemas, mas o comportamento lascivo desse poeta circunciso (ele mantém relações sexuais com o escravo de Marcial), inadequado e incomum num judeu, cuja doutrina inclui uma moral rígida e a austeridade dos costumes. Sobre os plagiários, cf. ainda I, 29; I, 38; I, 52; I, 53; I, 63; I, 66; I, 72; II, 20; VII, 77; X, 100 e X, 102.

⁹⁹⁸ Júpiter/Zeus (ver n. a V, 16, 5).

⁹⁹⁹ Segundo Izaac (*Ep-BL*²: 287, n. 1 à p. 150), Anquíalo pode ser o nome do escravo sodomizado (pelo qual Marcial manda o poeta judeu jurar) ou de uma divindade oriental. P. Richard (*Ep-G*²: 456, n. 811) acha que o termo é uma fórmula de juramento entre os judeus.

CVI

Vibi Maxime, si uacas hauere,
hoc tantum lege: namque et occupatus
et non es nimium laboriosus.
Transis hos quoque quattuor? sapisti.

CVII

Explicitum nobis usque ad sua cornua librum
et quasi perlectum, Septiciane, refers.
Omnia legisti. Credo, scio, gaudeo, uerum est.
Perlegi libros sic ego quinque tuos.

CVIII

Quamuis tam longo possis satur esse libello,
lector, adhuc a me disticha pauca petis:
sed Lupus usuram puerique diaria poscunt.
Lector, solue. Taces dissimulasque? Vale.

106

Víbio Máximo¹⁰⁰⁰, se tens tempo para uma saudação minha,
lê apenas esta, pois és ocupado,
mas também não és muito trabalhador.
Pulas até estes quatro versos? Foste sabido!¹⁰⁰¹

107¹⁰⁰²

Desenrolado até os seus cilindros o meu livro
você me devolve, Seticiano¹⁰⁰³, como se tivesse sido lido até o fim.¹⁰⁰⁴
Você leu tudo. Acredito, reconheço, me alegro com isso, é verdade.
Foi assim que eu li até o fim os teus cinco livros.¹⁰⁰⁵

108

Mesmo que de tão longo livrinho¹⁰⁰⁶ você possa estar farto,
leitor, alguns dísticos você me pede ainda.
Mas Lupo¹⁰⁰⁷ me cobra seus juros, e meus escravos, a ração diária.
Leitor, pague-os. Você se cala e se faz de desentendido? Adeus.¹⁰⁰⁸

¹⁰⁰⁰ Gaio Víbio Máximo. Seria mais tarde prefeito da província do Egito, cargo que exerceu de agosto de 103 d.C. a março de 107 (*OCD*: 1596).

¹⁰⁰¹ Talvez porque a saudação não veio, embora tenha sido anunciada nos primeiros versos do epigrama. Ou talvez porque o poeta “considera” de má qualidade os três versos anteriores (que seriam a saudação aludida) e, portanto, indignos de serem lidos por pessoa tão ilustre e ocupada como Víbio Máximo.

¹⁰⁰² Ver n. a I, 91.

¹⁰⁰³ Nome fictício, usado apenas uma vez por Marcial.

¹⁰⁰⁴ Seticiano não leu o livro que Marcial lhe enviou, mas, para parecer que o fez, devolve o livro desenrolado até os cilindros, isto é, desenrolado até a última folha, a que era geralmente colada ao cilindro (ver n. a I, 66, 11).

¹⁰⁰⁵ Marcial diz ironicamente a Seticiano que também não leu nenhum dos cinco livros que este lhe enviou.

¹⁰⁰⁶ O Livro XI é o segundo maior livro de Marcial em número de poemas (ver segunda nota a X, 1, 4).

¹⁰⁰⁷ O nome é fictício, usado também em outros epigramas: VI, 79; VII, 10, 7; VII, 55, 4; IX, 2; XI, 18; XI, 55 e XI, 108, 3. Também é o nome de um administrador de banhos públicos em I, 59, 3 e II, 14, 12; e, em outros quatro epigramas (V, 56; X, 48, 6; X, 40 e XI, 88), designa talvez um amigo de Marcial.

¹⁰⁰⁸ O poeta brinca com seu leitor: convidado, em troca dos versos extras que quer ler, a pagar as contas de Marcial, o leitor disfarça e recebe, então, o adeus do poeta, que não atende ao seu pedido. Marcial sempre reclama de sua falta de recursos, mal que, segundo ele, atinge os poetas de sua época (cf., por exemplo, I, 70; V, 16; VIII, 61; VIII, 55; X, 58; X, 70; X, 74; X, 76 e XI, 3, 6).

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

LIBER XII

Valerius Martialis Prisco suo Salutem

1. Scio me patrocinium debere contumacissimae trienni desidia; quo absoluenda non esset inter illas quoque urbicas occupationes, quibus facilius consequimur ut molesti potius quam ut officiosi esse uideamur; nedum in hac prouinciali solitudine, ubi nisi etiam intemperanter studemus, et sine solacio et sine excusatione secessimus. 2. Accipe ergo rationem. 3. In qua hoc maximum et primum est, quod ciuitatis aures quibus adsueueram quaero, et uideor mihi in alieno foro litigare; si quid est enim quod in libellis meis placeat, dictauit auditor: illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnium illa quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti. 4. Accedit his municipalium robigo dentium et iudici loco liuor, et unus aut alter mali, in pusillo loco multi; aduersus quod difficile est habere cotidie bonum stomachum: ne mireris igitur abiecta ab indignante quae a gestiente fieri solebant.

DÉCIMO SEGUNDO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL¹⁰⁰⁹

Valério Marcial ao seu amigo Prisco¹⁰¹⁰, saudações.

Sei que devo uma explicação para esta minha tão obstinada inércia de três anos¹⁰¹¹, pois ela não deveria ser perdoada mesmo em meio àquelas ocupações urbanas, graças às quais conseguimos mais facilmente parecer antes importunos que serviçais¹⁰¹²; muito menos nesta solidão provinciana, onde, se eu não estudo sem parar, terei buscado um retiro sem compensação e sem motivo. Compreende, então, as razões. A primeira e mais importante delas é que procuro os ouvidos da cidade aos quais eu estava acostumado, mas pareço estar litigando em fórum estrangeiro; com efeito, se algo há em meus livrinhos que possa agradar, foi o ouvinte que me ditou: aquela fineza das opiniões, aquela criatividade dos assuntos, as bibliotecas, os teatros, os festins, nos quais os prazeres não deixam nem perceber que se está estudando, enfim, de todas aquelas coisas que, enfastiado, abandonei, sinto falta, como se delas tivesse sido privado.¹⁰¹³ Soma-se a isso o veneno dos dentes de meus compatriotas e a inveja no papel de crítico¹⁰¹⁴, e um ou dois maldosos, o que é muito para um lugar tão pequeno: diante dessas coisas, é difícil ter bom humor todo dia; não te admires, então, se foram desprezadas por mim, irritado, as coisas que eu costumava realizar

¹⁰⁰⁹ Foi publicado, em sua versão completa, em outubro de 101 ou outubro de 102, segundo Sullivan (p. 52). Nessa época, Marcial já não estava mais em Roma: desgostoso com as dificuldades da vida na capital do Império (ver n. a I, 70, 18), voltara à sua terra natal, BÍLBILIS, em 98, logo depois de reeditar o Livro X (ver notas ao Livro X, título, e a X, 2, 4). A maior parte do Livro XII, incluindo seu prefácio e um conjunto de poemas reunidos ou escritos às pressas (cf. *paucissimis diebus*, no prefácio a seguir), tinha formado um pequeno livro (cf. *breui libello*, em XII, 1, 3) oferecido como presente de boas-vindas a Terêncio Prisco (ver segunda nota a X, 3, 6), que retornava à Hispânia Tarraconense no final de 101 (Prisco era, como Marcial, natural dessa província). Pouco depois, esse livrinho teria sido aumentado e só então enviado a Roma e publicado, no final de 101 ou de 102 d.C. (Sullivan: 52-53).

¹⁰¹⁰ Ver nota anterior.

¹⁰¹¹ O último livro do poeta, a segunda edição do Livro X, fora editado em meados de 98 d.C., cerca de três anos antes do XII, que saiu em 101 ou 102 d.C.

¹⁰¹² As ocupações e deveres do cliente (ver notas a I, 39, 8 e a I, 70, 18).

¹⁰¹³ Apesar das agruras da vida em Roma, Marcial reconhece que lá havia um ambiente intelectual e uma vida cultural mais ricos, com um público leitor maior e mais qualificado, com locais que facilitavam o contato social e a divulgação de sua poesia, vantagens que a sua pequena BÍLBILIS está longe de lhe oferecer. Além disso, o dia-a-dia movimentado da maior cidade do Império e a diversidade de tipos sociais ofereciam ao poeta temas, assuntos, idéias inspiradoras para seus epigramas, enquanto que, na solidão provinciana da Hispânia, o mesmo não ocorria.

¹⁰¹⁴ As pessoas que fazem críticas não construtivas à sua poesia, julgamentos totalmente parciais, motivados pela inveja.

5. Ne quid tamen et aduenienti tibi ab urbe et exigenti negarem – cui non refero gratiam, si tantum ea praesto quae possum –, inperauit mihi, quod indulgere consueveram, et studui paucissimis diebus, ut familiarissimas mihi aures tuas exciperem aduentoria sua. 6. Tu uelim ista, quae tantum apud te non periclitantur, diligenter aestimare et excutere non graueris; et, quod tibi difficillimum est, de nugis nostris iudices nitore seposito, ne Romam, si ita decreueris, non Hispaniensem librum mittamus, sed Hispanum.

I

Retia dum cessant latratoresque Molossi

et non inuento silua quiescit apro,

otia, Prisce, breui poteris donare libello.

Hora nec aestiua est nec tibi tota perit.

II (III)

Ad populos mitti qui nuper ab Urbe solebas,

ibis io Romam nunc peregrine liber

com prazer.¹⁰¹⁵ No entanto, para que eu não as recuse também a ti, que chegas da Urbe e as pede – e a quem não estou demonstrando gratidão se ofereço apenas o que posso –, ordenei a mim algo de que eu outrora costumava gostar, e me empenhei, durante alguns dias, a fim de receber esses teus ouvidos, tão familiares a mim, com um presente de boas-vindas de que tu gostas.¹⁰¹⁶ Da tua parte, gostaria que estes poemas, que somente junto de ti não correm nenhum perigo, avaliaasses cuidadosamente, e que não te recusasses a examiná-los. E, o que é para ti o mais difícil, que julgues minhas bagatelas pondo de lado a tua generosidade, de maneira que eu envie a Roma, se assim tu resolveres fazer, não um livro *nascido* na Hispânia, mas dela *proveniente*.¹⁰¹⁷

1

Enquanto descansam as redes e os molossos ladradores¹⁰¹⁸,
e, não descoberto nenhum javali, a floresta repousa,
os teus ócios, Prisco, poderás consagrar a este breve livrinho.¹⁰¹⁹
A hora não é estival, nem a perdes totalmente.¹⁰²⁰

2¹⁰²¹

Até recentemente, da Urbe costumava você aos povos ser enviado;
agora, a Roma você irá – ah, meu livro! – como peregrino,

¹⁰¹⁵ Ou seja, escrever epigramas.

¹⁰¹⁶ Veja n. ao título deste Livro XII.

¹⁰¹⁷ Marcial pede a Terêncio Prisco que leia e corrija seu livro com total isenção e sem generosidade, pois quer que o livro seja belo, expurgado de erros e versos ruins, para que, se Prisco voltar a Roma e para lá o levar, não pareça aos romanos um livro cheio dos defeitos e vícios que se poderiam esperar de um livro *nascido* na Hispânia (entenda-se: escrito por um poeta nascido na Hispânia, um poeta provinciano, grosseiro), mas um livro apenas *proveniente* da Hispânia (mesmo porque seu autor, havia pouco tempo, morava em Roma, onde se radicara e onde vivera tanto tempo quanto em sua terra natal). É dessa forma que entendemos o sentido do jogo de palavras *Hispaniensem/Hispanum*.

¹⁰¹⁸ Os cães de que os antigos mais gostavam, fosse para ter em casa, fosse para as caçadas, eram aqueles provenientes da Lacônia (sul do Peloponeso) e da Molóssia, região do Epiro, no noroeste da Grécia, habitada pelos molóssios (*CLS*: 49 e *OCD*: 993).

¹⁰¹⁹ Sobre Prisco e o pequeno livrinho a ele ofertado, ver nota ao título deste Livro XII.

¹⁰²⁰ As horas diurnas, no verão (cf. *aestiua*), duravam mais tempo que no inverno (*CLS*: 201; ver também terceira nota a III, 100, 1); assim, se Prisco ler o livrinho de Marcial, estará perdendo menos tempo. Além disso, o livrinho é tão curto que Prisco nem precisará gastar uma hora inteira para lê-lo até o fim (cf. *nec tibi tota perit*).

¹⁰²¹ Em algumas edições, este epigrama é, no original latino, o de número 3 (ver notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 157).

auriferi de gente Tagi tetricique Saloni,
 dat patrios amnes quos mihi terra potens.
 Non tamen hospes eris nec iam potes aduena dici, 5
 cuius habet fratres tot domus alta Remi.
 Iure tuo ueneranda noui pete limina templi,
 reddita Pierio sunt ubi tecta choro.
 Vel si malueris, prima gradiere Subura;
 atria sunt illic consulis alta mei: 10
 laurigeros habitat facundus Stella penatis,
 clarus Hyanteae Stella sititor aquae;
 fons ibi Castalius uitreo torrente superbit,
 unde nouem dominas saepe bibisse ferunt:
 ille dabit populo patribusque equitique legendum 15
 nec nimium siccis perleget ipse genis.
 Quid titulum poscis? Versus duo tresue legantur,
 clamabunt omnes te, liber, esse meum.

do país do aurífero Tago¹⁰²² partindo e do sombrio Salão¹⁰²³,
 rios que me dá por paternos uma terra poderosa.
 Você não será, porém, um hóspede, nem pode ainda ser chamado estrangeiro, 5
 você que tem tantos irmãos na sublime pátria de Remo.¹⁰²⁴
 Dirija-se – é direito teu – aos limiares venerandos do Templo Novo¹⁰²⁵,
 onde uma morada ao piério coro¹⁰²⁶ foi consagrada.
 Ou, se preferir, caminhe para o início da Subura¹⁰²⁷,
 lá ficam os ilustres átrios do meu caro cônsul: 10
 o facundo Estela lauríferos penates ali habita,¹⁰²⁸
 o ilustre Estela, sedendo da água hiantéia¹⁰²⁹;
 ali uma fonte castália se orgulha de sua vítrea torrente,
 de onde as nove patronas¹⁰³⁰, dizem, beberam muitas vezes.
 Ele te dará ao povo, aos senadores e aos cavaleiros para que te leiam¹⁰³¹, 15
 e ele próprio não te lerá até o fim com as faces secas.
 Por que você me pede um título? Leiam-se dois ou três versos
 e bradarão todos, ó livro, que você é meu.¹⁰³²

¹⁰²² Ver n. a VII, 88, 7.

¹⁰²³ Ver n. a X, 103, 2.

¹⁰²⁴ Todos os livros de Marcial, excetuando-se este e o terceiro, haviam sido publicados em Roma. Sobre Remo, ver n. a I, 3, 4.

¹⁰²⁵ É o Templo do Divino Augusto (*Templum Divi Augusti*), também conhecido como *Templum Nouum*, que o imperador Augusto construiu em sua homenagem na encosta do Palatino (CLS: 39).

¹⁰²⁶ As Musas (ver n. a IX, 84, 3). Havia, no Templo Novo, uma biblioteca consagrada a elas pelo imperador Tibério (Oliveira: 282).

¹⁰²⁷ Ver n. a X, 20, 5.

¹⁰²⁸ Estela era cônsul em Roma em 101 ou 102 d.C., época da publicação do Livro XII. Também era poeta, o que explica o adjetivo *facundus* aplicado a ele por Marcial (ver segunda nota a I, 44, 3). Fora também o encarregado (como edil ou pretor) da organização das cerimônias de triunfo que Domiciano realizou em 89 e em 93 d.C. (OCD: 176), e é por isso, talvez, que suas moradas são ditas lauríferas (cf. *laurigeros penatis*) nos versos do epigramatista. Estela habitava, segundo Marcial, à entrada da Subura, bairro que também possuía moradores ilustres e residências ricas (OCD: 1451).

¹⁰²⁹ Isto é, da água das fontes das Musas. Os beócios, em cujo país ficava o Hêlicon, uma das pátrias das Musas (ver n. a IX, 58, 6), eram também conhecidos por seu antigo nome, hianteus ou hiantes (*Hyantes*; OLD: 810).

¹⁰³⁰ As Musas, evidentemente. Note-se que, no verso anterior, Marcial compara à fonte de Castália (ver segunda nota a IV, 14, 1) aquela que provavelmente existia na casa de Estela, o que reforça a associação do patrono do poeta às Musas e à poesia.

¹⁰³¹ Cf. XI, 24, 6-8.

¹⁰³² Marcial diz serem seus poemas tão conhecidos e populares em todo o Império Romano que, mesmo o poeta não estando mais em Roma, todos sabem que aqueles versos são de sua lavra. Sobre a popularidade de Marcial, cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4; X, 3, 10; X, 9, 3-4; X, 103, 3-4; XI, 3 e XI, 24, 5-9.

III (IV + VI, 7-12)

Quod Flacco Varioque fuit summoque Maroni

Maecenas, ataus regibus ortus eques,
gentibus et populis, hoc te mihi, Prisce Terenti,
fama fuisse loquax chartaque dicet anus.

Tu facis ingenium, tu, si quid posse uidemur;
tu das ingenuae ius mihi pigritiae.

5

Macte animi, quem rarus habes, morumque tuorum,
quos Numa, quos hilaris possit habere Cato.

Largiri, praestare, breues extendere census,
et dare quae faciles uix tribuere dei,

10

Nunc licet et fas est. Sed tu sub principe duro
temporibusque malis ausus es esse bonus.

O que para Flaco, Vário e o soberano Marão¹⁰³⁴ foi
 Mecenas, cavaleiro nascido de antepassados reais¹⁰³⁵,
 que tu o foste para mim, Prisco Terêncio¹⁰³⁶, dirá às nações e aos povos
 a fama loquaz e um velho livro.

És tu que proporcionas o meu talento, devo a ti se de algo pareço ser capaz; 5
 és tu que me concedes o direito da preguiça de homem livre.¹⁰³⁷

Tu, premiado com um espírito que és dos raros a possuir, e com esses teus costumes
 que um Numa, que um Catão jovial poderiam ter.¹⁰³⁸

Dar presentes com largueza, ser fiador, aumentar as posses pequenas
 e dar facilmente o que a custo concederam os deuses, 10
 atualmente é lícito e permitido. Mas tu, sob um chefe cruel¹⁰³⁹
 e em tempos ruins, ousaste ser bondoso.¹⁰⁴⁰

¹⁰³³ Em algumas edições, os vv. 1-6 deste poema correspondem, no original latino, ao epigrama 4, enquanto que os versos restantes formam parte do epigrama 6 (veja notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 158).

¹⁰³⁴ Virgílio, como se sabe. Sobre Flaco (Horácio) e Vário, ver notas a I, 107, 4 e a VIII, 55, 21, respectivamente.

¹⁰³⁵ Os poetas do círculo de Mecenas diziam que ele era descendente de reis etruscos (*OCD*: 907). Ver também notas a I, 107, 4 e a VIII, 55, 9.

¹⁰³⁶ Ver segunda n. a X, 3, 6 e ao título deste Livro XII.

¹⁰³⁷ Entre os antigos, o trabalho manual, físico, não era bem visto pelas elites, que encaravam como ocupações dignas apenas as ligadas ao estudo, à política, ao lazer e à cultura, o que chamavam de *otium*. Os trabalhos manuais (tais como o dos artesãos e agricultores, por exemplo) eram tidos como degradantes e, por isso, reservados aos assalariados das classes baixas e aos escravos (*OCD*: 809). Marcial, que era homem livre e cidadão romano, embora, ao que tudo indica, de pouquíssimas posses, louva seu patrono Prisco, que, segundo o poeta, permite agora que ele se dedique livremente ao estudo e à poesia (ver também n. a I, 39, 8).

¹⁰³⁸ Ver, sobre Numa e Catão, notas a X, 35, 12 e X, 20, 21, respectivamente. Prisco possui costumes honestos como os de Numa e Catão, mas não tem a excessiva austeridade e seriedade dessas figuras históricas: é um Numa ou um Catão com características alegres, joviais, divertidas.

¹⁰³⁹ Domiciano. Agora, cerca de cinco ou seis anos após sua morte, Marcial não hesita em atacá-lo, apesar de ter escrito epigramas em sua homenagem durante dez anos.

¹⁰⁴⁰ Marcial parece querer dizer que, durante o governo de Domiciano, era mais difícil aos patronos serem bondosos com seus clientes, pois o imperador se enciumava com a celebridade e o carisma alcançados por aqueles que doavam presentes a seus protegidos. Agora, em tempos de Trajano, a liberalidade e generosidade dos patronos não têm mais empecilhos, mas o mérito de Prisco é maior, segundo o poeta, porque ele fora generoso mesmo durante o principado de Domiciano. Note-se, além disso, que Prisco é superior aos deuses (que podem representar, aqui, os imperadores), já que dá presentes que os próprios divinos não concediam freqüentemente (v. 10).

IV (V)

Longior undecimi nobis decimique libelli
artatus labor est et breue rasit opus.
Plura legant uacui, quibus otia tuta dedisti:
haec lege tu, Caesar; forsán et illa leges.

V (II + VI, 1-6)

Quae modo litoreos ibatis carmina Pyrgos,
ite sacra – iam non puluerulenta – uia.
Contigit Ausoniae procerum mitissimus aulae
Nerua: licet toto nunc Helicone frui:
recta Fides, hilaris Clementia, cauta Potestas
iam redeunt; longi terga dedere Metus.
Hoc populi gentesque tuae, pia Roma, precantur:
dux tibi sit semper talis, et iste diu.

5

4¹⁰⁴¹

Muito extenso, o plano de meus décimo e undécimo livrinhos
foi por mim diminuído, e, desbastado, reduziu-se a um curto volume.¹⁰⁴²
Os mais longos leiam os desocupados, a quem ócios seguros¹⁰⁴³ concedeste:
este, César, lê tu: talvez leias também aqueles.¹⁰⁴⁴

5¹⁰⁴⁵

Ó poemas que há pouco costumavam ir à litorânea Pirgos¹⁰⁴⁶,
vão pela já não empoeirada Via Sacra¹⁰⁴⁷.
Chegou o mais brando dos chefes da corte Ausônia¹⁰⁴⁸,
Nerva: do Hélicon¹⁰⁴⁹ se pode agora fruir plenamente.¹⁰⁵⁰
A reta Boa-Fé, a risonha Clemência, a cautelosa Autoridade
já retornaram; puseram-se em fuga os distantes Medos.¹⁰⁵¹
Isto teus povos e nações rogam para ti, piedosa Roma:
que tenhas sempre tal comandante, e o tenhas por muito tempo.

5

¹⁰⁴¹ Em algumas edições, corresponde ao epigrama 5 do original latino (ver notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 159).

¹⁰⁴² Este epigrama servia de dedicatória ou prefácio a uma antologia, composta por epigramas dos livros X e XI, que Marcial fizera para enviar, por intermédio de Partênio, ao imperador Nerva. O epigrama 4 e o 11, ao qual este está relacionado, teriam, portanto, sido escritos muito antes do ano de publicação do Livro XII, quando Marcial estava ainda em Roma (Sullivan: 52-53). Não é difícil imaginar como se chegou a essas conclusões: os livros X e XI foram publicados entre 95 e 98, e Partênio morreu em 97 (ver n. a XI, 1, 3); logo, o imperador no poder, naquele momento, era Nerva, e, portanto, a antologia de que fala Marcial deve ter sido mesmo enviada a esse César. Não se pode, provavelmente, pensar em Trajano (pois Partênio já havia morrido quando de sua ascensão ao poder, nos primeiros meses de 98), nem em Domiciano, já deposto e assassinado quando veio à luz o Livro XI, no final de 96 d.C. (ver n. ao Livro XI, título).

¹⁰⁴³ Ver n. a XII, 3, 6.

¹⁰⁴⁴ Ou seja, o poeta acha que, se Nerva ler a antologia, ficará com vontade de ler também as versões integrais dos dois livros.

¹⁰⁴⁵ Em algumas edições, os dois primeiros versos correspondem, no original latino, ao epigrama 2, enquanto que os seis versos finais fazem parte do epigrama 6 (ver n. a XII, 3 e as notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 159).

¹⁰⁴⁶ Ficava na Etrúria, na costa do Mar Tirreno, e corresponde à atual cidade italiana de Santa Severa.

¹⁰⁴⁷ Talvez Nerva tivesse reformado a Via Sacra, que ligava o Fórum Romano à região do Coliseu (ver n. a I, 70, 5).

¹⁰⁴⁸ Ver, sobre o adjetivo “Ausônia” (cf. *Ausoniae*), a nota a VI, 61, 4.

¹⁰⁴⁹ Ver n. a IX, 58, 6.

¹⁰⁵⁰ Domiciano, a exemplo de Nero, também sentiria inveja do talento poético e do sucesso de outros escritores?

¹⁰⁵¹ Nos últimos cinco anos de seu governo, Domiciano de fato instaurara em Roma um clima de terror, perseguindo cruelmente seus opositores. Entre suas vítimas, estavam seu primo Flávio Clemente e doze ex-cônsules, que foram executados (*OCD*: 491). O fato de este poema homenagear Nerva prova que o mesmo foi escrito antes de 101 ou 102 d.C., quando foi publicado o Livro XII, pois, como se sabe, o velho imperador falecera em janeiro de 98, depois de ficar menos de dois anos no poder (Sullivan: 52-53).

XI

Parthenio dic, Musa, tuo nostroque salutem:

nam quis ab Aonio largius amne bibit?

cuius Pipleo lyra clarior exit ab antro?

quem plus Pierio de grege Phoebus amat?

Et si forte – sed hoc uix est sperare – uacabit,

5

tradat ut ipse duci carmina nostra roga,

quattuor et tantum timidumque breuemque libellum

commendet uerbis “Hunc tua Roma legit.”

XLIII

Facundos mihi de libidinis

legisti nimium, Sabelle, uersus,

quales nec Didymi sciunt puellae

nec molles Elephantidos libelli.

Sunt illic Veneris nouae figurae,

5

quales perditus audeat fututor,

praestent et taceant quid exoleti,

quo symplegmate quinque copulentur,

qua plures teneantur a catena,

extinctam liceat quid ad lucernam.

10

Tanti non erat esse te disertum.

11

Ao meu e ao teu Partênio¹⁰⁵², Musa, saúda,
 pois quem bebe mais largamente do aônio rio?¹⁰⁵³
 A lira de quem se eleva mais sonora da pipléia gruta?¹⁰⁵⁴
 Quem, no piério coro¹⁰⁵⁵, Febo mais ama?
 E se, por acaso – mas isso dificilmente se pode esperar – ele estiver de folga,
 pede que ele em pessoa entregue meus poemas ao imperador,¹⁰⁵⁶
 e este tímido e breve livrinho com apenas quatro
 palavras recomende: “Tua Roma o lê.”

43¹⁰⁵⁷

De teus poemas licenciosos, Sabelo¹⁰⁵⁸,
 você leu para mim versos bastante elegantes,
 aos quais não estão habituadas nem as meninas de Dídimos¹⁰⁵⁹,
 nem os obscenos livrinhos de Elefântis¹⁰⁶⁰.
 Há neles novas formas de cópula,
 que só ousaria um fodedor pervertido,
 e que os prostitutas cumpririam sem contar a ninguém,
 uma transa grupal em que cinco pessoas copulam,
 encadeamento esse pelo qual outros mais podem se unir,
 coisas que se podem permitir quando se apaga a lâmpada.
 Não valia tanto a pena você ser eloquente.

¹⁰⁵² Ver n. a V, 6, 2.

¹⁰⁵³ Ou seja, “quem é que é mais inspirado pelas Musas, quem é que tem mais talento poético?” A Aônia era a parte específica da Beócia onde ficava o monte Hélicon, consagrado às Musas (ver n. a IX, 58, 6).

¹⁰⁵⁴ Da gruta das Musas. Veja, sobre o adjetivo “pipléia” (cf. *Pipleo*), a segunda nota a XI, 3, 1. Provavelmente, Partênio se dedicava à poesia lírica (cf. *lyra*), embora a metáfora sirva também, em latim, para designar os poetas em geral (*OLD*: 1056-1b).

¹⁰⁵⁵ Outra expressão designativa das Musas (veja n. a IX, 84, 3).

¹⁰⁵⁶ Ver n. a XII, 4, 2. Cf. também V, 6, em que Marcial faz o mesmo pedido a Partênio, mas, naquela ocasião, pedindo que seus poemas fossem oferecidos a Domiciano.

¹⁰⁵⁷ Ver n. a I, 91.

¹⁰⁵⁸ Nome sem dúvida fictício. Ocorre também em III, 98; IV, 37; IV, 46; VI, 33; VII, 85; IX, 19; XII, 39 e XII, 60.

¹⁰⁵⁹ Eram prostitutas, provavelmente, e Dídimos, um cáften.

¹⁰⁶⁰ Era uma poetisa grega que escrevia versos eróticos, muito apreciados pelo imperador Tibério (*Ep-BL*²: 290, nota 2 à p. 172).

XLVII (XLVI)

Vendunt carmina Gallus et Lupercus:
sanos, Classice, nunc nega poetas.

LXI

Versus et breue uiuidumque carmen
in te ne faciam times, Ligurra,
et dignus cupis hoc metu uideri.

Sed frustra metuis cupisque frustra.

In tauros Libyci ruunt leones,

5

non sunt papilionibus molesti.

Quaeras censeo, si legi laboras,

nigri fornicis ebrium poetam,

qui carbone rudi putrique creta

scribit carmina quae legunt cacantes.

10

Frons haec stigmatē non meo notanda est.

LXIII

Vincto Corduba laetior Venafro,

Histra nec minus absoluta testa,

47¹⁰⁶¹

Galo e Luperco¹⁰⁶² vendem os seus poemas:
diga agora, Clássico¹⁰⁶³, que os poetas não têm juízo!

61

Versos e um breve e violento poema
você teme que eu os faça contra você, Ligurra¹⁰⁶⁴,
e digno desse medo deseja parecer.
Mas você em vão teme e em vão deseja.
É sobre os touros que se arrojam os leões líbios¹⁰⁶⁵, 5
às borboletas eles não fazem mal.
Acho que você deve procurar, se se empenha em ser lido,
um ébrio poeta de esfumaçado bordéu,
que com um rude carvão ou um giz espedaçado
escreve poemas que lêem os que estão cagando. 10
Tal testa não merece ser marcada pelo meu ferrete.¹⁰⁶⁶

63¹⁰⁶⁷

Córduba¹⁰⁶⁸, mais fértil que a oleosa Venafro¹⁰⁶⁹,
e não menos repleta que uma ânfora istriana¹⁰⁷⁰,

¹⁰⁶¹ Em algumas edições, corresponde ao epigrama 46 (ver notas da edição crítica, *Ep-BL*²: 173).

¹⁰⁶² Poetas desconhecidos.

¹⁰⁶³ Ver primeira n. a II, 86, 6.

¹⁰⁶⁴ O nome é fictício e só ocorre uma vez na obra de Marcial.

¹⁰⁶⁵ A Líbia – que, à época de Marcial, ocupava uma região correspondente hoje ao nordeste da atual Líbia e ao noroeste do atual Egito (*GAW*: 345) – era um dos locais de que vinham os leões utilizados nos espetáculos do circo romano. Os leões líbios eram, geralmente, de cor escura (*CLS*: 50).

¹⁰⁶⁶ O ferrete é o instrumento de ferro com que se marcavam e se marcam os animais. Ligurra não é, segundo Marcial, sequer digno de ser insultado em seus epigramas (cf. v. 3 e as metáforas zoológicas dos vv. 5-6).

¹⁰⁶⁷ Ver n. a I, 29.

¹⁰⁶⁸ Córduba (atual cidade espanhola de Córdoba), ficava na Hispânia Ulterior ou Bética, no sul da Península Ibérica (ver n. a VII, 88, 7). Assim como toda a região da Bética, produzia um azeite de ótima qualidade (ver segunda nota a V, 16, 7), além de cereais, lã e metais preciosos (*GAW*: 185-186).

¹⁰⁶⁹ Cidade localizada entre o Lácio e a Campânia, correspondendo à atual cidade italiana de mesmo nome. Sua agricultura era extremamente rica e o local era famoso por seu azeite (*OCD*: 1586), daí o adjetivo “oleosa” (cf. *uncto*) que Marcial lhe aplica.

¹⁰⁷⁰ A Ístria (também grafada Hístria) era uma cidade de origem grega que ficava próxima ao delta do Danúbio (chamado Íster pelos antigos gregos), na Dácia (atual Romênia). Seus habitantes revendiam, por todo o leste do Mediterrâneo, produtos vindos de outros lugares (como vinho e azeite), os quais eram

albi quae superas oues Galaesi
 nullo murice nec cruore mendax,
 sed tinctis gregibus colore uiuo: 5
 dic uestro, rogo, sit pudor poetae
 nec gratis recitet meos libellos.
 Ferrem, si faceret bonus poeta,
 cui possem dare mutuos dolores.
 Corruptit sine talione caelebs, 10
 caecus perdere non potest quod aufert:
 nil est deterius latrone nudo:
 nil securius est malo poeta.

LXVIII

Matutine cliens, urbis mihi causa relictæ,
 atria, si sapias, ambitiosa colas.
 Non sum ego causidicus nec amaris litibus aptus,

acondicionados em ânforas de cerâmica de fabricação local. Por consequência, as ânforas istrianas eram famosas na Antigüidade (GAW: 313).

tu que superas as ovelhas do branco Galeso¹⁰⁷¹,
 com nenhum molusco¹⁰⁷² ou sangue falsificada,
 mas de rebanhos tingidos de viva cor:¹⁰⁷³ 5
 diz ao teu poeta, eu peço, que tenha pudor
 e não recite gratuitamente os meus epigramas.¹⁰⁷⁴
 Eu o suportaria, se o fizesse um bom poeta,
 ao qual eu pudesse causar recíprocos sofrimentos.¹⁰⁷⁵
 Seduz sem talião equivalente o solteiro, 10
 o cego não pode perder aquilo de que priva alguém:¹⁰⁷⁶
 nada é pior que um ladrão despojado,
 nada é mais tranqüilo que um mau poeta.¹⁰⁷⁷

68

Matutino cliente, razão de eu ter deixado a Urbe¹⁰⁷⁸,
 os átrios suntuosos freqüente, se você é sensato.¹⁰⁷⁹
 Quanto a mim, não sou advogado, nem apto para os amargos litígios¹⁰⁸⁰,

¹⁰⁷¹ Ver notas a VIII, 28, 3 e a VIII, 28, 4.

¹⁰⁷² O múrex, a partir do qual se produzia a púrpura (ver n. a I, 53, 4).

¹⁰⁷³ Também a lã dos rebanhos de Córduba era muito apreciada; segundo Marcial (IX, 61, 2-4), possuía uma coloração dourada natural. A criação de ovelhas não se restringia a Córduba, mas se espalhava por toda a região da Bética (veja n. a I, 96, 5).

¹⁰⁷⁴ Provavelmente um poeta morador de Córduba (ou dali oriundo) teria também plagiado os poemas de Marcial. Cf. também I, 29; I, 38; I, 52; I, 53; I, 63; I, 66; I, 72; II, 20; VII, 77; X, 100; X, 102 e XI, 94, em que Marcial também critica os plagiários.

¹⁰⁷⁵ O epigramatista aproveita para lançar uma farpa a mais ao plagiador: chama-o de mau poeta. Se alguém vai furtar seus poemas, que seja então um bom poeta, pois, assim, Marcial poderia pagar-lhe na mesma moeda.

¹⁰⁷⁶ Brincadeira com a lei de talião: ao solteiro que seduz a mulher casada não há punição equivalente, uma vez que ele não possui esposa; e o cego, se priva alguém da visão, não pode ser punido de acordo com o “olho por olho, dente por dente”. Assim é com o plagiário e mau poeta: não há como puni-lo com o mesmo crime que cometeu, já que seus poemas não são sequer dignos de serem plagiados.

¹⁰⁷⁷ O plagiário é como um ladrão pobre, despojado, nu, que rouba mas não tem nada que possa ser roubado. O mau poeta vive tranqüilo (cf. *securius*) quanto a seus poemas, pois ninguém se interessa em plagiá-los.

¹⁰⁷⁸ Ver n. a I, 70, 18.

¹⁰⁷⁹ Sobre os incômodos deveres do cliente – em especial, sobre a *salutatio* (cf. *matutino*, v. 1) – ver n. a I, 39, 8.

¹⁰⁸⁰ Os advogados eram mais valorizados e bem recompensados que os poetas (cf. V, 16). Sobre outras profissões e artes mais consideradas que a poesia, cf. III, 4, 5-8; V, 25; IX, 73; X, 9; X, 74; X, 76 e XI, 1, 13-16.

sed piger et senior Pieridumque comes;
otia me somnusque iuuant, quae magna negauit
Roma mihi: redeo, si uigilatur et hic.

5

LXXVIII

Nil in te scripsi, Bithynice. Credere non uis
et iurare iubes? Malo satisfacere.

XCIV

Scribebamus epos; coepisti scribere: cessi,
aemula ne starent carmina nostra tuis.
Transtulit ad tragicos se nostra Thalia coturnos:
aptasti longum tu quoque syrma tibi.
Fila lyrae moui Calabris exculta Camenis:
pectra rapis nobis, ambitiose, noua.
Audemus saturas: Lucilius esse laboras.
Ludo leuis elegos: tu quoque ludis idem.
Quid minus esse potest? epigrammata fingere coepi:

5

mas preguiçoso e um tanto velho, e das Piérides¹⁰⁸¹ companheiro;
os ócios e o sono me dão gosto, coisas que me recusou 5
a grande Roma: volto, se também aqui não se puder dormir.¹⁰⁸²

78

Nada escrevi contra você, Bitínico¹⁰⁸³. Você não quer acreditar
e exige que eu jure? Prefiro te pagar.¹⁰⁸⁴

94

Eu estava escrevendo uma epopéia; você começou a escrever uma: desisti,
para que êmulos dos teus não se tornassem os meus poemas.
Transferiu-se a minha Talia¹⁰⁸⁵ aos trágicos coturnos¹⁰⁸⁶:
você colocou também a longa veste trágica¹⁰⁸⁷.
As cordas da lira tangi, cultivadas pelas Camenas¹⁰⁸⁸ da Calábria:¹⁰⁸⁹ 5
você rouba de mim, ambicioso, esses plectros¹⁰⁹⁰ recentes.
Eu ouso as sátiras: um Lucílio¹⁰⁹¹ você se empenha em ser.
Componho elegias ligeiras: você as compõe também.
Que gênero pode ser mais baixo? Epigramas¹⁰⁹² passei a fazer:

¹⁰⁸¹ As Musas (ver n. a IX, 84, 3).

¹⁰⁸² Cf. X, 74, 12. Sobre os prejuízos que a vida de cliente causa aos poetas e a necessidade que estes têm de maior apoio, cf. também I, 70, 16-18; I, 107; VIII, 55; X, 58; X, 70; XI, 3 e XI, 24.

¹⁰⁸³ Certamente um nome fictício; personagens com esse nome ocorrem também em II, 26; VI, 50 e IX, 8.

¹⁰⁸⁴ Como explica Izaac (*Ep-BL*²: 185, n. 1), o humor deste epigrama depende de um dado cultural relativo aos processos judiciais da Roma antiga: costumava-se exigir o juramento àqueles que negavam uma dívida. Marcial encara como uma dívida moral o fato de escrever um epigrama contra Bitínico; assim, convidado a jurar que não o escreveu (isto que é, que não contraiu essa dívida), Marcial prefere pagá-la, escrevendo o epigrama.

¹⁰⁸⁵ Ver n. a I, 70, 15.

¹⁰⁸⁶ Ver segunda nota a V, 30, 1.

¹⁰⁸⁷ O *syrma* (ver segunda nota a IV, 49, 89).

¹⁰⁸⁸ Ver n. a II, 6, 16.

¹⁰⁸⁹ Marcial se refere à poesia lírica (ver n. a V, 30, 2).

¹⁰⁹⁰ Assim como em português, a palavra não só designava a peça fina e comprida usada para fazer soar as cordas dos instrumentos, como também era uma metáfora para a poesia, sobretudo para a poesia lírica (*OLD*: 1389-1b).

¹⁰⁹¹ Foi um poeta satírico que viveu no século II a.C.; alguns o identificam com o poeta Lucílio, que viveu na época de Nero (*OLD*: 887). Foi um dos precursores do epigrama satírico em grego, língua na qual compunha seus poemas (Sullivan: 86).

¹⁰⁹² Sobre o *status* mais baixo dessa poesia em relação aos gêneros épico e trágico, cf. V, 5; VIII, 3, 21-22; VIII, 55, 17-20; X, 64 e o epigrama do prefácio ao Livro IX.

hinc etiam petitur iam mea palma tibi. 10
Elige quid nolis – quis enim pudor omnia uelle? –
et si quid non uis, Tucca, relinque mihi.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON
[LIBER XIII]

XENIA

I

Ne toga cordylis et paenula desit oliuis
aut inopem metuat sordida blatta famem,
perdite Niliacas, Musae, mea damna, papyros:
postulat ecce nouos ebria bruma sales.
Non mea magnanimo depugnat tessera telo 5
senio nec nostrum cum cane quassat ebur:

agora, até essa palma já minha¹⁰⁹³ é por você cobiçada.

10

Escolha o que você não quer – pois que modéstia há em tudo querer? –

e, se há algo que você não quer, Tuca¹⁰⁹⁴, deixe para mim.

DÉCIMO TERCEIRO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL¹⁰⁹⁵

OS *XENIA*

1

Para que uma toga não falte aos filhotes de atum e uma pênula às azeitonas,¹⁰⁹⁶

ou tema a sórdida traça a fome miserável,

estragai, Musas, estes nilíacos¹⁰⁹⁷ papiros, os meus prejuízos:

eis que o ébrio inverno exige novos sais.¹⁰⁹⁸

Não combate a minha téssera¹⁰⁹⁹ em um grandioso ataque,

5

nem o seis, junto com o cão, agita o meu marfim;¹¹⁰⁰

¹⁰⁹³ Cf. IV, 23; VII, 99 e X, 78, 16.

¹⁰⁹⁴ Ver segunda nota a VI, 65, 1.

¹⁰⁹⁵ Nas edições modernas, os livros *Xenia* e *Apophoreta* foram numerados, no conjunto da obra de Marcial, como os livros XIII e XIV, respectivamente (Sullivan: 12). Além dos três poemas prefaciais que serão vistos a seguir, os *Xenia* são compostos por 124 dísticos cuja temática gira em torno de alimentos (comidas e bebidas), com exceção dos epigramas 4, 126 e 127. Tais poematos acompanhavam os presentes trocados entre as pessoas, em Roma, nas épocas de festa, sobretudo durante as Saturnais (ver segunda nota a IV, 14, 7). O volume dos *Xenia* foi publicado em dezembro de 85 d.C., mesmo ano da publicação dos *Apophoreta*.

¹⁰⁹⁶ Ver n. a III, 2, 5. Sobre a pênula, ver n. a II, 57, 4.

¹⁰⁹⁷ O Egito fora sempre o principal centro produtor de papiro da Antigüidade e, até a época de Augusto, era também o único, razão pela qual um dos nomes do suporte para a escrita obtido a partir da planta (*Cyperus papyrus*) era *charta aegyptiaca* (Oliveira: 208).

¹⁰⁹⁸ Era dezembro, época do inverno e das Saturnais, daí a qualificação “ébrio” (cf. *ebria*) dada à estação e a necessidade de “novos sais”, isto é, de poemas picantes, sarcásticos, divertidos (sobre o termo *sal*, ver primeira nota a VII, 25, 3).

¹⁰⁹⁹ Equivalia ao nosso dado de seis lados, marcados em todos eles, de um a seis, em oposição ao *talus*, arredondado em dois de seus lados e marcado apenas nos outros quatro (com o número um e o seis, opostos um ao outro, e com os números três e quatro, também opostos). Cada dado era usado num tipo de jogo diferente: o jogo das *tesserae* empregava três dados, enquanto que o dos *tali*, quatro dados (*DLS*: 82-I; cf. ainda *Apoph.*, 15). Os jogos de azar, sobretudo os que envolviam dados, eram os preferidos dos romanos, que podiam, em geral, praticá-los em qualquer época do ano, desde que não apostassem dinheiro, prática só permitida durante as Saturnais (Robert: 77). Ver também nota seguinte.

¹¹⁰⁰ Talvez seja o marfim com que eram feitos alguns fritilos (os recipientes cônicos em que se agitavam os dados antes de lançá-los) ou alguns dos tabuleiros em que se lançavam os dados (cf. *Apoph.*, 17). O material não era, porém, o mais comum na confecção desses objetos. Quanto ao “cão” (*canis* ou *unio*) e ao “seis” (*senio*), eram os nomes que recebiam os lados que levavam os números um e seis, respectivamente. No jogo das *tesserae*, quando os três dados caíam com o seis voltado para cima, tinha-se a jogada de maior valor, chamada *Venus*, *iactus Venereus* ou *iactus basilicus*; quando eles caíam todos com o número um para cima,

haec mihi charta nuces, haec est mihi charta fritillus:

alea nec damnum nec facit ista lucrum.

II

Nasutus sis usque licet, sis denique nasus,

quantum noluerat ferre rogatus Atlans,

et possis ipsum tu deridere Latinum:

non potes in nugas dicere plura meas

ipse ego quam dixi. Quid dentem dente iuuabit

5

rodere? carne opus est, si satur esse uelis.

Ne perdas operam: qui se mirantur, in illos

uiros habe, nos haec nouimus esse nihil.

Non tamen hoc nimium nihil est, si candidus aure

nec matutina si mihi fronte uenis.

10

tinha-se a jogada do cão (*canis*, *canicula*, *iactus pessimus* ou *iactus damnosus*). Nos *tali*, a jogada de Vênus era quando todos os quatro dados tiravam números diferentes (isto é, a seqüência 1-3-4-6; cf. *Apoph.*, 14), e a do cão ocorria quando todos eles tiravam números iguais (*DLS*: 82-I). Os outros lados dos dados (3 e 4 nos *tali*; 2, 3, 4 e 5 nas *tesserae*) também tinham seus valores, bem como suas combinações, cada uma delas com um nome técnico (cf. Robert: 78).

este papiro é minhas nozes¹¹⁰¹, este papiro o meu fritilo¹¹⁰²;
este jogo não me traz prejuízo nem lucro.¹¹⁰³

2

Ainda que você fosse tão narigudo¹¹⁰⁴, e fosse você próprio um nariz
tão grande que Atlas, se o consultassem, não aceitaria carregar,¹¹⁰⁵
e ainda que capaz você fosse de zombar do próprio Latino¹¹⁰⁶,
não poderia dizer contra as minhas bagatelas mais coisas
que as que eu próprio já disse.¹¹⁰⁷ De que serve a um dente roer
outro dente?¹¹⁰⁸ Você precisa de carne, se quer ficar saciado.
Não perca o teu trabalho: para aqueles que admiram a si próprios
reserve o teu veneno; quanto a mim, sei que estes versos não são nada.¹¹⁰⁹
Mas também não custa nada você vir até mim
com um ouvido benévolo e uma cara não matutina.¹¹¹⁰

¹¹⁰¹ As nozes também faziam parte de vários jogos e brincadeiras entre os romanos (ver n. a V, 30, 8).

¹¹⁰² Ver n. a IV, 14, 8 e cf. *Apoph.*, 16.

¹¹⁰³ Marcial diz que não precisa se divertir com os jogos das Saturnais (o das *tesserae*, o dos *tali* e os jogos das nozes), pois seus próprios poemas (cf. *charta*, v. 7) são suas nozes, suas diversões saturninas. E ressalta o caráter diferente desse jogo poético: ele não lhe traz ganho nem perda (v. 8). O único prejuízo, como se pode ver no v. 3, fica por conta dos papiros que ele diz, “modestamente”, estragar com seus escritos.

¹¹⁰⁴ Ver n. a I, 3, 6.

¹¹⁰⁵ Atlas, na tradição mitológica, era um titã, filho de Jápeto e irmão de Prometeu. Tendo participado da luta malsucedida dos Gigantes contra os deuses olímpicos, fora condenado por Zeus, como punição, a carregar aos ombros a abóbada celeste (*DMG*: 81-82). Segundo Ovídio (*Met.*, IV, 827-662), o titã fora transformado em pedra por Perseu, que, após uma discussão com Atlas, lhe apresentara a terrível cabeça da Medusa.

¹¹⁰⁶ Ver n. a I, 4, 5.

¹¹⁰⁷ Marcial garante que ninguém mais que ele próprio critica e zomba de seus versos, nem mesmo alguém que tivesse um nariz tão grande (leia-se: uma “mania” tão grande de criticar os outros) que o próprio titã que carrega o mundo às costas não concordaria em carregar. Marcial superaria ainda alguém que fosse capaz de zombar de Latino, indivíduo que, pela própria profissão – ator de mimos (ver n. 8 ao prefácio do Livro I) – mais costumava zombar que ser zombado.

¹¹⁰⁸ Ou seja, um crítico criticar outro crítico.

¹¹⁰⁹ O poeta admite que seus poemas não passam de *nugae* (lembre-se que os *Xenia* são um dos primeiros livros de Marcial) e, como tais, não devem merecer a atenção do crítico, que deve se dedicar a poetas maiores e melhores (ou que assim se julgam). Confira a metáfora da “carne” aplicada às produções desse poetas, em oposição às composições de Marcial, que seriam o “osso”, o “dente”.

¹¹¹⁰ Como fará depois em outros livros seus, Marcial deixa claro aqui que seus poemas devem ser lidos à noite, em meio ao vinho dos jantares e festins, e não de manhã, à luz do dia, quando dominam a seriedade e a lucidez, e quando não há lugar para as obras brejeiras e divertidas (cf. IV, 8; X, 20, 12-21 e XI, 17).

III

Omnis in hoc gracili Xeniorum turba libello
constabit nummis quattuor empta tibi.
Quattuor est nimium? poterit constare duobus,
et faciet lucrum bybliophola Tryphon.
Haec licet hospitibus pro munere disticha mittas,
si tibi tam rarus quam mihi nummus erit.
Addita per titulos sua numina rebus habebis:
praetereas, si quid non facit ad stomachum.

5

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON

[LIBER XIV]

APOPHORETA

I

Synthesibus dum gaudet eques dominusque senator
dumque decent nostrum pillea sumpta Iouem;

3

Toda esta multidão de *xenia* deste fino livrinho

te custará, se a comprar, quatro sestércios.

Quatro é demais? Pode custar dois,

e ainda assim dará lucro ao livreiro Trífon¹¹¹¹.

Você pode enviar estes dísticos, ao invés dos presentes, aos teus anfitriões,

5

se para você o dinheiro for tão raro quanto para mim.¹¹¹²

Adicionados aos produtos, na forma de títulos, você terá os nomes de cada um,¹¹¹³

assim, poderá passar adiante se algo não for do teu gosto.¹¹¹⁴

DÉCIMO QUARTO LIVRO DE EPIGRAMAS DE M. VALÉRIO MARCIAL¹¹¹⁵

OS APOPHORETA

1

Enquanto se alegra em usar a síntese¹¹¹⁶ o cavaleiro e o poderoso senador,

enquanto convém ao nosso Jove¹¹¹⁷ cobrir-se com o púleo¹¹¹⁸,

¹¹¹¹ Ver n. a IV, 72, 2. Sobre os livreiros, ver ainda notas a I, 2, 7 e a I, 66, 3.

¹¹¹² Embora os *Xenia* fossem destinados a acompanhar os presentes, e não a substituí-los.

¹¹¹³ Os títulos que acompanham os poemas dos *Xenia* (e também dos *Apophoreta*, cf. *Apoph.*, 2) foram, portanto, adicionados pelo próprio Marcial. O mesmo não se pode dizer dos títulos que encabeçam, em algumas edições, os epigramas dos outros treze livros: sua autenticidade é contestada, como afirma Izaac (*Ep-BL*¹: xvi, Introdução).

¹¹¹⁴ Embora a expressão *facere ad stomachum* se refira não só ao gosto ou prazer dos alimentos, mas também ao prazer estético, não se deve esquecer que, nos *Xenia*, praticamente todos os dísticos versam sobre comidas e bebidas, de maneira que o primeiro sentido, mais físico e material que o segundo, está igualmente presente no verso de Marcial.

¹¹¹⁵ Publicados nas Saturnais de 85 d.C. e numerados nas edições modernas como o livro XIV de Marcial, os *Apophoreta* eram dísticos que acompanhavam os brindes ou lembranças que os anfitriões dos banquetes e festins sorteavam entre seus convidados, e que estes podiam levar para casa. Tais sorteios também eram mais comuns durante as Saturnais, embora fossem um divertimento de banquete em qualquer época do ano (Sullivan: 12). Os presentes ou prêmios eram dos mais diversos tipos, desde objetos de uso pessoal e utensílios de cozinha até obras de arte e livros.

¹¹¹⁶ Ver segunda nota a IV, 14, 7. O traje dos cavaleiros e senadores, bem como de todos os cidadãos romanos, era a toga, exceção feita à época das Saturnais.

¹¹¹⁷ Domiciano.

¹¹¹⁸ Ver segunda nota a IV, 14, 7.

nec timet aedilem moto spectare fritillo,
cum uideat gelidos tam prope uerna lacus:
diuitis alternas et pauperis accipe sortes: 5
praemia conuiuae dent sua quisque suo.
“Sunt apinae tricaeque et si quid uilius istis.”
Quis nescit? uel quis tam manifesta negat?
Sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,
quos tibi pro caelo filius ipse dedit? 10
Vis scribam Thebas Troiamue malasue Mycenae?
“Lude,” inquis, “nucibus”: perdere nolo nubes.

e o escravo de casa, agitando o fritilo¹¹¹⁹, não teme encarar o edil¹¹²⁰,
 pois vê já tão próximos os lagos congelados¹¹²¹,
 recebe estes bilhetes de sorteio alternados, de rico e de pobre:¹¹²² 5
 que cada um dê ao seu conviva o presente apropriado.
 “São ninharias e bagatelas e o que de mais ínfimo houver.”¹¹²³
 Quem não sabe? E quem nega coisas tão evidentes?
 Mas o que de melhor posso fazer, Saturno, nestes embriagados dias
 que teu próprio filho te concedeu em troca do céu?¹¹²⁴ 10
 Queres que eu escreva sobre Tebas, Tróia ou a perversa Micenas?¹¹²⁵
 “Joga”, dizes, “os jogos das nozes”: não quero perder minhas nozes.¹¹²⁶

¹¹¹⁹ Ver n. a IV, 14, 8 e cf. *Apoph.*, 16.

¹¹²⁰ Os *aediles* tinham como algumas de suas atribuições a supervisão dos cultos do povo romano, a fiscalização dos divertimentos e jogos da plebe e, por vezes, a promoção de espetáculos (*OCD*: 15-16). O jovem escravo não teme o edil porque, durante as Saturnais, tudo é permitido, e pode-se divertir com todos os tipos de jogos, inclusive os de azar.

¹¹²¹ Ou seja, a época das Saturnais, que coincidia com o inverno.

¹¹²² Há, nos *Apophoreta*, muitos pares de epigramas que tratam de um mesmo objeto ou presente, mas cada um deles com um valor ou preço diferente: em geral, um é rústico, feito de material barato; o outro é mais fino, de material mais caro. Vejam-se os epigramas 89 e 90, por exemplo: no primeiro, trata-se de uma mesa em madeira de limoeiro, muito apreciada na Antiguidade; no segundo, a mesa é de madeira de bordo, inferior à primeira. Tome-se outro exemplo: os poemas 108 e 109 têm por tema os copos de argila e os copos ornados com pedras preciosas, respectivamente. Segundo Izaac (*Ep-BL*²: 296, n. 4 à p. 217), os presentes mais e menos valiosos eram, provavelmente, sorteados aos pares, e todo o livro de Marcial teria sido composto em duplas de dísticos desse tipo, ainda que, devido à perda de algumas peças ou ao desordenamento dos poemas, tais pares, nas edições da obra do poeta, não estejam sempre em seqüência, nem possuam sempre um epigrama correspondente. Cf. os pares 5 e 6; 40 e 41; 43 e 44; 61 e 62; 63 e 64; 67 e 68; 89 e 90; 93 e 94; 95 e 96; 103 e 104; 105 e 106; 108 e 109; 159 e 160; 161 e 162.

¹¹²³ Parece ser o deus Saturno a dialogar com Marcial (cf. v. 9).

¹¹²⁴ Alusão ao fato de Saturno, identificado com o Crono da mitologia grega, ter sido deposto de seu trono por seu filho Júpiter/Zeus, a exemplo do que o próprio Crono fizera com o pai Urano, o Céu (*DMG*: 116; ver ainda n. a V, 16, 5).

¹¹²⁵ Ou seja, sobre as sagas e lendas das tragédias e epopéias. Marcial responde a Saturno que escrever tais gêneros sérios não é uma ocupação adequada em dias tão festivos como os das Saturnais. Os epigramas – as “bagatelas” e “ninharias” do poeta (cf. v. 7) – é que devem ter lugar nessa época do ano. Sobre o *status* e o caráter diferente da poesia de Marcial em relação aos outros gêneros, cf. IV, 49; V, 5; VIII, 3, 11-22; VIII, 55, 17-24; IX, 50; X, 4; X, 64; XI, 90; XII, 94, 9-10 e o epigrama do prefácio ao Livro IX. A respeito da estreita relação entre os versos de Marcial e as Saturnais, cf. IV, 14; V, 30; XI, 2; XI, 15; XI, 16 e *Xenia*, 1.

¹¹²⁶ Assim como em V, 30 (cf. esse epigrama, sobretudo nota ao verso 8), pode-se interpretar a segunda ocorrência da palavra *nux* (cf. *nuces*) de duas formas, sendo elas não excludentes: ou as nozes a que se refere o deus são simplesmente aquelas trocadas como presente durante as Saturnais e apostadas nos jogos próprios da época (e então Marcial estaria afirmando que não quer perder suas nozes em apostas, nesses jogos); ou elas representam os próprios poemas de Marcial, que diz não querer perdê-los ao se entregar aos jogos saturninos, isto é, não quer deixar de escrevê-los para ocupar seu tempo nesses jogos. Essa segunda interpretação é mais interessante, sobretudo tendo-se em vista o epigrama 1 dos *Xenia*, em que o poeta diz que seus próprios poemas é que o divertem durante as Saturnais: são suas nozes e seu fritilo (*Xenia*, 1, 7).

II

Quo uis cumque loco potes hunc finire libellum:

uersibus explicitumst omne duobus opus.

Lemmata si quaeris cur sint adscripta, docebo:

ut, si malueris, lemmata sola legas.

III. Pugillares citrei.

Secta nisi in tenues essemus ligna tabellas,

essemus Libyci nobile dentis onus.

IV. Quinquiplices.

Caede iuuenorum domini calet area felix,

quinquiplici cera cum datur altus honos.

V. Pugillares eborei.

Languida ne tristes obscurent lumina cerae,

nigra tibi niueum littera pingat ebur.

Você pode terminar este livrinho no ponto em que desejar:

cada tema se desenvolve totalmente em dois versos.

Se quer saber por que os títulos foram adicionados, direi:

é para que você possa ler, se preferir, apenas os títulos.¹¹²⁷

3. Tabuinhas¹¹²⁸ de madeira de limoeiro

Se não fôssemos madeiras cortadas em finas tabuinhas,

seríamos o nobre fardo de um dente da Líbia.¹¹²⁹

4. Tabuinhas de cinco folhas¹¹³⁰

Fica quente com o sangue dos novinhos o ditoso altar de nosso chefe,

quando por uma tabuinha de cera de cinco folhas uma nobre honra é concedida.¹¹³¹

5. Tabuinhas de marfim

Para que as melancólicas tabuinhas de cera não privem da luz os teus olhos cansados,

que a negra letra tinja para você o néveo marfim.¹¹³²

¹¹²⁷ Veja n. a *Xenia*, 3, 7.

¹¹²⁸ Também traduzimos os dísticos do *Apophoreta* que tratam de suportes e objetos para a escrita entre os antigos, assim como os que se destinavam a acompanhar livros enviados de presente (sobre esse nosso procedimento, cf. n. a I, 117). A respeito das tabuinhas de escrever usadas pelos antigos romanos – às quais Marcial dedica esta seqüência de nove dísticos –, ver n. a II, 6, 6.

¹¹²⁹ As mesas feitas com madeira de limoeiro eram muito apreciadas e, devido ao seu alto preço (cf. *nobile*), constituíam um privilégio dos cidadãos abastados (*CLS*: 77; cf. também *Apoph.*, 89). Os pés dessas mesas eram feitos de marfim, extraído das presas de elefantes e dos dentes de hipopótamos e oriundo sobretudo do norte da África (*OCD*: 792), onde ficava a Líbia (ver n. a XII, 61, 5). Assim, se as tabuinhas do epigrama não fossem o que são, seriam a madeira de uma mesa de limoeiro, sustentada por pés feitos de marfim.

¹¹³⁰ Várias tabuinhas, presas entre si por anéis metálicos, cordões ou dobradiças, podiam ser reunidas para formar uma espécie de livrinho ou bloco de notas (Oliveira: 204-205).

¹¹³¹ As tabuinhas de cera eram utilizadas também em atos oficiais, contendo, por exemplo, a lista dos jurados destinados a compor um tribunal ou a relação dos senadores (Oliveira: 203). Segundo Marcial, a concessão de uma magistratura pelo imperador também era acompanhada, além dos sacrifícios e oferendas aos deuses, da leitura de algum documento ou do registro do ato em tabuinhas de escrever.

¹¹³² Nem todas as tabuinhas recebiam uma camada de cera ou cal: às vezes a escrita era nelas lançada diretamente, por meio do calámo e de tintas, como é o caso dessa tabuinha de marfim. Note-se que este dístico, que trata de um dote precioso, está relacionado ao poema seguinte, destinado a acompanhar uma tabuinha de menor valor (ver n. a *Apoph.*, 1, 5).

VI. Triplices.

Tunc triplices nostros non uilia dona putabis,
cum se uenturam scribet amica tibi.

VII. Pugillares membranei.

Esse puta ceras, licet haec membrana uocetur:
delebis, quotiens scripta nouare uoles.

VIII. Vitelliani.

Nondum legerit hos licet puella,
nouit quid cupiant Vitelliani.

IX. Idem.

Quod minimos cernis, mitti nos credis amicae.
Falleris: et nummos ista tabella rogat.

X. Chartae maiores.

Non est munera quod putes pusilla,
cum donat uacuas poeta chartas.

6. Tabuinhas de três folhas

Você não vai considerar dons sem valor minhas tabuinhas de três folhas
quando a tua amada te escrever que ela virá.¹¹³³

7. Tabuinhas de pergaminho

Imagine que estas tabuinhas são de cera, embora pergaminhos sejam chamadas:
você as raspará sempre que quiser renovar os escritos.¹¹³⁴

8. Tabuinhas vitelianas

Mesmo que não as tenha lido ainda, a jovem
sabe o que desejam as tabuinhas vitelianas.¹¹³⁵

9. Mesmo objeto

Porque nos vê tão pequenas, você acha que nós somos enviadas a uma amante.
Engana-se: esta tabuinha também solicita dinheiro.¹¹³⁶

10. Papiros em formato grande¹¹³⁷

Não há por que você considerar medíocres tais presentes,
quando é um poeta que te dá papiros vazios.¹¹³⁸

¹¹³³ Já que a tabuinha, em si, é de pouco valor, o seu conteúdo é que a tornará mais preciosa. Sobre as tabuinhas de três folhas (*triplices*), veja-se a primeira nota a VII, 72, 2.

¹¹³⁴ O epigrama se refere, provavelmente, a um livrinho de folhas de pergaminho (um código). Ver segunda nota a I, 2, 4 e a nota a IV, 10, 6.

¹¹³⁵ Ver n. a II, 6, 6.

¹¹³⁶ Ver n. a II, 6, 6.

¹¹³⁷ As folhas de papiro de formato grande, conhecidas como *chartae maiores*, chegavam a ter 45cm de largura, e eram mais utilizadas como papel de embrulho (Oliveira: 210). Algumas obras filosóficas de Cícero teriam sido editadas nesse tipo de folha (Oliveira: 211).

¹¹³⁸ Embora as *chartae maiores* não estivessem entre os melhores tipos de papiro existentes no mercado (veja-se uma lista deles em Oliveira: 210-211), Marcial diz que o valor das mesmas aumenta por estarem em branco e por serem um presente dado por um poeta. Em outras palavras: é melhor receber um papiro grande em branco do que um papiro grande ocupado com um longo e entediante poema.

XI. Chartae epistolares.

Seu leuiter noto, seu caro missa sodali
omnes ista solet charta uocare suos.

XX. Theca libraria.

Sortitus thecam calamis armare memento:
cetera nos dedimus, tu leuiora para.

XXI. Graphiarium.

Haec tibi erunt armata suo graphiaria ferro:
si puero dones, non leue munus erit.

XXXVII. Scrinium.

Selectos nisi das mihi libellos,
admittam tineas trucesque blattas.

XXXVIII. Fasces calamorum.

Dat chartis habiles calamos Memphitica tellus;
texantur reliqua tecta palude tibi.

11. Papiros de carta

Quer a um conhecido, quer a um amigo querido seja enviado,
a todos este papiro costuma tratar por “meu caro”¹¹³⁹.

20¹¹⁴⁰. Estojo de escritor

Depois de ganhar este estojo no sorteio¹¹⁴¹, de cálamos¹¹⁴² lembre-se de provê-lo:
eu te dei todo o resto; arranje você o mais fácil.

21. Estojo para estilos¹¹⁴³

Serão para você estes estojos, por seu próprio ferro protegidos:
se você os dá a uma criança, não será de pouco peso o presente.

37. Escrínio¹¹⁴⁴

Se você não me entrega teus livrinhos preferidos,
deixarei entrar os vermes e as ferozes traças.

38. Feixes de cálamos¹¹⁴⁵

Dá aos papiros hábeis cálamos a terra menfítica¹¹⁴⁶;
que por outro pântano sejam tecidos os teus telhados.

¹¹³⁹ *Suos*, a forma como se costumava dirigir aos destinatários no início das cartas. Cf., por exemplo, as saudações de Marcial a Deciano e a Terêncio Prisco no início dos prefácios ao Livro II e ao Livro XII, respectivamente.

¹¹⁴⁰ Em algumas edições, este epigrama é numerado como 19 (ver notas da edição crítica, *Ep-BL*¹: 221).

¹¹⁴¹ Ver n. a *Apoph.*, título.

¹¹⁴² Ver n. a VII, 17, 7.

¹¹⁴³ Para escrever sobre as tabuinhas de cera, não se utilizavam, evidentemente, os cálamos (*arundo*, *fistula*, *calamus*, *calamus scriptorius*, *calamus chartarius*, *canna*) e nenhum tipo de tinta, mas sim o *stilus* ou *graphium*, um ponteiro fino e firme, feito de materiais diversos, com que se riscava a cera espalhada na tabuinha. A extremidade com que se escrevia era pontuda; a outra, achatada, servia para apagar as letras grafadas erroneamente (Oliveira: 62 e 222). Este epigrama de Marcial estava destinado a acompanhar um *graphiarium*, o estojo em que se guardavam os estilos de escrever e que constituía um acessório tanto dos escritores quanto das crianças que freqüentavam a escola romana (Oliveira: 222).

¹¹⁴⁴ Ver segunda nota a I, 2, 4.

¹¹⁴⁵ Ver n. a VII, 17, 7.

¹¹⁴⁶ Os cálamos de escrever de Mênfis (ver n. a VII, 99, 2) eram bastante apreciados (GAW: 389 e Oliveira: 222).

LVII. Myrobalanum.

Quod nec Vergilius nec carmine dicit Homerus,
hoc ex unguento constat et ex balano.

LXXXIV. Manuale.

Ne toga barbatus faciat uel paenula libros,
haec abies chartis tempora longa dabit.

CLXXXIII Homeri Batrachomachia.

Perlege Maeonio cantatas carmine ranas
et frontem nugis soluere disce meis.

CLXXXIV. Homerus in pugillaribus membraneis.

Ilias et Priami regnis inimicus Vlixes
multiplici pariter condita pelle latent.

CLXXXV. Vergili Culex.

Accipe facundi Culicem, studiose, Maronis,
ne nucibus positus ARMA VIRVMQVE legas.

57. Mirobálano

Este brinde, que nem Virgílio nem Homero mencionam em seus poemas¹¹⁴⁷,
consiste num perfume e numa bolota.¹¹⁴⁸

84. Escrínio de mão¹¹⁴⁹

Para que tua toga ou pênula não tornem barbados os teus livros,
este abeto dará longa vida aos teus escritos.

183. Uma *Batracomaquia* de Homero

Leia de cabo a rabo as rãs celebradas no poema meônio¹¹⁵⁰
e aprenda a desfranzir a testa para as minhas bagatelas.¹¹⁵¹

184. Um *Homero* em folhas de pergaminho¹¹⁵²

A *Ilíada* e Ulisses¹¹⁵³, do reino de Príamo inimigo,
se abrigam ambos neste couro escrito de muitas dobras.¹¹⁵⁴

185. Um exemplar de *O Mosquito*¹¹⁵⁵, de Virgílio

Receba, erudito, *O Mosquito* do facundo Marão,
para que você não tenha de abandonar as nozes para ler “as armas e o varão”.¹¹⁵⁶

¹¹⁴⁷ Segundo Izaac (*Ep-BL*²: 227, n. 1), porque a palavra não cabe na medida do hexâmetro, o verso da epopéia.

¹¹⁴⁸ O termo *myrobalanum* designava uma determinada árvore, assim como o seu fruto e o perfume dele extraído. A identificação da planta, no entanto, é controversa (cf. Izaac, *Ep-BL*²: 227, n. 2).

¹¹⁴⁹ Era, provavelmente, um escrínio (ver segunda n. a I, 2, 4) de viagem, dotado de uma alça que facilitava o transporte do livro ou livros contidos no recipiente. O escrínio descrito no epigrama era feito de madeira (cf. *abies*) e impedia que os rolos se desgastassem pelo contacto com as vestes de quem os carregava.

¹¹⁵⁰ Ver n. a V, 10, 8.

¹¹⁵¹ A *Batrachomachia* (“A Guerra dos Sapos e das Rãs”) é um poema grego que falsamente se atribuía a Homero. Mas Marcial aproveita essa associação para defender seus livrinhos de epigramas, evocando a autoridade de Homero, que também teria escrito poemas poucos sérios e divertidos.

¹¹⁵² Isto é, em formato de códice (veja-se a segunda nota a I, 2, 4).

¹¹⁵³ Isto é, a *Ilíada* e a *Odisséia*, esta última representada por seu protagonista, Ulisses ou Odisseus.

¹¹⁵⁴ O códice que esse dístico deveria acompanhar reunia as duas obras homéricas.

¹¹⁵⁵ Ver n. a VIII, 55, 20.

¹¹⁵⁶ “As armas e o varão” (*Arma uirumque*) são, como se sabe, as primeiras palavras da *Eneida* de Virgílio. Pode-se dar ao dístico duas interpretações ligeiramente diferentes. A primeira, que privilegiamos em nossa tradução, é a seguinte: a pessoa que receber, no sorteio, a divertida obra de Virgílio (*O Mosquito*), terá um livro mais adequado para ler durante as Saturnais, não tendo de recorrer à séria e grandiosa *Eneida*, leitura muito “pesada” para os dias festivos consagrados a Saturno. Assim, o ganhador não terá de abandonar as nozes das Saturnais, já que o próprio poema *Culex* corresponde a essas nozes, a esses divertimentos (sobre a

CLXXXVI. Vergilius in membranis.

Quam brevis immensum cepit membrana Maronem!

Ipsius uultus prima tabella gerit.

CLXXXVII. Μενάνδρου Θαΐς

Hac primum iuuenum lasciuos lusit amores;

nec Glycera pueri, Thais amica fuit.

CLXXXVIII. Cicero in membranis.

Si comes ista tibi fuerit membrana, putato

carpere te longas cum Cicerone uias.

CLXXXIX. Monobyblos Properti.

Cynthia – facundi carmen iuuenale Properti –

accepit famam, non minus ipsa dedit.

CXC. Titus Liuius in membranis.

Pellibus exiguis artatur Liuius ingens,

quem mea non totum bibliotheca capit.

associação das nozes saturnais aos livros de epigramas, cf. V, 30 e *Apoph.*, 1, 7-12, sobretudo a nota ao verso 12). Na outra interpretação possível, não há essa associação das nozes com os livros, e se dá uma matiz temporal ao segundo verso: a pessoa que recebesse no sorteio o *Culex* de Virgílio, *quando* deixasse de se dedicar aos jogos das nozes nas Saturnais e quisesse se consagrar um pouco à leitura, não teria de ler a grave e austera epopéia de Virgílio.

186. Um *Virgílio* em pergaminho

Que pergaminho pequeno abrigou o imenso *Marão*!¹¹⁵⁷

É dele próprio o retrato que a primeira página ostenta.¹¹⁵⁸

187. Uma *Taís* de Menandro¹¹⁵⁹

Foi com ela que desfrutou primeiro os ardentes amores da juventude:

não foi Glícera a amada do rapaz, mas *Taís*.

188. Um *Cícero* em pergaminho

Se teu companheiro de viagem for este pergaminho, imagine

que os longos caminhos você percorre na companhia de *Cícero*.

189. Um *Monobyblos* de Propércio¹¹⁶⁰

Cíntia – poema de juventude do facundo Propércio –

recebeu dele sua fama; não menos ela própria lhe concedeu.¹¹⁶¹

190. Um *Tito Lívio* em pergaminho

Nestas peles pequeninas está comprimido o enorme *Lívio*,

ele que, inteiro, a minha biblioteca não comporta.¹¹⁶²

¹¹⁵⁷ Provavelmente era um códice em formato pequeno. Talvez ele contivesse apenas a *Eneida*, ou, ainda, a obra completa de Virgílio (a *Eneida*, as *Geórgicas* e as *Bucólicas*).

¹¹⁵⁸ Muitos livros possuíam, em sua folha de rosto, o retrato de seu autor (Oliveira: 226).

¹¹⁵⁹ Ver n. a V, 10, 9.

¹¹⁶⁰ Ver n. a VIII, 73, 5. O livro I de Propércio fora publicado sob o nome de *Cynthia*, a mulher que ele celebrou em muitos de seus poemas, mas o mesmo conjunto de poemas também é denominado, em alguns manuscritos, *Monobyblos* (*Ep-BL*²: 249, n. 1).

¹¹⁶¹ De fato, Propércio deveu sua fama sobretudo aos seus poemas de amor (*OCD*: 1258).

¹¹⁶² A obra do historiador Tito Lívio, *Ab Urbi Condita Libri*, narrava a história de Roma desde a sua fundação até o ano 9 a.C.; era formada por 142 livros, que chegaram apenas parcialmente aos dias atuais (*OCD*: 877). O livro a que o dístico de Marcial se refere tinha, provavelmente, um formato pequeno, a exemplo daquele descrito em *Apoph.*, 186.

CXCI. Sallustius.

Hic erit, ut perhibent doctorum corda uirorum,
primus Romana Crispus in historia.

CXCII. Ouidi Metamorphosis in membranis.

Haec tibi, multiplici quae structa est massa tabella,
Carmina Nasonis quinque decemque gerit.

CXCIII. Tibullus.

Vssit amatorem Nemesis lasciua Tibullum,
in tota iuuit quem nihil esse domo.

CXCIV. Lucanus.

Sunt quidam qui me dicant non esse poetam:
sed qui me uendit bybliopola putat.

CXCV. Catullus.

Tantum magna suo debet Verona Catullo,
quantum parua suo Mantua Vergilio.

191. Um *Salústio*¹¹⁶³

Aqui se achará Crispo, o primeiro – segundo as opiniões
dos sábios – na historiografia romana.

192. Um exemplar em pergaminho das *Metamorfoses* de Ovídio¹¹⁶⁴

Este calhamaço formado, para você, de múltiplas páginas,
traz de Nasão quinze livros de poemas.¹¹⁶⁵

193. Um *Tibulo*

A lasciva Nêmesis inflamou de amor seu amante Tibulo¹¹⁶⁶,
que encontrou prazer em ser um nada em toda a sua casa.¹¹⁶⁷

194. Um *Lucano*¹¹⁶⁸

Há pessoas que dizem que eu não sou um poeta:
mas o livreiro¹¹⁶⁹ que me vende pensa diferente.

195. Um *Catulo*¹¹⁷⁰

A grande Verona deve tanto ao seu Catulo¹¹⁷¹
quanto a pequena Mântua ao seu Virgílio.¹¹⁷²

¹¹⁶³ A obra de Gaio Salústio Crispo (86-35 a.C.), composta pelas monografias históricas *De Catilinae Coniuratione* e *Bellum Iugurthinum* e pelas *Historiae*, foi muito admirada na Antigüidade, influenciando autores como Tácito (*OCD*: 1348-1349).

¹¹⁶⁴ Ver n. a V, 10, 10.

¹¹⁶⁵ As *Metamorfoses* de Ovídio são, como se sabe, compostas de quinze livros.

¹¹⁶⁶ Ver n. a VIII, 73, 7.

¹¹⁶⁷ Marcial toma esse verso do próprio Tibulo. Cf. a elegia 5 do livro I desse autor, verso 30: *at iuuat in tota me nihil esse domo* (“mas será para mim um prazer ser um nada em toda a minha casa”).

¹¹⁶⁸ Ver notas a X, 64, 1 e a X, 64, 4.

¹¹⁶⁹ Ver notas a I, 2, 7 e a I, 66, 3.

¹¹⁷⁰ Ver nota 5 ao prefácio do Livro I.

¹¹⁷¹ Ver n. a X, 103, 5.

¹¹⁷² Ver n. a VIII, 55, 6.

CXCVI. Calui de aquae frigidae usu.

Haec tibi quae fontes et aquarum nomina dicit,
ipsa suas melius charta natabat aquas.

CCIX. Concha.

Leuis ab aequorea cortex Mareotica concha
fiat: inoffensa curret harundo uia.

196. Sobre o uso da água fria, de Calvo¹¹⁷³

Este papiro, que te diz as fontes e os nomes das águas,
nadaria melhor, ele próprio, nas águas que lhe são familiares.¹¹⁷⁴

209. Concha

Que suave se torne, graças a uma concha do mar, a mareótica
entrecasca¹¹⁷⁵: o caniço¹¹⁷⁶ seguirá por um caminho sem obstáculos.

¹¹⁷³ Gaio Licínio Calvo (82-47 a.C.), político, orador e poeta. Deixou 21 discursos e se dedicou a alguns gêneros poéticos, tendo escrito uma elegia sobre a morte de sua amada Quintília e um pequeno poema épico intitulado *Io*, além de epigramas satíricos em metros diversos e epitalâmios (*OCD*: 857). O tratado a que faz referência o dístico de Marcial não chegou à posteridade (Sullivan: 14).

¹¹⁷⁴ Sobre essa destinação merecida pelos livros de pouca inspiração e talento, cf. I, 5; III, 100 e IX, 58.

¹¹⁷⁵ Isto é, o papiro, dito “mareótico” devido ao lago Mareótis (atual Maryut), próximo de Alexandria, no Egito (*GAW*: 22), principal região produtora e exportadora de papiro na Antiguidade (ver n. a *Xenia*, 1, 3). Segundo Plínio, o Velho (*NH*: XIII, 25), também se usava uma concha para polir o papiro e torná-lo liso o suficiente para receber a escrita.

¹¹⁷⁶ Ou cálamo (ver n. a VII, 17, 7).

***4. Conclusões: seis principais aspectos metapoéticos na obra de
Marcial***

4. Conclusões

Pudemos constatar, através da tradução e análise do *corpus* que acabamos de apresentar, seis principais aspectos metapoéticos presentes na obra de Marcial. Apresentemos cada um deles.¹

4.1. A extensão dos epigramas

Como vimos em capítulos precedentes, a brevidade típica do gênero epigramático está relacionada às suas origens de inscrição votiva e sepulcral e é, sem dúvida, a principal característica do gênero em toda a sua história. Segundo P. Waltz, na introdução à sua edição da *Antologia Grega* (*apud* Dezotti, 1990: 77), a grande maioria dos 3700 epigramas que fazem parte dessa antologia tem entre 2 e 12 versos. Entre os latinos, Catulo, talvez a maior influência de Marcial, compôs 48 poemas curtos que se costuma classificar como epigramas (cf. Martin & Gaillard, 1990: 405), ou seja, aqueles que compõem a última das três seções em que foi dividida sua obra, tal qual chegou até nós.²

A questão da brevidade do epigrama está imbricada na própria delimitação do gênero, levantando polêmicas e complexas questões. Um epigrama composto de vários dísticos elegíacos, e cujo tema esteja entre aqueles presentes na poesia elegíaca – a lamentação fúnebre ou o sofrimento amoroso – não poderia ser considerado uma elegia breve?³ Por outro lado, um epigrama de Marcial como III, 82, em que o poeta critica, em 33 versos, a ostentação e o excesso de luxo do novo-rico Zoilo, constitui, poder-se-ia dizer, uma mini-sátira⁴.

¹ Serão aqui comentados, em cada poema apresentado, apenas as questões pertinentes ao aspecto metapoético tratado em cada item. Para outras questões, para mais detalhes sobre a análise e interpretação dos poemas e para outras informações necessárias à compreensão de cada epigrama, remetemos ao capítulo terceiro, onde todos os poemas aqui apresentados foram traduzidos e explicados.

² Se bem que, se se levar em conta a brevidade, muitos poemas da primeira seção – os chamados polímetros – também poderiam ser considerados epigramas, ainda que não tenham sido compostos em dísticos elegíacos como os da terceira seção (cf. Martin & Gaillard, loc. cit.).

³ Para um aprofundamento da questão da diferenciação entre elegia e epigrama, veja-se o estudo de Gentili: “Epigrama ed Elegia”. In: Reverdin, Olivier (ed.). *L’Épigramme Grecque*. Genève: Fondation Hardt, Genève, 1967. “Entretiens sur l’Antiquité Classique”, vol. XIV, pp. 37-68.

⁴ *Sátira*, aqui, no sentido de gênero satírico, tal como cultivado por Horácio, Pérsio e Juvenal.

Polêmicas à parte, a verdade é que a maior parte dos poemas, sejam eles gregos ou latinos, que a tradição chamou “epigramas” são de curta extensão. Daí decorre, provavelmente, a preocupação de Marcial em justificar seus epigramas longos. Em seus livros é freqüentemente inserido, após uma composição muito longa, um epigrama curto destinado a justificar a extensão do anterior. Tomemos como exemplo o epigrama sobre o personagem Zoilo⁵, que acabamos de citar (cf. nossa tradução, no capítulo anterior). Composto por 33 versos, ele não “obedece” ao princípio da brevidade, fato esse com o qual Marcial brinca no epigrama seguinte, III, 83:

Você me aconselha a fazer epigramas mais breves, Cordo.
“Faça para mim o que faz Quíone.” Não pude ser mais breve.

O poeta diz não ser possível a seus epigramas ser tão breves quanto os serviços sexuais (as “rapidinhas”) prestados pela prostituta Quíone, conforme pedira o personagem Cordo. O mesmo procedimento é empregado no Livro I, nos epigramas 109 e 110. O conhecido poema sobre a cadelinha de Públio (veja tradução no capítulo anterior), composto por 23 versos, é seguido imediatamente por este dístico:

Você se queixa, Veloz, de que escrevo epigramas longos.
Você mesmo, nada escreve: você mais breves os faz.

Aqui, o próprio nome é escolhido a propósito: *Velox*, do original, significa “veloz”, “rápido”. Marcial admite, ironicamente, que os epigramas de Veloz são mais breves, já que este não os escreve, provavelmente porque não tem talento para fazê-lo. O poema VI, 64, no qual um poeta que escrevera versos contra Marcial é por ele violentamente atacado, compõe-se de 32 hexâmetros. A ele se segue o poema VI, 65, em que se defende não só a composição de epigramas de longa extensão como também a utilização de versos hexâmetros:

⁵ Como se viu a partir de nossa tradução, assumimos como falsos nomes (ou pseudônimos) todos aqueles que designam indivíduos de alguma forma satirizados nos poemas de Marcial. Baseamo-nos no que o próprio poeta diz no prefácio ao Livro I: que não faz uso de nomes verdadeiros, ao contrário dos autores que o precederam. Assim, os indivíduos criticados existem realmente – sejam eles indivíduos específicos ou um grupo social por eles representado –, mas os nomes são fictícios. Auxiliou-nos nesse ponto o índice de nomes próprios de Izaak, da edição dos *Epigramas* da “Les Belles Lettres”.

“Você faz um epigrama em hexâmetros”, sei que diz Tuca.
 É costume fazê-lo, Tuca, e , de resto, é possível, Tuca.
 “Mas este, entretanto, é longo.” Isso também é costume, Tuca, e é possível:
 se você aprecia os mais breves, pode ler somente os dísticos.
 Fique entre nós combinado que os epigramas longos
 pular é direito teu, escrevê-los, Tuca, meu.

5

Diante da insistência do personagem Tuca em encontrar um motivo para criticar os poemas de Marcial, este lhe propõe uma espécie de pacto: Tuca pode ler somente os epigramas curtos, mas deve deixar de criticar as composições longas, já que, segundo o poeta, também é possível compor epigramas de longa extensão. Aproveitando a presença do tema no mesmo poema, tratemos rapidamente da questão da utilização de metros hexâmetros na composição de epigramas. Diante do estranhamento de Tuca ao se deparar com um epigrama composto inteiramente nesse metro, Marcial o informa de que tal prática é comum. O hexâmetro puro era, de fato, um dos metros utilizados nos epigramas desde a origem epigráfica do gênero, o que é reforçado pelo fato de terem sido compostos em hexâmetros os mais antigos epigramas de que se tem notícia (cf. López Férez, 1988: 842), como já recordamos no segundo capítulo desta dissertação. Mas a preocupação do poeta em justificar o emprego do metro talvez se deva ao fato de o dístico elegíaco ter se tornado o esquema métrico mais comum do gênero, predominante, inclusive, em sua obra.⁶

Voltando à questão da extensão dos epigramas, vejamos o poema II, 77, dirigido a um certo Coscônio:

Coscônio, você que julga longos os meus epigramas,
 pode ser útil para untar eixos.
 Você, com esse padrão, julgaria grande demais o Colosso,
 e o menino de Bruto, diria que é muito pequeno.
 Aprenda o que você não sabe: de Marso e do douto Pedão
 duas colunas, muitas vezes, tratam de um único assunto.
 Não são longos os epigramas que nada têm que você possa cortar,
 mas você, Coscônio, os dísticos torna longos.

5

⁶ Há apenas quatro epigramas, em toda a obra de Marcial, compostos inteiramente em hexâmetros (cf. Dezotti, 1990: 61).

Marcial evoca seus antecessores no gênero epigramático (Domício Marso e Albinovano Pedão) para dizer que os epigramas podem, sim, ser longos, ocupando toda uma coluna do rolo de papiro. E termina com uma alfinetada, insinuando que Coscônio é um mau poeta: seus dísticos são tão ruins que é penoso lê-los ou ouvi-los, ainda que sejam breves. Para as informações culturais necessárias à compreensão desse poema, remetemos o leitor ao terceiro capítulo desta dissertação, onde o epigrama foi traduzido e anotado.

No epigrama X, 59, dirigindo-se ao leitor que só lê os epigramas breves, escreve o poeta:

Se uma coluna minha é tomada por um único título, você passa adiante,
e são os poemas mais breves, não os melhores, que te agradam.
Um rico jantar, abastecido por todos os mercados, te é servido,
mas somente as guloseimas te deleitam.
Não preciso de um leitor guloso demais;
visto àquele que não pode ficar saciado sem pão.

5

Marcial diz, utilizando-se de metáforas alimentícias, que o leitor que seus livros pressupõem é aquele que lê o livro todo (aquele que se deleita com o rico jantar) e não o que só lê os poemas breves (a quem agradam apenas as guloseimas). Para encerrar este item sobre a extensão dos epigramas, terminemos com o dístico VIII, 29, que anuncia já o próximo ponto de que trataremos, as considerações metapoéticas de Marcial sobre a extensão de seus livros:

Aquele que escreve dísticos quer, penso eu, agradar pela brevidade.
De que adianta a brevidade, me diga, se se trata de um livro?

O poeta zomba de seus críticos com um argumento lógico: toda a brevidade individual dos epigramas se torna inútil quando são reunidos em livro, pois é como se se tornassem, no conjunto, longos.

4.2. A extensão dos livros

Como poesia de circunstância – isto é, poesia que se produz e se realiza no momento, para divertimento do público, para homenagear pessoas importantes ou celebrar fatos, para atacar tipos sociais ou indivíduos da sociedade, etc. –, os epigramas não eram, freqüentemente, reunidos em livro.⁷ Mas, por vezes, isso ocorria, em geral para o entretenimento do círculo de amigos ou dos patronos dos poetas (cf. Citroni et al., 1991: 184).

Marcial, no entanto, publica em livro, já desde o *Liber de Spectaculis*, a sua produção poética, embora provavelmente tivesse composto muitos poemas, antes de sua obra de estréia, que não chegaram a ser publicados ou que circularam entre os amigos e leitores antes da publicação.⁸ A reunião dos epigramas em livro e sua publicação marca, na verdade, o crescimento da importância do gênero (cf. Citroni et al., 1991: 185), e faz parte de um certo projeto de Marcial – perceptível em seus metapoemas – de provar a qualidade artística do epigrama e de lhe garantir, apesar de seu caráter de gênero “menor”, o mesmo *status* de *poesia* que têm a tragédia, a epopéia e outros gêneros maiores (cf. Citroni, 1989: 340). Mas a esse ponto, que envolve o conteúdo dos gêneros, voltaremos mais adiante.

O caráter de poesia de ocasião, de poesia que se consuma em si mesma, individualmente, no contexto social a que pertence e para o qual foi produzida, contrasta, então, com a sua reunião e publicação em livro, gerando uma tensão que permeará alguns epigramas ao longo da obra de Marcial. O poema II, 6 é talvez o que melhor ilustra esse fato:

Vá, mande-me agora publicar meus livrinhos!

Depois de ler a muito custo duas colunas,

você olha a última folha, Severo,

e dá longos bocejos.

Estes são os poemas que, quando eu os relia, você costumava,

5

tirando-os de mim, copiar, e em tabuinhas vitelianas!

Estes são os que você levava no bolso, um a um,

⁷ Esse fato contribuiu, certamente, para que grande parte da produção epigramática grega e latina não chegasse até nós (cf. Citroni et al., 1991: 171-172). Sobre o assunto, cf. ainda Citroni (1988).

⁸ É a opinião de Citroni (1988: 3-4).

por todos os banquetes, pelos teatros;
 são estes, ou melhores, se alguns você desconhece.
 De que me serve um livrinho que, de tão magro, 10
 não é mais grosso que um cilindro,
 se, para lê-lo por inteiro, você precisa de três dias?
 Nunca houve prazeres mais indolentes.
 Cansado, tão rapidamente você desanima, viajante,
 e, quando deveria correr até Bovilas, 15
 quer desatrelar os bois junto às Camenas?
 Vá, mande-me agora publicar meus livrinhos!

Severo, provavelmente um amigo de Marcial, costumava recitar os versos deste nos banquetes e teatros, onde os levava anotados em tabuinhas de cera (ou seja, anotados avulsamente, com o objetivo apenas de divertir os amigos e ouvintes presentes naqueles locais). Porém, os mesmos poemas, agora publicados em livro – ainda que em um livro curto (note-se que o volume, hiperbolicamente, não dá mais que uma volta no cilindro em que estava enrolado) –, não despertam o mesmo interesse de Severo, que fora inclusive quem incentivara a publicação, de acordo com os versos 1 e 17.

A preocupação de Marcial com a possibilidade de seus epigramas perderem o dinamismo ou o atrativo em razão de terem sido reunidos em livro motivou-o a confeccionar livros contendo em torno de 100 poemas⁹, número que parece ter sido o que o poeta julgava ideal. Em II, 1, ele faz a apologia dos livros curtos:

Três centenas de epigramas você sem dúvida poderia suportar,
 mas quem te suportaria e te leria até o fim, livro?
 As vantagens, porém, dos livrinhos curtos aprenda.
 A primeira é que menos papiro estrago;
 depois, que o copista os conclui em apenas uma hora, 5
 e não terá que se dedicar somente às minhas bagatelas;
 a terceira vantagem é que, se você for lido a alguém,
 ainda que você seja muito ruim, não será enfadonho.
 Vai ler-te o conviva depois de misturadas suas cinco onças, mas antes
 que possa o cálice servido começar a esfriar. 10

⁹ As recolhas *Xenia* e *Apophoreta* possuem 127 e 223 poemas, respectivamente, mas a brevidade fica por conta do fato de serem todos compostos por um único dístico.

Acha que está protegido com tamanha brevidade?
Ai de mim, quão longo ainda assim você será para muitos!

No entanto, mesmo com um livro curto – note-se que sua leitura pode ser concluída no curto espaço de tempo decorrido entre o momento em que se “corta” o vinho com a água quente e aquele em que a mistura começa a esfriar (vv. 9-10) –, o poeta não se considera seguro, já que muitos ainda vão criticar a extensão de seus livros, ou – interpretando-se diferentemente – criticarão a qualidade de seus poemas, que, por serem ruins, pareceriam longos aos leitores ou ouvintes. No Livro X, epigrama 1 (note-se que são freqüentemente os epigramas iniciais os que tratam da extensão dos livros), Marcial encontra uma solução fácil e prática aos leitores que acharem muito extenso seus livros:

Se um livro demasiado grande, de longínquo final e extenso
pareço ser, leia apenas alguns poemas: um livrinho serei.
Muitas vezes termina com um pequeno poema
a minha coluna: faça-me você mesmo tão breve quanto desejar.

Em XI, 107, o poeta responde ironicamente a um certo Seticiano, que não teve paciência de ler até o fim um livro que Marcial lhe enviara:

Desenrolado até os seus cilindros o meu livro
você me devolve, Seticiano, como se tivesse sido lido até o fim.
Você leu tudo. Acredito, reconheço, me alegro com isso, é verdade.
Foi assim que eu li até o fim os teus cinco livros.

E, no último epigrama do Livro IV, o de número 89, dirige-se jocosamente ao próprio livro, que quer se estender ainda por muitas folhas:

Alto lá, já basta! Alto lá, livrinho,
já chegamos aos cilindros!
Você quer continuar ainda e ir adiante
e não consegue se deter na última folha,
como se, para você, não tivesse sido concluída a tarefa
que ainda na primeira página fora concluída.

Já o leitor se queixa e desanima,
já o próprio copista diz também o seguinte:
“Alto lá, já basta! Alto lá, livrinho!”

Há ainda um poema em que Marcial faz alusão não ao tamanho dos epigramas ou dos livros, mas à extensão de toda a sua obra poética. Em IV, 29, dirigido a Aulo Pudente, centurião amigo de Marcial, este afirma que uma produção poética muito vasta pode cansar o leitor. E faz uso de uma série de *exempla* para provar que só o que é raro agrada:

Prejudica os meus livrinhos, caro Pudente, sua própria abundância,
e cansa e farta o leitor uma volumosa obra.
As raridades agradam: assim há maior atrativo nos primeiros frutos,
e assim adquirem o seu valor as rosas invernais;
assim o desdém valoriza a espoliadora amante 5
e ao jovem não atrai uma porta sempre aberta.
Mais vezes foi estimado Pérsio por um único livro
que o medíocre Marso com toda a sua *Amazona*.
Tu também, quando leres qualquer um dos meus livrinhos,
imagina que é o único: assim terá para ti mais valor. 10

4.3. O retrato da vida cotidiana nos epigramas e o contraste com os gêneros “maiores”

Mario Citroni, em seu estudo intitulado “Musa pedestre” (1989), afirma que “a representação literária da vida cotidiana” é, na cultura antiga, “confinada à esfera do cômico e reservada a gêneros literários que são considerados ‘menores’ pelo próprio fato de terem esse caráter cômico e realista” (p. 311).¹⁰ Assim, ao lado da poesia jâmbica de invectiva, da comédia – que, apesar de gênero tradicional, teve seu *status* de poesia posto em dúvida pelos teóricos da Antigüidade – e da sátira, o epigrama fez parte desse grupo de gêneros “menores”, tendo como características principais, além da brevidade, o retrato da vida cotidiana e a utilização de uma linguagem realista e próxima do coloquial (cf. Citroni,

¹⁰ Cf. também Auerbach, E. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental* (4. ed./2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2002), p. 27: “[na Antigüidade,] tudo o que corresponde à realidade comum, todo o quodiano só pode ser apresentado de forma cômica, sem aprofundamento problemático.”

1989: 314-315). Esses traços se opõem àqueles que caracterizam a poesia de maior prestígio, sobretudo a tragédia e a epopéia: matéria mitológica ou heróica e uso de linguagem e tons elevados. Marcial, em muitos de seus metapoemas, exalta a vivacidade e o realismo de seus epigramas, em detrimento das tragédias e epopéias, que tratariam de assuntos fantásticos e distantes da realidade dos leitores, ouvintes e espectadores. *Hominem pagina nostra sapit* (“a minha página tem o sabor do ser humano”), diz o poeta no epigrama X, 4, verdadeira apologia do realismo de sua poesia:

Você que lê Édipo e o sombrio Tiestes,
 Cólquidas e Cilas, o que lê senão monstros?
 De que te servirá o raptado Hilas, e Partenopeu, e Átis,
 de que te servirá o dorminhoco Endimião?
 Ou o menino despojado de suas decaídas asas? 5
 Ou o que rejeita apaixonadas águas, Hermafrodito?
 Em que te deleitam as falsas ilusões de um mísero papiro?
 Leia isto, de que a vida poderia dizer: “Pertence a mim.”
 Aqui nem Centauros, nem Górgonas e Harpias
 encontrará: a minha página tem o sabor do ser humano. 10
 Mas você não quer, Mamurra, ver o reflexo dos teus costumes
 nem conhecer a si mesmo: leia, então, as *Origens* de Calímaco.

Mamurra, a quem o poema é dirigido, não quer ver retratados na poesia os costumes das pessoas reais e os assuntos do dia-a-dia: deve, portanto, ler a obra etiológica de Calímaco, os *Aetia*, que trata das origens de mitos, cultos e festivais da Grécia. Marcial despreza a matéria mitológica e fantasiosa abordada nas tragédias e epopéias (vv. 1-7 e 9), exaltando o realismo e vivacidade dos epigramas, que pertencem à vida real (v. 8). A mesma crítica aos gêneros maiores reaparece em alguns versos do epigrama X, 35, que homenageia a poetisa Sulpícia, contemporânea de Marcial, autora ela também de poemas ligeiros:

Que leiam Sulpícia todas as moças
 que a um único esposo desejam agradar;
 que leiam Sulpícia todos os maridos
 que desejam agradar a uma única esposa.
 Ela não relata o furor da Cólquida, 5

nem os banquetes celebra do cruel Tiestes;
Cila, BÍblis, não crê que existiram:
ensina, porém, os castos e puros amores,
suas brincadeiras, suas delícias, seus gracejos.

(...)

No terceiro poema do Livro VIII, Marcial imagina um divertido diálogo seu com a musa da comédia, Talia, e diz brincando que vai deixar de escrever epigramas. A Musa, então, lhe responde:

(...)

“Então você pode, ingrato, abandonar as doces bagatelas?
Você, que é um preguiçoso, o que – me diga – poderá fazer de melhor?
Acaso te apraz passar do soco aos trágicos coturnos
ou retumbar as cruéis guerras em metros constantes,
para que te leia por inteiro, com sua rouca voz, o empolado professor 15
e te odeie a virgem nobre e o menino ilustre?
Que os escrevam os demasiado sérios e demasiado austeros,
cuja lâmpada os contempla, infelizes, no meio da noite;
você, porém, tempere com o sal romano teus graciosos livrinhos:
que a vida reconheça e leia seus próprios costumes. 20
Você pode até parecer cantar em humilde avena,
contanto que a tua avena vença as tubas de muitos.”

Note-se que é expressa, no verso 20, a mesma idéia que vimos acima em X, 4, 11 (*tuos cognoscere mores*: “conhecer os teus próprios costumes”): *adgnoscat mores uita legatque suos* (“que a vida reconheça e leia seus próprios costumes”). Neste poema VIII, 3, a Musa aconselha o poeta a continuar tratando dos assuntos do dia-a-dia, e com a graça e o humor, característico dos romanos (cf. *Romano sale*, v. 19), com que sempre temperou seus livros. Os coturnos (isto é, a poesia trágica) e a celebração das guerras em metros constantes (os hexâmetros, metro da epopéia) devem, segundo a deusa, ficar a cargo de pessoas excessivamente sérias e austeras, e tais empresas não combinam com o gênio jovial do epigramatista (vv. 13-14). É melhor não fazer parte do cânone de autores da educação romana que ser odiado pelos alunos (vv. 15-16). Os últimos versos do epigrama (vv. 21-22)

representam o ideal artístico de Marcial: igualar-se ou até superar os gêneros maiores (cf. *tuba*), mesmo cultivando um gênero considerado “menor” (cf. *auena*).¹¹

Em outra composição (IX, 50), o epigramatista garante que não basta tratar de um assunto grandioso – neste caso, matéria épica – para ser um grande homem ou um grande poeta. Marcial afirma que seus poemas, a despeito de serem curtos, são mais vivos que as epopéias de um certo Gauro, a quem o ataque é dirigido¹²:

O meu talento, Gauro, você julga muito pequeno,
pois os poemas que escrevo agradam por serem breves.
Concordo. Mas você que, em duas vezes seis livros, sobre grandiosos assuntos
escreve, as batalhas de Príamo, é um grande homem?
Eu esculpo o menino de Bruto, eu a Lângon faço viver; 5
você, Gauro, grandioso, esculpe um gigante de barro.

A vivacidade da poesia cômico-satírica, em oposição à austeridade e à linguagem elevada e difícil da poesia trágica e épica, fazia com que aquela tivesse um enorme público leitor, em oposição a estas últimas, muito admiradas mas pouco lidas. É isso, ao menos, o que diz Marcial no epigrama IV, 49, em que encontramos personagens épico-trágicos velhos conhecidos nossos, de X, 4:

Não sabe, crê em mim, Flaco, o que são epigramas
quem os chama apenas futilidades e passatempos.
Mais fútil é aquele que descreve as refeições do desumano
Tereu ou o teu jantar, Tiestes de digestão difícil,
ou Dédalo, que adapta ao filho liquêfativas asas, 5
ou Polifemo, que apascenta sículas ovelhas.
Longe de meus livrinhos está todo empolamento,
e a minha Musa não se incha com a extravagante veste trágica.
“Aqueles, no entanto, todos louvam, admiram, veneram.”
Admito: louvam aqueles, mas estes meus é que lêem. 10

¹¹ Uma consulta de nossa tradução, no capítulo 3, pode fornecer outros dados necessários à compreensão do poema em questão.

¹² Mais detalhes sobre este poema podem ser encontrados em sua tradução, capítulo 3.

Eis o que, em XI, 90, Marcial diz a um certo Créstilo que admirava a poesia trágica de Ácio (170-86 a.C.) e Pacúvio (220-130 a.C.), desaprovando os versos ligeiros e divertidos, muitas vezes repletos de termos obscenos e vulgares, dos gêneros “menores”:

Você não aprova nenhum dos poemas que percorrem um suave caminho,
mas os que tombam das ladeiras e dos altos rochedos,
e, para você, mais grandioso que o poema meônio é este verso:
“Escravo íntimo de Lucílio, aqui neste sítio jaz Metrófanes”;
e você lê maravilhado “da terra frugífera”,
e tudo aquilo que vomitam Ácio e Pacúvio.
Quer você que eu imite, Créstilo, esses velhos poetas que te são caros?
Que eu caia morto se você não conhece o sabor que tem o cacete!

5

O último verso poderia ser interpretado como uma acusação, a Créstilo, de falso moralista: embora louve as produções de poetas antigos, autores de tragédias, e desaprove os versos da poesia ligeira, ele conhece e lê epigramas e outros gêneros que se utilizam de linguagem licenciosa (isto é, conhece o sabor que tem a palavra *mentula*). É óbvio, no entanto, que o último verso representa também uma ofensa à virilidade de Créstilo.

Mas a defesa do gênero que Marcial pratica pode mesmo se beneficiar do contraste com os gêneros maiores. Não se pode esquecer que o epigrama foi cultivado, ainda que como forma de diversão e passatempo, por grandes poetas de outros gêneros, por prosadores e até por alguns imperadores (cf. Suetônio, *As Vidas de Doze Césares*: Aug., LXXXV; Tibério, LXX; Nero, LII). Isso não deixa de conferir importância à poesia epigramática, e é o que Marcial expressa no poema X, 64, dedicado a Pola Argentária, viúva do poeta épico Lucano. Nessa composição, o epigramatista lembra que até mesmo um grande poeta como o autor da *Farsália* cultivara o gênero:

Se topares, Pola, minha rainha, com os meus livrinhos,
acolhe com fronte não carregada os meus gracejos.
Aquele teu poeta, glória do nosso Hélicon,
ainda que em píeria tuba cantasse as ferozes guerras,
não se envergonhou, porém, de dizer num verso lascivo:
“Se eu não sou enrabado, Cota, o que faço aqui?”

5

Apesar de exaltar a vivacidade de sua poesia, que retrata a realidade, e de se gabar freqüentemente do enorme público leitor que possui por todo o Império Romano (cf. I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4; X, 3, 10; X, 9, 3-4; X, 103, 3-4; XI, 3 e XI, 24, 5), Marcial reconhece o caráter “menor” do gênero epigramático. O próprio poeta o classifica, no divertido poema XII, 94, como o mais baixo dentre todos os gêneros, que são apresentados por ordem decrescente de importância:

Eu estava escrevendo uma epopéia; você começou a escrever uma: desisti,
para que êmulos dos teus não se tornassem os meus poemas.
Transferiu-se a minha Talia aos trágicos coturnos:
você colocou também a longa veste trágica.
As cordas da lira tangi, cultivadas pelas Camenas da Calábria: 5
você rouba de mim, ambicioso, esses plectros recentes.
Eu ousou as sátiras: um Lucílio você se empenha em ser.
Componho elegias ligeiras: você as compõe também.
Que gênero pode ser mais baixo? Epigramas passei a fazer:
agora, até essa palma já minha é por você cobiçada. 10
Escolha o que você não quer – pois que modéstia há em tudo querer? –
e, se há algo que você não quer, Tuca, deixe para mim.

Para encerrarmos o item sobre a relação entre o epigrama e os outros gêneros, vejamos um último poema sobre a questão, aproveitando que ele já anuncia aquela que será tratada no próximo item. Trata-se do epigrama introdutório à coleção dos *Apophoreta*:

Enquanto se alegra em usar a síntese o cavaleiro e o poderoso senador,
enquanto convém ao nosso Jove cobrir-se com o píleo,
e o escravo de casa, agitando o fritilo, não teme encarar o edil,
pois vê já tão próximos os lagos congelados,
recebe estes bilhetes de sorteio alternados, de rico e de pobre: 5
que cada um dê ao seu conviva o presente apropriado.
“São ninharias e bagatelas e o que de mais ínfimo houver.”
Quem não sabe? E quem nega coisas tão evidentes?
Mas o que de melhor posso fazer, Saturno, nestes embriagados dias
que teu próprio filho te concedeu em troca do céu? 10
Queres que eu escreva sobre Tebas, Tróia ou a perversa Micenas?

“Joga”, dizes, “os jogos das nozes”: não quero perder minhas nozes.

Os *Apophoreta* e os *Xenia*, como já dito anteriormente, eram recolhas formadas por epigramas destinados a acompanhar presentes trocados ou sorteados durante as Saturnais, as festas que ocorriam em Roma entre os dias 17 e 23 de dezembro. Pela liberdade de costumes e de comportamento que caracterizava essas festividades, bem como pelos jogos e divertimentos que ocorriam durante os sete dias de festa, Marcial vai sempre associar sua poesia epigramática às Saturnais: assim como essa festa, a obra do epigramatista se caracterizava pela liberdade de linguagem, pelo teor satírico-jocoso, pela diversão e pelo humor. Amiúde veremos o poeta fixar como época ideal à leitura de seus poemas os dias consagrados às festas de Saturno, e talvez não seja à toa que muitos dos livros de Marcial tenham sido publicados no mês de dezembro (cf. Sullivan, 1991, pp. 12, 35, 37, 39, 40, 44 e 46). Em meio à alegria e à descontração das Saturnais, quando todos os deveres públicos e privados são suspensos, não há, segundo o poeta, lugar para outro tipo de poesia que não seja a dos gêneros “menores”. Assim, é a poesia de Marcial, suas bagatelas (cf. *apinae e tricae*, v. 7), que deve ser lida nessa época do ano, e não os gêneros sérios, sublimes, elevados, austeros, representados, no poema em questão, no v. 11: Tebas, Tróia e Micenas, cidades que são o cenário ou ponto de partida para muitas das sagas e ciclos épicos e trágicos. Para uma análise mais detalhada do poema *Apoph.*, 1, vejam-se as notas à tradução do mesmo, no terceiro capítulo.

4.4. A associação dos epigramas com as Saturnais

A associação com festas religiosas fortemente marcadas pela liberdade, pelo divertimento e até mesmo pela licenciosidade comparece já no prefácio ao Livro I. Nesse caso, porém, não é às Saturnais que o poeta associa sua produção poética, mas aos Jogos Florais (*Ludi Florales* ou *Floralia*), festas em homenagem à deusa Flora, protetora das plantas e ligada aos rituais de fertilidade. Durante os Florais, que se realizavam entre 28 de abril e 3 de maio, havia, entre outras coisas, representações de mimos, pequenas peças em que imperavam no palco a obscenidade e a nudez. Marcial diz que seu público leitor é formado por aqueles que assistem aos Florais, e brinca com uma anedota reportada por

Valério Máximo (*Factorum et Dictorum Memorabilium Libri*, II, 10, 8) sobre Catão, paradigma romano de austeridade de costumes, o qual teria se retirado de um teatro em que se representava um mimo ao perceber que sua presença inibia os atores:

(...) Os epigramas são escritos para aqueles que costumam assistir aos Florais. Que não entre Catão em meu teatro, ou, se entrar, que assista. Creio fazê-lo em meu direito se terminar este prefácio com alguns versos:

Se conhecias o ritual caro à alegre Flora,
os divertimentos festivos e a licenciosidade do vulgo,
por que vieste, Catão severo, ao teatro?
Por acaso tinhas vindo só para poderes sair?

No epigrama de apresentação dos *Xenia*, Marcial deixa clara a estreita relação entre a poesia ligeira e as Saturnais (cf. v. 4: “novos sais”). Para uma melhor compreensão do poema, vejam-se notas no capítulo 3:

Para que uma toga não falte aos filhotes de atum e uma pênula às azeitonas,
ou tema a sórdida traça a fome miserável,
estragai, Musas, estes nilíacos papiros, os meus prejuízos:
eis que o ébrio inverno exige novos sais.
Não combate a minha téssera em um grandioso ataque,
nem o seis, junto com o cão, agita o meu marfim;
este papiro é minhas nozes, este papiro o meu fritilo:
este jogo não me traz prejuízo nem lucro.

5

E, dentre os *Apophoreta*, encontramos o dístico 185, que deveria acompanhar um exemplar do *Culex* (*O Mosquito*), obra cômico-jocosa que muitos atribuíam a Virgílio. Está presente nessa dedicatória a idéia de que a epopéia – aqui, a *Eneida* – é uma leitura “pesada” demais para os dias festivos das Saturnais:

Um exemplar de *O Mosquito*, de Virgílio

Receba, erudito, *O Mosquito* do facundo Marão,
para que você não tenha de abandonar as nozes para ler “as armas e o varão”.

E não é só o leitor que se diverte com o tipo de poesia mais apazível e menos grave representada pelos epigramas: o próprio autor se deleita no processo de criação poética, durante os dias das Saturnais (XI, 6):

Nos esplêndidos dias do velho falcífero,
nos quais soberano impera o fritilo,
divertir-me com um verso não trabalhoso
acho que me permites, ó Roma de púleo à cabeça.
Tu riste; logo, é permitido, e não sou proibido. 5
Pálidos cuidados, afastem-se para longe daqui;
que eu possa dizer tudo o que sem esforço vier à mente,
sem uma enfadonha reflexão.
Prepare, meu jovem, copos de quatro cíatos com o vinho pela metade,
tais quais os que Pitágoras oferecia a Nero, 10
prepare-os, Díndimo, mas mais numerosos:
sóbrio, eu nada posso; bebendo,
vem em meu auxílio quinze poetas.
Agora, me dê beijos, mas à moda catuliana:
se forem tantos quantos ele disse, 15
te darei o Pardal de Catulo.

Nas Saturnais, todas as aparências se esvaem, e as pessoas se mostram tais como são na realidade, se despiendo de uma austeridade muitas vezes hipócrita. A poesia de Marcial tem o caráter de liberdade e sinceridade próprio das festas de Saturno: diz o que diz sem rodeios, claramente, em oposição à obscuridade de autores como o poeta trágico Santra, que viveu no I século a.C. É o que o epigramatista afirma em XI, 2, dirigido ao imperador Nerva:

Sobrancelha franzida e severa fronte
do duro Catão, filha do lavrador Fabrício,
mascarados orgulhos, lei dos costumes
e tudo o que não somos na intimidade, vão para fora!
Eis o que clamam meus versos: “Viva as Saturnais!”; 5
isso é permitido, e, sob o teu governo, Nerva, prazeroso.
Leitores sombrios, decorem o áspero Santra;
não tenho nada a ver com vocês: este livro pertence a mim.

Dirigindo-se ao poeta Varrão, cuja obra trágica e lírica demonstra, segundo Marcial, algum talento, o epigramatista reafirma, em V, 30, a adequação da poesia epigramática à época das Saturnais. Note-se a metáfora do último verso: os epigramas são as nozes, os jogos das Saturnais (veja-se a nota a esse verso na tradução, no terceiro capítulo), e deixar de lê-los é como se privar dos jogos e diversões praticados durante as festas:

Varrão, que não merece ser desconhecido no coturno de Sófocles,
e não menos digno de admiração na lira da Calábria,
interrompa a tua obra, e que o palco do facundo Catulo
não te atraia, nem a elegia de elegantes cabelos;
leia, pelo contrário, estes poemas que em fumoso dezembro 5
não se devem desprezar, e que te são enviados em seu devido mês:
a não ser que mais vantajoso e preferível te pareça,
Varrão, perder as nozes saturnais.

Por fim, vejamos o epigrama IV, 14, dirigido a Sílio Itálico, poeta épico e provavelmente amigo de Marcial. Sílio, autor de *Punica*, epopéia que narrava a segunda guerra entre Roma e Cartago, é convidado a deixar de lado, ao menos durante as Saturnais, o gênero mais grave que cultivava, e a ler os versos repletos de gracejos do epigramatista:

Sílio, glória das castálidas irmãs,
que os perjúrios do bárbaro furor
denigres com poderosa voz e os pérfidos
ardis de Aníbal e os desleais cartagineses
obrigas a sucumbir aos grandes Africanos: 5
deixando um pouco de lado tua severidade,
enquanto em agradáveis jogos o libertino Dezembro
ressoa aqui e ali nos imprevisíveis fritilos
e joga tiro ao alvo com ossinhos mais desleais,
adapta tuas horas de lazer às minhas Camenas 10
e não leias com a fronte severa, mas jovial,
estes livrinhos repletos de divertidos gracejos.
Foi assim, talvez, que ousou o lascivo Catulo
enviar o seu Pardal ao grande Marão.

4.5. A licenciosidade de temas e de linguagem nos epigramas

É evidente, sem dúvida, a relação existente entre esse aspecto metapoético e o que acabamos de analisar em 4.4: a licenciosidade e a liberdade de linguagem dos epigramas de Marcial são muitas vezes justificadas por ele, como esperamos ter deixado claro acima, por meio da associação de sua poesia epigramática com as festas das Saturnais. Mas a presença de uma temática e de um vocabulário obscenos é defendida ou justificada pelo poeta em vários outros metaepigramas, alguns dos quais comentaremos a partir de agora. Já no prefácio ao Livro I o poeta defende a “franqueza lasciva das palavras” (*lasciua ueritas uerborum*), que ele define como a linguagem própria do epigrama (*epigrammaton lingua*):

(...) Já a franqueza lasciva das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, justificá-la-ia, se fosse eu a ter dado o exemplo; assim, porém, escreve Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim todo aquele que é lido do início ao fim. Se alguém, entretanto, é de tão afetada austeridade que, perto dele, não é permitido, em nenhuma página, falar latim, pode se contentar com este prefácio, ou, antes, com o título.

Evocando a precedência, na utilização da linguagem obscena dos epigramas, dos autores que tem por modelos, Marcial de certa forma se previne de qualquer acusação dos moralistas, representados na seqüência do prefácio, que vimos em 4.4, pela figura paradigmática de Catão. O poeta garante ainda que a língua utilizada em seus poemas está mais próxima da língua coloquial, da língua que o povo efetivamente fala nas ruas da cidade, que o latim artificial e rebuscado dos gêneros poéticos de maior prestígio. No divertido epigrama I, 35, utilizando-se de uma metáfora obscena, Marcial defende novamente a linguagem dos epigramas:

De que eu escrevo versos pouco sérios,
os quais o professor não poderia, na escola, ensinar,
você se queixa, Cornélio; mas estes livrinhos,
tais quais os maridos às suas esposas,
não podem, sem um pinto, agradar.

Por que, se você me exige um epitalâmio,
 não utilizar o vocabulário do tálamo?
 Quem é que se veste para os Florais e às meretrizes
 permite o pudor da estola?
 Foi esta a lei imposta aos poemas jocosos: 10
 não podem, a não ser que excitem, deleitar.
 Portanto, peço que, abandonando essa severidade,
 as minhas brincadeiras e gracejos você perdoe,
 e que não queira castrar os meus livrinhos:
 nada é mais horrível que um Priapo Galo. 15

Cornélio acusa Marcial de fazer versos que, por serem licenciosos, jamais poderiam fazer parte do currículo das escolas romanas (cf. VIII, 3, que vimos mais acima), mas o epigramatista garante que a linguagem do gênero epigramático deve necessariamente ser obscena, do contrário não agradará aos leitores. Uma linguagem bem-comportada não fica bem aos epigramas, assim como a veste das matronas não é adequada para as meretrizes. Um epigrama sem a *mentula* (ou seja, sem a linguagem obscena) não tem graça, perde a sua identidade, assim como uma estátua de Priapo fica horrível (cf. *turpius est nihil*, v. 15) se privada daquilo que corresponde à sua principal característica. A graça do epigrama está em sua linguagem obscena e em seus temas picantes, no sal (cf. *salis*, v. 3) com que é temperado (VII, 25):

Embora você escreva sempre epigramas tão suaves
 e mais cândidos que uma pele alvaiadada,
 e neles nenhum grão de sal haja, nem de amargo fel
 uma gota, você quer contudo, ó insensato, que sejam lidos!
 O próprio alimento não dá prazer se privado da acidez do vinagre, 5
 nem é agradável o rosto a que faltam as covinhas do riso.
 A uma criança dê os doces frutos e os insípidos figos:
 para mim, o que sabe ser picante, o figo de Quios, é que tem sabor.¹³

Em III, 69, o epigramatista relaciona a linguagem e a temática dos epigramas ao tipo de público leitor ao qual eles são dirigidos:

¹³ Para uma melhor compreensão deste epigrama, vejam-se as notas à tradução deste poema.

Porque você escreve todos os teus epigramas com castas palavras
e não há nenhum pinto em teus poemas,
admiro-te, e te parabenizo; ninguém é mais virtuoso que você;
nenhuma página minha, ao contrário, está livre de sensualidade.
Os meus poemas, portanto, leiam os jovens libertinos e as garotas fáceis,
e também o velho, mas só aquele a quem uma amante atormenta;
já as tuas venerandas e virtuosas palavras, Coscônio,
por crianças e virgens devem ser lidas.

No Livro III tem-se a mesma vinculação texto-leitor, mas feita através de um interessante jogo alusivo intratextual. No epigrama 68, dirigindo-se a uma matrona, Marcial a alerta de que, a partir daquele ponto, o livro se tornará impróprio a uma senhora respeitável, pois se passará a nomear abertamente o órgão sexual masculino, ou seja, serão apresentados epigramas obscenos:

Até este ponto, matrona, este livrinho foi escrito para ti.
A quem perguntas se escreveu a continuação? A mim.
O ginásio, as termas e o estádio ficam deste lado! Afasta-te!
Estamos nos despindo: poupa-te de ver homens pelados.
O pudor, depois dos vinhos e das rosas, foi abandonado, 5
e já não sabe mais o que diz a embriagada Terpsícore:
não nomeia de modo disfarçado, mas sim abertamente
aquilo que no sexto mês recebe a gloriosa Vênus,
que o caseiro põe, como protetor, no meio do jardim,
e que a pudica virgem só olha cobrindo os olhos. 10
Se bem te conheço, este longo livrinho ias abandonando, enfasiada;
agora não: tu, aplicada, o lerás inteirinho.

No dístico final, Marcial insinua que a matrona, apesar de sua austeridade, se sentirá ainda mais motivada a continuar a leitura do livro, agora que sabe de seu conteúdo obsceno. No mesmo Livro III, dezoito epigramas depois, em III, 86, a hipótese do poeta se confirma, quando ele “reencontra” a matrona a ler ainda o volume:

De que não lesses, casta, esta parte do lascivo livrinho,

te preveni e te aconselhei: eis-te aqui, entretanto, a leres.
Mas se és, casta, espectadora de Panículo e de Latino –
não são estes poemas mais obscenos que os mimos –, continua a ler!

Marcial, no entanto, aconselha agora a continuação da leitura, já que, aos que estão acostumados a assistir aos mimos, a licenciosidade dos epigramas não deve causar estranhamento. Em XI, 16, vemos Marcial se dirigir ao leitor sério (*gravis lector*) e fazer um alerta parecido com o que fez à matrona em III, 68: os versos que virão, a partir do epigrama 16, não serão mais destinados aos cidadãos sérios de Roma, pois serão tão obscenos quanto os dos poemas priápicos:

Você que é muito sério, leitor, pode, a partir daqui, ir embora
para onde te aprouver: escrevi os versos anteriores para a toga da Urbe;
agora, minha coluna brinca com o verso de Lâmpsaco,
e com uma mão tartessíaca bate as castanholas.
Oh, quantas vezes você levantará teus pálios com uma veia enrijecida, 5
ainda que você seja mais grave que Cúrio e Fabrício!
Até você as obscenidades e gracejos de meus livrinhos
lerá, moça, molhadinha, mesmo que seja de Patávio.
Enrubesceu Lucrécia e pôs de lado o meu livro,
mas diante de Bruto; retira-te, Bruto: ela voltará a ler. 10

Note-se que Marcial insinua que mesmo o leitor sério ficará sexualmente excitado com os epigramas que se seguirão, o mesmo ocorrendo com as moças, mesmo as de Patávio (atual Pádua, na Itália), cidade famosa pela austera moralidade de seus cidadãos e pela grande virtude de suas mulheres. E evoca exemplos históricos de moralidade e correção de costumes – Mânio Cúrio Dentato, Gaio Luscino Fabrício e Lucrécia, esposa de Lúcio Tarquínio Colatino – para dizer que ninguém consegue resistir à tentação de ler e se deliciar com os poemas licenciosos.

Quando os poemas ou os livros são dirigidos ao imperador Domiciano, há uma certa preocupação do poeta em justificar o caráter obsceno de sua poesia, o que talvez se explique pelo fato de ter esse César promovido, durante seu governo, uma reforma nos costumes e na moral romana, mandando destruir os libelos difamatórios e revalorizando os

rituais e as cerimônias religiosas (cf. Suetônio, *Dom.*, 8). O Livro V, o primeiro que Marcial dedica a Domiciano, possui gracejos mais leves e sem obscenidade, contrastando com os quatro livros anteriores. É o que o próprio poeta garante em V, 2, em que trata o imperador por “Germânico”, título recentemente adquirido pelo César após a vitória sobre o povo germânico dos Catos, entre 82 e 83 d.C.:

Ó matronas, jovens rapazes e virgens,
a vós esta minha obra é dedicada.
Quanto a você, a quem sarcasmos mais atrevidos
Muito deleitam, e os gracejos licenciosos,
leia os quatro lascivos livrinhos: 5
o quinto livro brinca com seu senhor;
que Germânico, sem corar a face,
possa lê-lo em presença da cecrópia virgem.

A mesma preocupação está presente no prefácio ao Livro VIII – o primeiro que é formalmente dedicado a Domiciano por um prefácio – e no epigrama que o segue. Depois de dizer que inseriu também no livro alguns poemas cômico-satíricos, a fim de evitar que um livro inteiro de epigramas adulatórios ofendesse a modéstia do imperador, eis o que Marcial diz ao César:

(...) No entanto, embora tenham sido escritos, pelos homens mais austeros e até da mais alta condição, epigramas tais que fazem com que aqueles pareçam ter imitado a licenciosidade de linguagem própria do mimo, eu, porém, não permiti aos meus falar tão obscenamente quanto costumam. Como a parte não só maior como também melhor de meu livro está ligada à majestade do teu divino nome, é preciso que se lembre de que não devem se aproximar dos templos senão os purificados por religiosa lustração. Para que saibam os que me lerão que observarei esse preceito, pareceu-me bem expressá-lo já no limiar deste livrinho, por meio de um brevíssimo epigrama.

1

Ó livro, que está prestes a adentrar os lauríferos penates de nosso soberano,
aprenda a falar com mais respeito, por uma boca pudica.
Afasta-te, Vênus desnuda, não é teu este livrinho:
Tu, Palas cesarina, vem tu a mim.

Vênus, deusa da sensualidade, deve ceder lugar a Palas Atena, divindade por quem o imperador Domiciano tinha uma especial devoção, daí o adjetivo “cesarina” (*Caesariana*) aplicado a esta última. Em duas outras composições, nas quais Marcial celebra as vitórias e a obtenção de triunfos por parte de Domiciano, aquele aproveita para justificar, perante o imperador, a licenciosidade de seus livros de epigramas. Marcial pede ao César a mesma tolerância com que o general vitorioso recebe as cantigas insultantes que os soldados lhe dirigem durante a procissão triunfal. Acreditava-se que tais cantigas, conhecidas como *carmina triumphalia*, afastavam do general triunfante o mau-olhado, razão pela qual este último devia tolerá-las. Vejamos, primeiro, o epigrama VII, 8, que celebra a vitória de Domiciano sobre os sármatas, em 92 d.C.:

Agora, Musas risonhas, agora vos diverti, como outras vezes mo concedestes:	1
vencedor nos é restituído, pela terra Odrísia, o nosso deus.	
(...)	
Joviais insultos cantará, de coroa à cabeça, o soldado,	7
quando em cortejo marchar, entre corcéis enfeitados de louro.	
Ouvir meus gracejos e poemas mais levianos permite, César,	
também a ti, já que o próprio triunfo aprecia a diversão.	

Mas já no Livro I Marcial fizera o mesmo pedido, num epigrama (4) que fazia alusão ao triunfo obtido pelo imperador após a vitória sobre os Catos, em 82-83 d.C.:

Se porventura os meus livrinhos, César, chegares a tocar,	
a fronte severa de senhor do mundo deixa de lado.	
Até mesmo teus triunfos costumavam tolerar os gracejos,	
e de ser tema de piadinhas não se envergonha o comandante.	
É com o espírito com que assistes Tímele e o histrião Latino	5
que peço que leias esses poemas.	
A censura pode permitir brincadeiras inofensivas:	
lasciva é minha página, minha vida, honesta.	

Lasciua est nobis pagina, uita proba. O princípio exposto por Marcial no último verso do epigrama merece alguns comentários. O poeta não quer ver sua existência real confundida com o conteúdo de sua obra. Embora muitos dados biográficos sejam

fornecidos por Marcial em seus epigramas – vejam-se, por exemplo, os poemas sobre sua terra natal, BÍlbilis –, ele procura deixar claro que nem tudo o que a obra contém pode ser associado ao autor de carne e osso: é o caso da licenciosidade presente em seus poemas, que não deve ser encarada como uma característica do comportamento do *poeta* Marcial. Vemos a mesma preocupação em XI, 15, que também ilustra o aspecto já estudado anteriormente da associação da literatura epigramática com as Saturnais:

Tenho escritos que a esposa de Catão
e que as rústicas sabinas poderiam ler:
este livrinho, porém, quero que ele inteiro ria,
e que seja mais maroto que todos os meus livrinhos.
Que se embriague de vinho e não se envergonhe 5
de estar impregnado de abundante perfume de Cosmo;
que brinque com os jovens, que ame as meninas,
e que nomeie sem rodeios aquilo
graças ao qual nascemos, o pai de todos,
o qual o venerando Numa chamava “cacete”. 10
Você, porém, lembre-se que estes versos,
Apolinar, são saturnais:
não são os meus costumes que este livro encerra.

Mores non habet hic meos libellus. Os versos dos poemas do Livro XI têm o mesmo espírito das Saturnais, e é por isso que são licenciosos e sua linguagem é obscena, afirma Marcial. Para ele, não se deve confundir a ficção poética com a realidade. O tema aparece também em Catulo (c. XVI):

Eu comerei vocês e farei com que me chupem,
Aurélio veado e bicha Fúrio,
Que, a partir dos meus versinhos, julgaram
Que, por serem delicados, sou pouco recatado.
Ora, convém que o escrupuloso poeta seja casto 5
Ele próprio, quanto a seus versinhos, não é nem um pouco necessário,
Já que só têm, justamente, sal e graça
Se são delicados e pouco recatados
E podem excitar o tesão
Não digo dos meninos, mas desses peludos 10

Que não conseguem mover os lombos endurecidos.
Vocês, que muitos milhares de beijos
Leram, julgam que eu não sou lá muito homem?
Eu comerei vocês e farei com que me chupem.¹⁴

E em Ovídio, *Tristes*, II, 353-358, em que a própria formulação do princípio é parecida com a de Marcial: *uita uerecunda est, Musa iocosa, mihi* (v. 354). Eis a passagem:

Acredita em mim, nossos costumes diferem de nossos versos:
Minha vida é respeitável, minha musa é que é brincalhona;
Grande parte de minha obra, mentira e ficção, 355
Permitiu mais a si mesma que a seu escritor;
Meu livro não revela meu estado de espírito; ele é, sim, um prazer inocente,
Trazendo algo capaz de acariciar os ouvidos.¹⁵

Voltemos a Marcial. Em alguns de seus epigramas, tendo em mente a temática e a linguagem livre e festiva de sua poesia, o poeta indica o horário em que ela deve ser lida ou ouvida: a hora da *cena*, do jantar, sobretudo depois que se terminou de comer e se iniciou a *comissatio*, momento em que se bebia muito, se apresentavam espetáculos teatrais e de dança e se recitava poesia. Vejamos o epigrama IV, 8:

A primeira hora e a segunda esgotam os clientes;
a terceira põe a trabalhar os roucos oradores;
até a quinta prolonga Roma seus vários deveres;
a sexta será, para os fatigados, o repouso; a sétima, o fim deste;
a oitava, até a nona, basta aos oleosos ginásios; 5
manda que se pisem os triclinios preparados a nona:

¹⁴ A tradução é do Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos (*O Cancioneiro de Lésbia*, 1991, p. 26), que faz um interessante estudo sobre a relação entre a realidade biográfica e a verdade poética na obra de Catulo. O texto latino do poema acima é: “Pedicabo ego uos et irrumabo./ Aureli pathice et cinaede Furi./ Qui me ex uersiculis meis putastis./ Quod sunt molliculi, parum pudicum./ Nam castum esse decet pium poetam/ Ipsum, uersiculos nihil necesse est./ Qui tum denique habent salem ac leporem./ Si sunt molliculi ac parum pudici/ Et quod pruriat incitare possunt./ Non dico pueris, sed his pilosis/ Qui duos nequeunt mouere lumbos./ Vos, quei milia multa basiorum/ Legistis, male me marem putatis?/ Pedicabo ego uos et irrumabo.”

¹⁵ Tradução do Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos (*O Cancioneiro de Lésbia*, 1991, p. 33). Texto latino: “Crede mihi, mores distant a carmine nostri./ Vita uerecunda est, Musa iocosa, mihi./ Magnaque pars operum mendax et ficta meorum/ Plus sibi permisit compositore suo./ Nec liber indicium est animi, sed honesta uoluptas./ Plurima mulcendis auribus apta ferens.”

a hora dos meus livrinhos é a décima, Eufemo,
quando a tua diligência prepara banquetes ambrosinos
e o bom César se delicia com o néctar etéreo,
segurando, na poderosa mão, moderados copos. 10
Aí então, recebe estes gracejos: teme dirigir-se a minha Talia,
com seu jeito atrevido, a um Jove madrugador.

Talia, a musa da comédia e da poesia “menor”, que aqui representa metonimicamente os epigramas de Marcial, só pode se dirigir a Domiciano (comparado aqui a Júpiter) à noite, momento de diversão e de lazer. O período da manhã, reservado aos assuntos sérios e aos negócios, como é descrito nos vv. 1-3, não é o momento adequado para a sua poesia, garante Marcial. No mesmo Livro IV, epigrama 82, 5-6, o poeta pede a Rufo que faça a Venuleio a mesma recomendação quanto ao horário de leitura das bagatelas:

(...)
Que não as leia, porém, depois do primeiro ou do último copo de quatro cíatos,
mas no momento intermediário, em que Baco aprecia suas disputas.
(...)

E, em X, 20, 12-21, no epigrama que Marcial dedicou a Plínio, o Jovem, e que este reproduziu na epístola de que falamos no capítulo 2.2, o poeta instrui a musa Talia, que levará o livro de Marcial até a casa de Plínio, no monte Esquilino:

(...)
Mas cuida para que, embriagada, não vás bater,
em momento que não é o teu, a uma porta eloqüente:
ele dedica seus dias inteiros à austera Minerva,
enquanto procura agradar aos ouvidos dos centúvrios 15
com algo que os séculos e a posteridade poderiam
até mesmo aos escritos de Arpino comparar.
Irás mais confiante com o acender das tardias lucernas;
essa é a tua hora, quando delirante está Lieu,
quando reina a rosa, quando perfumados estão os cabelos: 20
então, que me leiam até os rígidos Catões!

4.6. A recusa da difamação pessoal

Apesar da crítica social que Marcial empreende em sua obra poética, ele freqüentemente avisa, em seus metapoemas, que jamais critica as pessoas individualmente, mencionando nomes reais. De fato, em todos os poemas cômico-satíricos de Marcial, as pessoas criticadas são representadas por nomes fictícios, e a prova disso, além do próprio testemunho do poeta, é o fato de não ser possível identificar personagens históricos com os nomes mencionados nos poemas. Tais nomes podem tanto designar indivíduos específicos, ocultados sob o pseudônimo, como representar toda uma classe ou grupo social. Nomes verdadeiros de pessoas reais só são mencionados quando se trata de epigramas adulatórios, de homenagem ou de temática neutra. No prefácio ao Livro I, Marcial expressa a sua recusa em escrever epigramas difamatórios, ao contrário de seus predecessores (Catulo, por exemplo, escreveu epigramas que atacavam nominalmente a Júlio César e a Mamurra, comandante de César na Guerra das Gálias):

Espero ter buscado, em meus livrinhos, uma moderação tal que ninguém que tenha, de si, uma boa imagem, possa deles se queixar, uma vez que gracejam conservando o respeito até para com as pessoas de ínfima condição. Esse respeito de tal forma faltou aos autores antigos que eles não só fizeram uso de nomes verdadeiros como também de nomes ilustres. Que a fama me custe menor preço e que a última coisa a ser louvada em mim seja a mordacidade. Que fique longe da inocência de minhas brincadeiras o intérprete maldoso e que ele não escreva meus epigramas: age desonestamente aquele que se mostra talentoso graças ao livro alheio. (...)

Em V, 15, dirigindo-se a Domiciano, o poeta se gaba de que seus versos não ofendem a ninguém (e isso só é possível porque os nomes reais dos indivíduos satirizados não são mencionados) e, pelo contrário, contribuem para a fama positiva de muitas pessoas:

Este é, Augusto, o quinto livro dos meus gracejos,
e ninguém, ofendido, se queixa de um poema meu;
muito leitor, pelo contrário, se alegra com seu nome homenageado,
ao qual, graças a mim, é concedida uma fama imortal.
“Mas de que te servem estes poemas, ainda que honrem a muitos?”

5

Ainda que de nada me sirvam, eles, porém, me deleitam.

Em alguns ciclos de poemas (conjunto de poemas versando sobre um mesmo tema ou criticando um mesmo indivíduo), Marcial brinca com esse seu princípio de não mencionar os nomes verdadeiros das pessoas satirizadas. Encontramos no Livro II um desses ciclos e podemos perceber a genialidade com que os poemas que o compõem são dispostos a fim de produzir um determinado efeito no leitor: depois de atacar, nos epigramas 10, 12, 21 e 22, um certo escravo jovem de nome Póstumo, Marcial encerra o ciclo com o poema 23:

Não direi, ainda que vocês muito me peçam,
quem é Póstumo em meu livrinho,
não direi: ora, por que me é necessário
ofender esses beijos
que tão bem podem se vingar?

O poeta parece adivinhar a curiosidade de seu leitor ao ver a mesma pessoa ser atacada em quatro epigramas; no entanto, avisa que não lhe saciará a curiosidade, pois o indivíduo poderá dele se vingar, dando-lhe mais beijos (para uma melhor captação do humor do epigrama 23, veja-se o ciclo completo no capítulo terceiro desta dissertação). Na verdade, o nome não será revelado porque, na poesia de Marcial, a ocultação dos nomes verdadeiros tem, por assim dizer, força de “lei”. O mesmo mecanismo cíclico e o mesmo aspecto metapoético podem ser verificados nos epigramas 8 e 11 do Livro III: no primeiro poema, Marcial ataca uma certa Taís, que é caolha, e que é amada por Quinto; no segundo (III, 11), reproduzido abaixo, brinca com os nomes do casal atacado:

Se a tua garota, Quinto, não é Taís nem é zarolha,
por que acha que foi contra você que fiz esse dístico?
Mas há algo semelhante. Eu disse Taís no lugar de Laís?
Então me diga, em que são semelhantes Taís e Hermíone?
Mas você de fato é Quinto: mudemos o nome do amante; 5
se Quinto não aceita, que Sexto ame Taís.

Porque Quinto teria ficado zangado com a difamação de sua amada – afinal, Marcial apenas trocara uma letra do nome para tentar disfarçar o nome verdadeiro –, o poeta resolve

então o problema trocando também o nome do amante. No Livro IX, depois de escrever um epigrama obsceno (95) contra um certo Atenágoras, Marcial assim responde a Calístrato, que tinha um amigo com esse nome e que, desconfiado, queria saber a quem o epigramatista havia se referido com o nome (IX, 95b):

Você quer saber, Calístrato, de Atenágoras o verdadeiro nome:
que eu caia morto se eu sei quem é Atenágoras!
Mas creio que venho dizendo, Calístrato, o verdadeiro nome:
não sou eu o culpado, mas o Atenágoras amigo de vocês.¹⁶

A recusa por Marcial da crítica pessoal parece, no entanto, não ter evitado que disso o acusassem, como provam alguns de seus epigramas. A mesma fama que motivava os plagiários a se apropriarem dos poemas de Marcial fazia com que poetas mal intencionados – ou tentando se aproveitar da popularidade do epigramatista – publicassem sob o seu nome epigramas repletos de ataques pessoais, o que certamente preocupava o nosso poeta, que compunha inflamadas autodefesas como esta:

Gracejos de bufões, a sórdida mordacidade
e as imundas injúrias de uma língua de meretriz,
os quais não compraria por um cavaco embebido em enxofre
o negociante de copos de Vatínio quebrados,
um certo poeta anônimo anda espalhando 5
e quer que pareçam meus. Dá para acreditar nisto, Prisco?
Que um papagaio fale com a voz de uma codorna
e que Cano ambicione ser tocador de cornamusa?
Fique longe de meus livrinhos uma fama sombria,
eles que uma reputação reluzente leva em brancas asas: 10
por que eu me desgastaria para ter fama tão negativa,
quando o silêncio nada poderia me custar? (X, 3)

Ou que lançava, a esses poetas mal-intencionados, estas terríveis maldições:

¹⁶ Veja-se mais detalhadamente, nas notas à tradução, no capítulo 3, a interpretação que tentamos formular para esse poema.

Todo aquele que, desprezador da estola e da púrpura,
 insulta com ímpio verso os que tem o dever de respeitar,
 que erre pela cidade, de pontes e ladeiras expulso,
 e, como o pior entre os roucos mendigos,
 implore a caninas bocas um naco de seu pão desprezível. 5
 Que um longo Dezembro, um úmido inverno
 e uma abóbada fechada o cruel frio lhe prolonguem:
 chame bem-aventurados e brade serem felizes
 os que no leito do Orco são carregados.
 Mas quando os fios tiverem transcorrido da suprema hora 10
 e o tardo dia fatal, que sinta a rixa dos cães
 e enxote criminosas aves com o agitar de seus andrajos.
 E, mesmo que suplique, não findem com a morte os seus sofrimentos,
 mas, ora rasgado pelos chicotes do severo Éaco,
 ora pelo rochedo do intranquilo Sísifo prensado, 15
 ora sedento em meio às águas do velho linguarudo,
 esgote todos os suplícios das lendas dos poetas:
 e quando a Fúria lhe tiver ordenado que diga a verdade,
 proclame, traído pelo remorso: “Fui eu que escrevi.” (X, 5)

Em VII, 72, Marcial pede ao advogado Paulo que o defenda dos que o acusam de ter escrito certos versos difamatórios publicados sob o seu nome:

(...) se algum maledicente disser que são meus
 uns poemas impregnados de negro veneno,
 me conceda a tua voz de patrono,
 e grite o mais forte que puder, sem parar:
 “Não escreveu estas coisas o meu Marcial.” (vv. 12-16)

Parcere personis, dicere de vitiis: “poupar as pessoas, criticar os vícios”. Podemos encerrar a explanação do aspecto metapoético em questão com o epigrama que contém o verso-resumo desse princípio tão caro a Marcial que é a não difamação das pessoas, a não menção dos nomes verdadeiros dos indivíduos criticados. O poeta se dirige a Munácio Galo, talvez seu amigo ou patrono, e faz o seguinte pedido:

(...) se versos impregnados de verde azinhavre
uma maldosa inveja acaso disser que são meus,
que os afastes de mim, como costumás fazer, e afirmes
que ninguém que é lido escreve tais poemas.

Respeitar este limite souberam os meus livrinhos:

5

poupar as pessoas, criticar os vícios. (X, 33)

5. Referências bibliográficas

5. Referências bibliográficas¹

Textos de autores antigos

ANTHOLOGIE GRECQUE (Anthologie Palatine). Texte établi et traduit par Pierre Waltz. Paris: Les Belles Lettres, 1928-1972.

CATULO. *O Cancioneiro de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991.

CATULO. *O Livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996. (*)

CÍCERO. *As Catilinárias. Defesa de Murena. Defesa de Árquias. Defesa de Milão*. Tradução de Ana Paula Q. F. Sottomayor. Lisboa: Verbo, 1974. (*)

CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM. Consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae editum. Berolini: Walter de Gruyer, 1893-1973. (*)

HOMERO. *Ilíada de Homero*. Tradução de Haroldo de Campos e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Mandarim, 2002. 2 vol. (*)

HOMÈRE. *L'Odyssée*. 8. e 11. reimpr. Texte établi et traduit par Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1999 (vol. I), 1995 (vol. II) e 1987 (vol III). 3 vol. (*)

HORACE. *Odes et Epodes*. 5. ed. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1954. (*)

JUVENAL. *Satires*. 6. ed. Texte établi et traduit par Pierre Labriolle et François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1957. (*)

MARCIAL. *Epigramas*. Trad. de Delfim Ferreira Leão (*Livro dos Espetáculos*, Livros IV e VII), José Luís Brandão (Livros I, II, VI e IX) e Paulo Sérgio Ferreira (Livros III, V e VIII). Lisboa: Edições 70, 2000 (vol. I-II) e 2001 (vol. III). 3 vol. (Clássicos Gregos e Latinos).

MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1933 (1. ed.), 1961 (2. ed.). 3 vol. (*)

_____. *Épigrammes*. Texte établi, traduit et annoté par Pierre Richard. Paris: Garnier Frères, 1931. 2 vol.

¹ Estão assinaladas com um asterisco as edições adotadas, nesta dissertação, para a citação de autores antigos.

- _____. *Epigrams*. Translation by Walter C. A. Ker. Cambridge: Harvard University Press, 1978-1990. 2 vol. (Loeb Classical Library, n^{os} 94-95)
- _____. *Epigrams*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1993. 3 vol. (Loeb Classical Library, n^{os} 94, 95 e 480)
- MARZIALE, M. V. *Gli epigrammi*. Trad. Concetto Marchesi e Ezio Castellucci. Rome: A. F. Formiggini, 1920.
- _____. *Epigrammi*. Milano: Arnaldo Mondadori, 1995. 2 vol. (Classici Greci e Latini)
- _____. *Gli epigrammi*. Trad. Cesare Vivaldi. Roma: Newton, 1993. (Grandi Tascabili Economici, n^o 215).
- OVIDE. *Les Tristes, Les Pontiques, Ibis, Le Noyer, Halieutiques*. Traduction, introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier, 1937. (*)
- OVIDE. *Les Metamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1928. (*)
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.
- PERSE. *Satires*. 2. ed. Texte établi et traduit par A. Cartault. Paris: Les Belles Lettres, 1929. (*)
- PÉTRONE. *Le Satiricon*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1922. (*)
- PLINE L' ANCIEN. *Histoire Naturelle*. Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout et al. Paris: Les Belles Lettres, 1950-1972. 37 vol. (*)
- PLINE LE JEUNE. *Lettres*. Traduit par C. Sicard. Paris: Garnier, 1931. (*)
- QUINTILIAN. *Institutio oratoria*. 8. reimpr. With an english translation of H. E. Butler. Cambridge/London: Harvard University Press, 1996. 3 vol. (*)
- STACE. *Silves*. Traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1944. 2 vol.
- SUÉTONE. *Les Vies des Douze Césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1932. (*)
- SUETÓNIO, Caio Tranquilo. *Os Doze Césares*. Tradução e notas de João Gaspar Simões. Lisboa: Presença. 1963.
- SUETÔNIO, Caio Tranquilo. *Vita Neronis*. Tradução, notas e estudo crítico de Robson Tadeu Cesila (inédito).

- SUETONIUS. *Lives of the Caesars. Lives of Illustrious Men*. 12. reimpr. With an english translation by J. C. Rolfe. Cambridge/London: Harvard University Press, 1997. 2 vol. (Loeb Classical Library, nº 38). (*)
- TIBULLE. *Tibulle et les Auteurs du Corpus Tibullianum*. Texte établi et traduit par Max Ponchont. Paris: Les Belles Lettres, 1924. (*)
- TITO LÍVIO. *História de Roma. Ab Urbe Condita Libri*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989 (vol. I e II), 1990 (vol. III-VI). 6 vol.
- TITE LIVE. *Histoire romaine*. Texte établi par Jean Bayet e traduit par Gaston Baillet. Paris: Les Belles Lettres, 1968-2000. (*)
- VALÈRE MAXIME. *Actions et Paroles Mémorables*. Traduction nouvelle de Pierre Constant. Paris: Garnier, s.d. 2 vol. (*)
- VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução, introdução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.
- _____. *Virgílio Brasileiro*. 2. ed. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Garnier, 1858. (*)
- VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1978. (*)

Bibliografia sobre Marcial

- CITRONI, Mario. “Pubblicazione e dedichi dei libri in Marziale”. *Maia*. Bologna, v. XL. p. 3-39, 1988.
- DEZOTTI, José Dejalma. *O Epigrama Latino e sua expressão vernácula*. (Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990.
- HULL, K. W. D. “Martial and his time. Selections from the epigrams of Martial describing life in Rome in the first century A.D”. *Alpha Classics*. London, 1967.
- KARDOS, Marie-José. “L’*urbs* dans les *Épigrammes* de Martial: poésie et réalité”. *Revue des Études Latines*. Paris, v. 79, p. 201-214, 2001.

- GARTHWAITE, John. "The Panegyrics of Domitian in Martial Book 9". In: BOYLE, A. J. (ed.) *Critical Studies in Greek and Roman Literature*. [s.l.]: [s.n.], 1992. v. 21, p. 78-101.
- LAURENS, Pierre. "Martial et l'épigramme grecque du I^{er} siècle après J.-C.". *Revue des Études Latines*. Paris, v. 43, p. 315-341, 1966.
- SULLIVAN, J. P. *Martial: the unexpected classic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Bibliografia geral

- ADAMS, J. N. *The Latin sexual vocabulary*. 3. reimpr. London: Duckworth, 1990.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. 4. ed./2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. 26. ed. Revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris, Hachette, 1963.
- BICKEL, Ernst. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Gredos, 1982.
- BOLDRINI, Sandro. *La prosodia e la metrica dei Romani*. Roma: La Nuova Itália Scientifica, 1992.
- BOWDER, Diana. *Quem foi Quem na Roma Antiga*. Tradução de Maristela R. A. Marcondes. São Paulo: Art Editora /Círculo do Livro, 1980.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & Outras Metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHALHUB, Samira. *A Metalinguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- CITRONI, Mario, FEDELI, Paolo, PADUANO, Guido, PERUTELLI, Alessandro. *La poesia latina: forme, autori, problemi*. A cura di Franco Montanari. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991.
- CITRONI, Mario. "Epigramma ed elegia". In: REVERDIN, Olivier (ed.). *L'Épigramme Grecque*. Genève: Fondation Hardt, 1967. Vol. XIV ("Entretiens sur l'Antiquité Classique"), pp. 37-68.
- _____. "Musa Pedestre". In: CAVALLO, Guglielmo, FEDELI, Paolo, GIARDINA, Andrea. *Lo Spazio Letterario di Roma Antica*. Roma: Salerno, 1989. vol I ("La Produzione del Testo"), pp. 311-341.

- CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. Tradução para o inglês de Joseph B. Solodow. Baltimore-London: Johns Hopkins University, 1994.
- CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. (Título espanhol: *Eros en Roma*, 1993).
- FORCELLINI, Aegidio et al. *Lexicon Totius Latinitatis*. Patavii: Typis Seminarii, 1940. 6 vol.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: vida pública e vida privada*. São Paulo: Atual, 1993.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris: Hachette, 1934.
- GENTILI, B., STUPAZZINI, L., SIMONETTI, M. *Storia della letteratura latina*. Roma-Bari: Laterza, 1987.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. (3. reimpr.). New York: Oxford University Press, 1985.
- GRANT, Michael. *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*. New York: Barnes & Noble, 1997.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- HORNBLOWER, Simon & SPAWFORTH, Anthony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.
- JAKOBSON, Roman. "Lingüística e Poética". In: *Lingüística e Comunicação*. 5. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LESKY, Albin. *Historia de la Literatura Griega*. Versión española de José M. D. Regañón y Beatriz Romero. Madrid: Gredos, 1989.
- LEWIS, C. T. , SHORT, C. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1945.
- LÓPEZ FÉREZ, J. A. (ed.). *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Cátedra, 1988.
- MARTIN, R & GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1981.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. *A Fascinante História do Livro*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. vol. II (Grécia e Roma).
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Título francês: *Les plaisirs à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.)

- ROSTOVTZEFF, M. *Historia social y economica del Império Romano*. Traducida del inglês por Luis Lopez-Ballesteros. Madrid: Espasa-Calpe, 1937.
- SANDYS, John Edwin (ed.). *A Companion to Latin Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1943.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- TORRINHA, Francisco. *Novo Dicionário Latino-Português*. Porto: Lello & Irmãos, 1961.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001.
- VEYNE, Paul. "O Império Romano". In: ARIÈS, Phillipe, DUBY, Georges (coord.). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. v. I, pp. 19-224.
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Imprensa Nacional, 1940.

Outros

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo* (1945). In: *Poesia e Prosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro* (1900). In: *Obra Completa*. 9. reimpr. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3 vol.
- BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem* (1930). In: *Estrela da Vida Inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- CHRÉTIEN DE TROYES. *Romances da Távola Redonda*. 2. ed. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*. In: *Obra Poética*. 3. ed./15. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

6. Anexo I
Mapa da Roma de Marcial

Mapa de Roma com os lugares referidos por Marcial

(In: Sullivan, J. P. *Martial: the unexpected classic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991)

7. Anexo II

Artigo: “Marcial e as origens do termo plágio”

Marcial e as origens do termo *plágio*

1. A moderna noção jurídica de *plágio*

Nos dias atuais se assiste, no mundo todo, a um crescimento das preocupações relativas ao estabelecimento e ao respeito às patentes científicas e à propriedade intelectual de uma forma geral. São exemplos disso a disputa entre países desenvolvidos e países emergentes quanto à quebra de patentes dos medicamentos para o tratamento da Aids, ou a questão da necessidade de se combater a reprodução ilegal de programas de computador e de CDs de música. A questão das patentes é tão importante que, modernamente, grande parte dos pesquisadores e das instituições de fomento à pesquisa chega a tomar o número de patentes registradas como índice para avaliar o nível de eficiência e de produtividade da pesquisa científica.

Em resposta a essas preocupações, as legislações atuais se esforçam por acompanhar o desenvolvimento científico-cultural dos países, contemplando as diversas formas que assume a apropriação ilícita de produção intelectual. O plágio é, de acordo com as leis modernas, uma dessas formas de apropriação, mas o alcance do termo e da noção de plágio não é simples. Como afirma Michel Schneider, os próprios juristas têm dificuldade em defini-lo, havendo, em linhas gerais, a diferenciação entre o *plágio*, que implica apenas uma reprovação moral, e a *contrafação*, que constitui, por assim dizer, um plágio mais grave, sendo classificado juridicamente como delito¹. A definição genérica fornecida pelos dicionários jurídicos diz que o plagiário é aquele que apresenta como próprio o trabalho ou a obra intelectual produzidos por outrem; especificam ainda que, para haver plágio, é necessário que tenha havido cópia ou reprodução *exata* do texto alheio, sem qualquer referência à fonte a partir da qual se fez a reprodução. Quanto ao limite utilizado para se considerar ou não o ato praticado como delito, parece que nos é dado por uma interpretação caso a caso sobre a ocorrência ou não de *usurpação dos direitos do autor*. Em geral, essa interpretação se baseia em critérios quantitativos: quem reproduz, em sua obra, apenas algumas linhas da obra de outrem, sem citar a fonte, pode não estar praticando um delito, mas apenas um ato moralmente condenável; aquele que opera a cópia integral da obra de

¹ Schneider, Michel. *Ladrões de Palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

outrem, apresentando-se como seu autor, está praticando ato doloso contra os direitos de autoria do verdadeiro autor da obra, praticando, portanto, um delito sujeito a sanções legais. Este segundo caso, juntamente com a reprodução clandestina da obra de outrem (isto é, quando não se omite a verdadeira autoria, mas se reproduz a obra sem autorização do autor ou dos detentores dos direitos de publicação), é denominado também, pelos compêndios jurídicos, *contrafação à obra*, uma das modalidades do crime de *contrafação* (que também abarca as falsificações, desde as de marcas industriais ou comerciais até as de papel-moeda).²

Vê-se, assim, como a noção de *plágio* é complexa. Para resumir, podemos dizer que toda apropriação fraudulenta do trabalho intelectual de outrem é plágio, seja essa apropriação realizada parcial ou integralmente, e que sua classificação como ato doloso depende de interpretações individualizadas baseadas na noção de direitos autorais e na análise da gravidade do ato plagiário realizado.

Porém, em Literatura, a noção de plágio como *cópia exata* do trabalho de outrem pode não ser suficiente. Muitos autores elevaram suas vozes contra raptos de idéias e de palavras que, embora não tivessem copiado, *ipsis litteris*, sua produção, o faziam de uma forma mais sutil, mais velada. A complexidade, então, é maior, uma vez que se torna necessário distinguir fenômenos como influência ideológica, intertextualidade, excesso de citações alheias, imitação criativa, recriação, paráfrase, paródia, etc., uns constituindo processos naturais e perfeitamente aceitáveis, outros denunciando falta de originalidade ou apropriação indevida de produto intelectual alheio. Como nosso objetivo é atingir as origens da noção e do termo *plágio*, situadas na Antigüidade Clássica, não vamos nos ater a essas diferenciações por demais polêmicas e carregadas semanticamente por mais de dois milênios de história. Nossa trajetória inicia-se no século VI antes de Cristo, com as primeiras referências às preocupações com a originalidade da obra literária e com o plágio, e termina no século I depois de Cristo, quando um termo com a raiz de *plagium*³ (“plágio”) aparece pela primeira vez – levando-se em conta, obviamente, o conjunto dos textos da Antigüidade que chegaram até nós – ligado à noção de furto intelectual, na obra do poeta satírico Marco Valério Marcial.

² Cf. Plácido e Silva, Oscar José de. *Vocabulário Jurídico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991, vol. 1, p. 546 e vol. 3, pp. 375-376.

³ *Plagiarius*, que ocorre no epigrama 52 do Livro I.

2. Plágio e *imitatio* na Antigüidade

Apesar da atualidade do fenômeno do plágio, a preocupação com o mesmo e com os aspectos a ele ligados – tais como a questão da originalidade da obra literária, o fenômeno da *imitatio* ou *mimesis*, etc. – já se mostrava presente nas mais longínquas sociedades da Antigüidade. Os poetas Píndaro (séc. VI a.C.), Quérilo de Samos (V a.C.) e Calímaco (III a.C.) e o comediógrafo Aristófanes (V a.C.), além de outros autores, já expressavam, em suas obras, certa preocupação com a originalidade de suas produções⁴. Quanto ao plágio, isto é, ao roubo ou furto literário, a primeira referência de que se tem notícia vem do poeta elegíaco Teógnis de Mégara (séc. VI a.C.), que teria colocado um “selo” em suas obras para evitar que fossem plagiadas⁵. Há que se diferenciar, porém, o furto literário (que teria sido denominado *plagium* a partir do primeiro século depois de Cristo) e o processo ou fenômeno que os antigos romanos chamavam *imitatio* (“imitação”), e os gregos, μίμησις (*mímēsis*, “imitação”), noções importantíssimas no mundo cultural greco-latino, matrizes de toda a criação literária da época.

O termo *imitatio* designava um processo de imitação de modelos, de vinculação a uma tradição, de filiação a estilos ou temas anteriores. Para a retórica antiga – que tratava, dentre outros temas, de fenômenos que hoje fariam parte do campo de estudos do crítico literário –, todo autor deveria escrever imitando escritores do passado, modelos exemplares de boa literatura. Mas não se tratava de uma imitação servil – e aí é que está a diferença em relação ao plágio –, mas de uma imitação criativa, original, dos modelos antigos, sobretudo de Homero. Além disso, esperava-se que o autor não somente imitasse e se igualasse aos seus modelos, mas que competisse com ele em qualidade e, se possível, que o superasse (os antigos chamavam a isso *aemulatio*, “emulação”, “competição”, noção de certa forma abarcada pela de *imitatio*). Russel⁶ enumera os cinco princípios básicos que regiam a *imitatio* dos antigos:

⁴ Cf. Hornblower, S. & Spawforth, A. (ed). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 1188 (vocabulo “plagiarism”).

⁵ Id. *ibid*.

⁶ Russel. “*De Imitatione*”. In: West & Woodman (org.). *Creative Imitation and Latin Literature*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979, pp. 12ss. *Apud*: Vasconcellos, P. S. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001, pp. 36-39.

- 1-“O objeto deve ser digno de imitação”, isto é, a imitação constitui-se em homenagem ao autor imitado, uma vez que só se imita aquele que é digno de imitação.
- 2-“Deve-se reproduzir o espírito mais que a letra”; porém, a imitação não se restringia às idéias, mas se dava também através de estruturas lingüísticas, ou, em outras palavras, no âmbito do *estilo*.
- 3-“A imitação deve ser tacitamente reconhecida, na compreensão de que o leitor informado reconhecerá e aprovará o empréstimo”, o que difere a *imitatio* do plágio, uma vez que ela deixa patente a imitação e o modelo imitado.
- 4-“O empréstimo deve se tornar algo próprio, pelo tratamento individual e assimilação a seu novo contexto e propósito”. É aí que reside a criatividade do imitador, provando sua originalidade, uma vez que recria o material tomado de seu modelo.
- 5-“O imitador deve pensar de si mesmo que está competindo com seu modelo, ainda que saiba que não é capaz de superá-lo”: a *aemulatio*, já comentada acima.

Fica claro, portanto, que a *imitatio* ou *mímesis* dos antigos gregos e romanos é um processo criativo que nada tem a ver com o plágio. Isso não quer dizer que o plágio não tenha existido, como veremos a seguir nos epigramas de Marcial, nem que não tenha havido casos em que os antigos tenham confundido as duas noções, fato, aliás, bastante freqüente. Segundo Vasconcellos, o próprio Virgílio, autor da obra máxima da epopéia latina, a *Eneida*, “foi constantemente acusado na Antigüidade de mero plagiador de Homero”⁷. Como se sabe, a composição da *Eneida* se baseou na imitação das duas epopéias homéricas: de uma forma geral, os seis primeiros cantos da obra latina imitam a *Odisséia*, enquanto os seis restantes imitam a *Ilíada*, havendo ainda episódios da *Odisséia* imitados nos seis últimos cantos da *Eneida*, e episódios da *Ilíada* que aparecem nos seis primeiros. Conta uma anedota que Virgílio se defendia dos que o acusavam de furto literário dizendo:

...*facilius esse Herculi clauam quam Homero uersum subripere.*

“...é mais fácil surrupiar de Hércules sua clava que de Homero um verso.”⁸

⁷ Cf. Vasconcellos, Paulo Sérgio. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001, p. 19.

⁸ *Vita Donati*, apud: Vasconcellos, P. S., op. cit., p. 19, nota 10. Lembra ainda o professor e pesquisador da Unicamp que “surrupiar a clava de Hércules, um verso de Homero” era possivelmente, na Antigüidade,

3. Marcial e as origens do termo *plágio*

Conforme exposto acima, o ato de plagiar e a noção de plágio ou furto literário surgiram juntamente com a própria literatura (ou com a própria poesia, no caso), sendo as mais antigas referências a esses problemas aquelas que remontam ao VI século antes de nossa era, com o poeta Teógnis de Mégara, atrás referido. Inicialmente, o termo de que se serviu para designar o ato de se apropriar de trabalho intelectual de outrem estava ligado à noção material e jurídica de “furto”. Os gregos utilizavam, então, o substantivo feminino κλοπή (*klopē*: “furto”, “roubo”, “rapto”, derivado do verbo κλέπτειν / *kléptein*⁹: “roubar”, “subtrair”, “enganar”); e os latinos, o substantivo neutro *furtum* (“furto”, “roubo”, derivado de *fur*, substantivo masculino: “ladrão”). Por vezes, o sentido dos vocábulos poderia ser complementado através de determinantes, como em latim, por exemplo, *furtum uerborum*, ou, em grego, λόγων κλοπή (*lógōn klopē*), expressões que significam “furto de palavras”.

Tais termos foram utilizados, com a noção de furto literário, durante muito tempo, até que, no século I d.C., na obra de Marcial, poeta satírico da Hispânia Tarraconense¹⁰ radicado em Roma, um termo com a raiz de *plagium* (*plagiarius*) é utilizado pela primeira vez¹¹ em acepção ligada à de furto literário.¹² Porém, até mesmo o termo *plagium* e seus derivados ligavam-se inicialmente a uma noção material de furto: na Roma antiga, o *plagium* era o ato de roubar o escravo de outrem ou vendê-lo como se fosse seu; ou ainda o ato de reduzir um homem livre à escravidão. O agente do *plagium*, isto é, o indivíduo que se apropriava de escravos alheios ou que reduzia um homem livre à escravidão, era chamado *plagiarius* ou *plagiator*, substantivos que também foram incorporados ao campo semântico da nova acepção que teria sido criada a partir de Marcial. Os dois significados do termo *plagium* – o de furto de escravos e o de furto intelectual – são genialmente

expressão proverbial para se referir a algo impossível, e cita outra passagem, retirada de Macróbio (*Saturnais*, V, 3, 16), em que essa hipótese se confirma: *cum tria haec ex aequo impossibilia putentur, uel Ioui fulmen uel Herculi clauam uel uersum Homero subtrahere...*: “... sendo consideradas igualmente impossíveis três coisas: tirar de Júpiter seu raio, ou de Hércules a clava, ou de Homero um verso...”.

⁹ Veja-se o português *cleptomania*.

¹⁰ Província romana que se estendia do noroeste até a costa leste da Península Ibérica

¹¹ Há que se destacar, repetindo ressalva que fizemos mais acima, que a afirmação de que Marcial foi o primeiro a usar o termo nessa acepção baseia-se no conjunto dos textos da Antiguidade Clássica que chegaram até nós, ou seja, a obra do poeta satírico é, *dentre as obras preservadas*, a primeira que traz um termo com a raiz do substantivo *plagium* na acepção de furto intelectual.

¹² Isso não quer dizer, porém, que o termo *furtum* tenha deixado de ser utilizado nessa acepção.

trabalhados pelo poeta latino em um de seus poemas, o de número 52 do Livro I, do qual trataremos mais adiante.

Dos 1555 epigramas¹³ escritos por Marcus Valerius Martialis e distribuídos em quinze livros, treze deles tratam, de alguma forma, do problema do plágio. São, em geral, poemas satíricos que atacam plagiários, espécie de aproveitadores que sempre preocupou Marcial. Na época em que viveu o poeta, não existiam direitos autorais: o escritor vendia sua obra ao editor ou livreiro (*librarius* ou *bibliopola*¹⁴) e, a partir de então, este último podia mandar copiá-la e vendê-la da maneira que quisesse. Ao autor restava, além do valor da venda de sua produção ao livreiro, o renome e a admiração pública. É por essa razão que os poetas e prosadores dependiam, para viver e se dedicar livremente à sua atividade, de protetores ou patronos, dos quais o mais famoso foi, sem dúvida, Gaio Mecenas, que viveu no tempo de Augusto (63 a.C.-14 d.C.) e teve seu nome eternizado no próprio substantivo que designa esse gênero de pessoas amigas dos poetas e artistas¹⁵. Com a ausência de *copyright*, nada garantia ao autor a propriedade de sua obra, a não ser seu próprio renome. Talvez seja esse o motivo de Marcial não poupar farpas aos plagiários de sua obra, muitas vezes representados sob o nome genérico *Fidentinus*, como veremos abaixo.

Passemos agora à tradução e anotação desses treze epigramas que, seja de forma direta, seja em alusão rápida, tratam do plágio. Embora em apenas um deles (I, 52) apareça um termo com a raiz etimológica de *plagium*, nos outros doze há igualmente elementos interessantes sobre a questão do furto intelectual no primeiro século do Império Romano.

¹³ *Epigrama* é outro termo que se reveste de nova acepção devido à obra de Marcial. A definição que obtemos hoje, ao abrir qualquer dicionário, é a de que *epigrama* designa um poema curto de teor satírico-jocoso, definição essa originada a partir da obra de Marcial, cujos traços principais são justamente a brevidade e o teor satírico. Como foi esse poeta que elevou a arte de fazer epigramas a um nível de genialidade até então jamais visto, as características e a definição do subgênero poético *epigrama* que ficaram para a posteridade foram as características do próprio estilo de Marcial. Antes deste, o termo designava, nos primeiros tempos da civilização grega (onde surgiu o subgênero, bem como o próprio termo, formado a partir de ἐπί/epí: “sobre”, “em cima de” e de γράμμα/gramma: “letra”, “escrito”), toda inscrição laudatória ou votiva realizada em algum suporte material (túmulos, pedestais de estátuas, objetos ofertados como presente, etc.). Com o tempo, o termo passa a designar, ainda entre os gregos, um subgênero poético caracterizado pela brevidade e por temas variados (não só satíricos). É importante lembrar, no entanto, que, quando se trata da poesia da Antigüidade Clássica, os limites desse subgênero não são muito nítidos, havendo, antes e depois de Marcial, poemas de todo tipo, tamanho, temática e métrica que foram rotulados, por seus próprios autores ou por outros, como *epigramas*. O próprio Marcial possui cerca de 300 epigramas que não são satíricos, assim como muitos que não podem ser considerados breves.

¹⁴ Marcial fala de seus editores em vários epigramas, como no Livro I, poema 2 e em IV, 72, por exemplo.

¹⁵ O próprio Marcial faz referência a Mecenas em seus epigramas, como em VIII, 55. O poeta satírico reclamava que, em sua época (séc. I d.C.), não havia um Mecenas, cujo apoio e patrocínio possibilitara a Virgílio escrever uma das obras imortais da literatura latina.

Lembramos mais uma vez que o objetivo deste estudo não foi dissertar sobre as complexas questões envolvidas em temas como a intertextualidade, o plágio, a paródia e outros fenômenos textuais afins, tarefa essa a que já se dedicaram numerosos estudiosos do assunto. Pretendeu-se apenas trazer para a língua portuguesa esse conjunto de textos escritos pelo primeiro autor de que se tem notícia que utilizou um termo, com a raiz etimológica de *plagium*, em acepção relacionada à de “furto intelectual”. Tal coletânea de poemas pode se constituir em material ou substrato útil a quem se interessa pelo assunto, tanto para o estudioso da Antigüidade Clássica quanto para o pesquisador de fenômenos textuais ligados à questão do plágio. Serão comentados, em notas de rodapé, aspectos ou fatos que se julgarem pertinentes, fornecendo-se ainda informações históricas e lingüísticas necessárias à compreensão dos epigramas.

I, 29

Fama refert nostros te, Fidentine, libellos

non aliter populo quam recitare tuos.

Si mea uis dici, gratis tibi carmina mittam:

si dici tua uis, hoc eme, ne mea sint.

Corre o boato de que você, Fidentino¹⁶, os meus epigramas¹⁷

recita¹⁸ ao povo como teus, sem alterações¹⁹.

¹⁶ Na poesia de Marcial, nos epigramas de cunho satírico, as pessoas atacadas não são, em geral, nomeadas abertamente, mas sempre por um pseudônimo. É o que o próprio autor afirma no prefácio ao seu Livro I. Outras vezes, porém, não é uma pessoa em especial que é satirizada, mas um tipo humano, um tipo social, uma classe, camada ou facção da sociedade. No caso dos plagiários, não é possível saber se o autor utilizava o nome *Fidentinus* (cf. I, 38; I, 53; I, 72) para se referir a todos os que praticavam o plágio, ou se escondia o nome de um único plagiador. Apenas para citar outros tipos humanos ou sociais satirizados por Marcial, pode-se mencionar os médicos, os homossexuais (masculinos e femininos), os maus poetas e maus oradores, os caçadores de herança, os malandros que almejavam o “golpe do baú”, as prostitutas, os deficientes físicos, etc.

¹⁷ O original traz o substantivo *libellus*, diminutivo de *liber* (“livro”), que designava, entre outras coisas, o livro difamatório ou satírico (em português, diz-se também “libelo”). Achamos por bem traduzir por “epigramas” por acreditarmos ser um objeto direto mais adequando ao verbo “recitar”. De resto, os livros de Marcial eram realmente livros de epigramas.

¹⁸ Além da publicação pelo *librarius* ou *bibliopola*, os autores costumavam divulgar seus escritos através de recitações públicas (as *recitationes*), que podiam ocorrer em ambientes mais restritos, entre amigos e patronos; ou diante do povo (é o caso aqui; vide *populo*, v. 2), em edifícios públicos e nos diversos fóruns da antiga Roma.

¹⁹ Aqui já se vislumbra o ato do plágio, embora não se utilize a palavra *plagium*: Fidentino recita os poemas de Marcial tais como são, sem alterações (*non aliter*), apropriando-se deles e apresentando-os como seus (*quam tuos*).

Se você quer que sejam ditos meus, te enviarei gratuitamente os poemas;
se quer que sejam ditos teus, compre-os, para que não sejam meus²⁰.

I, 38

*Quem recitas meus est, o Fidentine, libellus:
sed male cum recitas, incipit esse tuus.*

Os epigramas que você recita, ó Fidentino, são meus;
mas quando os recita mal, passam a ser teus.²¹

I, 52

*Commendo tibi, Quintiane, nostros –
nostros dicere si tamen libellos
possum, quos recitat tuus poeta – :
si de seruitio graui queruntur,
adsertor uenias satisque praestes,
et, cum se dominum uocabit ille,
dicas esse meos manuque missos.
Hoc si terque quaterque clamitaris,
inpones plagiario pudorem.*

5

Confio a você, Quinciano²², os meus epigramas –
se é que meus posso chamar os epigramas
que o teu poeta recita²³ –:

²⁰ Ou seja, “se você quer dizer que os meus epigramas são teus, então compre-os antes de eu publicá-los, e ninguém saberá que são meus, pois eu não revelarei sua real autoria”. Em outras palavras: “se você quer dizer que os meus epigramas são teus, compre meus poemas inéditos e o meu silêncio”. A interpretação deste poema é um pouco difícil, e a apresentada acima só tem sentido se associada àquela do epigrama I, 66, que veremos mais abaixo.

²¹ Marcial não se responsabiliza pelas recitações malfeitas e pelas leituras equivocadas de seus epigramas, capazes de alterá-los negativamente, de estragá-los.

²² Era provavelmente um amigo de Marcial, a quem este se dirige também no epigrama 18 do Livro V.

²³ Talvez algum poeta amigo de Quinciano.

se de penosa servidão se queixam,
 seja sua testemunha de liberdade e os afiance no que precisarem, 5
 e, quando aquele se intitular seu senhor,
 diga que são meus e que foram alforriados²⁴.
 Se três e quatro vezes você gritar isso repetidamente,
 causará vergonha ao plagiário²⁵.

I, 53

*Vna est in nostris tua, Fidentine, libellis
 pagina, sed certa domini signata figura,
 quae tua traducit manifesto carmina furto.
 Sic interpositus uillo contaminat uncto
 urbica Lingonicus Tyrianthina bardocucullus, 5
 sic Arrentinae uiolant crystallina testae,
 sic niger in ripis errat cum forte Caystri,*

²⁴ Marcial, neste epigrama, compara seus livros a escravos, brincando com os dois sentidos que o termo *plagiarius* possui (“ladrão de escravos” e “ladrão de idéias/palavras”). O sentido do poema é o seguinte: ao entregar seus epigramas para publicação, é como se Marcial os tivesse alforriado, libertando-os para o mundo (a expressão *manu mittere* – que aparece no verso 7 em forma de substantivo seguido de particípio passado – significava, no vocabulário do direito romano antigo, “libertar, dar alforria a um escravo”). O plagiário, um poeta amigo de Quinciano, quer se apropriar deles, e, ao se apresentar como seu autor, é como se os estivesse reduzindo novamente à servidão (cf. *gravi seruitio*, v. 4. É importante lembrar que o *plagium* era não somente o roubo de escravo alheio, mas também a ato de reduzir um cidadão livre à escravidão). Veja-se que, no verso 6, apresenta-se a intenção do plagiário, referido como *ille* (“ele”, “aquele”, pronome que pode se revestir de um caráter pejorativo), de se intitular *dominus* – outro termo jurídico que designa o proprietário, o senhor do escravo – dos poemas/escravos. Para evitar o furto, Marcial pede a seu patrono e amigo Quinciano que seja testemunha quanto à liberdade de seus escravos/poemas (o termo *adsertor* é também do vocabulário jurídico: designava o indivíduo que garantia que um escravo tinha sido libertado por seu senhor, ou seja, era uma espécie de testemunha de liberdade). Assim, o poeta satírico está pedindo ao seu amigo Quinciano – que também é amigo do plagiário e, portanto, tem acesso a ele – que testemunhe que seus poemas foram libertados, atribuindo-os a seu verdadeiro autor (que os libertou, *manu missos*) e evitando que sejam plagiados. Por fim, vale uma observação relativa a *meos* (“meus”), do verso 7: mesmo tendo libertado seus poemas/escravos, Marcial os chama de seus (*meos*), como se ainda lhe pertencessem. O poeta se refere, provavelmente, aos laços afetivos ou mesmo sociais que continuavam a ligar, na Roma antiga, os escravos libertos aos seus antigos senhores.

²⁵ *Plagiarius*, no original. Como já mencionado anteriormente, o epigrama 52 do Livro I pode ser considerado, tendo-se por base os textos da Antigüidade Clássica que chegaram até nós, o primeiro texto da literatura universal em que se usa um termo, com a raiz de *plagium*, na acepção de “furto intelectual”. O poema foi provavelmente composto entre os anos de 85 e 86 d.C., período em que se presume ter sido publicado o Livro I de Marcial. Apenas para situar melhor a obra do epigramatista no tempo, vejamos os anos de publicação dos livros que contêm os outros poemas sobre plágio: o Livro II veio à luz em 86; o X, em 95 (1ª edição, perdida) ou 98 (2ª edição); o XI, em 96; e o XII, em 101 ou 102 d.C.

*inter Ledaeos ridetur coruus olores,
 sic ubi multisona feruet sacer Atthide lucus,
 inproba Cecropias offendit pica querelas.* 10
*Indice non opus est nostris nec iudice libris,
 stat contra dicitque tibi tua pagina “Fur es.”*

Uma única página tua, Fidentino, há em meus
 livrinhos, mas assinada pela imagem explícita do proprietário²⁶,
 que mostra os teus poemas em furto flagrante²⁷.
 Assim, misturado às purpúreas vestes urbanas,²⁸
 o gabão lingônico os contamina com seu pêlo gorduroso²⁹; 5
 assim os vasos de barro arretinos³⁰ maculam os vasos de cristal;
 o negro corvo, quando erra, por acaso, nas margens do Caístro³¹,
 é motivo de zombaria entre os cisnes de Leda³²;

²⁶ Ou seja, a coluna de autoria do plagiário destoa de tal forma do restante do conjunto que é como se a mesma estivesse “assinada” com o retrato de seu verdadeiro autor. Na Roma antiga, não havia assinatura tal como a conhecemos hoje: os documentos recebiam uma marca ou selo feitos com um sinete (geralmente engastado num anel ou nas contas de um colar) que trazia uma figura escolhida pelo cidadão, a qual se tornava sua marca distintiva. Alguns usavam a figura da divindade favorita, de animais, seres mitológicos e, mais tarde, até o próprio retrato. Os sinetes eram feitos de pedra, vidro, metal, marfim ou outros materiais, e as marcas eram impressas em argila, cera ou chumbo.

²⁷ O plagiário apresentou como seu todo o livro de Marcial, mas nele inseriu também uma página com poemas próprios. Teve-se, como resultado disso, a falta de homogeneidade do livro, causada pela diferença de qualidade entre os poemas de Marcial e os do plagiário, o que denuncia o furto realizado. Note-se que o poeta utiliza aqui, para qualificar a ação do plagiário, a palavra *furtum*, que encontra eco no último verso do epigrama, que traz *fur* (“ladrão”).

²⁸ Marcial designa com o termo *Tyrianthina*, que se deve a Tiro (*Tyros*), na Fenícia (atual Es-Sur, no Líbano), as vestes tingidas ou enfeitadas de púrpura, corante vermelho escuro extraído do molusco múrex e produzido sobretudo naquela cidade fenícia. De fato, as vestes assim tingidas eram mais comuns nas cidades (cf. *urbica*, v. 5): eram usadas por certos magistrados e pelas crianças nobres que ainda não haviam atingido a maioridade – a *toga praetexta* –, e pelo general triunfador – *trabea triumphalis* ou *toga picta*.

²⁹ O *bardocucullus* era uma espécie de manto ou capote de pano grosso e provido de capuz, usado pelos língones, povo que habitava o norte da Gália Transalpina, província romana que corresponderia às atuais França e Bélgica, aproximadamente. O pêlo gorduroso (*uillo uncto*) se deve ao fato de esses mantos serem feitos, talvez, com pele animal, ou, ainda, a algum processo de impermeabilização artificial dos mesmos. Marcial inicia uma série de quatro comparações que reforçam e amplificam a diferença qualitativa entre os seus epigramas e os do plagiário. Nesses vv. 4-5, o epigramatista compara seus poemas aos mantos de púrpura da cidade, e associa os do plagiário aos grosseiros gabões gauleses.

³⁰ A cidade de Arrécio, na Etrúria (hoje Arezzo, na Toscana) era famosa por sua abundante produção de peças de cerâmica.

³¹ Rio famoso por seus cisnes, ficava na Lídia, região do oeste da Ásia Menor (na atual Turquia), na costa do mar Egeu. Hoje é chamado Kçük Menderes.

³² De acordo com o mito, Zeus se transformou em um cisne para seduzir Leda, esposa de Tíndaro, rei de Esparta. A rainha pôs, então, dois ovos: de um nasceram Pólux e Clitemnestra; do outro, Cástor e Helena.

e, quando se agita o sagrado bosque com a ruidosa Átis,
a atrevida pega³³ atrapalha os cecrópios queixumes³⁴. 10
Testemunha de acusação não é necessário aos meus livros, nem juiz:³⁵
está contra você a tua própria página e te diz: “Você é um ladrão”.

I, 63

*Vt recitem tibi nostra rogas epigrammata. Nolo:
non audire, Celer, sed recitare cupis.*

Você pede que eu te recite meus epigramas. Recuso-me:
não quer ouvi-los, Céler, mas recitá-los³⁶.

I, 66

*Erras, meorum fur auare librorum,
fieri poetam posse qui putas tanti,
scriptura quanti constet et tomus uilis:
non sex paratur aut decem sophos nummis.
Secreta quaere carmina et rudes curas
quas nouit unus scrinioque signatas*

5

Somente Pólux e Helena, porém, eram filhos de Zeus; Cástor e Clitemnestra haviam sido gerados por Tíndaro.

³³ Segundo Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, X, 118), a *pica* era uma espécie de pássaro que conseguia imitar a voz humana.

³⁴ A “ruidosa Átis” (*multisona Atthis*) corresponde a Filomela, que fora, de acordo com o mito, transformada em uma ave. O nome “Átis” (*Atthis*), que quer dizer “ateniense”, “ático”, se explica pelo fato de ter sido ela filha de Pandíon, rei de Atenas. “Cecrópios” também se refere aos atenienses (Cécrope fora um dos primeiros reis de Atenas). O rei da Trácia, Tereu, marido de Procne, estuprou a irmã desta, Filomela, e cortou a língua da jovem para que não contasse nada à esposa. Filomela, porém, bordou num tecido uma cena representando o ocorrido, e Procne, enraivecida, matou o filho que tinha com Tereu, Ítis, e serviu-lhe como refeição. Ao saber disso, Tereu perseguiu as duas irmãs para se vingar, mas os deuses salvaram-nas, transformando-as em aves (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, VI, 412-674).

³⁵ Marcial apresenta seu livro como vítima e o plagiário como réu; a este não é necessário nem testemunha de acusação (*index*) nem juiz (*iudex*), já que a própria página indevidamente inserida depõe contra ele.

³⁶ Ou seja, Céler (outro nome fictício de plagiário) quer que Marcial lhe recite seus poemas para, possivelmente, decorá-los e recitá-los, mais tarde, como se fossem seus. Note-se o jogo de palavras entre *audire* (“ouvir”) e *recitare* (“recitar”).

*custodit ipse uirginis pater chartae,
 quae trita duro non inhorruit mento:
 mutare dominum non potest liber notus.
 Sed pumicata fronte si quis est nondum
 nec umbilicis cultus atque membrana,
 mercare: tales habeo; nec sciet quisquam.
 Aliena quisquis recitat et petit famam,
 non emere librum, sed silentium debet.*

10

Engana-se, ávido ladrão³⁷ dos meus livros,
 que pensa poder tornar-se poeta pelo preço
 que custa a escrita e um rolo barato:
 não se obtêm aplausos por seis ou dez sestércios³⁸.
 Procure poemas inéditos e livros inacabados
 que só uma pessoa conhece, guardadas no escrínio³⁹;
 guarda-os o próprio pai⁴⁰ do papiro virgem,
 que não se enrugou, gastado por um queixo áspero⁴¹:
 o livro conhecido não pode mudar de dono⁴².
 Mas se há algum de margens ainda não polidas com a pedra-pomes

5

10

³⁷ Mais uma vez Marcial utiliza o termo *fur* para designar o plagiário, como acima, em I, 53, 12.

³⁸ O poeta refere-se ao trabalho dos copistas (*scriptura*) – que, contratados pelo *librarius*, realizavam as cópias a partir do original do autor – e ao principal material utilizado, à época de Marcial, como suporte para a escrita – o rolo de papiro. Marcial ataca o plagiário dizendo que não bastam os meios materiais para se escrever um livro: é preciso talento.

³⁹ O termo “escrínio” (*scrinium*) designava, entre outras coisas, uma espécie de escrivaninha provida de escaninhos.

⁴⁰ Isto é, o autor.

⁴¹ Os livros romanos eram escritos em folhas de papiro ou pergaminho, coladas continuamente uma após a outra e, depois, enroladas. No final do rolo (às vezes também no início), havia um cilindro de madeira, metal ou marfim que auxiliava no ato de enrolar e desenrolar o livro. Depois de terminar a leitura da obra, prendia-se a extremidade inicial do rolo sob o queixo e enrolava-se o livro, iniciando-se pela extremidade final, que era provida do cilindro. Quando a obra era muito lida, a parte que ficava em contato com o queixo durante essa ação acabava ficando gasta.

⁴² Nos versos 5-9, o poeta quer dar a entender ao plagiário que a única forma de apresentar como sua a obra de alguém, sem que ninguém perceba o furto, é adquirir livros ou poemas que ainda não foram publicados, que se encontram ainda fechados no escrínio de seu autor e que, portanto, só este conhece (*nouit unus*). São livros cujo papiro ainda é praticamente virgem, não foi gasto pelo contacto do queixo de seus leitores. O livro que todos conhecem – é o caso dos de Marcial, que, sabe-se, eram bastante conhecidos em todo o Império Romano – não pode ser plagiado sem que se perceba o furto. Notar que o autor utiliza o termo *dominus* (“senhor de escravos”), comparando, mais uma vez, seus livros a escravos.

nem ornado de cilindros e de capa de pergaminho⁴³,
compre-o: desses eu possuo, e ninguém o saberá.
Todo aquele que recita poemas alheios e busca a fama
não deve comprar um livro, mas o silêncio⁴⁴.

I, 72

*Nostris uersibus esse te poetam,
Fidentine, putas cupisque credi?
Sic dentata sibi uidetur Aegle
emptis ossibus Indicoque cornu;
sic quae nigrior est cadente moro,
cerussata sibi placet Lycoris.
Hac et tu ratione qua poeta es,
caluus cum fueris, eris comatus.*

5

Que você é, graças a meus versos, um poeta,
julga e quer que acreditem, Fidentino?
Assim Egle julga ter dentes,
depois de ter comprado ossos e presas da Índia⁴⁵;
assim a que é mais negra que uma amora madura,
Licóris, parece bela a si própria, branqueada de alvaiade⁴⁶.

5

⁴³ O poeta refere-se aos rascunhos, aos livros que ainda não passaram por nenhum processo de acabamento. Depois que se terminava de escrever ou copiar um livro em formato de rolo (*uolumen*), este passava por alguns processos antes de ser vendido. As duas extremidades do rolo (*frontes*) eram polidas com um pedaço de pedra-pomes (*pumex*, cf. *pumicata*, v. 10), a fim de retirar as rebarbas e as irregularidades da folha de papiro. Os livros mais luxuosos podiam receber ainda uma capa protetora, a *membrana* (cf. v. 11) ou *paenula*, que era feita de pergaminho e pintada de cor púrpura.

⁴⁴ Cf. I, 29. Para não ser descoberto, não basta ao plagiário comprar um livro: precisa também comprar o silêncio de seu verdadeiro autor.

⁴⁵ Os dentes postiços eram feitos de marfim ou de dentes e ossos de outros animais, e serviam, em geral, apenas para fins estéticos, pois tinham de ser retirados antes das refeições. Os elefantes e os produtos dele retirados vinham sobretudo da Índia (cf. *Indico*). Quanto a Egle, é o nome fictício de alguma desdentada.

⁴⁶ Licóris é nome de mulher, comum, como nome genérico e fictício, nos epigramas de Marcial. Na Grécia e em Roma, as mulheres costumavam clarear as faces com um creme à base de alvaiade (*cerussa*, cf. *cerussata*, v.2), pigmento branco composto de carbonato de chumbo.

Pela mesma razão pela qual é poeta,
você será cabeludo quando for calvo⁴⁷.

II, 20

Carmina Paulus emit, recitat sua carmina Paulus.

Nam quod emas possis iure uocare tuum.

Paulo⁴⁸ compra poemas, recita seus próprios poemas Paulo.

Pois o que você compra pode, por direito, chamá-lo teu⁴⁹.

VII, 77

Exigis ut nostros donem tibi, Tucca, libellos.

Non faciam: nam uis uendere, non legere.

Você exige que eu te dê de presente os meus livrinhos, Tuca⁵⁰.

Não o farei, pois você quer vendê-los, não lê-los.⁵¹

X, 100

Quid, stulte, nostris uersibus tuos misces?

Cum litigante quid tibi, miser, libro?

⁴⁷ Isto é, você é poeta através de expedientes externos, alheios a ti (plágio), assim como será cabeludo (pelo uso de perucas) quando não tiver mais cabelo. Muitos eram os romanos, tanto homens como mulheres, que se serviam de cabeleiras postiças; as morenas, sobretudo, costumavam usar perucas louras importadas da Germânia, uma vez que os cabelos louros eram, em Roma, tidos como elegantes. Note-se que Marcial faz outras analogias, nos versos anteriores, para desqualificar o plagiário: compara-o ao desdentado que se utiliza de dentes postiços (vv. 3-4) e à mulher negra que quer parecer bela através de maquiagem (vv. 5-6).

⁴⁸ Nome fictício de plagiário, utilizado pelo autor, em vários epigramas, para designar outros indivíduos ou tipos sociais (cf. IV, 17; V, 4; V, 22; VI, 12; VIII, 33; IX, 85; X, 10 e XII, 69).

⁴⁹ Marcial ironiza os plagiários, brincando com a noção jurídica (*iure*) de posse. O plagiário Paulo recita como seus os poemas de um livro que comprou; como é dono do objeto, do suporte material em que o livro foi escrito, ele pode perfeitamente dizer que são seus os poemas que está recitando.

⁵⁰ Nome fictício de plagiário; aparece também em outros epigramas, mas designando outros indivíduos ou tipos sociais (cf. I, 18; IX, 75; XI, 70; XII, 41; XII, 94).

⁵¹ Tuca quer vender como seus os epigramas de Marcial. Cf. I, 63, acima.

*Quid congregare cum leonibus uulpes
aquilisque similes facere noctuas quaeris?
habeas licebit alterum pedem Ladae,
inepte, frustra crure ligneo cures.* 5

Por que, estúpido, você mistura aos meus versos os teus?
De que te serve, infeliz, um livro que o acusa?⁵²
Por que procura juntar raposas com leões
e igualar corujas a águias?⁵³
Ainda que tenha um dos pés de Ladas, 5
você corre inutilmente, tolo, com uma perna de pau.⁵⁴

X, 102

*Qua factus ratione sit requiris,
qui numquam fuit, pater Philinus?
Gaditanus, Auite, dicat istud,
qui scribit nihil et tamen poeta est.*

Você quer saber de que forma se tornou pai
Fileno, ele que nunca fode?
Gaditano poderia, Avito, isso te explicar,
ele que nada escreve e, todavia, é poeta.⁵⁵

⁵² Novamente o tema do plagiário que mistura seus versos de má qualidade com aqueles surrupiados dos livros de Marcial. Assim, como diz o verso 2, o próprio livro acusa o plagiário (cf. I, 53, acima).

⁵³ As metáforas do vv. 3-4 reforçam a distância qualitativa entre os versos do plagiário (raposas, corujas) e os de Marcial (leões, águias).

⁵⁴ Ladas fora um corredor famoso que teria vivido na época de Alexandre, o Grande. Não se pode descartar também a hipótese de que houvesse, na própria época de Marcial, um corredor com esse nome, já que os atletas, assim como os gladiadores, costumavam adotar os nomes de competidores do passado que tinham se celebrizado. A metáfora utilizada pelo poeta parece dizer que de nada adianta, ao plagiário, ter somente um dos pés de Ladas (comparado aqui aos poemas de boa qualidade de Marcial), enquanto que o outro é de pau (os poemas de própria autoria do plagiador).

⁵⁵ Ou seja, Gaditano (falso nome de algum plagiador) copia poemas alheios e os apresenta como seus. O poeta o compara a Fileno (indivíduo fictício, provavelmente), que nunca tem relações sexuais e, no entanto, é pai (talvez Fileno fosse traído pela mulher): Gaditano, da mesma forma, nada escreve, e, no entanto, é poeta,

XI, 94

Quod nimium liues nostris et ubique libellis

detrahis, ignosco: uerpe poeta, sapis.

Hoc quoque non curo, quod cum mea carmina carpas,

conpilas: et sic, uerpe poeta, sapis.

Illud me cruciat, Solymis quod natus in ipsis

5

pedicas puerum, uerpe poeta, meum.

Ecce negas iurasque mihi per templa Tonantis.

Non credo: iura, uerpe, per Anchialum.

Quanto a você me invejar e a criticar meus livrinhos

por toda parte, te perdôo: você tem razão, poeta circunciso.⁵⁶

Não me preocupo também por você, mesmo criticando meus poemas,

roubá-los: também nisso, poeta circunciso, você tem razão.

O que me perturba é que você, embora nascido na própria Sólimo, 5

enraba meu jovem escravo, poeta circunciso.⁵⁷

Eis que você nega, e me jura pelos templos do Tonante.⁵⁸

Não acredito: jure, circunciso, é por Anquíalo.⁵⁹

graças a produções alheias. Note-se ainda a analogia entre a paternidade biológica e a paternidade intelectual, de uma obra literária. Fileno e Gaditano são falsos pais, um de filhos, outro de obras. Quanto a “Avito” (v. 3), é um vocativo a Lúcio Estertínio Avito, também poeta e amigo de Marcial, e que foi cônsul *suffectus* (isto é, exerceria a magistratura consular em substituição a um cônsul ausente ou falecido) em 92 d.C. A prática de invocar, em seus epigramas, amigos, patronos, pessoas e personagens diversas, como se estivesse falando com elas, é comum em Marcial. Por vezes – como é o caso de X, 102 –, fala-se de uma terceira pessoa, mas o eu poético se dirige a alguém (real ou fictício), como se estivesse cochichando ao ouvido deste uma maledicência sobre o indivíduo criticado, apontando-o com o dedo.

⁵⁶ Marcial se dirige a um poeta judeu que, além de ser plagiário e de desmerecer os poemas do epigramatista, possui comportamento lascivo.

⁵⁷ *Solyma* ou *Hierosolyma* era o nome com que os romanos chamavam Jerusalém, cidade sagrada para os judeus, cristãos e, mais tarde, para os muçulmanos. Posteriormente (130 d.C.), seria renomeada *Aelia Capitolina*. Devido aos princípios morais e religiosos dos judeus, o comportamento lascivo desse poeta surpreende Marcial, que diz não se importar com o furto de seus versos, mas se incomoda com as relações existentes entre seu escravo e o poeta circunciso. Não se sabe se o plagiador era realmente um poeta judeu ou se Marcial assim o qualificou para ironizá-lo, baseado na crença, existente entre os romanos, de que os judeus possuíam órgãos sexuais avantajados. Notar ainda a repetição da expressão *uerpe poeta* (“poeta circunciso”) no final dos versos 2, 4 e 6, o que serve para dar ênfase à admiração de Marcial diante do comportamento do judeu.

⁵⁸ Júpiter, assim denominado por ser o deus que portava os raios e trovões.

⁵⁹ A referência é obscura: alguns estudiosos acham que Anquíalo era o nome do escravo de Marcial; outros, que era o nome de alguma divindade oriental.

XII, 63

*Vincto Corduba laetior Venafro,
Histra nec minus absoluta testa,
albi quae superas oues Galaesi
nullo murice nec cruore mendax,
sed tinctis gregibus colore vivo: 5
dic uestro, rogo, sit pudor poetae
nec gratis recitet meos libellos.
Ferrem, si faceret bonus poeta,
cui possem dare mutuos dolores.
Corrumpit sine talione caelebs, 10
caecus perdere non potest quod aufert:
nil est deterius latrone nudo:
nil securius est malo poeta.*

Córduba, mais fértil que a oleosa Venafro⁶⁰,
e não menos repleta de uma ânfora istriana⁶¹,
tu que superas as ovelhas do branco Galeso⁶²,
com nenhum molusco⁶³ ou sangue falsificada,
mas de rebanhos tingidos de viva cor:⁶⁴ 5
diz ao teu poeta, eu peço, que tenha pudor
e não recite gratuitamente os meus epigramas.⁶⁵
Eu o suportaria, se o fizesse um bom poeta,

⁶⁰ Córduba (atual Córdoba, na Espanha) era uma cidade da província romana da Hispânia Citerior ou Bética, no sul da Península Ibérica. Assim como toda a região da Bética, produzia um azeite de ótima qualidade, além de cereais, lã e metais preciosos. Quanto a Venafro, famosa por seu azeite – daí o adjetivo “oleosa” (cf. *uncto*) que Marcial lhe aplica –, ficava na Campânia (Itália) e corresponde à atual cidade italiana do mesmo nome.

⁶¹ A Ístria (também grafada Hístria) era uma cidade de origem grega que ficava próxima ao delta do Danúbio (chamado Íster pelos antigos gregos), na Dácia (atual Romênia). Seus habitantes revendiam, por todo o leste do Mediterrâneo, produtos vindos de outros lugares (como vinho e azeite), os quais eram acondicionados em ânforas de cerâmica de fabricação local. Por consequência, as ânforas istrianas eram famosas na Antigüidade.

⁶² Rio que banhava Tarento (atual Taranto), na Calábria (sul da Itália).

⁶³ A tintura extraída do molusco múrex, utilizada para tingir roupas.

⁶⁴ Também a lã dos rebanhos de Córduba era muito apreciada; segundo Marcial (IX, 61, 2-4), possuía uma coloração dourada natural.

⁶⁵ Provavelmente um poeta nascido em Córdoba também teria plagiado os poemas de Marcial.

ao qual eu pudesse causar recíprocos sofrimentos.⁶⁶

Seduz sem talião equivalente o solteiro,

10

o cego não pode perder aquilo de que priva alguém:⁶⁷

nada é pior que um ladrão despojado,

nada é mais tranqüilo que um mau poeta.⁶⁸

4. Bibliografia do ensaio

MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1933 (1. ed.), 1961 (2. ed.). 3 vol.

MARCIAL. *Epigramas*. Trad. de Delfim Ferreira Leão (*Livro dos Espetáculos*, Livros IV e VII), José Luís Brandão (Livros I, II, VI e IX) e Paulo Sérgio Ferreira (Livros III, V e VIII). Lisboa: Edições 70, 2000 (vol. I-II) e 2001 (vol. III). 3 vol. (Clássicos Gregos e Latinos).

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de Palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Trad. de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PLÁCIDO E SILVA, Oscar José. *Vocabulário Jurídico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991, 3 vol.

HORNBLOWER, Simon & SPAWFORTH, Anthony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001.

⁶⁶ O epigramatista aproveita para lançar uma farpa a mais ao plagiador: chama-o de mau poeta. Se alguém vai furtar seus poemas, que seja então um bom poeta, pois, assim, Marcial poderia pagar-lhe na mesma moeda.

⁶⁷ Brincadeira com a lei de talião: ao solteiro que seduz a mulher casada não há punição equivalente, uma vez que ele não possui esposa; e o cego, se priva alguém da visão, não pode ser punido de acordo com o “olho por olho, dente por dente”. Assim é com o plagiário e mau poeta: não há como puni-lo com o mesmo crime que cometeu, já que seus poemas não são sequer dignos de serem plagiados.

⁶⁸ O plagiário é como um ladrão pobre, despojado, nu, que rouba mas não tem nada que possa ser roubado. O mau poeta vive tranqüilo (cf. *securius*) quanto a seus poemas, pois ninguém se interessa em plagiá-los.

**Alto lá, já basta! Alto lá, livrinho,
já chegamos aos cilindros!
Você quer continuar ainda e ir adiante
e não consegue se deter na última folha,
como se, para você, não tivesse sido concluída a tarefa
que ainda na primeira página fora concluída.
Já o leitor se queixa e desanima,
já o próprio copista diz também o seguinte:
“Alto lá, já basta! Alto lá, livrinho!”
(*Epigramas*, IV, 89)**

rcesila@iel.unicamp.br

robson.cesila@telefonica.com.br

robson.cesila@ig.com.br

